


ANA CATARINA DUARTE SILVA

DM
SILV/AD. 1

**O MATERNO E O FEMININO
EM SUJEITOS ADOLESCENTES
E SUA EXPRESSÃO E INTERPRETAÇÃO
ATRAVÉS DO PROCESSO DE RESPOSTA
RORSCHACH**

LISBOA – 1999

 ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Centro de
Documentação

Registo: 14429
Data: 27/10/2003

Tel.: 21 881 17 50 • libispa@ispa.pt

TESE DE DISSERTAÇÃO DO MESTRADO DE
PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

I.S.P.A. 1999

AGRADECIMENTOS

À Professora Dr^a Maria Emília Marques pela incansável orientação, pelas suas persistentes “formulações e fortalizações” e por me ter ensinado tudo o que sei sobre o Rorschach.

À Professora Dr^a Isabel Leal pela clareza das suas explicações.

À Dr^a Teresa Ferreira por me ter introduzido na Clínica Infantil.

Ao Dr. Mário Casimiro pela sua atenção.

Finalmente ao meu marido e filhos, por terem partilhado comigo este longo percurso.

I. INTRODUÇÃO

1.	Apresentação do estudo	1
2.	Proposta de estudo	3

II. SOBRE O MATERNO E O FEMININO

1.	Introdução	17
2.	O Feminino	18
2.1.	Freud	18
2.2.	Alguns pontos de vista sobre o feminino segundo autores Contemporâneos a Freud	26
2.3.	Discussão recente do feminino Freudiano	40
3.	Algumas perspectivas não Freudianas	48
3.1.	Melanie Klein	48
3.2.	Winnicott	62
3.3.	Síntese	65
4.	O Materno e o Feminino como Estruturas Psíquicas	67
4.1.	Depois do corporal e do sexual, a qualidade psíquica do Materno e do Feminino	67
4.2.	A qualidade psíquica do Objecto Primário Materno	75
4.3.	Síntese	96
5.	Conclusão	99

III. ADOLESCÊNCIA

1.	Introdução	102
2.	O Processo Adolescente	103
2.1.	Perspectiva transformacional	117
3.	<u>Conclusão</u>	128

IV. O RORSCHACH

1.	Introdução	133
2.	O Rorschach	141
2.1.	Rorschach: Um espaço transferencial	142
2.2.	Qualidades perceptivas do material Rorschach	146
2.3.	Solicitação simbólica do material Rorschach	147
2.4.	Rorschach: uma situação catastrófica e um espaço de transformação	147
2.5.	Rorschach: um espaço virtual (Marques)	153
3.	Formulação dos princípios interpretativos de análise da resposta Rorschach	160

V. O MATERNO E O FEMININO ATRAVÉS DO RORSCHACH

1.	Estabelecimento do organizador materno/feminino na análise da resposta Rorschach	172
2.	Análise de protocolos Rorschach de duas raparigas adolescentes	193
2.1.	Protocolo A	193
2.2.	Protocolo B	203
3.	Conclusões	214

VI. CONCLUSÕES 223**VII. BIBLIOGRAFIA** 242

RESUMO

Este trabalho tem por objectivo explicitar em sujeitos adolescentes como o pensamento depende de estruturas psíquicas internas emocionais do materno e do feminino, utilizando como método e técnica o processo de resposta Rorschach.

De natureza essencialmente teórica e baseado na teoria psicanalítica Kleiniana e pós Kleiniana, este estudo não se inscreve num modelo empírico e experimental. Com apoio das considerações preconizadas por Raush Traubenberg, Chabert e Marques, este trabalho baseia-se numa técnica clínica projectiva - o Rorschach - e visa a transposição do conteúdo manifesto da resposta Rorschach para o seu conteúdo latente, abrindo assim um leque de re-significações internas às experiências emocionais do sujeito, que nos permitam aceder à compreensão do seu funcionamento mental.

Optámos pelo estudo dos protocolos de duas raparigas adolescentes, dado o processo adolescente ser um período extremamente rico e dinâmico, durante o qual são reactivadas e reelaboradas todas as questões relacionadas com as relações objectais primárias, entre as quais a relação com o materno e o feminino toma particular importância. Na rapariga a estruturação do materno e do feminino baseia-se numa lógica de circularidade interna, uma vez que ela tem de se distanciar inicialmente do objecto materno para se poder afirmar como independente dele e por fim, retornar a ele para poder aceder à sua identidade feminina sexual adulta, ainda que distinta do objecto materno inicial.

Partimos de uma perspectiva histórico-evolutiva do conceito do feminino dentro da teoria psicanalítica, que apesar de extensa, se torna essencial para a compreensão da evolução deste conceito.

Com o desenrolar do estudo, constatámos que na base da actividade do pensar repousa uma experiência afectiva, onde materno/feminino se constituem como uma relação continente/conteúdo mediada pelo mecanismo de identificação projectiva, de forma a atribuir uma significação interna à experiência emocional aqui revivida, quer na situação Rorschach quer na situação adolescente.

Considerámos que o Rorschach se constitui como um elemento privilegiado para compreender a fluidez mental do processo adolescente, dado a situação Rorschach também ela se basear na simbolização e na re-significação das experiências emocionais, por meio de um trabalho de integração, ligação, articulação e transformação entre objectos internos e externos, num vaivém contínuo/descontínuo entre dentro e fora, num aqui e num agora, presente passado, e futuro, visando a construção de um novo objecto renovado e enriquecido.

O Rorschach, quando utilizado numa linha de convergência e coerência interna entre teoria, técnica e método, constitui-se como um instrumento preciosíssimo à construção da verdade do sujeito. Psicólogo e sujeito reúnem-se numa experiência emocional única, em que ambos participam na criação e reconstrução do conhecimento do sujeito observado, pela atribuição de novos sentidos e significações às experiências emocionais aqui vividas e revividas.

I. INTRODUÇÃO

1. Apresentação do estudo

Este trabalho destina-se à realização da dissertação do Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica e tem como objectivo explicitar, utilizando como método e como técnica o processo resposta Rorschach, o pensamento dos sujeitos (adolescentes) como dependendo de estruturas psíquicas internas do materno e do feminino; ou seja, exemplificar pelo processo resposta Rorschach, como no processo adolescente o pensamento depende da estrutura psíquica do materno e do feminino.

Inserido numa teoria psicanalítica Kleiniana e pós Kleiniana, que se baseia na existência de um mundo interno no qual se constituem e articulam os pensamentos, este estudo procura através do processo resposta Rorschach, exemplificar como uma estrutura psíquica - o pensamento ou a actividade de pensar - depende de uma outra estrutura, também ela psíquica - o materno e o feminino. Utilizam-se ainda as considerações da Escola Francesa preconizadas por Rausch de Traubenberg e por Chabert e ainda os trabalhos realizados por Marques. Esta última referência constitui uma série de novos trabalhos, que incidem sobre a integração das teorias Kleinianas para uma melhor compreensão do processo resposta Rorschach.

Segundo Anzieu e Chabert (1961/1983), os testes projectivos constituem um dos instrumentos mais preciosos do método clínico, uma vez que o seu material favorece no sujeito a descarga dos seus maus objectos, seus pontos vulneráveis, convidando o sujeito a produzir um protocolo de respostas estruturado à semelhança da sua personalidade. Estes testes operam ainda como um veículo das representações mais arcaicas do corpo, das representações de oposição entre dentro e fora, entre escondido e aparente, entre superfície e profundidade. Para estes autores, as representações evocadas no processo resposta Rorschach, têm raiz na relação com o

objecto de amor primário - a mãe (e a representação interna do seio da mãe), o campo do materno primário – e são vividas de um modo ambivalente em que a mãe é sentida simultaneamente como bom e mau objecto, que lhe pertence e que tem com ele uma relação simbiótica vivida com interpenetração mútua dos pensamentos e desejos.

Ainda segundo estes autores, as primeiras representações que o bebé faz do seu corpo formam o Pré Eu corporal, constituído apenas por fantasmas de corpo fragmentado antes de encontrar a sua unidade narcísica (com reconhecimento da sua imagem especular coincidente com a primeira fase da aquisição das palavras). Os desejos que emergem no bebé são então projectados no próprio corpo transformando-se estas regiões em regiões de prazer. O espaço do sonho, da alucinação ou do delírio constituem representações de um corpo desrealizado, de formas arcaicas da imagem do corpo anteriores à matriz da linguagem, representação corporal esta estudada na situação projectiva Rorschach.

Nos testes projectivos, e especificamente na situação Rorschach, a regressão é profunda pois traz ao sujeito problemas de diferenciação entre interno/externo, mãe/bébé, objecto/sujeito, dado que os cartões evocam no sujeito a mobilização de representações internas que, por sua vez, se organizam a partir de um estímulo externo. Por conseguinte, torna-se importante durante a análise considerar os contornos e limites na abordagem formal, o eixo central de simetria como suporte, e finalmente a abordagem dos conteúdos de forma a detectar as representações fantasmáticas inconscientes. A interpretação de um protocolo consiste deste modo, num processo dinâmico, na medida em que interrelaciona o funcionamento psíquico do sujeito, colocado em jogo pela relação estabelecida, com o seu mundo interno e externo.

Assim, as provas projectivas testam a qualidade da relação do sujeito com o real e a integração de uma realidade psíquica no interior do seu sistema de

pensamento. Por seu lado, este pensamento encontra-se confrontado com exigências internas e externas que testemunham a forma de o sujeito se organizar face à realidade interna e externa. Esta situação assemelha-se ao quotidiano em que o sujeito se confronta e conforma com os limites impostos pela realidade, deixando no entanto livre o seu espaço para o imaginário, para o fantasmático, para o afectivo.

O Teste Rorschach constitui-se neste estudo como um elemento essencial, pois permite identificar nos sujeitos estudados, as ligações que se estabelecem entre o dentro e o fora, entre objectos internos e externos, indicando os mecanismos de integração da realidade externa no interior do sistema de pensamento do sujeito, evidenciando as suas capacidades adaptativas, construtivas e estruturadoras. A situação Rorschach, ao atribuir novos sentidos e significações às vivências, possibilita a utilização deste teste como um instrumento capaz de aceder ao conhecimento das propriedades e qualidades mentais do sujeito, engrandecendo e desenvolvendo as suas capacidades e potencialidades criativas e inovadoras, pela procura da sua verdade, pelo conhecimento de si e também do conhecimento de si, por e na relação com o Outro.

2. Proposta de Estudo

Neste estudo, propomo-nos caracterizar nos sujeitos adolescentes o espaço do materno e do feminino, como protótipo de uma relação continente/conteúdo, fundadora e estruturante de um aparelho de pensar os pensamentos que se encontram dispersos pela dureza do mecanismo de clivagem decorrente durante o processo adolescente.

A relação materno/feminino, estabelecida a partir da relação mais primária e de novo posta em causa na adolescência, é aqui observada numa perspectiva dinâmica de uma relação continente/conteúdo. Nesta relação

continente/conteúdo materno/feminino, a oscilação constante entre os movimentos de desintegração e integração dos processos identificatórios e o desempenho da “*rêverie*” materna e sua função alfa (com conseqüente transformação dos elementos sensoriais em elementos utilizáveis pelo sonho e pensamento), conduzem ao estabelecimento da identidade sexual definitiva e adulta, que é supostamente adquirida durante o decorrer do processo adolescente.

A partir da situação Rorschach, pretendemos perceber como o sujeito adolescente, no qual se encontram reactivadas as experiências emocionais mais primitivas, se situa de novo, face às relações por ele reestabelecidas com o materno e o feminino, tornando possível acedermos ao seu trabalho de pensar e caracterizar o seu pensamento (a partir destes dois espaços psíquicos do materno e do feminino). Ou seja, tentaremos explicar como o sujeito adolescente, no contexto de uma relação de objecto, aonde se encontram actualizadas as problemáticas respeitantes às relações com o materno e o feminino, estrutura e desenvolve estas novas ligações e relações (com o materno e o feminino), como usa o pensamento, como se organiza no interior do seu espaço psíquico com todos os antigos e os novos conteúdos, de modo a proceder a novas integrações, articulações, transformações, criações, ligações e vinculações.

Optamos pelo estudo de dois protocolos Rorschach de sujeitos adolescentes, na fase da pré-adolescência e da adolescência propriamente dita, uma vez que a estruturação deste espaço do materno e do feminino nestes sujeitos se constitui de forma privilegiada, podendo-se observar uma reestruturação e renegociação das experiências emocionais do campo do materno e do feminino, dentro de uma relação objectal. Inerente a esta relação objectal, relação continente/conteúdo, opera-se no sujeito uma transformação interna, uma transformação em “O” - realidade última - (Bion, 1965), colocando-o no domínio do simbólico, da abstracção e habilitando-o a criar novos objectos, novos símbolos, que evidenciam o trabalho de pensar.

De modo a atingir os objectivos propostos, utiliza-se como suporte teórico as teorias psicanalíticas Kleinianas e pós Kleinianas sobre o pensamento e sobre o materno e o feminino.

A partir do pressuposto de que a adolescência se constitui como um processo de oscilação dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, no contexto de uma relação continente/conteúdo, e de que a actividade do pensar e do aprender pela experiência se desenvolvem a partir desta relação, da capacidade contentora da “*rêverie*” materna e da sua consequente função alfa, podemos perceber como o sujeito utiliza o pensamento a partir de uma relação fundada no materno e no feminino. Ou seja, considerar o processo adolescente na sua perspectiva transformacional e dentro de uma relação continente/conteúdo, permite-nos compreender como é que se operam as transformações necessárias à criação de novos símbolos, novos objectos, com a formação de novas possibilidades, comunicações e articulações entre o antigo e o novo, o dentro e o fora, a criança que já não é e o adulto que ainda não é, que por sua vez, conduzem ao crescimento e à expansão da mente.

A partir de Bion, sabemos que o desenvolvimento de um aparelho de pensar pensamentos capaz de integrar, articular e transformar as emoções sensoriais em elementos utilizáveis ao sonho e pensamento, e a capacidade de transformar uma pré-concepção numa concepção e a sua transformação simbólica, acessível através da linguagem, dependem da relação continente/conteúdo, da capacidade de “*rêverie*” materna, da função do espaço psíquico interno do materno.

Através desta experiência do materno primário, cria-se no sujeito a oportunidade de equacionar a pré-concepção - a sensação ou emoção, à realização que, quando negativa, conduz o sujeito à tomada de consciência da ausência do objecto e da frustração, criando-se assim, um pensamento. Este pensamento, ao encontrar-se com uma nova realização negativa, dá

lugar à matriz de um novo pensamento e assim sucessivamente, criando-se um aparelho de pensar pensamentos: "...A relação entre a mãe e o bebê, descrita por Melanie Klein, é interiorizada de modo a formar um aparelho capaz de conferir uma pré-concepção aos dados sensoriais da realização apropriada. Este aparelho é representado por um modelo: a união de uma pré-concepção com as impressões sensoriais no sentido de produzir uma concepção. Este modelo é por sua vez representado por relação continente/conteúdo." (Bion, 1962, p. 112).

Com os postulados de Bion e as novas concepções teóricas sobre o materno e o feminino, passamos a poder considerar o materno e o feminino não como instâncias meramente sexuais, pertencentes ao domínio da diferenciação de sexos, mas sim como inerentes ao desenvolvimento das primeiras relações objectais, da relação mais primária - o seio materno, ou os seus equivalentes.

A actividade de pensar e o aprender pela experiência desenvolvem-se portanto a partir da relação entre continente/conteúdo, relação esta comensal, que repousa sobre o vínculo do conhecimento, e conseqüentemente favorece o crescimento psíquico de ambos os parceiros da relação.

A capacidade de aprendizagem depende então das capacidades contentoras do continente, que passam da flexibilidade (a novos conteúdos) à integridade (da sua constituição).

Entendemos assim, com o apoio das teorias de Bion, que o pensamento resulta do êxito de dois desenvolvimentos mentais básicos: o do pensamento e o do aparelho de pensar pensamentos e que neste mecanismo intervêm, como movimentos principais, a relação dinâmica continente/conteúdo e a oscilação constante dos movimentos de desintegração e integração,

possibilitando deste modo, a transformação das impressões sensoriais em elementos utilizáveis pelo pensamento.

No entanto, na base do desenvolvimento destes processos mentais, encontra-se toda uma experiência emocional primitiva, fundamental para atribuir uma significação interna à experiência vivida. É o que confere esta significação, o que organiza estas experiências emocionais vividas em unidades de significação, e futuramente em pensamentos, pertence ao domínio do materno e do feminino.

O materno constitui-se como o primeiro espaço psíquico, preenchido pelas primeiras experiências emocionais provenientes do conflito estético do bebé, moduladas pela capacidade de *"rêverie"* da mãe, com intervenção dos processos de projecção, introjecção, clivagem e identificação projectiva, numa dinâmica sensorial e intuitiva constante entre dentro e fora, entre interno e externo. É esta função materna que ao conter as experiências emocionais do bebé, permite a transformação das suas proto-emoções em proto-pensamentos, em elementos utilizáveis ao sonho e ao pensamento, de forma a atribuir um sentido ao que o rodeia e assim organizar o seu mundo psíquico.

É também neste espaço do materno que se esboça a diferenciação entre o dentro e o fora e se inicia o interesse pelo interior do objecto, como fonte de todas as suas fantasias subjacentes ao processo de simbolização, que posteriormente irão ser utilizadas para a formação do aparelho de pensar pensamentos.

Para Guignard, o materno constitui-se como o conflito pulsional primordial, uma vez que com o nascimento se assiste a uma mudança catastrófica das direcções das pulsões: o bebé dirige as pulsões em relação ao novo objecto - a mãe e o interior do corpo/mente da mãe. A mãe, com a sua capacidade de *"rêverie"*, de aceitar e desintoxicar as primeiras angústias do bebé, possibilita o desenvolvimento dos vínculos amor, ódio e conhecimento L, H e K

respectivamente (bem como os seus equivalentes negativos -L, -H e -K) e a sua transformação em elementos utilizáveis ao sonho e ao pensamento.

O feminino corresponde já a uma organização de um espaço psíquico posterior, que conduz à formulação da identidade do sujeito, no sentido de Winnicott, da noção da existência, do ser, aonde jogam sobretudo os processos introjectivos.

Segundo Winnicott, através do elemento feminino puro forma-se a noção do ser, da unidade sujeito/objecto, base do conhecimento e do sentido da existência. Simultaneamente, constitui-se a noção de um dentro, a possibilidade de utilizar um continente interno, que articula mecanismos de projecção e introjecção, mecanismos estes que permitem o relacionamento do sujeito com o mundo objectal.

Na fase do feminino assiste-se a uma reorganização das relações narcísicas, em que o bebé explora o mundo interno do objecto e se diferencia dele. Organiza-se o espaço do outro, da alteridade, ao mesmo tempo que se constitui o espaço da solidão, com todos os sentimentos de perda, de luto e de culpa em relação à perda do objecto do desejo - o seio perdido.

Enquanto que o materno se caracteriza pela representação inconsciente da configuração da relação do bebé com o mundo exterior, objectal, o feminino primário corresponde a uma idealização da relação mãe-bébé, no espaço das primeiras triangulações do desejo do Outro, da ausência do negativo, do abandono e do luto. Há no feminino um desejo de ser conhecido no seio de uma experiência emocional, aonde predominam as emoções de amor e ódio e, também, o desejo de conhecer o pénis que conhece a beleza e a riqueza do corpo da mãe. (Guignard, 1995).

A adolescência, como última hipótese de integração da bissexualidade psíquica, constitui-se assim como um período interno de turbulência emocional, no qual se encontram reactivados todos os movimentos das fases anteriores, que procuram a integração dos processos de identidade e de identificação e que conduzem à conquista de uma identidade corporal, sexual, íntegra e estável.

Para o adolescente se encontrar no adulto que ainda não é e na criança que já não é, desfaz e reestrutura toda as relações primitivas com os primeiros modelos identificatórios, dos quais fazem parte as relações primárias com o materno e o feminino. O adolescente constrói-se no seio de uma relação materna, contentora, interna entre si, mas também entre si e o Outro, num movimento que articula e relaciona os vários momentos de ligação e desligação, de integração e desintegração. É um tempo que reactiva as relações com o materno e o feminino (e também com o paterno e o masculino), pela necessidade de resignificação das experiências novas, vivenciadas intensamente pelo adolescente, pela urgência da criação de um espaço psíquico capaz de desempenhar a função alfa, a capacidade de "rêverie" materna contentora e desintoxicante das emoções vividas e não entendidas.

Resta agora perceber como é que o processo resposta Rorschach permite revelar estes espaços do materno e do feminino e, por conseguinte, caracterizar o pensamento nos sujeitos estudados.

Para a caracterização do processo resposta Rorschach, utilizam-se as formalizações sobre o valor do instrumento da Escola Francesa de Técnicas Projectivas, nomeadamente a de Raush de Traubenberg e de Catherine Chabert, e as de Maria Emília Marques, estando nestas últimas a integração e articulação das teorias Kleinianas, as quais contribuem para uma melhor compreensão de todo este processo.

Através destas autoras, compreende-se como a situação Rorschach, a situação de teste, se constitui como um espaço de interações entre examinado e examinador, entre sujeito e mancha. Cria-se uma situação que tem como objecto interpretar a mancha Rorschach. Ao mesmo tempo, cria-se no sujeito a ser examinado, uma experiência de caos psíquico (Marques, 1994), levando-o a utilizar como processos adaptativos e restauradores, os mecanismos projectivos de clivagem e identificação projectiva. Deste encontro simultâneo entre sujeito/objecto/mancha/instrução e da situação de caos psíquico daqui decorrente, surge no sujeito a necessidade de a transformar pela sua representação através da acção do pensamento. O espaço assim criado, em que o Outro (o Psicólogo) contém em si estas partes clivadas, conduz à formação de símbolos, de respostas, de forma a atribuir um sentido a toda esta experiência.

A formação simbólica constitui de facto um elemento essencial ao pensamento, e "...o processo de formação de símbolos é um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores" (Segal, 1957 in Marques, 1994, p.437).

Todo este processo de formação de símbolos e das respostas Rorschach, decorre da existência de uma relação continente/conteúdo, aonde operam movimentos de desintegração e integração, que têm como objectivo reparar e restaurar o objecto clivado e projectado, mantendo assim a integridade do Eu.

"O *modelo das transformações*, tal como é explicitado por Bion (1965/1982, in Marques 1992) permite estabelecer em que consiste o "caos psíquico" (...) conceito que pode ser usado, levando-nos a caracterizar a situação de teste (...) como uma *situação catastrófica*. É a partir desta noção que iremos estabelecer uma nova compreensão sobre o processo de formação de

respostas Rorschach, vistas como um processo de transformação-criação que ocorre na situação de teste, e permite, também, formular de outra forma, a nossa interpretação do processo de construção das respostas” (Marques, 1992, p.436).

O sujeito ao perceber a mancha - impressão sensorial - opera sobre ela uma transformação projectiva. Transforma a mancha a perceber (pré-concepção), na resposta Rorschach (concepção), revelando o modo como supera a situação catastrófica e transforma o seu pensamento em palavras. É do resultado deste espaço interaccional e do encontro entre o sujeito e a mancha que surge uma resposta.

A resposta Rorschach, o novo objecto criado, evidencia o trabalho de ligação e de transformação a partir de um encontro relacional, emocional e contextual, referente a situações internas e externas, e a situações passadas e presentes, em que a transformação destas emoções só se torna possível através da organização das mesmas, ou seja, pela actuação dos espaços psíquicos do materno e do feminino.

O material Rorschach, pela sua pluralidade simbólica, permite-nos estudar os campos do materno e do feminino, elementos fulcrais para a formulação e estruturação da identidade de cada um que, para ser estável, depende de processos de separação, de integração, de aquisição e de perdas.

A adolescência, período da existência extremamente rico e dinâmico, dada a transformação, reorganização e integração dos processos de identidade e identificação, constitui-se como uma altura propícia ao estudo do materno e do feminino: “ A adolescência permite-nos revelar a natureza dos processos que conduzem às vias de sexuação e de complementarização. Os cartões

Rorschach, pelas diversas solicitações neles contidas, permitem-nos ver agir, interagir e construir estas vias.” (Marques, 1997)

Face à situação Rorschach, à solicitação simbólica dos cartões e à sua estruturação formal, entende-se como o sujeito exprime o nível de integração fantasmático das imagos parentais, do materno e do feminino, através de uma dinâmica fora/dentro, do encontro entre a mancha sensorial a interpretar e a actualização de emoções internas mais significativas: “... todos os cartões revelam a natureza da integração das imagens parentais, que funda a identidade subjectiva, mas cada cartão pode revelar, e aqui há diferenças entre eles, as relações com o masculino e o feminino, que não são mais do que relações reconstruídas sobre o materno e o paterno.” (Marques, 1993, p.5), uma vez que o materno e o paterno correspondem a interiorizações anteriores à aquisição de uma identidade estável.

A vulnerabilidade da aquisição de uma identidade estável, harmoniosa e sólida, vulnerabilidade esta característica da adolescência, é então activada pela situação Rorschach, pela situação catastrófica que produz na mente do adolescente. As expressões resultantes desta mudança de sentido, do encontro de “O”, são por conseguinte consequentes de uma dinâmica de: “... reacção e adaptação simbólica dos cartões, mas vemos também as múltiplas expressões que são a reacção e adaptação a uma exigência, exigência que é o percurso interno da adolescência que se actualiza, expressa e revela exemplarmente no Rorschach.” (op. cit. in, p.7)

Neste estudo, tentamos exemplificar e ampliar as noções desenvolvidas por Marques, pela atenção particular que é dada à existência de um espaço mental do materno e do feminino, como constituintes do sentimento de ser e de ser com. Este sentimento, desenvolvido a partir da relação objectal mais primária - a relação bebé/seio materno - através de um jogo de percepções e

projeções, dá origem à criação e estruturação de um aparelho de pensar pensamentos, de um espaço capaz de proceder à ligação, transformação, criação e re-criação de elementos estranhos, não percebidos e não integrados, em elementos utilizáveis ao sonho e pensamento, com a criação de um novo objecto enriquecido e enriquecedor, fundamental ao conhecimento e crescimento de toda a actividade mental.

Baseado nestes conceitos e nas formulações teóricas que iremos proceder sobre o materno e o feminino e sobre o processo adolescente, pensamos ser possível, através da interpretação do processo resposta Rorschach em sujeitos adolescentes, caracterizar o processo de pensamento nestes sujeitos, como dependendo do espaço psíquico interno do materno e do feminino.

O materno e o feminino ao estabelecerem entre eles uma relação continente/conteúdo, constituem-se como organizadores e estruturadores de uma função interna contentora de conteúdos que a excitam, de um aparelho de pensar os pensamentos dispersos.

Utilizando o modelo metapsicológico de Green (1988), o pensamento situa-se entre a linha de intercepção entre o dentro e o fora e as duas partes que dividem o dentro (sistemas Consciente-Pré-Consciente e Inconsciente)

O autor formula com esta ideia a sua hipótese - a existência de processos terciários - que têm como função estabelecer um movimento recíproco entre processos primários e secundários e ajustar a comunicação entre dentro e fora: "uma teoria psicanalítica moderna do pensamento não se pode limitar a dar ao pensamento uma tarefa exploratória do mundo exterior - para tal tarefa, necessita do trabalho psíquico interno que leva à constituição do sistema de representações inconscientes e da sua comunicação com a consciência através do Pré-Consciente" (Green, 1988).

Green descreve ainda como parâmetros essenciais a uma teoria do pensamento: o limite, a representação, a ligação e a abstracção.

A noção de limite, relacionada com os mecanismos de introjecção e projecção, dá conta da articulação entre dentro e fora, entre sistema Pré-Consciente - Consciente e Inconsciente. Ou seja, da ligação, união ou separação destas estruturas.

A representação, conceito dominante na teoria do pensamento, é sentida como um duplo movimento: da coisa à palavra e da palavra à coisa. É através destes movimentos progressivos e regressivos que são representadas as relações dos processos psíquicos, intra e intersubjectivos.

No conceito de ligação, e na sua relação com a desligação, coloca-se a questão da sua finalidade. Se representar é ligar, pensar é re-ligar as representações, de um modo lógico, não especular. Como caso particular da ligação, tem-se a simbolização da articulação entre dentro e fora.

Nos problemas da ligação consideram-se não só os processos onde esta funciona de maneira diferente (processo primário e secundário), mas também os processos que presidem à comunicação nestes tipos de funcionamento. A teoria do pensamento não se pode contentar com os produtos finais do pensamento. Tem que ter em consideração o relacionamento destes produtos finais com as suas formas de organização inconsciente e com o material bruto, donde emerge o próprio pensamento.

A abstracção como característica mais específica do pensamento, supõe uma decantação dos derivados pulsionais e da carga afectiva, através dos quais se manifesta. "A abstracção é fruto de uma modificação em relação à representação, que só se explica pela sua ruptura descontínua com apagamento da representação (...). Também aqui se coloca o problema da orientação e da finalidade da abstracção. O pensamento e a abstracção são solidários de um poder de domínio (testemunhado por todo o poder do

pensamento) que recebem como prova máxima da sua eficácia, a delimitação da sua exploração do mundo físico. No entanto, este domínio perde-se na exploração do mundo psíquico. Ligado ao conhecimento do universo, o pensamento deve-se afastar suficientemente dos seus derivados pulsionais (onde teve origem) sem no entanto perder o contacto com essas raízes afectivas, raízes essas que lhe dão o seu peso de verdade” (Green, 1988, p. 270).

Estas explicitações de Green, além de nos oferecerem um modelo descritivo e compreensivo do trabalho do pensar, realçam de forma significativa a importância das raízes afectivas neste trabalho, as quais lhe conferem toda a sua veracidade.

As limitações deste estudo, para além da limitação de tempo que cada trabalho contém, consistem, na nossa perspectiva, na restrição ao estudo do materno e do feminino, uma vez que seria interessante englobar o paterno e o masculino, como forma de perpetuar e expandir o primeiro par, evitando que este último se encerre em si próprio.

No primeiro capítulo efectuaremos uma revisão bibliográfica sobre as principais concepções dos campos do materno e do feminino, dando particular atenção às teorias psicanalíticas de Winnicott e de Guignard, uma vez que as primeiras fundamentam o materno e o feminino como elementos que se encontram na base do ser e do ser com, e as segundas relacionam o campo do materno e do feminino com a actividade do pensamento.

No capítulo seguinte, introduzimos o processo adolescente, também na sua perspectiva analítica e com particular ênfase no seu aspecto transformacional; o processo adolescente como um processo de/em transformação.

No terceiro capítulo, tratamos de explicitar a pertinência da utilização do teste Rorschach, através da descrição do processo resposta Rorschach e sua articulação com os postulados teóricos do materno-feminino e adolescência, a partir da ideia de que o Rorschach, tal como o materno-feminino e o processo adolescente, se constituem como espaços virtuais: um espaço virtual possível de efectuar novas realizações, um espaço de potência para novas aquisições, aprendizagens e conhecimentos. Neste capítulo estabelecemos ainda os princípios interpretativos do processo de resposta Rorschach, com base nas teorias enunciadas.

No quarto capítulo procedemos à análise e interpretação dos protocolos Rorschach de duas raparigas adolescentes em diferentes fases deste processo de desenvolvimento e, por fim, efectuamos as conclusões.

II. SOBRE O MATERNO E O FEMININO

1. Introdução

A questão do feminino desde cedo deu azo a uma série de controvérsias entre os conceitos de feminino, mulher e mãe, sendo-lhes habitualmente atribuído o mesmo valor e conotação. Como se escolhessemos aleatoriamente uma destas três palavras para designar as outras duas; como se existisse uma lógica simétrica e cartesiana entre estes três conceitos. No entanto, actualmente sabemos que feminino não é igual a mulher, mulher não é igual a mãe e definitivamente, feminino não é igual a mãe.

Do ponto de vista social, aquilo que é feminino é dotado de uma qualidade intrínseca superior, de uma sensibilidade peculiar e específica, o sexto sentido feminino, característico da mulher e apenas de alguns homens, na sua maioria considerados artistas, artistas do feminino. O feminino encontra ainda o seu auge na maternidade, objectivo último da mulher, sem a qual uma mulher é considerada quase como um ser inferior, ficando aquém do pleno desenvolvimento das suas capacidades e potencialidades.

Pensando um pouco sobre estas considerações, percebemos que elas acabam por ser categóricas e bastante limitadoras. De facto, nem toda a mulher é mãe e nem toda a mulher é feminina. Existem pais, do sexo masculino, que cumprem funções maternas (por vezes bem melhor que a própria mãe) como também, existem homens mais femininos que algumas mulheres.

Dentro da psicologia, existem toda uma série de considerações e de correntes teóricas sobre a formação, estrutura e desenvolvimento do feminino e do materno, desde a psicofisiologia à psicanálise. Dentro da perspectiva mais dinâmica, consideram-se ainda várias convergências e divergências que merecem interesse neste estudo.

Neste trabalho, mais do que falar de feminino/masculino, mulher/homem, mãe/pai, interessa-nos perceber o feminino e o materno como dois conceitos que fazem parte de todo o ser pensante e que estruturam e fundam a unidade do ser.

Apoiamo-nos, sobretudo, nas teorias psicanalíticas Kleinianas e pós-Kleinianas, uma vez que é com estas que deparamos com uma fundamentação descritiva e compreensiva destes mesmos conceitos, já que a escolha do nome de materno e feminino (como qualidades psíquicas) só por si, causa confusões a serem deslindadas e explicitadas. Igualmente, pensamos que a compreensão destas qualidades do materno e do feminino, no seio da teoria psicanalítica, é facilitada por uma abordagem histórico-evolutiva, que permite acompanhar o desenvolvimento dos conceitos do materno e feminino até às considerações mais recentes. Começamos assim, como toda a psicanálise, com Freud.

2. O Feminino

2.1. Freud

“Através dos tempos os homens têm meditado sobre o problema da feminilidade.” (Freud,1933/1948, p.839)

Freud no decorrer da sua vida e obra, interessa-se pela natureza da sexualidade feminina, embora referencie as suas considerações sobre o feminino como sendo: “...com certeza incompletas e fragmentárias...., apenas descreve as mulheres enquanto o seu ser é determinada pela sua função sexual.” (Freud,1933/1948 p.851).

As constatações que permitem o desenvolvimento desta sua perspectiva partem de observações: “de mulheres dominadas por uma forte ligação ao seu pai.” (Freud, 1931/1974, p.3077) deparando-se o autor com dois aspectos essenciais que determinam a importância da fase pré edipiana no desenvolvimento da sexualidade feminina na mulher:

Através da análise, percebe que a ligação forte que estas mulheres apresentam em relação ao seu pai é precedida por uma relação igualmente intensa com a mãe, assistindo-se unicamente a uma mudança na escolha de objecto.

A ligação que estas mulheres apresentam em relação à própria mãe dura até cerca do quarto ou quinto ano de vida, duração esta desvalorizada por estas mesmas mulheres.

Na obra “Três Ensaios Sobre a Sexualidade”, Freud (1905/1948), descreve o fundamento do feminino, com base na existência de um monismo sexual fálico para ambos os sexos: a existência de um único aparelho genital - o órgão genital masculino - o pénis. Na rapariga, encontra-se como órgão equivalente o clitóris, sendo a sexualidade feminina considerada assim na comparação com a sexualidade masculina.

Freud descreve também, em ambos os sexos, a presença da castração: o rapaz, quando repara que existem outros seres sem pénis, sente-se ameaçado e interpreta esta ameaça como uma castração; a rapariga, quando percebe que lhe falta qualquer coisa que o rapaz tem, quando percebe que lhe falta um pénis, sente inveja, inveja do pénis. Estas fantasias persistem até à puberdade, altura em que ocorre a percepção da diferença real entre os sexos e o reconhecimento da vagina por ambos os sexos, surgindo finalmente as noções de masculino e feminino.

No artigo “Organização Genital da Líbido Infantil” (1923/1948), Freud constata a presença de uma diferença, embora mínima entre o desenvolvimento sexual infantil e o do adulto, caracterizado por uma

organização essencialmente fálica na criança e, por uma predominantemente genital no adulto. Esta diferença mantém-se até à puberdade, aonde masculino significa fálico, sujeito activo e pénis, e feminino representa castração, objecto e passivo.

No “Declínio do Complexo de Édipo”(1924/1948), Freud estuda a diferença dos modos de resolução do Complexo de Édipo nos rapazes e nas raparigas.

O rapaz, sob a influência dos seus desejos edipianos, de alcançar o amor da mãe, masturba-se. No entanto, ao se masturbar, sente-se ameaçado pela sua mãe de perder o seu próprio pénis. A ameaça de castração está assim ligada a estes desejos e só se fundamenta quando o rapaz observa que a rapariga não tem pénis. Observa-se ainda que a intensidade desta ameaça é muito maior quando esta se relaciona com a existência de outras privações mais arcaicas, como a privação do seio e a separação diária das fezes, separação esta que permitiu à criança reconhecer a perda de partes preciosas do seu corpo. O rapaz encontra-se agora perante um conflito entre os seus desejos libidinais, que no caso de um Édipo positivo são dirigidos à mãe, e o interesse narcísico dirigido ao seu pénis, prevalecendo geralmente este último. Nesta altura, o rapaz não tem nenhum desejo de penetrar a mãe, uma vez que não tem qualquer consciência de vagina; o seu interesse é ainda, essencialmente fálico.

A rapariga, ao reparar que não tem um pénis, sente-se inferior ao rapaz, invejando assim aquilo que ela não tem - o pénis. Em vez de abandonar os seus desejos edipianos, como faz o rapaz, ao sentir-se ameaçada, volta-se para o pai numa tentativa de ele lhe substituir o pénis por um bebé. Consequentemente, o complexo de castração é assim na rapariga o motor do complexo de Édipo, enquanto que no rapaz, provoca o seu declínio.

A par do desenvolvimento ou declínio do complexo de Édipo, desenvolve-se em ambos os sexos o Super-ego:

No rapaz o complexo de castração promove a interiorização da autoridade parental sob a forma de Super-ego. O abandono dos investimentos objectais é substituído por uma identificação à autoridade paterna, mantendo-se desta forma a interdição do incesto. O processo que assim salva o pénis, conduz também à suspensão da sua função, possibilitando ao rapaz a sua entrada no período de latência.

Na rapariga, apesar de Freud lhe reconhecer a existência de um Super-ego, comenta que a sua formação é mais difícil, devido à ausência do medo da castração. Neste caso, os factores intervenientes na formação deste Super-ego são essencialmente externos: a educação, a intimidação e o receio de não ser amada (por contraste com as interdições no rapaz), constituindo-se um Super-ego muito menos poderoso que no rapaz.

Em "Algumas Consequências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos" (1925/1974), Freud desenvolve algumas das ideias atrás descritas.

Para o rapaz, a mãe mantém-se sempre objecto de desejo, desejo este que não é ameaçado pelo Édipo. Na pré-história do complexo de Édipo no rapaz, este é capaz de se identificar ternamente com o pai, sem a presença de sentimentos de rivalidade com a mãe. Esta dupla orientação Edipiana, activa e passiva, advém da bissexualidade psíquica, o que permite, em determinado momento do desenvolvimento do rapaz, substituir o pai pela mãe.

Na rapariga, durante o Édipo, surgem sentimentos de rivalidade em relação à mãe, consequentes do sentimento de que a mãe não foi capaz de lhe dar o que os outros meninos têm - um pénis - nascendo então uma característica essencialmente feminina - a inveja. A rapariga só renuncia ao pénis quando se dirige para o pai e este o substitui por um bebé, prevalecendo ainda os sentimentos de hostilidade para com a mãe.

Assim, para a rapariga o complexo de Édipo é uma formação secundária enquanto que para o rapaz é uma formação primária; a filha deseja primeiro a mãe e depois um pénis, uma criança do pai.

Em ambos os sexos o complexo de castração inibe o masculino e encoraja o feminino. A diferença entre os efeitos do complexo de Édipo deve-se à diferença dos sexos.

No rapaz, o complexo de castração provoca um recalçamento dos desejos edipianos, com dessexualização, sublimação e abandono dos investimentos libidinais, em que os objectos são incorporados dentro do Eu, formando o Super-ego. Este é o herdeiro do Édipo e todo este processo é desencadeado pelo investimento narcísico do pénis.

Na rapariga falta o motivo de destruição do Édipo uma vez que a castração já produziu os seus efeitos. O Édipo ou se esfuma lentamente, ou é recalçado, ou ainda persiste ao longo da vida mental da mulher. De todas as formas, o Super-ego feminino nunca é tão "inexorável, impessoal e independente das suas origens afectivas, como exigimos que o seja no homem". (Freud, 1925/1974,p.2902)

Em Freud deparamos com a existência de uma linha de continuidade no seu pensamento, sobretudo, no que respeita às considerações sobre a diferença entre masculino e feminino, resumindo-se esta diferença na expressão: "Ter ou não ter um pénis". Apesar da castração provocar diferentes efeitos nos rapazes e nas raparigas, observa-se uma igualdade em ambos, que consiste na estimulação do feminino e na inibição do masculino. Esta diferença é ainda determinante no desenvolvimento do complexo de Édipo e na formação do Super-ego, uma vez que todo este processo é desencadeado pelo investimento narcísico do pénis, constituindo-se o Super-ego como herdeiro do Édipo.

Nos seus últimos trabalhos sobre a sexualidade feminina (1925/1974 e 1933/1948), Freud sedimenta as suas ideias sobre o desenvolvimento da sexualidade feminina na rapariga com a evolução do complexo de Édipo: durante o desenvolvimento normal, a criança liga-se ao pai do sexo oposto com ternura e ao pai do mesmo sexo com hostilidade.

Nos rapazes este desenvolvimento é simples, uma vez que o seu primeiro objecto de amor é a mãe; com a entrada no complexo de Édipo, apenas se intensificam os desejos eróticos no rapaz e aumenta a percepção da relação existente entre os pais, de modo que o pai naturalmente se transforma no seu rival.

No caso da rapariga, este desenvolvimento é mais complicado e não é idêntico ao Édipo masculino. A ligação pré Edipiana da mãe à filha tem um papel crucial no desenvolvimento sexual desta, bem como os efeitos da castração: a rapariga tem que desistir agora da sua zona genital externa - o clitóris.

A complexificação do Édipo na rapariga deve-se essencialmente a duas razões:

A primeira é que a rapariga tem de desistir da sua zona genital mais importante (o clitóris) a favor de uma nova zona, a vagina.

A segunda é que na rapariga ocorre uma mudança na escolha do seu objecto: observa-se uma passagem do objecto materno para o objecto paterno.

Freud postula a existência na mente, quer do homem quer da mulher, de uma bissexualidade inata que é demonstrada pelo facto de que: "...certos elementos do aparelho sexual masculino, embora atrofiados, são também parte integrante do corpo da mulher e vice versa." (Freud 1933/1948, p.840).

Considera que o indivíduo não é nem homem nem mulher mas uma amálgama dos dois. Segundo o autor, através da análise do brincar feita por psicanalistas, observa-se que até à fase fálica não existe qualquer diferença entre a rapariga e o rapaz. Freud diz mesmo: “Nós somos agora obrigados a reconhecer que a rapariga pequena é um homem pequeno.” (Freud 1933/1948, p.842).

Enquanto que na entrada da fase fálica o rapaz adquire sensações de prazer através da masturbação do pénis, a rapariga atinge o mesmo prazer com a manipulação do clitóris, havendo nesta como que uma equação simbólica de clitóris=pénis. Ou seja, a rapariga enquanto não tomou consciência da sua vagina faz uma equivalência entre pénis e clitóris.

Deste modo, para Freud, considerando o clitóris como a representação do órgão sexual masculino na mulher, a bissexualidade da mulher, além de mais visível, apresenta duas características específicas:

A mudança de interesse da zona clitoriana para a zona vaginal corresponde à passagem da fases masculina para a fase feminina.

A mudança da escolha de objecto de amor, a passagem do objecto materno ao paterno, é característico da mulher. “No final do desenvolvimento da rapariga, todavia, é preciso que o homem-pai se tenha convertido no novo objecto amoroso, ou seja, à medida que muda de sexo, a mulher deve mudar também o sexo do objecto.” (Freud 1925/1974, p.3079).

Freud quando relaciona o desenvolvimento infantil com o Édipo, inter relaciona ainda este último com o complexo de castração (uma vez que a entrada do primeiro acarreta consigo sentimentos de castração), caracterizando-se então o desenvolvimento sexual feminino por um sentimento de castração, e por um conseqüente sentimento de superioridade do homem em relação a uma inferioridade feminina. A mulher, ao se aperceber destas constatações, revolta-se permitindo assim a aquisição da posição feminina.

Por outras palavras, a rapariga vive num mundo masculino adquirindo satisfação pela manipulação de um órgão equivalente ao pénis, o clítoris. Quando se apercebe da existência de um pénis no rapaz, inveja-o; sente-se inferior a este e perde o interesse na sua sexualidade fálica, renunciando à actividade masturbatória e ao amor pela sua mãe fálica. A tomada de consciência de que a mãe é também um ser sem pénis, um ser castrado, possibilita-lhe desistir da mãe como objecto de amor, dirigindo-lhe sentimentos negativos de hostilidade.

Com a desistência da masturbação a rapariga renuncia também a uma certa actividade fazendo com que a aproximação ao pai seja acompanhada de pulsões passivas. A rapariga agarra-se ao pai na esperança de ter um pénis que a mãe lhe negou. Quando este desejo é substituído por um equivalente simbólico, pelo desejo de ter um bebé, Freud considera instalada a posição feminina.

As brincadeiras que as raparigas têm com as bonecas ajudam a ilustrar este desenvolvimento da sexualidade feminina.; Estas não correspondem a uma expressão do feminino, mas sim a uma identificação com a mãe, com a intenção de substituir as pulsões activas por passivas. Quando as bonecas representam um bebé que o pai da rapariga lhes deu, cumpre-se o desejo de ter um pénis=bebé. A rapariga entra assim na situação edipiana com todos os sentimentos de ternura dirigidos ao pai, e os de hostilidade à mãe.

Percebe-se finalmente que o complexo de castração prepara o Édipo, uma vez que este se apresenta como uma solução à inveja sentida pela rapariga. O afastamento da mãe é deste modo algo de inevitável, apresentando a rapariga uma série de razões para se afastar da mãe, tais como:

A mãe não lhe ter dado um verdadeiro pénis.

Não a ter amamentado o tempo suficiente.

A filha ter de partilhar a atenção e o amor da mãe com outras pessoas.

A mãe não ter preenchido as expectativas de amor.

O que parece de facto importante é que a relação com a mãe, além de ser a primeira, é de tal modo intensa que tem de terminar. A relação com a mãe é assim muito ambivalente e como consequência desta ambivalência, a rapariga tem de se afastar da mãe.

Em 1933, Freud considera que esta lista de motivos de afastamento da mulher em relação à própria mãe não é mais do que uma série de racionalizações, e que a verdadeira fonte de rivalidade encontra-se ainda por descobrir, pelo que se mantém a discussão do tema. Algumas das autoras contemporâneas de Freud, entre as quais algumas das suas analisandas, nomeadamente Marie Bonaparte, Helene Deutsch e Jeanne Lampl de Groot, deram contributos importantes para o desenvolvimento do conceito do feminino, preocupando-se sobretudo com "...o complexo masculino e a significação masculina da actividade." (Torsti,1994, p.470), aceitando o postulado do seu mestre de que a libido feminina na rapariga não interfere no desenvolvimento da mulher, uma vez que para Freud a vagina ou a consciência da vagina na rapariga só é sentida a partir da puberdade. Destacamos neste estudo os pontos de vista de Lampl de Groot e de Helene Deutsch.

2.2. Alguns pontos de vista sobre o feminino segundo autores contemporâneos a Freud

Lampl de Groot, no artigo "Evolução do Complexo de Édipo na Mulher" (1927 in Chasseguet Smirguel, 1992), confere uma importância especial à fase pré edipiana no desenvolvimento sexual da rapariga, influenciando assim as últimas ideias de Freud sobre este mesmo assunto.

Tal como Freud, para a autora as raparigas e os rapazes têm um desenvolvimento muito semelhante até à idade fálica. Nesta fase ambos entram no complexo de Édipo, dirigindo os seus desejos de ternura à mãe e os desejos hostis ao pai.

No entanto, Lampl de Groot dá uma importância especial aos sentimentos de inferioridade subjacentes ao complexo de castração: a rapariga, quando vê que o rapaz tem um pénis, sente-se inferiorizada e o complexo de castração que daí advém, não só provoca nela uma ferida narcísica (proveniente dos sentimentos de inferioridade), como também a obriga a renunciar aos seus desejos pela mãe, a retirar a libido do objecto materno. Deste modo, a rapariga substitui a mãe pelo pai, transferindo-lhe todos os desejos libidinais e elegendo-o como objecto de amor, numa tentativa de este lhe dar um bebé como substituto do pénis. Consequentemente, esta possibilidade de ter um bebé/pénis constitui uma forma de reparação narcísica à inferioridade sentida, hipótese esta impossível à partida nos rapazes. Nestes, a ferida narcísica em conjunto com o medo da castração, levam-nos a entrar activamente em relação com os objectos reais, conquistando-os, e sublimando assim a sua agressividade.

Simultaneamente a esta renúncia e mudança de objecto de amor parental, a rapariga renuncia à masturbação clitoriana e ao aspecto activo e conquistador da fase Edipiana. Para a rapariga o complexo de Édipo nem sempre tem um declínio normal uma vez que esta pode negar qualquer sentimento de castração mantendo-se sempre ligada à mãe; a rapariga e a mulher na idade adulta podem tentar compensar a sua inferioridade corporal ao nível intelectual e profissional, competindo assim com o homem, mas renunciando à sua sexualidade. Esta renúncia mantém-se, uma vez que o seu objecto real encontra-se ainda dirigido à mãe.

A autora, tal como Freud, considera o complexo de Édipo feminino como uma formação secundária a um complexo de Édipo negativo. O complexo de Édipo assemelha-se ao do rapaz no que concerne à fonte (excitação clitoriana), objecto (a mãe), e objectivo/destino (actividade sexual).

No seu artigo posterior de 1933 "Contribuições para o problema do feminino" (Lampl de Groot in Chasseguet Smirguel, 1970/1992), a autora faz algumas considerações sobre a diferença entre masculino e feminino, sendo esta caracterizada pela presença ou ausência de actividade ou passividade, pertencendo a primeira característica ao grupo dos homens e a segunda, ao das mulheres. O homem activo reage contra o mundo externo, atacando e conquistando o objecto; a mulher passiva sujeita-se ao objecto, permitindo que as impressões externas e as situações a dominem.

Smirguel, no seu comentário a Lampl de Groot, escreve: "O homem normal resolve as feridas narcísicas e o complexo de castração pela entrada em relação com os objectos reais. A sua agressividade é utilizada na conquista da mulher e sublimada. As suas tendências passivas são subordinadas às suas tendências activas." (Chasseguet Smirguel, 1970/1992, p.17). Na mulher, a sexualidade normal exige uma certa passividade, decorrente do retorno das pulsões agressivas para o interior, sob a forma de masoquismo. Esta ideia é desenvolvida por Deutsch.

Para **Helene Deutsch**, tal como para Freud e Lampl de Groot, o desenvolvimento sexual infantil é idêntico para ambos os sexos até à fase fálica, "... altura em que é decidida a constelação Edipiana." (Deutsch, 1924/1991, p.10). No entanto, para Deutsch, o masoquismo adquire um papel primordial no desenvolvimento do feminino.

Deutsch considera que a última fase do desenvolvimento sexual na rapariga é caracterizado por dois momentos:

No primeiro, prevalece a fase fálica, em que o desenvolvimento da libido tem uma grande importância no desenvolvimento da sexualidade feminina e na formação de fantasias inconscientes sádicas sobre o coito; a rapariga, tal como o rapaz, identifica-se tanto com a mãe como com o pai; no entanto, as identificações com a mãe implicam um sofrimento anal passivo, enquanto que a identificação com o pai toma um carácter essencialmente sádico - a tomada de posse do pénis. As tendências sádicas da fase anterior expressam-se agora nas características masculinas do órgão. "A actividade masturbatória ao serviço do complexo de Édipo é centrada nos genitais". (op. cit. in, p.11).

Assim, nesta fase e na rapariga, predomina o investimento libidinal do clitóris como pénis e o carácter masculino com identificação ao pai.

No segundo, predomina a descoberta da castração, com os sentimentos de culpa daí emergentes - o castigo que ela própria mereceu. Deste modo, abandona a actividade clitoriana que associada à ferida narcísica, provoca a reactivação das características regressivas passivas anais, e o desejo do bebé anal como uma identificação à mãe. "No desejo e na fantasia da rapariga o pai transforma-se naquilo que ele é para a mãe - um objecto sexual". (op. cit. in, p.13). Se na fase anterior as fezes significam um bebé, a renúncia do clítoris/pénis provoca o reinvestimento do velho desejo e a regressão à fase anal.

Neste ponto, a autora parece concordar com Karen Horney (1924) quando esta defende que a origem do desenvolvimento do complexo de castração feminino é a identificação à figura paterna, que por sua vez surge do declínio do complexo de Édipo. Desta forma, o falhanço do desejo da rapariga é um factor secundário na criação do complexo de castração e não é este o primeiro factor que dificulta o seu desenvolvimento.

“Pode dizer-se que no caso da rapariga, ao contrário do rapaz, a fase fálica se relaciona com um primeiro aspecto de passividade que prefigura o processo da puberdade” (Deutsch, 1924/1991, p.13). E só a partir desta passividade é que se inicia o declínio do complexo de Édipo.

Deutsch desenvolve a ideia de Freud de que o complexo de Édipo na rapariga é abandonado, uma vez que o desejo da criança nunca é alcançado.

Para a autora, com a formação do Super-ego a rapariga toma noção da interdição do incesto, e os sentimentos de culpa que daí advêm põem termo à rivalidade com a figura materna. Assim, a identificação com a mãe corresponde a um aspecto importante na formação Super-egóica, dando origem a uma característica tão específica como a constituição de um Ego ideal feminino. Não obstante, se a formação deste Ego ideal a partir da introjecção com a figura materna falha, em vez de um Super-ego ideal, forma-se um complexo de prostituta na mulher, dado que a imago materna é tida como um objecto sexual inferior.

No entanto, na formação deste Super-ego ideal também pode prevalecer uma identificação com o pai - o que se assiste a partir daqui é uma sublimação das características masculinas na mulher adulta. Finalmente, se na formação deste Super-ego predominar uma identificação à figura materna, o Ego ideal formado toma o aspecto característico da maternidade “...a Madonna like maternity” (op. cit. in, p.14). (A organização sexual infantil termina pelos 5 anos e dá origem à entrada na latência).

Helen Deutsch em 1925 escreve que o desenvolvimento da libido infantil em direcção à escolha objectal normal heterossexual é influenciada por circunstâncias específicas, e tem origem na fase oral, a partir da equação seio materno=pénis paterno. Esta fase, considerada como auto erótica, não tem um objectivo determinado. O seio materno é tido como uma parte do próprio corpo do bebé e esta representação estende-se posteriormente ao

pénis, razão pela qual ele é investido com grande quantidade de líbido narcísica.

A rapariga quando descobre o pai como um objecto que se encontra ao lado da mãe, transfere para ele uma série dos seus sentimentos de amor bem como uma parte da sua líbido sexual, através de uma equação simbólica seio=pénis. Nesta fase, a concepção que predomina do coito é a da existência de uma relação entre a boca da mãe e o pénis do pai.

Na fase seguinte - anal/sádica - assiste-se a uma diminuição da importância do pénis como órgão de sucção, passando este a ser considerado como um órgão de poder. O coito é agora considerado como um acto sádico; a rapariga ou se identifica sádicamente ao pai ou masoquisticamente à mãe. Nesta fase o foco de interesse narcísico situa-se à volta da zona anal, e tal como na fase precedente, as fezes ao corresponderem ao órgão activo de prazer, são investidas de um imenso valor narcísico em que “a fantasia de nascimento desta fase é a da criança anal” (Deutsch, 1925, p.407)

Para a autora existe uma analogia biológica entre boca e ânus e uma analogia funcional de prazer entre seio e pénis. A nova zona erógena - o clitóris - adquire também a sua função pela equação seio=fezes=pénis. Através destas duas premissas deveria ser fácil o investimento passivo da vagina, a aquisição da vagina como um órgão de prazer. No entanto, “a transição da fase fálica à vaginal (que posteriormente coincide com o que Abraham define de pós ambivalente) deve ser reconhecida como a mais difícil tarefa no desenvolvimento libidinal da mulher” (Deutsch, 1925, p.407). É na dificuldade desta passagem que reside a própria bissexualidade feminina, quando o clitóris masculino como zona erógena, intervém entre o ânus e a vagina.

Para a rapariga todo o seu corpo é um órgão sexual, a partir do momento em que desinveste libidinalmente do clítoris, assistindo-se a um movimento regressivo da libido para o corpo feminino, a uma adesão à existência intra-uterina (Ferenczi). Com a entrada na puberdade, ocorre finalmente a catexização da vagina a partir destas duas zonas do corpo - das zonas erógenas e dos restos de libido que permaneceram no clítoris.

Não obstante, este desenvolvimento libidinal é promovido pelo pénis: tal como o seio materno fixa a libido na boca, o pénis fixa a libido na vagina, transformando-a num equivalente da boca no que respeita à sua função oral passiva de sucção.

A identificação funcional da vagina ao pénis permite ultrapassar o complexo de castração uma vez que a mulher toma o pénis como parte do seu corpo:

“Nesta função, o coito significa para a mulher a restauração da primeira relação humana com o mundo exterior; isto é, restaura a condição de unidade perfeita do ser e harmonia, na qual a distinção entre sujeito e objecto foi anulada. Deste modo, o alcançar da fase mais alta pós-ambivalente (Abraham) significa a repetição mais precoce da fase pré-ambivalente” (op. cit. in, p.409)

Enquanto que no rapaz o desenvolvimento da fase fálica ao Édipo se faz de uma forma directa, a rapariga tem à sua frente duas tarefas importantes:

Por um lado, tem que renunciar à masculinidade ligada ao clítoris.

Por outro, ao renunciar a este órgão (clítoris), ela tem que descobrir dentro do seu próprio corpo um novo órgão - a vagina. E descobre-o por meio de um processo de subjugação masoquista ao pénis, futuro órgão de prazer, enquanto o homem o percebe como externo a ele e o possui sádicamente.

Através da equação pénis=seio e da actividade de sucção da vagina, na relação com o parceiro, a situação de incorporação corresponde a uma

repetição do mamar no seio materno e permite que a mulher ultrapasse o trauma do desmame e, conseqüentemente o da separação. Na relação sexual a mulher identifica-se à mãe através da equação pênis-seio e no experienciar do acto sexual de um modo masoquista - "Através desta identificação, a mulher representa no coito simultaneamente a parte de mãe e de filho - relação que é continuada na gravidez ..." (op. cit. in, p.410). Ao mesmo tempo, o parceiro é identificado com o pai, incorporado na fantasia e transformado na criança dentro do útero.

Para a autora, a concepção do coito marca a diferença principal entre homem e mulher; enquanto que o homem toma uma parte do corpo activamente, a mulher, a partir da sua experiência de incorporação passiva, introjecta desta forma (passiva) parte do seu mundo objectal. Neste acto de incorporação, a vagina transforma-se num receptor não do pênis mas da criança - "A vagina representa agora a criança e recebe o investimento de libido narcísica que se dirige à criança como uma extensão do acto sexual. A vagina transforma-se, tal como o pênis para o homem, num segundo Ego, num Ego em miniatura. A mulher que sucede no estabelecimento da função maternal da vagina através da desistência do clitóris como representante do pênis, atingiu o objectivo do desenvolvimento feminino, tornou-se numa mulher." (Deutsch, 1925, p.411). É nesta altura que a atitude feminina é para a autora definitivamente alcançada, quando a vagina constitui um órgão de prazer; quando ela substitui o desejo de um pênis pelo desejo da vagina.

A partir da descrição do desenvolvimento sexual feminino fálico na rapariga, Deutsch desenvolve uma reflexão sobre a origem e o significado do complexo masculino na mulher, ideia que nasce de Abraham (1922) e se constitui como uma reacção da ferida narcísica conseqüente à constatação na rapariga, da ausência de pênis. No artigo "O complexo Masculino na Mulher", Deutsch (1991) defende a ideia da bissexualidade humana inata, anunciada por Freud (embora a ideia inicial parta de Fliess). A autora

defende a existência de um complexo masculino na mulher como constituinte de toda a sua forma e estrutura psíquica, que se manifesta através de reacções de formação normais, sublimações, formações de carácter, etc...

Tal como o masculino, Deutsch postula a existência de um feminino reminiscente na vida mental masculina, caracterizado pela “persistência de carácter passivo de fases em que, embora o masculino e o feminino ainda não estivessem presentes, os estadios preliminares desta polaridade estavam já pré-figurados no “activo” e no “passivo” “ (op. cit. in, p.21)

Para a autora, a identificação materna que surge no complexo de Édipo corresponde a uma segunda fonte das características femininas no homem. É esta identificação que joga um papel importante na origem das neuroses e nas preversões. No entanto, a autora considera que apesar da existência de elementos bissexuais no homem, o complexo masculino na mulher tem um papel muito mais importante do que o seu contrário. A partir daqui, postula a identificação ao pai como central na formação do complexo masculino, ou seja, é na fase fálica, em que o clitóris toma o valor do pénis e em que predominam as características masculinas activas, que se origina o complexo masculino; “este forma-se numa fase masculina, biogeneticamente condicionada, em que a identificação com a figura paterna deve ser considerada como um processo progressivo e não regressivo” (op. cit. in, p.24).

Em todo o caso, a rapariga sente que tem de abandonar este conjunto de características masculinas quando constata que existe uma diferença de sexos entre rapazes e raparigas. Esta constatação ocorre porque a rapariga, tal como o rapaz, também tem medo que lhe aconteça alguma coisa ao clitóris/pénis e à sua masturbação. A atenção em ambos os sexos encontra-se entre a zona genital e o meio ambiente/educativo, em que a ansiedade resulta da expectativa de castigo pela masturbação. A criança está assim tão

atenta ao exterior, que se apercebe da diferença sexual existente entre rapaz e rapariga.

O complexo de castração dá origem ao fim da fase fálica e à entrada no período de latência. No entanto, alterações neste processo implicam a regressão da libido a esta fase, dando origem a determinadas formações de carácter, visíveis mais tarde na mulher adulta.

Para Deutsch, o “Complexo Masculino” puro ocorre quando a rapariga não renuncia ao clitóris, impedindo-a de descobrir os seus órgãos genitais, de desejar um bebé como substituto do pénis e alcançar uma atitude feminina em vez de eminentemente masculina, com uma tendência a uma escolha objectal homossexual. “A fase final da organização infantil representa um progresso em direcção à atitude feminina, embora seja, no entanto, uma regressão do ponto de vista libidinal”. (op. cit. in, p.27)

Segundo Deutsch, a definitiva separação sexual só ocorre na puberdade, com o estabelecimento da função reprodutiva. É nesta altura que a mulher é biológica e psicologicamente separada do homem; é só neste período que se torna possível validar a identificação do feminino ao passivo e do masculino ao activo, bem como estabelecer um elo entre feminino e masoquismo e masculino e sadismo.

Na fase reprodutiva, cabe ao homem dominar sádicamente o objecto sexual, e à mulher reproduzir a espécie para além de qualquer princípio de prazer ou de desejo que possa ter. Aqui a autora identifica-se com Freud quando este diz que a mulher corresponde a “um berço transitório do plasma germinativo”.

Nesta fase, a mulher não só tem que lidar com o conflito entre as características reprodutivas e o seu Ego libidinal, como também tem de ultrapassar as componentes masculinas da sua vida sexual.

Para a autora, o aparecimento do período menstrual na mulher corresponde a uma castração real, no sentido em que este é um castigo pela masturbação clitoriana. A mulher sente uma ferida narcísica, pois perdeu uma parte de si portadora de prazer. No entanto, com o aparecimento dos caracteres sexuais secundários e a compensação satisfatória que estes trazem ao Ego, atenua-se esta ferida. Assiste-se a um deslocamento de toda a libido narcísica para o corpo, percebendo-se assim como as tendências narcísicas se encontram, secundariamente, ao serviço da função de reprodução. Por outro lado, com o aparecimento da menstruação, a rapariga também se compensa narcísicamente, pois alcança a maturidade sexual desejada, sendo-lhe finalmente permitido gerar um bebé/filho.

Não obstante, à representação inconsciente da menstruação, corresponde a impossibilidade de ter um bebé, e daí a rapariga sentir uma segunda ferida narcísica. Segundo Deutsch, a sua experiência psicanalítica mostra que um bebé compensa a mulher da falta de um pénis, e que a satisfação narcísica de ter um bebé aniquila a ferida narcísica.

Deutsch no artigo "O Significado do Masoquismo na Vida Mental da Mulher" de 1930 explica como é que o masoquismo constitui a força elementar na vida mental feminina.

Para a autora, o feminino emerge dos conflitos que acompanham o desenvolvimento que na mulher correspondem essencialmente ao masculino, uma vez que a mulher está pré-destinada a se submeter ao homem. O feminino foi encontrado no homem a partir das suas características instintivas, que os psicanalistas designaram por masoquismo feminino passivo. Na mulher, observações psicanalíticas demonstraram que mesmo nas manifestações mais femininas, a mulher luta contra um lado apagado da sua bissexualidade.

Neste artigo, a autora pretende "...examinar a gênese do feminino - a disposição feminina, passiva e masoquista da vida da mulher". (Deutsch, 1930, p.48) Relaciona ainda a função do instinto feminino com a da reprodução, base das suas ideias sobre a frigidez.

Questiona-se quanto ao destino da libido depois de deixar de investir o clitóris como pénis e parte então para a sua teoria do masoquismo. Face ao desinvestimento libidinal do clitóris, surgem duas alternativas possíveis: ou a libido regressa a um desenvolvimento pré genital ou esvazia-se, num modo regressivo, em direcção ao masoquismo.

Na base da gênese erótica da libido feminina encontra-se, não uma tendência fálica, mas uma fantasia masoquista de querer ser castrada. A rapariga, além de querer ser castrada, quer ser castrada pelo pai, surgindo a fonte de prazer do assalto sádico pelo objecto de amor. E a sua compensação narcísica à falta de pénis corresponde à criança premiada pelo assalto. Forma-se a tríade masoquista: castração, violação e parto, como uma fase definitiva do desenvolvimento libidinal que representa "o último acto do drama das vicissitudes do complexo de castração feminino". (op. cit. in, p.57)

As inibições sexuais femininas - dentro das quais a frigidez - advêm das tendências masoquistas, do desenvolvimento libidinal masoquista infantil. Quando o Ego se sente ameaçado por estas tendências, defende-se exigindo para si um investimento narcísico, reforçando assim o narcisismo feminino, ou então foge da identificação masoquista pré-destinada à mãe, identificando-se ao pai.

No entanto, para a autora, o masoquismo encontra o seu esplendor máximo na maternidade, na relação mãe/bebé. As primeiras identificações maternas são sempre, independentemente do sentimento de culpa, masoquistas e têm por base as fantasias activas do parto, dolorosas e sanguinolentas: "o prazer

masoquista do instinto sexual no coito e no parto aparece muito ligado à experiência mental da concepção e do parto". (op. cit. in, p.58) .

Percebe-se assim que a sexualidade feminina esteja para a autora em estreita relação com as funções de reprodução, em que para a mulher tanto o pai como o parceiro sexual correspondem a um bebê. A rapariga torna-se mulher e mãe em simultâneo quando aparecem as tendências masoquistas de ser castrada, violada e receber um bebê do pai. "A partir daqui, a fantasia do parto faz parte da tríade masoquista e o abismo entre as tendências instintivas e reprodutivas é superado pelo masoquismo" (op. cit. in, p.58).

Por fim, a frustração de ter um bebê interrompe o desenvolvimento sexual infantil da rapariga, promovendo a formação das tendências de sublimação na mulher, o que caracteriza a maternidade masoquista (no homem, a tendência para sublimar origina-se a partir das pulsões sádicas).

Deutsch relaciona ainda o masoquismo da mulher com a preservação da raça e "... como representando na economia mental um acto de sublimação por parte da mulher... A mulher nunca teria permitido, ao longo dos tempos, deixar-se afastar, por imposição social, tanto das possibilidades da sublimação como da gratificação sexual, se não tivesse encontrado nas funções reprodutivas uma enorme satisfação para estes dois impulsos". (op. cit. in, p.60)

Numa crítica a Deutsch, Torsti (1994) considera que as teorias de Deutsch se baseiam essencialmente na perspectiva de que o feminino se organiza a partir da castração. A rapariga, depois de se sentir castrada pelo pai, volta a agressividade para si dando origem ao masoquismo e à passividade. O Ego ideal do feminino, de natureza essencialmente masoquista, atinge-se unicamente na maternidade, em que a relação mãe/bebê dá forma ao próprio sacrifício feminino. Para Deutsch, os sentimentos de ternura que a mãe tem

com o bebê provêm da imagem do pai que é incorporada durante a gravidez, dando ao feto a capacidade de se identificar com o pai.

Segundo Torsti, Deutsch não considerou a importância do papel da libido no desenvolvimento da mulher, papel este que para esta autora é essencial para a estruturação do Eu feminino. Torsti prossegue, postulando que a genitalidade interna da rapariga, interiorizada a partir da relação mãe/criança, inclui a identificação à figura materna e a própria sexualidade da rapariga, em interação com a inveja do pênis e o medo da penetração. Este conjunto de factores têm um papel fundamental na emergência de um espaço psíquico e é dentro deste espaço psíquico, e a partir da tomada de posse das pulsões físicas do corpo, que se origina o mundo mental conceptual.

Observa-se que tanto para Freud como para as suas contemporâneas o feminino corresponde, não tanto a uma estrutura psíquica, mas sim, a um processo que se inicia por uma bissexualidade psíquica inata e que decorre, naturalmente, do desenvolvimento sexual infantil. Não obstante Lampl de Groot enfatizar a ideia do feminino como uma ferida narcísica, e Deutsch o colocar como uma fonte primordial do masoquismo, estas autoras parecem concordar com a ideia inicial de Freud, de que o feminino se desenvolve a partir da castração, da constatação da ausência de pênis, da inveja do pênis. O feminino é importante, na medida em que se constitui como um processo psíquico interno, estreitamente relacionado com as vicissitudes da castração e conseqüente desenvolvimento do Édipo e Super-ego.

Apesar de todas estas reflexões serem válidas, nomeadamente pelo seu carácter descritivo, com uma exposição apurada dos acontecimentos psicológicos que se seguem à constatação da castração, o feminino é aqui tido não tanto como uma qualidade, mas antes, como uma falha, uma ausência.

Embora os autores considerem à partida a existência de uma bissexualidade psíquica inata, o feminino desenvolve-se posteriormente pela negação, pelo defeito, pela falha, não sendo por conseguinte, julgamos, considerado como uma estrutura em si, mas que vale, exactamente, pela não-presença.

Deutsch mantém-se muito nesta perspectiva e quase que dá ao feminino um contributo machista, dado que para a autora, o feminino como que se submete totalmente ao masculino, pela sua passividade e masoquismo. A sua ideia de feminino situa-se, deste modo, numa perspectiva de diferenciação sexual, correspondente exclusivamente à mulher, ao desenvolvimento da rapariga até à idade adulta.

Estas reflexões, além de nos oferecerem uma visão histórico-evolutiva do conceito do feminino, estabelecem uma relação importante a ser considerada entre feminino e negativo, pois é a partir da ausência, do negativo, que se cria o símbolo, o pensamento. Mas, como inicialmente proposto por Freud, mantém-se a necessidade de continuar a estudar e a discutir o conceito do feminino.

2.3. Discussão recente do feminino Freudiano

No 29º Congresso Internacional de Psicanálise (Londres, Julho 1975), assiste-se a um encontro destinado à discussão do tema do feminino, cujas conclusões culminam na exigência da reformulação dos enunciados originariamente propostos. Neste estudo destacamos alguns pontos de vista que nos parecem ser mais relevantes.

Serebriany enumera algumas das questões sobre o feminino de Freud que merecem ser reconstruídas:

Apesar de Freud considerar a existência de uma bissexualidade humana, cuja libido é de origem essencialmente masculina, torna-se necessário descrever a bissexualidade não só em termos biológicos, com os seus dois pólos masculino e feminino, como também em termos psicológicos. A parte psicológica deste conceito, resulta de toda uma série de identificações do bebé a ambos os membros do casal parental e, também, das respostas que o meio ambiente dá ao bebé, de acordo com o seu sexo.

Embora a teoria do complexo de Édipo possa parecer adequada para o homem, parte masculina, o mesmo não acontece para a vertente feminina, necessitando esta de ser desenvolvida.

A integração do conceito de vagina como órgão de reprodução e dos processos de gravidez e parto, colocam em causa a atribuição de uma dimensão passiva na mulher e de uma dimensão activa no homem.

Outros autores consideram que as falhas no feminino de Freud se devem ao modo de pensar da época, em que uma orientação masculina seria de esperar. Consideram a importância da necessidade de desenvolver a teoria Freudiana, uma vez que o pensamento psicanalítico, tal como o pensamento científico, não se constitui como um corpo teórico que se encerra em si mesmo mas, antes pelo contrário, encontra-se aberto a novas hipóteses, que podem ou não refutar as anteriores, originando assim a criação de novas teorias.

Grossman (1975) nesta discussão parece estar de acordo com a necessidade de reformulação da teoria Freudiana, apesar da sua perspectiva ser de cariz epistemológica. O autor preocupa-se em perceber qual a natureza e a base do conhecimento sexual e a sua implicação psicológica na criança. A criança necessita não só de reconhecer a diferença de sexos, como também de perceber o seu significado, situando-se esta significação, do ponto de vista psicanalítico, no cerne da problemática epistemológica.

De acordo com Freud, Grossman comenta que uma das grandes dificuldades na mente da criança reside na formulação da experiência influenciado pela sua capacidade em transformar os acontecimentos reais. O reconhecimento da diferença de sexos, que ocorre cerca dos 15 meses no período de separação e individuação de Margaret Mahler, ajuda a estruturar a imagem corporal que a criança tem de si e a estruturar a separação em relação à figura materna. Este período sobrepõe-se às fases oral e anal e é precedido por uma série de características comportamentais que podem ser consideradas masculinas ou femininas.

Ainda para este autor, a criança utiliza, na distinção entre Eu e objecto, a diferença de sexos para classificar as pessoas e as relações que se estabelecem entre elas. Igualmente, o complexo de Édipo dá uma significação à relação de objecto e à diferença de gerações, aspectos a serem integrados de novo na puberdade, com novas qualidades.

O reconhecimento da diferença de sexos constitui-se como um: "...importante organizador da experiência a todos os níveis de diferenciação e organização psíquica." (Grossman, 1975, p.303)

Os instrumentos necessários para a aquisição deste reconhecimento são idênticos para ambos os sexos, variando apenas o seu conteúdo: "O que é diferente para os rapazes e para as raparigas é o conteúdo que dá significação ao processo. As diferenças são assim óbvias: a anatomia, a natureza do sexo com quem se comparam e os pais do mesmo e do outro sexo. Em resumo, todas as identificações e reciprocidades que dão significado à diferença genital." (op. cit. in, p.303).

O autor acrescenta que, na adolescência, estes aspectos são revividos pelas mudanças e transformações fisiológicas, provocando um impacto nas funções psíquicas, nos conteúdos mentais e nas relações objectais.

Ainda para Grossman, “...as vicissitudes da agressividade e da frustração na criança pequena, têm um impacte importante na descoberta precoce dos genitais e podem perturbar o processo de separação e individuação e da formação da auto-representação, provocando uma deformação do narcisismo arcaico para uma ansiedade de castração e inveja do pénis....A inveja do pénis que encontramos na clínica, surge na formação da estrutura psíquica e submete-se a transformações em cada ponto de integração da diferenciação sexual.” (op. cit. in, p.303).

Para **Danièle Brun** (1987), apesar da anatomia sexual pertencer à realidade externa, o conceito de bissexualidade é do domínio da realidade interna do inconsciente e o que Freud estudou foram as consequências psíquicas da tomada de consciência da existência de uma diferença de sexos.

Brun apoia-se nos enunciados de Freud descritos nas cartas a Fliess, quando o primeiro afirma que o elemento essencial recalcado é sempre da ordem do feminino (25/5/1897) e que se direcciona ao masculino (15/10/1897). Freud posteriormente afasta-se de Fliess, quando considera que o recalçamento se produz através da emergência de representações bissexuais incompatíveis. A consciencialização da diferença anatómica entre os dois sexos conduz, nos rapazes e nas raparigas, a um movimento de denegação que se assemelha ao movimento de recalçamento observado pelos homens e mulheres, perante a tomada de consciência do feminino.

Wainrib (1993) acerca deste assunto escreve: “A recusa do feminino pode-se compreender como a recusa que persiste, dentro de uma parte da mente, de integrar um conhecimento”. (Wainrib,1993, p.1688) A partir do momento em que homem e mulher olharam para a sua nudez, puderam reconhecer a mortalidade e a incompletude humana que os separa do reino dos Deuses, e reconheceram a diferença de sexos: “O corpo sexuado é um corpo mortal.” (op. cit. in, p.1688), uma vez que a diferença de sexos marca a existência do Outro, deixando este Outro de ser um objecto manipulável, à

disposição e ao sabor do desejo do próprio. “ A dor do parto constitui o acto da separação mãe-bebé como paradigma do sofrimento da existência.” (op. cit. in, p.1689). Por um lado, a dor da mãe em perder o seu objecto de completude narcísica, por outro, dor na criança ao tomar consciência da sua não exclusividade em relação à mãe, da sua separação em relação a esta, através da existência de um pai, uma “serpente paterna” que seduz a mãe, instalando-se o princípio da realidade como substituto do princípio do prazer.

Retomando Brun, esta autora considera que, em Freud, a configuração do corpo da mulher é tão central, como a figuração do corpo da mãe. Perante a observação da relação mãe-filha, Freud postula que a identificação da filha à mãe se faz por reacção a uma desistência desta como objecto de amor.

A partir daqui, Brun coloca a questão: “... se a presença da permanência da ligação à mãe, que se constitui como obstáculo à aceitação do feminino na mulher, é suficiente para sustentar a recusa do feminino no homem.” (Brun,1993, p.1513) De facto, para Freud o desenvolvimento do feminino baseia-se na qualidade do vínculo amoroso da relação mãe-filha, uma vez que para o autor a imagem da mãe é tida como algo de “ incidioso, infiltrante e intocável” (op. cit. in, p.1513).

No entanto, esta relação mãe-filha não permanece eternamente idílica; com a entrada do terceiro, com a introdução do pénis nesta relação, ocorre uma decepção nesta, com ruptura do vínculo amoroso, apoiando-se doravante a filha no pai, na sua relação com este. Percebe-se assim a natureza do masculino nas considerações Freudianas sobre o feminino.

“É necessário efectuar sobre o feminino um duplo trabalho de reconhecimento e de exclusão. O feminino é consequência de uma transformação feita a partir do recalçamento, em que a inveja do pénis constitui, para ambos os sexos, a forma de retorno do feminino recalçado.” (op. cit. in, p.1516)

Percebe-se que na reedificação das suposições iniciais, existe, da parte destes autores recentes, uma preocupação em atribuir uma dimensão mais interna e psicológica ao feminino de Freud. A questão do feminino não se constitui só e exclusivamente como uma diferença activo-passivo e anatómica, construída a partir da bissexualidade psíquica. O seu destino também não conduz apenas ao desenvolvimento do Édipo e do Super-ego. O feminino não se extingue nas consequências psíquicas da consciencialização da diferença de sexos.

Actualmente, o feminino não é estudado unicamente como uma qualidade que estrutura o corpo sexual e a imagem desse corpo, mas também como uma função psíquica, cujos alicerces se encontram na relação objectal mais precoce, na relação mãe(seio materno)/bebé. Este, não se identifica exclusivamente à mãe, ao seu lado feminino, para depois se tornar numa rapariga ou num rapaz; identifica-se também às qualidades femininas(masculinas) do casal parental. Esta reciprocidade de identificações que progridem no interior da relação materna, permitem, ao bebé organizar e transformar as suas emoções mais significativas e, deste modo, estruturar o seu ser. O feminino é agora perspectivado como parte constituinte de todo o processo de estruturação e desenvolvimento do ser pensante.

Encontramo-nos assim de acordo com Torsti, quando a autora enuncia que a importância do feminino reside, principalmente, na possibilidade que este tem em fazer emergir um espaço psíquico que origina o mundo mental conceptual, abrindo-se, deste modo, uma nova visão ao conceito do feminino. Este, deixa de corresponder a uma aquisição decorrente da constatação da diferença de sexos, mas passa a fazer parte integrante de todo um processo muito anterior, de toda uma experiência de relação, da relação mais precoce mãe(seio materno)/bebé.

Observa-se, no sentido Bioniano, uma mudança catastrófica, uma mudança de sentido da perspectiva do feminino. Apesar da existência de uma bissexualidade psíquica, o feminino não se extingue nas qualidades de sujeito passivas, castradas e masoquistas em comparação e oposição às qualidades masculinas activas e poderosas. A posição feminina herdeira de uma posição masculina (dada a libido ser activa e, como tal, masculina), como um lugar que a criança, activada pela castração, ocupa ao substituir o pai pela mãe (no caso da rapariga, quando esta deseja receber bebés do pai e, no caso do rapaz, quando dirige libidinalmente os seus desejos à mãe), corresponde a uma ideia que, não obstante ser considerada e respeitada, merece ser desenvolvida. Não se trata apenas de uma troca de lugares, mas de uma série de mecanismos e processos mentais que organizam e estruturam o ser.

O interesse do feminino não se exclui no dilema da bissexualidade psíquica de “ter ou não ter pénis”. Com o desenvolvimento teórico pós-Freudiano do feminino, situamo-nos mais próximo do dilema Shakespereano do “ser ou não ser!”

Dentro da ideia da bissexualidade psíquica inata activo/passivo, masculino/feminino, o feminino passivo relaciona-se, em Freud, com o recalçamento e, em Deutsch, com qualidades de culpa e de frustração, conduzindo estas últimas às tendências de sublimação. Actualmente acreditamos que a bissexualidade psicológica advém da identificação do bebé ao casal parental combinado e das respostas que o meio desenvolve ao bebé, de acordo com o seu sexo. O desenvolvimento das qualidades do feminino deixa igualmente de se restringir ao corpo anatómico, à constatação da diferença de sexos. Nesta perspectiva recente, o feminino desenvolve-se no seio de uma relação objectal, em que o reconhecimento da diferença de sexos nas fases oral e anal com características masculinas e femininas, permite organizar as diversas experiências nos níveis de diferenciação e estruturação psíquica. O reconhecimento da diferença de sexos, que ocorre

cerca dos 15 meses, permite ao bebé constituir a sua auto-imagem corporal e separar-se da mãe, ou objecto materno equivalente. Esta estruturação possibilita ainda a distinção entre Eu e Outro, em que o Outro deixa de estar à total disposição dos desejos do Eu, instalando-se o Princípio da Realidade em detrimento do Princípio do Prazer. Consequentemente, classificam-se e re estabelecem-se as relações de objecto, com diferenciação de gerações, aspectos estes a serem posteriormente integrados na adolescência.

Deste modo, compreende-se que o feminino se inscreve agora num processo objectal e objectalizante na procura de novas relações objectais, novas significações de verdade, das quais extrai o sentido da existência, da sua identidade subjectiva e sexual, da sua identificação ao seu ser, e ao seu ser com.

Esta alteração ocorre, inicialmente com Klein, sendo posteriormente desenvolvida por Winnicott, antes de chegarmos às considerações mais actuais da Escola Psicanalítica Francesa. Prossequimos, deste modo, com uma descrição das principais ideias de Klein e Winnicott sobre o feminino.

3. Algumas Perspectivas não Freudianas

3.1. Melanie Klein

Melanie Klein situa-se entre o grupo de psicanalistas com ideias diferentes de Freud no que concerne ao desenvolvimento do feminino, apesar de concordar com a suposição inicial de Freud, de que o feminino ocorre a partir das primeiras identificações egóicas.

No seu artigo "The Oedipus Complex In The Light Of Early Anxieties" de 1945, Klein resume as suas ideias sobre o desenvolvimento do Super-ego nos rapazes e nas raparigas, embora as antecipe no tempo em relação a Freud e Deutsch. Para Klein, os primórdios do complexo de Édipo em ambos os sexos não ocorrem no terceiro ano de vida, mas no primeiro ano, na relação mãe/bebé, durante a amamentação. "A relação com o seio materno é um dos factores essenciais que determinam todo o desenvolvimetro emocional e sexual." (Klein 1945, p. 407).

Para a autora, certas ansiedades e defesas precoces fazem parte da posição depressiva e têm uma relação com o desenvolvimento libidinal. Desde cedo que líbido e agressividade estão fundidas, dando origem a que o desenvolvimento libidinal seja grandemente influenciado pela ansiedade resultante desta agressividade. Em determinadas alturas, estes sentimentos depressivos de culpa e ansiedade dirigem a líbido num sentido positivo para novas fontes de gratificação; outras há, em que impedem o desenvolvimento libidinal, provocando uma fixação a um estadio ou a um objecto de uma fase anterior.

Nas fases mais precoces do desenvolvimento libidinal, a definição de objectos e objectivos não é tão clara como nas últimas fases. Deste modo assiste-se a uma grande oscilação destes, o que para Helen Deutsch explica determinadas formações reactivas e o aparecimento de sintomas específicos.

A partir da relação com o seio materno e da procura de novas zonas de gratificação inerentes ao desenvolvimento da libido, o bebé é levado a substituir o primeiro objecto de prazer (o seio) pelo pénis do pai. Apesar daquilo que a criança procurar ser uma “gratificação ilimitada” (Klein, p. 408), a procura de novas fontes gratificadoras não se dá por acaso; ela tem por base uma frustração que deriva não só de factores internos como também é inerente a toda a experiência. Desta forma, a frustração que o bebé experiencia na relação com o seio, conduz a que tanto rapaz como rapariga procurem novas zonas de gratificação oral, dirigindo-se ambos para o pénis do pai: “O seio e o pénis são, conseqüentemente, os primeiros objectos dos desejos orais das crianças”. (op. cit. in, p.408)

Quando a frustração e a gratificação exteriores configuram a relação com o mau seio odiado e o bom seio amado, o bebé, de modo a adaptar-se a esta dicotomia bom/mau, acaba por idealizar o bom seio e a boa mãe e odiar o mau seio e a má mãe, tornando-se (este último) “no protótipo de todos os objectos persecutórios e ameaçadores.” (op. cit. in, p.408)

O bebé posteriormente transfere estes sentimentos para o segundo objecto eleito - a relação com o pénis do pai. Se por um lado, a frustração sentida na relação anterior aumenta a esperança de amor e de gratificação para este novo objecto, por outro, qualquer desilusão provoca uma regressão ao estadio anterior, contribuindo para uma oscilação e flutuação dos estados emocionais e dos estadios de organização libidinal.

As pulsões agressivas estimuladas e reforçadas pela frustração, fazem com que o bebé, através da utilização do mecanismo de identificação projectiva, transforme as vítimas das suas fantasias agressivas em figuras destruídas e vingativas. Estas, ameaçam-no com o mesmo sadismo com que o bebé utilizou para atacar os seus pais na fantasia. Deste modo, cheio de maus objectos internos, o bebé sente-se bastante inseguro, o que o leva a procurar um novo objecto que, ao mesmo tempo, lhe seja querido e amado.

Para a autora “Este movimento de vaivém entre os vários aspectos das primeiras imagos implica uma estreita interacção entre os estadios precoces do complexo de Édipo positivo e invertido.” (op. cit. in, p. 409)

A introjecção das imagos materna-seio e paterna-pénis na fase oral corresponde às primeiras identificações que o Ego vai desenvolver e ao núcleo que forma posteriormente o Super-ego. Como atrás referido, assiste-se a um movimento simultâneo entre introjecção de objectos externos com projecção de objectos internos no mundo exterior e esta oscilação permite perceber que a formação do complexo de Édipo e do Super-ego estão intimamente relacionadas.

Quando Klein postula que os desejos genitais se confundem com as pulsões orais e que as crianças têm um conhecimento inconsciente do pénis e da vagina, pode-se perceber como estes constituem os estadios precoces do complexo de Édipo, embora mais na rapariga do que no rapaz. As primeiras sensações genitais no rapaz, constituem a base da expectativa e do desejo do pénis parental, e através da equação pénis=seio, promovem a procura de um orifício para inserir o pénis - a vagina; na rapariga, estas primeiras sensações genitais implicam o desejo de ter um continente para receber o pénis do pai - a vagina.

Para a autora, todo o desenvolvimento libidinal é influenciado por sentimentos de ansiedade, culpa e agressividade que, por sua vez, conduzem a sentimentos de reparação. Ou seja, quando a criança, através das suas fantasias sádicas, pensa que o pénis destrói a mãe - o seu objecto de amor -, a culpa daí emergente funciona como um motor de reparação, e a criança, através das fantasias reparadoras, restaura os danos efectuados. Percebe-se assim que “o desejo de dar e receber gratificação libidinal é elevado pela pulsão de reparação.” (op. cit. in, p.410)

No entanto, toda a reparação inibe o desejo libidinal uma vez que, predominando a agressividade, "os desejos libidinais aparecem à criança tão ameaçadores como os seus objectos de amor, devendo por conseguinte ser reprimidos". (op. cit. in, p. 410) Percebe-se, assim, como o desenvolvimento não é de forma alguma estanque, mas sim, um processo dinâmico, em constante interacção entre objectos internos, objectos externos e desenvolvimentos libidinais e reparadores, entre outros.

Para Klein, tal como para Freud, o desenvolvimento genital da rapariga centra-se no desejo feminino de receber o pénis do pai, no desejo inconsciente de receber bebés do pai, levando a que as suas fantasias e emoções se construam em torno dos seus objectos internos, do seu mundo interno.

No rapaz, a posição feminina encontra-se dependente da relação ao seio materno, sob o primado das pulsões orais, uretrais e anais, influenciando as futuras relações com ambos os sexos.

Na rapariga, os desejos orais em relação ao pénis do pai misturam-se com os primeiros desejos genitais de receber um pénis e daí a equação pénis=bebé. O desejo feminino de interiorizar um pénis e de receber um bebé do pai precede, assim, o desejo de ter um pénis; deste modo, compreende-se que, no desenvolvimento da rapariga, a posição feminina preceda a posição masculina.

No entanto, ao desejo de receber um pénis do pai, associa-se um desejo de roubar a mãe, de lhe roubar o pénis e os bebés do pai, característico da rivalidade edipiana. Mas, este último desejo traz alguma ansiedade, uma vez que a rapariga, ao pensar que pode roubar a mãe, tem ao mesmo tempo medo que a mãe se possa vingar, atacando o seu corpo e roubando-lhe também os seus objectos internos. Compreende-se pois, que o que aproxima a rapariga da mãe, não é tanto o desejo fálico-edipiano de receber um

“pénis=bebé” que a mãe tem do pai, mas a resultante projecção dos seus ataques sádicos à mãe, o medo que a rapariga tem da retaliação - da mãe vingativa que a ataca e lhe destrói o seu corpo e os seus objectos internos. Por outras palavras, o pénis do pai é vivido como pertencente ao interior do corpo da mãe e quando a rapariga dirige os ataques sádicos à mãe, de forma a lhe roubar o objecto cobiçado, ela tem medo da retaliação da mãe, da eventual destruição dos seus órgãos internos e também tem medo que esta lhe possa roubar os seus bons objectos internos.

Se para Freud, o afastamento da mãe se deve ao complexo de Édipo e à culpa na rapariga, e ao medo da castração no rapaz, em Klein tal não é possível, uma vez que no caso da rapariga, tanto Édipo como a culpa, num movimento de compensação dos danos provocados, protegem a figura da mãe. Para Klein, as defesas contra o feminino originam-se não nas orientações masculinas, mas a partir do medo que as raparigas e os rapazes têm da mãe, impedindo-os de se aproximarem da mãe e desenvolverem assim o Édipo. A esta inveja que a rapariga sente em relação à mãe, de conter bebés do pai, corresponde a forma positiva do complexo de Édipo (ao contrário do rapaz em que esta inveja torna o complexo de Édipo negativo) e, segundo a autora, “...constitui um factor essencial durante o seu desenvolvimento sexual e emocional, desempenhando um efeito importante não só na identificação com a mãe, na relação sexual desta com o pai, como também na identificação com o seu papel maternal”. (op. cit. in, p. 414)

Ao contrário de Freud, em que a inveja do pénis tem um papel fundamental na aquisição da atitude feminina (dado a atitude inicial em ambos os sexos ser sempre masculina), para Klein o desejo de possuir um pénis, apesar de característico da bissexualidade na rapariga (como é o desejo dos rapazes em serem uma mulher), é secundário ao desejo de receber um pénis. Este desejo (de receber um pénis), é também engrandecido pela frustração da posição feminina, e pelos sentimentos de ansiedade e culpa que a rapariga sente na situação edipiana positiva. Ainda para Klein, “A inveja do pénis na

rapariga esconde, em certa medida, o desejo frustrado de substituir o lugar da mãe na relação com o pai e de receber filhos dele". (op. cit. in, p.414)

Klein, tal como Freud, considera que uma das razões pela qual as crianças se afastam da mãe é o rancor proveniente da frustração oral, e a inveja que sentem da satisfação oral que os pais tiram da relação sexual. A estes factores adiciona-se ainda a equação seio=pénis, que os leva a voltarem-se para o pénis paterno, na segunda metade do primeiro ano de vida. Enquanto a rapariga deseja receber um pénis=bebé do pai, o rapaz procura nele uma fonte de gratificação libidinal de "bebés" e de poder, identificando-se a este pai bom e criador.

No rapaz, a posição feminina - a relação com o seio materno - constitui igualmente a base de todas as futuras relações. Ao experimentar o bom seio como o bom objecto, o rapaz é capaz de transportar os desejos libidinais e amorosos aí vivenciados para o pénis paterno, transformando-o num objecto interno positivo e criador, fonte de gratificação libidinal e, também, reparadora, de dar bebés "tal como (o pai) faz com a mãe ". (op. cit. in.p.411) Identificando-se a este bom pai, estabelecem-se as condições para o desenrolar de um Édipo positivo, com emergência dos primeiros desejos genitais dirigidos à mãe. No entanto, estes desejos genitais comportam em si uma ameaça advinda dos impulsos sádicos orais da relação anterior. A rivalidade e o ódio sentido em relação ao seio materno, de destruir o interior da mãe que ele tanto teme, dirige-se agora ao pénis paterno com o desejo de o morder, transformando-se este num objecto interno hostil e castrador. Consequentemente, aumenta o medo de ser atacado pelo casal parental combinado. A cada ataque ao seu interior, executado a partir do seus objectos internos persecutórios, corresponde um ataque ao seu próprio pénis. Deste modo, o rapaz não só quer preservar o seu pénis como também, os seus conteúdos: o seu xixi, o seu cócó e "...os bebés que ele quer fazer crescer na posição feminina e os bebés - em identificação com o

pai bom e criador - que ele quer produzir na posição masculina.” (op. cit. in p.412)

A simultaneidade da interiorização de bons e maus objectos, leva-o a viver uma situação de expectativa de ameaça interna contra os seus bons e amados objectos que, colocados permanentemente em causa, reforçam o medo constante de ser castrado.

O predomínio das fantasias sádicas, capazes de transformar os seus conteúdos em agentes envenenadores e perigosos, em conjunto com uma identificação a um mau pai interno, constituem uma aliança contra o interior da mãe, diminuindo a crença na sua qualidade genital reparadora e produtora. São, por esta via, robustecidos os impulsos agressivos e a relação amorosa à mãe destrutiva, sobrepondo-se, por conseguinte, o ódio ao amor. Aumentam as ansiedades de castração, tornando-se necessário a repressão dos desejos e pulsões libidinais. Deste modo, observa-se uma regressão a um estadio anterior e uma dificuldade em se identificar a figuras potentes.

No entanto, como referido anteriormente, se predominar uma boa relação com o objecto materno e interiorizadas as suas boas funções, prevalecem as pulsões amorosas e a transformação dos seus conteúdos internos em presentes - bebés - reparadores. O rapaz que contém o bom seio e o bom pénis vê assim fortalecida a sua auto-estima, sentindo-se agora autónomo para reinar sobre as suas pulsões e identificar-se ao bom pai. Então, com todas as suas qualidades reparadoras e criadoras, o rapaz confronta sem medo a castração. Destemido, consegue estabelecer uma posição genital estável e sublimar a potência em novas actividades e interesses e, deste modo, no futuro, adquirir a sua potência, o seu próprio poder.

Mais uma vez se constata que em ambos os sexos, a posição feminina precede a posição masculina e que “o desenvolvimento emocional da criança, as defesas precoces que se constituem debaixo do conflito entre ódio, amor e culpa e as vicissitudes das identificações da criança ... permitem perceber a personalidade, o que implica uma compreensão básica do complexo de Édipo e do desenvolvimento sexual no seu todo.” (op. cit. in, p.419)

Percebe-se agora como o feminino se constrói a partir do desenvolvimento das instâncias super-egóicas que, por sua vez, dependem intensamente de sentimentos de ansiedade, culpa e agressividade, já que o medo principal da rapariga diz respeito ao interior do seu corpo. (Smirguel, 1970/1992) A posição da rapariga no que respeita aos seus objectos, a função receptiva do aparelho genital feminino e a grande importância das pulsões orais, fazem com que a introjecção do Super-ego jogue um papel preponderante na rapariga e com que a ausência do pénis activo acentue a submissão ao Super-ego. O rapaz investe o seu próprio pénis e a rapariga o pénis introjectado. A dependência feminina dos seus objectos internos conduz à intensificação da ameaça do Super-ego. A rapariga encontra mais obstáculos que o rapaz na identificação e na formação do Super-ego.

O núcleo do conflito Edipiano precoce constitui-se, então, a partir das primeiras frustrações orais do objecto materno - o seio que priva, com uma consequente mudança de investimento objectal para o pai - o pénis que alimenta. Concomitantemente a esta mudança de investimento objectal, assiste-se a uma confusão entre as pulsões orais (incorporação oral do pénis) e genitais (visuallização do pénis), iniciando-se, deste modo, a construção da noção de interditos, de instâncias super-egóicas.

Na rapariga, a formação do Super-ego, depende das identificações às figuras parentais, e a identificação à figura materna mistura-se com atitudes femininas: enquanto que a posição masculina advém da identificação ao pai,

como possibilidade de adquirir um pênis, competindo a filha com o pai no que concerne às suas aspirações e sublimações, a posição feminina, caracteriza-se pelo predomínio de desejos sexuais de ter um bebê, de interiorizar um pênis do pai. Nesta posição, a rapariga submete-se ao pai admirado, interiorizado.

No entanto, à formação super-egoica de um pai idealizado, corresponde um pai castrante e uma mãe persecutória: de modo a reduzir a ansiedade sentida, a rapariga interioriza uma boa mãe, o que lhe possibilita a identificação à sua atitude materna, e proteger maternalmente a figura do pai. Percebe-se assim porque a relação pai-filha dependa inicialmente da relação primária com a mãe, da sua relação com a imago materna.

Klein compara ainda as suas reflexões com as de Freud, justificando a razão das suas divergências, colocando-as sobretudo, na situação Edipiana:

a) Para Freud os desejos edipianos e a escolha objectal ocorrem essencialmente na fase fálica em que o primado genital corresponde ao falo. Esta fase coincide com a situação edipiana entre os 3 e os 5 anos de idade da criança. Para Melanie Klein o desenvolvimento sexual e emocional das crianças de ambos os sexos é anterior; as crianças experimentam as primeiras sensações genitais no primado oral, misturando-se estas com desejos e fantasias anais e uretrais. Estas sensações e orientações constituem ainda os primeiros estádios do complexo de Édipo, mesmo que a situação Edipiana positiva só atinga o seu auge no primado genital;

b) Se para Freud o rapaz e a rapariga têm um conhecimento precoce do pênis, o mesmo não acontece com a vagina; este conhecimento só é alcançado na puberdade.

Para Klein, as crianças dos dois sexos têm desde cedo desejos genitais em direcção à mãe e ao pai, tendo conseqüentemente um conhecimento inconsciente precoce da vagina e do pênis.

c) Para Freud o complexo de castração em ambos os sexos promove o desenvolvimento da situação Edipiana em que a ansiedade predominante é a perda do amor, o medo da morte da mãe. O desenvolvimento do Super-ego e do sentimento de culpa forma-se assim em ambos os sexos a partir do complexo de Édipo.

Melanie Klein está em perfeito desacordo com esta formulação. Para a autora, o desenvolvimento do Super-ego é também precoce, sendo o precursor da sua formação a interiorização dos conflitos emocionais e das fantasias, que decorrem da primeira relação entre bebé e seio materno. O sentimento de culpa, emoção primitiva do bebé, além de não surgir do Édipo, está na base da sua formação. A culpa origina-se na relação precoce bebé/seio materno, a partir dos desejos orais sádicos de devorar o seio materno. Esta relação influencia fortemente a relação correspondente ao pénis paterno.

Os sentimentos de ansiedade, culpa e depressão, intrínsecos à vida emocional do bebé, promovem as primeiras relações objectais, com introjecções resultantes das identificações do bebé a estes objectos. Estas introjecções constituem, assim, o pilar de formação do Super-ego que, por sua vez influencia a relação com os pais e o desenvolvimento sexual futuro. O complexo de Édipo resultante da interiorização da realidade externa - da identificação às figuras parentais - reflecte então as imagos internas interiorizadas. Para a autora, "o desenvolvimento emocional e sexual, as relações de objecto e o desenvolvimento do Super-ego interagem desde início". (Klein, 1945, p.419)

d) Em Freud, o complexo de Édipo no rapaz forma-se a partir da interiorização da autoridade parental. A culpa só aparece claramente a partir da formação do Super-ego, correspondente a uma tensão entre este e o Ego.

Em Klein, no rapaz, o medo de castração inicia-se em simultâneo com as sensações genitais; ao desejo de castrar o pai, de lhe morder o pénis,

corresponde o medo da sua retaliação, do seu pênis ser também mordido e atacado.

Klein, apesar de concordar com Freud quando este postula que o medo da castração é a ansiedade predominante na situação masculina, discorda com a ideia de esta constituir o factor único que provoca o recalçamento do complexo de Édipo; como referido anteriormente, o complexo de Édipo é influenciado por ansiedades provenientes de diversas fontes; o medo de castração só atinge o seu auge no complexo de Édipo.

O rapaz, ao mesmo tempo que tem um desejo de castrar e morder o pênis do pai (em consequência das suas pulsões genitais), sente um sentimento de pena e arrependimento por ter danificado a imagem paterna, de não a ter protegido, uma vez que o pai é uma fonte de força, um ideal que protege e guia o filho.

Consequentemente, o sentimento de culpa que o rapaz experiencia (culpa de frustrar e matar o pai, culpa de colocar a mãe numa situação de perigo pela rivalidade sentida com o pai e que a morte deste seja uma perda irreparável para a mãe), reprime os seus desejos genitais.

Apesar de Freud considerar que o rapaz tem desejos libidinais por ambos os pais, não deu importância ao papel do amor do pai no desenvolvimento e na ultrapassagem do complexo de Édipo.

Em Klein, a figura paterna é fundamental para a resolução Edipiana, uma vez que esta se faz, ou pelo medo da retaliação de um pai poderoso, ou pela presença de sentimentos de culpa que preservam interna e externamente a figura paterna.

e) Segundo Freud, os sentimentos maternos na rapariga têm origem na fase pré edipiana, pela existência de uma forte ligação à mãe e à identificação à figura materna que provém do complexo de Édipo. No entanto, Klein considera que para além de Freud não explicar como é que esta identificação se processa e qual a sua influência no desenvolvimento Edipiano da rapariga, os primeiros sentimentos de amor e ódio em relação à mãe se desenvolvem a partir do momento da amamentação.

Apesar da autora concordar com Freud, quando este postula que a inveja do pénis e o complexo de castração (o ódio que a rapariga tem à mãe por esta não lhe ter dado um pénis) têm um papel essencial no desenvolvimento emocional e sexual da rapariga, estes sentimentos só são reforçados pela frustração dos desejos libinais positivos.

O complexo de castração e a inveja do pénis aparecem por duas razões:

A rapariga deseja ter um órgão sexual que possa ser submetido à prova da realidade, de modo a confirmar ou infirmar os ataques contra o interior do seu corpo, a vagina;

A rapariga identifica-se ao pénis do pai de forma sádica, como uma maneira de se vingar da mãe, da frustração oral a que esta a obrigou, destruindo-a.

Este movimento é muitas vezes ligado à enurese (banhando e consumindo o corpo maternal ao lado de um pénis sádico) e constitui a versão agressiva da sua homossexualidade. No entanto, a identificação ao pai permite reparar os danos causados à mãe, devolver o pénis roubado.

Estas posições podem influenciar definitivamente o destino sexual das raparigas.

Tanto para Freud como para Klein, a rapariga sente-se castrada por a mãe não lhe dar uma satisfação oral, um pénis; no entanto, enquanto que para Freud a inveja do pénis corresponde a uma falha narcísica, um modo de compensação, para Klein, o desejo do pénis corresponde a um desejo libidinal de obter uma satisfação oral (seio/pénis), situando-se esta perspectiva próximo da de Karen Horney. Enquanto que o rapaz investe o seu próprio pénis de forma onnipotente e narcísica, a rapariga faz o mesmo, mas com o pénis parental introjectado. No entanto, esta incorporação não é pacífica e traz consigo ameaças de retaliação, conduzindo à formação do Super-ego.

Smirguel comenta que a incorporação do pénis constitui em ambos os sexos o núcleo do Super-ego paterno, e que a rapariga, pela qualidade das suas pulsões femininas receptivas, tem uma maior tendência para incorporar e conservar o objecto edipiano (o pénis) da mãe e se submeter a ele. Daí, o seu Super-ego ser muito mais poderoso que o do rapaz: "A ambivalência advinda da observação do pénis introjectado pode conduzir a rapariga, e mais tarde a mulher, a multiplicar as suas experiências sexuais ou fantasmáticas, de modo a introjectar o bom pénis para combater o mau pénis introjectado." (Smirguel, 1970/1992 p.53)

O acto sexual, a gestação de um filho saudável e a capacidade de amamentar constituem-se como uma forma de combater a angústia, a angústia de destruição do seu corpo. O prazer que a mulher retira destes actos ultrapassa o desejo libidinal e atenua a angústia.

Para Klein, o masoquismo feminino corresponde ao retorno do sadismo contra os maus objectos interiorizados - podendo conduzir a uma actividade sexual compulsiva. No entanto, a incapacidade do Eu em ultrapassar a angústia pode conduzir à frigidez. Por fim, os ataques ao interior da mãe e a culpa daí advinda conduzem a um movimento de reparação, movimento este que constitui a base do mecanismo de sublimação na mulher.

Tanto em Freud como em Klein, as posições materna e feminina em ambos os sexos encontram-se estreitamente ligadas à situação edipiana, embora sob pontos de vista diferentes. Ambos parecem concordar com o facto de a relação primária com a imago materna, quer nos rapazes como nas raparigas, ser determinante para o estabelecimento e desenvolvimento das relações seguintes.

No entanto, para Freud os elementos masculinos precedem os femininos em ambas as crianças, mesmo na rapariga, apesar de considerar que a relação desta com o pai é determinada pela relação anterior pré-edipiana com a mãe. Na rapariga primeiro surge a inveja daquilo que não tem: o pénis. Só

posteriormente é que emerge a necessidade de substituir a falha, pela aquisição do pénis paterno, sob a forma de bebés.

Klein, em oposição, considera que a posição feminina precede a masculina. Surge, inicialmente, a vontade de suprimir a falha, de receber um pénis, embora de uma forma incorporativa oral, de um pénis/seio que alimente, e não apenas, como um bebé que preencha. Trata-se ainda de uma falha que decorre, não da inveja do pénis, mas sim da frustração suscitada pela privação do seio que nutre. Ou seja, no lugar da inveja do pénis de Freud, surge a frustração em Klein, situando-se nesta dialética, o cerne da questão entre estes autores.

A passagem da posição feminina para a posição masculina, a passagem do primeiro objecto de amor (materno) para o segundo objecto de amor (paterno) cria-se a partir de um sentimento de frustração vivenciado na primeira relação com o seio materno.

É nesta experiência de frustração que se inicia toda a transformação, crescimento e desenvolvimento do aparelho mental, que Bion amplia ao aparelho conceptual, ao aparelho de pensar pensamentos. Da frustração nasce a agressividade, a culpa, a reparação, desenvolve-se a dicotomia bom/mau mental, nasce o desejo e a esperança de novos objectos e, por fim, emergem as primeiras figuras super-egóicas. Estas criam-se tanto nas suas vertentes protectoras como persecutórias, constituindo o núcleo das primeiras identificações que o Ego vai desenvolver. O sentimento de frustração constitui-se como um sentimento impulsionador de todo o crescimento mental, da procura da verdade a que foi privado e não teve acesso.

A frustração da satisfação da primeira relação objectal conduz, assim, a todo o desenvolvimento da mente e da capacidade de pensar. A frustração das primeiras experiências emocionais cria, no bebé, uma série de novos sentimentos que ele resolve através da identificação à figura materna, deixando para depois o desejo libidinal de possuir um pénis do pai,

construindo-se, por conseguinte, no mundo interno do bebé, o núcleo do materno e do feminino. Começamos agora a apreender os primeiros esboços do feminino, não apenas como um conjunto de identificações à figura da mulher/mãe, mas também, como fazendo parte integrante de uma qualidade psicológica, de todo o desenvolvimento interno da mente.

Prosseguimos com os postulados Winnicotianos, dado que estes contribuem de forma importante para o aperfeiçoamento desta questão do materno e do feminino.

3.2. Winnicott

Winnicott contribuiu de forma importante para o desenvolvimento da teoria do materno e feminino; no seu trabalho como analista depara-se com a presença em ambos os sexos da noção Freudiana de “predisposição em direcção à bissexualidade” (Winnicott, 1971/1993, p.76).

No desenvolvimento da sua obra, nomeadamente no artigo “Criatividade e as suas Origens” descreve a existência de elementos femininos puros e de elementos masculinos puros em ambos os sexos. No entanto, a sua linha de pensamento teórico situa-se na continuação da inicialmente desenvolvida por Klein e não por Freud, no sentido em que os elementos femininos precedem os elementos masculinos.

Para Winnicott os elementos femininos puros e masculinos puros desenvolvem-se dentro da relação objectal: enquanto os elementos femininos puros se caracterizam pela coisa tal qual como ela é, pela noção do sentido da existência, os elementos masculinos puros têm por base uma actividade instintiva e são eles que permitem a possibilidade do estabelecimento de uma relação, quer pela forma activa, quer pela forma passiva de estar relacionado ao Outro.

O autor nega ainda a participação do processo de “*imprinting*” no desenvolvimento das relações objectais mais precoces, pois o que possibilita este desenvolvimento, a base da pulsão do bebé para o seio, para a amamentação e para as consequentes experiências relacionadas com as zonas erógenas, são os elementos femininos e masculinos. “A minha sugestão é de que o elemento feminino puro se relaciona com o seio (ou com a mãe) no sentido em que o bebé se torna no seio (ou na mãe), no sentido em que o objecto é o sujeito” (op. cit. in, p. 79). A noção de objecto subjectivo refere-se ao sentimento do objecto se sentir imerso no Outro, de não ser o não-objecto. É a partir deste objecto subjectivo que se desenvolve o sujeito objectivo, o Eu e a sensação de que o real emerge a partir do ser, da existência, da identidade. “O sentimento de ser é algo que antecede a ideia de ser-um-com uma vez que não existiu nada ainda excepto a identidade e o bebé e o objecto são um” (op. cit. in, p.80).

A unidade bebé-objecto que o bebé experiencia corresponde à identificação primária, experiência fundamental que se encontra na base de futuras identificações. Se, por um lado, o elemento feminino puro concretiza a primeira experiência, a experiência do ser, da unidade objecto/sujeito indiferenciado, por outro, o elemento masculino puro corresponde ao não-eu, ao Outro, existindo, deste modo, uma separação entre objecto e sujeito, com a entrada de emoções e sentimentos de zanga, de zanga relativa à frustração, possibilitando assim a objectivação do objecto.

Compreende-se que no elemento feminino puro a estruturação mental seja extremamente simples, dado que o processo de identidade corresponde a uma característica precoce, como que adquirida passivamente a partir do nascimento. O mesmo já não acontece no elemento masculino puro; a estruturação mental é já mais complexa, uma vez que para que se estabeleça o processo de identificação, torna-se necessário o aparecimento e desenvolvimento de um equipamento mental já mais específico. Por outras

palavras, Winnicott descreve o elemento feminino como sendo("being") e o elemento masculino como fazendo("doing"). "O elemento masculino faz("does") enquanto que o elemento feminino (nos homens e nas mulheres) é("is")." (op. cit. in, p. 81).

No entanto, a existência de elementos femininos em relação com o seio não aparece isoladamente; depende de factores externos tais como uma mãe suficientemente boa ou uma mãe não suficientemente boa. Esta, ao desempenhar a função de objecto transitivo, transmite ao bebé o sentimento de que o objecto não é criado por ele (bebé) mas que existe em si e por si. Isto é, quando a mãe representa um seio tal qual ele é, um seio que "é", numa fase de indiferenciação mãe-bebé, em que o seio é o Eu e o Eu o seio, o bebé também pode vir a "ser". Quando a mãe não possibilita esta representação, o bebé ou desenvolve esta capacidade de forma insuficiente, ou não a desenvolve mesmo.

Através do elemento feminino puro forma-se a noção do ser, base do conhecimento e do sentido da existência, bem como a noção de um dentro, da possibilidade de utilizar um continente interno que articula mecanismos de projecção e de introjecção e finalmente, de se relacionar com o mundo através destes mesmos mecanismos.

O elemento feminino é o Eu, partilha as qualidades do seio e da mãe e é desejável, comestível, excitável de forma a permitir a entrada dos elementos masculinos.

Ainda para o autor, o bom seio simboliza a função materna, função esta que permite o desenvolvimento da bissexualidade.

3.3. Síntese

A partir de Freud, da ideia da existência de uma bissexualidade psíquica inata para ambos os sexos, assiste-se ao nascimento de duas grandes linhas de pensamento no que respeita à formação e constituição da essência do feminino, sendo o próprio Freud o primeiro a considerar incompleto o seu estudo. De facto, Freud descreve as mulheres e o feminino determinadas pela função sexual e aconselha: “Se quereis saber mais sobre a feminilidade, podeis consultar a vossa própria existência, ou perguntar aos poetas, ou esperar que a ciência encontre informações mais profundas e mais coerentes.” (Freud, 1933/1948, p.851)

Deste modo temos, por um lado, os continuadores de Freud, nomeadamente Deutsch e outros, que defendem a ideia do masculino como precedente do feminino. O feminino, como oriundo de um monismo sexual fálico, desenvolve-se posteriormente a partir de um sentimento de inveja provocado pela constatação da diferença de sexos, pela evidência da ausência de pénis, ou seja, pelo sentimento de castração. Os seus continuadores acentuam esta ideia do feminino como algo profundamente castrado, que atinge o seu esplendor no masoquismo, expressão última do feminino.

Compreende-se, assim, que a noção psicológica de feminino é então perspectivada de um ponto de vista meramente sexual, decorrente da constatação da diferença de sexos, embora realçando-se sempre a ideia do feminino como pertencente à ordem da falta, da não presença, do recalçamento.

Por outro lado, encontram-se os opositores a Freud, entre os quais se destacam M. Klein e Winnicott. Para estes últimos autores, masculino tal como feminino desenvolvem-se a partir do feminino (seio), e da relação objectal mais primária, da relação mãe/bébé, seio/bébé.

Com Winnicott, assiste-se à valorização dos elementos femininos, dado que são eles os fundadores do sentido da existência, e essenciais aos processos de identidade e identificação.

Com Klein, e posteriormente com Winnicott, o feminino deixa de pertencer ao domínio exclusivo da sexualidade e torna-se numa estrutura psicológica que encontra as suas raízes nas vicissitudes da relação objectal mais primária. Existe agora toda uma mudança de sentido e de significado na ideia do feminino, ideia esta que fundamenta o presente estudo.

4. O Materno e o Feminino como Estruturas Psíquicas

Começando com Freud, e não obstante as várias divergências observadas, assiste-se a uma certa continuidade na linha de pensamento sobre o feminino, no que concerne à ideia da existência de uma bissexualidade psíquica, onde os elementos masculinos e femininos se constituem como factores importantes ao desenvolvimento psicológico dos indivíduos. Enquanto esta ideia é aceite pela grande maioria dos autores, o mesmo já não acontece com a descrição da natureza e desenvolvimento do feminino.

4.1. Depois do Corporal e do Sexual, a Qualidade Psíquica do Materno e do Feminino

Hélèn Troisier (1993) numa crítica a estes assuntos escreve: “A bissexualidade psíquica é constitucional e contém os movimentos activos e passivos que se exprimem desde o início, em todo o ser humano”. Continua defendendo a ideia de que o feminino ou a posição feminina correspondem a uma “... qualidade psíquica a ser estudada tanto no homem como na mulher e que é habitualmente acompanhada de características passivas, masoquistas e castrantes.” (Troisier, 1993, p.1577)

Concorda com outros autores quando estes postulam o feminino como a identificação mais primária. No entanto, para a autora, no início não há uma distinção sujeito/seio “... a relação de corpo a corpo com a mãe, coloca em jogo a percepção através dos órgãos dos sentidos. O psiquismo trabalha estas incitações que lhe chegam e ele guarda estes traços, quaisquer que sejam as suas formas, mesmo se estas se apresentem sob a forma de falta.” (op. cit. in, p.1578)

Trosier coloca em causa se esta primeira relação de objecto permite o desenvolvimento de um processo psíquico tão complexo como o da

identificação, se de facto nos podemos contentar com Winnicott, com a transmissão directa do feminino puro da mãe para o bebé, qualquer que seja o sexo da criança. No momento de inactividade da pulsão, a criança e o seio são o mesmo, graças aos cuidados da mãe suficientemente boa. Estes momentos privilegiados vão criar no bebé o elemento feminino, base do seu sentimento de identidade.

Para a autora existe uma consciência perdida, relacionada com as representações maternas escondidas, que aparecem nas crianças através do complexo de castração e, na clínica, pelas formas substitutas deste. Esta consciência perdida da posição feminina, este fantasma, contrariamente a Freud, é diferente na psicosexualidade do rapaz e da rapariga.

A autora coloca como hipótese que o fantasma de fustigação de Freud, tipicamente feminino, se possa encontrar no percurso obrigatório da psicosexualidade das raparigas. Ele marca o momento da mudança de objecto no sentido de Catherine Parr (in Smirguel, 1970/1992) - movimento masoquista da rapariga do pénis anal da mãe para o pénis do pai. O desejo receptivo da rapariga baralha durante uns tempos a identidade dos personagens parentais.

Enquanto que o fantasma masoquista na rapariga marca uma regressão devido à angústia de castração, no rapaz marca uma evolução em direcção ao abrigo do desejo edipiano. A autora considera este movimento evolutivo da rapariga como "a posição feminina em direcção à feminilidade."

Na continuidade desta abordagem do feminino como uma forma de masoquismo, surge **Ribas** (1993) com a hipótese do masoquismo primário, como modelo teórico de uma economia pulsional capaz de realizar uma intrincação pulsional no sujeito, de forma a que o sujeito se sinta e surja como objecto externo (independentemente do investimento objectal da

criança), encontrando assim, um significado para as suas experiências emocionais significativas.

Esta hipótese surge pelo facto de o autor discordar da noção de “feminino puro” de Winnicott como uma identificação ao seio a-pulsional e, também, considerar o “feminino puro”, não como uma qualidade em si, mas com a resultante de um processo, “...o vestígio de uma primeira identificação: primeiro ser.” (Winnicott, in Ribas 1993, p.1733).

Para Ribas, o mecanismo de identificação primário não é de forma alguma passivo ou simples e não existe, para o autor, nada mais pulsional que o investimento objectal. Acrescenta:“... a pureza corresponde sempre ao resultado de uma idealização do objecto e portanto, de uma sublimação da pulsão” (Ribas,1993, p.1733), e apoia-se no pensamento Freudiano, que sustenta o mecanismo de sublimação como uma realização única da desintração pulsional.

Ribas defende ainda, que Winnicott chega às constatações do “feminino puro” como uma identificação ao seio a-pulsional, por não aceitar a dicotomia da clivagem entre seio idealizado e seio persecutório e, também, por dar importância à identificação primária à mãe (e não ao pai, como se observa em Freud), o que pode ter mais a haver, segundo Ribas, com a identificação adesiva da criança à mãe (Bick) e com o aparecimento da subjectivação.

Ribas questiona-se então sobre o papel do objecto primário, da mãe real externa com o seu funcionamento psíquico (o seio para Winnicott) e concretiza este papel, como a função continente de Bion - qualidade intrínseca do funcionamento mental da mãe, da sua “*rêverie*”.

O autor coloca o feminino primário, tal como o masoquismo originário, na linha da intrincação pulsional. O feminino consiste num processo integrativo que procura dar sentido e significado à existência.

Ribas, partindo da ideia de Winnicott, da capacidade masoquista como um meio de sobrevivência, equaciona o problema de que a passividade decorrente do feminino pode ser vital ou mortal. Utiliza esta ideia na clínica e escreve que, por um lado, a passividade de vida permite uma maior abertura aos problemas do paciente, ao estabelecimento do vínculo "... ao conhecimento e desconhecimento do outro. Encontra-se ao lado da ligação, do investimento do vínculo ao objecto." (op. cit. in, p.1735). Por outro, a passividade mortal é de natureza desvinculativa, permitindo ao paciente "... destruir o vínculo, a análise ou o analista, ou destruir-se a si mesmo e, assim, desinvestir e abandonar (a análise/analista)." (op. cit. in, p. 1736).

O autor termina: "Se o feminino, graças à sua ligação íntima com o masoquismo originário corresponde à capacidade de sentir a emoção sem se anular, de suportar sem fugir, ao mar de problemas no qual navega sem fim o paciente, ele (feminino) é, então, qualquer que seja o seu sexo real, indispensável ao "ser analista" do psicanalista". (op. cit. in, p.1736)

Dentro ainda desta perspectiva, do feminino como um processo pertencente ao domínio do masoquismo, surge **Claudette Lafond**, psicanalista Canadiana, com uma exposição interessante acerca da constituição do lado irrepresentável do feminino como consequente ao imperialismo fálico.

No seu artigo de 1993, " Do Irrepresentável ao Representado: Trabalho do Imaginário", a autora desenvolve a ideia de que o feminino mantém actualizada a ameaça do masoquismo, pelo que tem de ser contrariado pela instauração do falo. Esta instituição, não só protege o Eu da destrutividade sentida, como também, realça de forma inconsciente esta mesma ameaça. Deste modo, tal como Troisier constrói uma consciência perdida de um fantasma masoquista materno de uma posição feminina, em Lafond, existe no feminino um conhecimento antigo, recalcado e inconsciente, inacessível ao Consciente e, como tal, pertence ao domínio do irrepresentável.

Lafond relaciona o irrepresentável com a angústia de castração, com a reserva da pulsão de morte, cujo desejo de morte é projectado no feminino, Escreve: “No cruzamento da aspiração fálica e da angústia de castração, as teorias sexuais infantis têm como finalidade acabar com a angústia de morte, angústia esta que utiliza a via rápida e tenta, através da promoção do pénis universal, assegurar a integridade do Eu pela recusa do feminino.” (Lafond,1993. p.1737)

A partir do enunciado de Freud descrito pela autora,“...a propósito das crianças que produzem coisas falsas com o fim de contrariarem um conhecimento mais antigo e melhor mas que se tornou inconsciente e recalçado” (op. cit. in, p.1737), a autora questiona se este conhecimento perdido no inconsciente, pode ou não pertencer ao registo do irrepresentável. Coloca então como hipótese:“...o irrepresentável que sustenta a teoria infantil do complexo de castração corresponde à reserva da pulsão de morte e constitui o recalçado. O representável, do registo da pulsão de vida, constitui a elaboração teórica que dá conta da presença ou ausência do pénis. As duas faces da problemática do complexo de castração, representável/irrepresentável, encontram-se através da produção fantasmática do falo.” (op. cit. in, p.1737).

Para a autora, quando Freud considera que a a angústia de castração é análoga à angústia de morte, não se pode deixar de pensar num desejo de morte e, numa lógica psíquica interna, num correspondente medo de morte, cujo aumento de tensão desestabiliza qualquer equilíbrio psíquico: “...morte do feminino por elaboração enunciativa do pénis universal.” (op. cit. in, p.1738)

O complexo de castração surge com valor organizador, de modo a evitar a perda do Eu, ao mesmo tempo que possibilita o seu desenvolvimento. Nesta perspectiva, o feminino aparece também como uma “...ameaça narcísica da identidade, a partir do qual se tenta fazer a economia da angústia de

castração, sentida na perspectiva da perda de amor na rapariga e na perda do pénis no rapaz.” (op. cit. in, p.1738).

No entanto, a entrada narcísica na rapariga é bastante mais dramática porque esta perda, além de ser total, de corresponder a uma perda objectal total (enquanto que no rapaz é parcial), corresponde também a uma “...perda de investimento mobilizada pela presença do objecto. E o desinvestimento, no seu limite, é análogo à morte. A ameaça de castração substitui a ameaça de morte; se esta não fizer o seu trabalho, seremos tomados pela outra. É por esta razão que o Eu recorre ao imaginário, o que permite a passagem do vivido ao observado.” (op. cit. in,p.1738).

Segundo Lafond, o feminino em Freud resume-se ao enigma de ser ou não ser castrado. Acrescenta que o que se torna perigoso para a integridade do Eu não é o facto de se relacionar o feminino com uma posição passiva, mas sim a identificação do sujeito a esta passividade, de tal forma que o conduza a uma posição essencialmente masoquista (o que para Benno Rosenberg valida o conceito de pulsão de morte).

Se para Freud o masoquismo constitui o “guardião da vida”, e para Lafond o feminino mantém actualizada a ameaça do masoquismo, então só resta contrariar esta mesma ameaça, pela instituição do falo todo poderoso, que protege a destructividade do Eu sentida pela presença de uma representação terrífica do materno. Assim, percebe-se que a angústia de castração seja precedida de um tipo de angústia muito primitiva, próxima da angústia de morte.

Compreende-se, também, como nesta perspectiva a castração e o seu representante feminino são inadmissíveis para a mente, como para Freud o feminino corresponde ao mais inaceitável para o psiquismo humano e, finalmente, como o feminino enquanto ferida narcísica, corresponde a uma perda da integridade do Eu.

Do ponto de vista Freudiano, a castração activa a pulsão de morte, no sentido em que a pulsão de morte corresponde a um estado bruto autodestrutivo, sem representação fixa a um objecto ou alvo, mas cuja volatilidade permite que se fixe aos objectos apreendidos como ameaçadores para a integridade do Eu, incluindo a pulsão de vida. Desta forma, o feminino pode corresponder ao objecto da pulsão de morte, uma vez que representa o objecto castrado, confirmador da perda da integridade. A par da projecção, o feminino é interpretado como uma ameaça a ser expulsa: " A angústia de morte é o paravento do desejo de morte. E é este desejo que é projectado sobre o feminino." (op. cit. in, p.1740).

A produção fantasmática do falo corresponde a uma criação da pulsão de vida, embora ligada à pulsão de morte, uma vez que o objectivo corresponde à supressão da diferença de sexos, de retornar ao ponto zero, ao ponto de não excitação alimentado pela ameaça do mortífero: o feminino.

Na terminologia Kleiniana, a pulsão de morte expressa-se, segundo a autora, de forma muda; no entanto ela manifesta-se quando o Eu, na fase esquizo-paranóide, se defende do ataque da pulsão, projectando na mãe a sua destructividade. O Eu deflecte então para o exterior o terror sentido internamente: "E não é a mãe fálica que vão destruir, mas sim o feminino." (op. cit. in, p.1742) " O feminino, enquanto antifálico, corre o risco de permanecer inaceitável para o psiquismo humano e tornar-se inimigo da pulsão de vida, em cumplicidade com a pulsão de morte...reconhecemos a ideia de Benno Rosenberg, a saber, que "a pulsão de morte é provavelmente o movimento defensivo elaborativo, fundamental do aparelho psíquico, uma condição fundamental e paradoxal a partir da qual todo o trabalho se desenrola.""(op. cit. in, p.1743).

Ainda na perspectiva de Lafond, ao colocar-se o trabalho defensivo entre parêntesis, pode-se assumir a castração simbólica sem custo narcísico deficitário. Caso contrário, as teorias mantêm a sua componente fálica e

continuam a desenvolver-se sob a influência da pulsão de morte com o seu teor de denegação. A intrincação pulsional faz com que o trabalho de ligação esconda o trabalho de desligação e, nesta conjuntura, a resolução do complexo de castração assegura a descarga pulsional da pulsão de morte sobre o feminino.

Este artigo, se por um lado actualiza a obra do feminino em Freud, por outro explica como se torna difícil aceder ao feminino através de uma lógica exclusivamente Freudiana. No entanto, se o feminino se mantém na linha do irrepresentável, representado unicamente através do imaginário, então através do estudo do inconsciente, do dentro, do imaginário, podemos aceder a este tipo de representação.

Utilizando a ideia originária de Freud, do feminino como pertencente à ordem do recalcado, Troisier e Lafond (entre outros), desenvolvem a noção da irrepresentabilidade do feminino, pela ameaça de destruição que este (feminino) suscita no Eu. Assim, a irrepresentabilidade do feminino advém, ou pela existência no sujeito de uma consciência perdida de representações maternas ocultas, ou ainda, pela presença de um conhecimento inconsciente recalcado, dada a ameaça de destrutividade que suscita no Eu.

Deste modo, a criança produz o falo todo poderoso de forma a mascarar e reprimir um conhecimento antigo, mantendo-o, por conseguinte, recalcado e inconsciente.

A recusa do feminino e a necessidade de manter este conhecimento recalcado levam-nos a considerar o feminino como um conteúdo interno ameaçador, um elemento excitável ao serviço da pulsão de morte mas, também, ao serviço da pulsão de vida. O feminino corresponde a um objecto da pulsão de morte no sentido em que existe como um estado bruto auto-destrutivo, sem representação fixa. No entanto, quando se firma nos objectos, torna-os inquietantes passando a pertencer à ordem da pulsão de

vida e a constituir-se como um objecto castrador e confirmador da perda da integridade, como uma ameaça de projecção do desejo de morte a ser expulsa.

Esta ideia do feminino como um elemento excitável, ameaçador, a ser evacuado ou transformado é retomada por Annie Anzieu (1989). A autora coloca o feminino ao serviço do Eu, no sentido em que corresponde não a uma categoria do pensamento mas, a um elemento originário que existe nos antípodas do pensamento, como uma pulsão inerte que preexiste ao ser.

4.2. A Qualidade Psíquica do Objecto Primário Materno

Annie Anzieu, considera o conceito do feminino como um “fenómeno heurístico”, “... uma configuração constante que implica uma qualidade de negação inseparável desta significação.” (Anzieu,1989, p.3)

Ao feminino corresponde ainda uma especificidade: a de pertencer a uma categoria de pensamento que deriva da existência de mulher: “ O feminino pode ser considerado como uma modalidade do psiquismo da mulher - devido à anatomia corporal - mas é também uma modalidade que se encontra nos homens, seja pelas indecisões persistentes no determinismo psicológico, seja porque a construção do aparelho psíquico se funda nas intrincações identificatórias dos objectos de amor maternal e paternal...É um conceito que recobre um conjunto de afectos, de modos emocionais, ligados às representações de espaço do corpo interno, ao desejo de gestação e de prazer narcísico de ser possuído enquanto objecto de amor.” (op.cit. in, p.6)

A autora, baseada em Tustin e Dolto, defende a ideia de que a imagem do corpo sustenta a identidade sexual. Discorda assim de Winnicott, quando este relaciona o feminino com o ser, na medida em que: “... a pulsão parece participar do feminino e representar a origem do ser.” (op. cit. in, p.90) Para

Anzieu, o problema do feminino refere-se a tudo o que está antes do ser e a questão coloca-se na dificuldade em: "... distinguir em categorias de pensamento, o elemento original da vida que vai diferenciar o sujeito, da criação que ele próprio suscita." (op. cit. in, p.90) Por outras palavras, o problema parece encontrar-se na diferenciação entre o produto final e os constituintes que o produzem. Segundo Anzieu, a identidade corresponde à consciencialização do conjunto de características que marcam a individualidade e a subjectividade do sujeito. A unicidade e identidade são assim inseparáveis da diferenciação de sexos "... quaisquer que sejam as nossas concepções da bissexualidade... Esta capacidade de ser e produzir o ser pode aparecer como uma pulsão inicial de "procura de vida", uma tendência a ser incluída no elemento feminino." (op. cit. in, p.90) Como se esta pulsão inicial correspondesse a uma espécie de pulsão inerte, que pertence originariamente ao domínio da feminilidade, como base de algo que possa vir a ser. Posteriormente, a pulsão pode-se então transformar em feminino ou masculino.

Para Annie Anzieu o feminino precede o materno, no sentido em que o feminino é tudo aquilo que precede: " Actividade inconsciente da parede interna do continente que preexiste e que transforma o objecto que ele suscita em objecto fálico ou elemento do pensamento." (op. cit. in, p.91) No entanto, a função materna é fundamental na determinação do ser, dado que "O ser exprime-se pela transformação do feminino em maternal, pela colocação em circulação de uma energia contida na parede matricial, dentro de um envelope psíquico, continente do pensamento." (op. cit. in, p.91)

Anzieu aproxima-se de Freud, quando este considera a função materna como uma função para-excitante, correspondendo o feminino à função excitante. Ao feminino corresponde uma fonte não diferenciada, passível de se transformar em fálico-masculino ou materno-productivo. Aqui a perspectiva da autora encontra-se com a de Winnicott, pois o ser antecede o ser-com, tal como o feminino precede o ser.

Os primórdios da diferenciação sexuada sujeito-objecto, encontram-se inicialmente na vida intra-uterina, na função inconsciente da “*rêverie*” materna, que através do jogo das identificações primárias, implica que a formação inicial sexuada objecto-bebé in útero, corresponda à própria pré-concepção do objecto e dos seus limites: “ Assim, desde que o objecto exista, pela sua emergência de ser, ele é portador de elementos fálicos. Mas, a sua existência repousa sobre a feminilidade, elemento feminino da pulsão de vida, anterior a ele e característico da interioridade feminina.” (op. cit. in, p.91)

Influenciada por Laplanche, pela noção de que existem pulsões de auto-conservação anteriores à sexualidade e que estas pulsões são de origem interna, a autora determina que o que caracteriza o essencial do feminino é a existência de uma “pulsão original não diferenciável.” É algo que pertence ao domínio do impensável e, como tal, é anterior aos processos de separação e individuação (uma vez que estes supõem a aquisição de um pensamento pré-verbal, sendo por consequência, os primeiros objectos do recalçamento). Trata-se de uma pulsão que se situa nas antípodas do ser e do pensamento, uma forma de “big-bang” energético original, susceptível de produzir a emergência do processo de vida dentro do pensamento.

Penso que **Guignard** irá completar estas ideias ao considerar o materno e o feminino como espaços internos inerentes aos seres humanos desde os primórdios da vida - **Materno Primário e Feminino Primário**

Florence Guignard retoma os trabalhos de Klein e, utilizando as teorias psicanalíticas de Bion, Meltzer, Green e outros autores reunidos por Chasseguet Smirguel sobre a sexualidade feminina, dá uma contribuição extremamente importante para o desenvolvimento do materno e feminino enquanto instâncias psíquicas bissexuais, fundamentais para a evolução psicológica dos seres humanos.

Estas suas reflexões, surgem quando a autora percebe que a relação do Eu com os objectos parentais tem mais influência no bom desenvolvimento das pulsões epistemofílicas, do que na expressão das pulsões sádicas: “Evocando o *Leonardo* de Freud e a obra de Ilse Barande sobre o *Materno Singular*, interroguei-me se a nostalgia gritante de Freud no *Leonardo* não estaria relacionada com esta época da vida onde as pulsões sádicas ainda não estragaram a descoberta maravilhada do mundo pelo bebé no sorriso da sua mãe, *Gioconda (mulher)* ou *Santa Ana (mãe)*.” (Guignard, 1987, p.1491).

A autora nota ainda que, numa organização psicosexual genital feminina, pode existir uma diferença entre a representação da vagina e útero, representação esta relacionada com o princípio do prazer e princípio da realidade.

Discorda também de Freud, quando este confunde feminino com masoquismo primário, uma vez que para a autora o feminino é considerado como um “...estado psíquico...fruto de um investimento adequado da coexcitação libidinal do bebé pela capacidade de “*rêverie*” da mãe.” (op. cit. in, p.1492)

Segundo a autora, este conceito de coexcitação libidinal é introduzido por Freud, na segunda geração das suas fundamentações teóricas, quando acrescenta ao princípio do prazer e desprazer (princípio este gerado a partir das pulsões de vida e de morte, características da primeira geração), o mundo exterior. Através desta associação cria-se uma terceira geração, à qual corresponde o princípio da realidade. É então, a partir deste conceito de coexcitação libidinal, alargado ao sofrimento e ao desprazer que, segundo a autora, Freud desenvolve a sua hipótese de pulsão de morte: “...a configuração desta segunda geração contém em germe tudo o que pode ser postulado, tanto no que diz respeito à *riqueza e variedade das pulsões* do ser humano recém nascido, como no que diz respeito à *natureza e às qualidades virtuais* deste “*mundo exterior*” com o qual estas pulsões vão entrar em

contacto para originar no seu psiquismo o *princípio da realidade*.” (op. cit. in, p.1493).

No entanto, de modo a que este mundo exterior não seja demasiado vago, nem desprovido de qualidade e de significação psíquica, “...logo, inapto para participar na criação de um *princípio baseado na atribuição de significados aos elementos da realidade*.” (op. cit. in, p.1493), torna-se necessário devolver-lhe um certo grau de características internas.

A autora apoia-se então nos postulados teóricos de Bion: “Nisto pensei que poderíamos, sem risco de heresia, seguir Bion quando estabeleceu a especificidade do objecto apto, neste “mundo exterior”, para suscitar o desenvolvimento da vida psíquica do novo ser humano: trata-se de uma *qualidade psíquica da mãe*, à qual ele deu o nome de “capacidade de *rêverie*”, em referência ao que Freud descreveu a propósito dos “*pensamentos do sonho*” como sendo a base de toda a *actividade psíquica geradora de sentido*.”(op. cit. in, p.1494).

Por outras palavras, é a atribuição de significação à experiência emocional, que gera o sentido da experiência. Se o mundo exterior for desprovido desta significação interna, deixa de poder ser utilizado como um objecto ao serviço da satisfação do princípio do prazer-desprazer e desta forma, de se poder ligar a este, impossibilitando a construção do princípio da realidade.

Mantendo-se no seguimento do pensamento Freudiano e utilizando a nomenclatura Bioniana, a autora considera que existe uma aproximação lógica entre a coexcitação libidinal e a pulsão epistemofílica (pulsão K), uma vez que a primeira aumenta a obtenção do prazer com o objecto, à custa da associação de duas satisfações pulsionais: a pulsão da líbido (L) e a pulsão epistemofílica (K): “Neste caso seria o ganho no princípio da realidade que, ao promover um pouco de alteridade, tiraria a relação de uma problemática sado-masoquita e permitiria assim o apaziguar das angústias inerentes ao desenvolvimento e ligadas às múltiplas frustrações inevitavelmente impostas pelo objecto.” (op. cit. in, p.1495).

Coloca-se agora a questão da natureza da libido: se de acordo com Freud, a libido é de essência masculina então, o modelo das primeiras identificações sexuais da criança remete para a cena primitiva, surgindo, conseqüentemente, uma nova questão, a natureza da constituição do objecto interno, amado e odiado.

É com a noção de coexcitação libidinal que, segundo a autora, se gera uma nova complexidade no que respeita à constituição do objecto interno, levando-a a rever o papel do masoquismo no desenvolvimento deste último: "...qualquer que seja o contexto, o masoquismo corresponde sempre a uma recusa em reconhecer o princípio da realidade..." (op. cit. in, p.1495), uma defesa contra a perda do objecto, uma vez que, ao negar a alteridade, o masoquismo tem como objectivo, a substituição de um fantasma onipotente de posse do sujeito pelo objecto, permanecendo assim este último.

O masoquismo corresponde a um ódio ao conhecimento da realidade (-K de Bion), constituindo-se como uma "...*entropia da pulsão epistemofílica*." (op. cit. in, p.1495), situando-se na mesma classe das somatizações e das passagens ao acto; isto é, o masoquismo corresponde a "...uma das formas da falha da interacção entre a coexcitação libidinal (pulsão K) da criança e a capacidade de "*rêverie*" da mãe - mutatis mutandis, do analisado e do analista. "(op. cit. in, p.1495).

O masoquismo situa-se assim sempre no contexto de uma problemática da relação do bebé com a imago materna: "Da mesma forma teremos de considerar que os movimentos masoquistas na vida e na cura chegam na melhor das hipóteses em alternância, na pior das hipóteses em alternativa ao estado psíquico de feminilidade que já comparei ao sorriso do gato Chester do qual Alice no País das Maravilhas, ao vê-lo desaparecer, afirma: "Já tinha visto um gato sem sorriso, mas ainda nunca tinha visto um sorriso sem gato..." (op. cit. in, p.1495 e 1496).

Através destas noções, Florence Guignard formula a sua hipótese de trabalho: a falha da interacção da coexcitação libidinal e da capacidade de “*rêverie*” da mãe que se situa a nível das introjecções e identificações femininas, corresponde a um falhanço constitucional do masoquismo primário.

A partir desta sua hipótese, a autora propõe-se estudar mais detalhadamente as primeiras introjecções e identificações “femininas”, resultantes da relação entre as pulsões do bebé e da capacidade de “*rêverie*” materna, chegando às noções de materno primário e de feminino primário, essenciais à compreensão deste estudo :

“É preciso distinguir dois modos de relação e de identificação no seio de todos estes fenómenos agrupados até aqui sob o termo genérico de “feminino”. Na realidade, alguns destes fenómenos estão directamente ligados à introjecção e identificação de um estado psíquico de maternidade (estado que passarei a denominar Materno), enquanto que outros dizem respeito sobretudo a um estado de feminilidade (Feminino).

Penso que o Materno e o Feminino se ancoram em dois campos diferentes da organização psíquica ao longo dos primeiros meses de vida extra uterina. Um e outro desenvolvem-se segundo linhas que se entrecruzam, mantendo-se no entanto tão distintos um do outro como do masculino e do paterno.” (op. cit. in, p.1497).

Para Guignard, o materno e o feminino não são mais do que dois modelos metafóricos representantes de um espaço psíquico.

Este espaço psíquico, por sua vez, constitui e constitui-se através dos primeiros conflitos intra psíquicos, decorrentes das relações mais primitivas do ser humano e das consequentes identificações primárias.

Nesta relação primitiva, nesta “relação de intimidade” (Guignard,1995, p.8) baseada no sentimento de amor e amizade, o objecto de investimento é considerado na sua totalidade e respeitado na sua alteridade. Assim, “Toda a relação de intimidade vai suscitar, dentro do espaço psíquico, um espaço de

intimidade que será representável, organizado-organizador de parte da capacidade de pensar nos dois protagonistas.” (op. cit. in, p.8) Estes espaços de intimidade correspondem a lugares de conflitos intrapsíquicos e “como tais são lugares geradores do pensamento, através dos “pensamentos do sonho” tal como foram descritos por Freud.” (op. cit. in, p.8).

O materno e o feminino, como representantes de espaços psíquicos correspondem, desta forma, a este tipo de espaços de intimidade e encontram-se presentes no primeiro semestre de vida. Correspondem ainda a aspectos representáveis, organizados e organizadores do espaço psíquico do sujeito, e vão “constituir a cena dos fantasmas originários, respectivamente, dos fantasmas da vida intra uterina e de castração, para o materno primário, e dos fantasmas de sedução e da cena primitiva, para o feminino primário.” (op. cit. in, p.9)

Posteriormente, cada um destes espaços psíquicos promove no desenvolvimento edipiano características específicas nas relações objectais, identificações e fantasias do sujeito.

“Denominarei **Materno Primário** ao espaço inter e intra psíquico onde se organizam imediatamente após o nascimento, as primeiras experiências emocionais que se desenrolam no meio do conflito estético do bebé moduladas pela capacidade de “*rêverie*” da mãe. É a partir deste primeiro campo de exposição emocional das pulsões L, H e K do recém nascido que se vão constituir as primeiras relações, denominadas por Freud como identificatórias: “a identificação é reconhecida pela psicanálise como sendo a expressão mais precoce de um elo emocional com outra pessoa”.(Guignard,1988 p.54)

O Materno Primário desenvolve-se a partir do momento do nascimento e organiza-se nos dois a três primeiros meses de vida. Corresponde a um espaço psíquico, preenchido pela representação inconsciente da configuração da sua relação primária com o mundo exterior, objectal,

indispensável e essencial ao nascimento e desenvolvimento de toda a vida psíquica. A limitação e a definição deste espaço processa-se através da oscilação entre o dentro e o fora, a partir dos mecanismos de projecção e introjecção (mecanismos estes psicofisiológicos inatos), e da clivagem e identificação projectiva, resultantes das primeiras relações identificatórias pós-natais.

Nestas primeiras relações objectais, primárias e pós-natais, surge a “pele” como organizador e estruturador da constituição de um espaço psíquico interno, que dá lugar ao desenvolvimento de futuras relações objectais. (Bick, 1968) - **A Pele Materna.**

Esther Bick em 1968, descreve a importância das primeiras experiências corporais “pele a pele” na organização e propagação das relações objectais precoces, em que a “pele”, desempenha uma função de ligação entre as partes da personalidade, que ainda não se encontram separadas das partes do corpo. Numa fase bastante precoce, as partes da personalidade são sentidas como se não estivessem ligadas entre si, estando seguras e sustentadas, apenas, por uma sensação passiva. “No entanto, esta função interna de conter partes do Eu depende inicialmente da introjecção do objecto externo, vivido como sendo susceptível de preencher esta função. Posteriormente, o Eu é capaz de se identificar a esta função do objecto, ultrapassando o estado de não integração, dando origem à fantasia dos espaços internos e externos.” (Bick, 1968/1987, p.114)

Para a autora, somente após a interiorização das funções contentoras, é que o Eu se encontra apto para iniciar os mecanismos de clivagem e de idealização do Eu e do objecto, o que não só compromete a constituição do espaço interno, como também dá azo ao excesso da utilização da identificação projectiva, com todas as confusões de identidade daí decorrentes. “No estado infantil de não-integração, a necessidade de um objecto contentor conduz a uma busca frenética do objecto - uma luz, uma

voz, um cheiro, ou qualquer outro objecto sensual, que pode agarrar a atenção e por conseguinte, pelo menos momentâneamente, manter juntas, as partes da personalidade. O objecto óptimo corresponde ao mamilo na boca, juntamente com o "holding", o falar e o cheiro familiar da mãe." (op. cit. in, p115)

A pele funciona, assim, como o objecto contentor que mantém unidas as diferentes partes da personalidade. Constitui-se deste modo, como uma "rêverie" materna, como uma função alfa que contém as ansiedades introjectadas pelo bebé, possibilitando a construção de um espaço psíquico interno. Através da pele da mãe, o bebé reconhece os sentimentos e as emoções mais primitivas experienciadas no período pré-natal, pelo que se estabelece como um canal comunicacional pré-verbal, que possibilita a expressão somática de afectos não verbalizados. "Os distúrbios na função da pele conduzem à formação de uma "segunda pele", na qual a dependência ao objecto é substituída por uma pseudo-independência, pelo uso inapropriado de determinadas funções mentais, ou talvez talentos inatos, que visam a criação de um substituto da função contentora pele." (op. cit. in, p.115). Como refere Pines (1980) "A falha na interiorização da função continente, e na aceitação da contenção do Eu e do objecto como duas peles distintas, conduz a uma pseudo-independência e a uma identificação adesiva, impossibilitando o reconhecimento da separação existente entre Eu e objecto." (Pines, 1980, p.315)

As reflexões destas autoras parecem-nos uma ajuda interessante para compreendermos a formação e estruturação dos espaços psíquicos internos, como inerentes ao desenvolvimento das relações objectais mais precoces, das quais o materno primário e o feminino primário fazem parte.

Deste modo, para Guignard (1995), ao materno primário correspondem determinadas características específicas, tanto da parte do bebé como da parte da mãe.

Em relação ao bebê, existe do seu lado uma apetência inata para o seio e esta relação com o seio, constitui-se como protótipo de toda a relação amorosa (Freud,1923 in Guignard,1995), mediada inicialmente por um processo de identificação, correspondendo este ao primeiro tipo de relação de objecto (Freud,1921 in Guignard,1995).

O momento do nascimento constitui-se como algo de muito especial e extremamente marcante para a primeira relação objectal, originário do primeiro conflito intra psíquico.

Para alguns autores, nomeadamente Otto Rank (1924 in Guignard,1995), ele corresponde a um momento traumático, de passagem de um mundo aquático, transmissor de sensações acolhedoras e protectoras, paradisíacas, a um mundo aéreo, horroroso, frio e desconfortável.

Meltzer (1988 in Guignard,1995), descreve o momento do nascimento também como uma situação traumática, embora este seja portador de um conflito de natureza essencialmente estético, de deslumbramento estético - o bebê ao se ver confrontado com um mundo cheio de novas sensações, desprovidas de qualquer sentido emocional, apenas deseja regressar ao momento anterior, ao seu objecto contentor, ao útero. Mas eis que aqui se coloca a dúvida: será este mundo intra uterino assim tão belo?

Esta noção de "conflito estético", introduzido por Meltzer, corresponde à natureza da relação mais primitiva entre mãe e bebê: "...à situação emocional complexa em que se encontra o recém nascido, submergido em sensações novas que lhe vêm sobretudo através da mãe, sensações que o abalam e cujo sentido lhe escapa.... É a relação do bebê com a "capacidade de *"rêverie"*" da mãe que permitirá ao bebê, aos poucos, dar sentido ao mundo que o rodeia...de organizar o futuro do mundo psíquico do seu bebê... numa dialética sensorial e intuitiva entre o "fora" e o "dentro". (Guignard,1987 p.1497).

O bebê, enquanto permanece na vida intrauterina apenas tem acesso às experiências do “dentro” da mãe, constituindo-se este “dentro” como a sua única referência. A descoberta do “fora” leva-o a descobrir uma nova sensação, uma nova inquietude, levando-o a tentar encontrar meios para retornar a este “dentro” de modo a que ele possa comparar os seus métodos “proto mentais” com o meio externo. No entanto, este retorno não lhe possibilita uma apreensão plena do significado deste fora, tornando-se este somente possível através da capacidade de “*rêverie*” da mãe.

A partir deste movimento de retraimento, esboça-se no bebê um movimento de diferenciação entre o dentro e o fora, de interesse pelo interior do objecto como fonte de todas as fantasias subjacentes ao processo de simbolização.

Segundo Guignard, o bebê nasce com traços mnésicos da sua vida intra-uterina, os quais lhe possibilitam a capacidade de reconhecer e distinguir o mundo interior do mundo exterior. Quando o bebê começa a ter interesse pelo interior do objecto, do Outro, do espaço psíquico do Outro, identifica-se a este e começa também a interessar-se pelo seu próprio interior.

“É o conflito estético, que pode ser enunciado com mais precisão como um conflito entre o fora-da-mãe, acessível ao sensorial, e o dentro-da-mãe, que tem de ser interpretado e elaborado pela imaginação criadora. Tudo, na arte e na literatura, e ainda em cada cura analítica, testemunha a persistência deste conflito durante toda a vida.” (Meltzer, 1988, in op. cit. in, p.1497)

Guignard (1995), utiliza a noção de traumatismo do nascimento de Rank e relaciona-o com o conceito de caesura de Bion: “...a *caesura* entre um nível “protomental” pré-existente no *útero*, e as experiências emocionais posteriores do *bebê* decorrentes de todas as primeiras relações com o objecto materno externo.” (Guignard, 1995, p.15). Ainda para a autora, Meltzer confirma esta caesura, no sentido em que a partir das suas reflexões

se pode pensar que, existe no ser humano "...um *fantasma de idealização* do objecto continente perdido." (op. cit. in, p.15).

Guignard, influenciada por Rank e Meltzer, considera o momento do nascimento como um acumular de aspectos correspondentes a uma *mudança catastrófica* (no sentido de Bion); o impacto violento deste mundo desconhecido e deslumbrante no bebé provoca-lhe uma sensação de tal forma intensa, que o "obriga" a dirigir todas as suas pulsões em direcção a este novo objecto, ao mesmo tempo que o reenvia aos seus fantasmas originários da vida intrauterina e de castração, situação esta que para Guignard corresponde ao *conflito pulsional primordial*.

Em relação à mãe, as características específicas referentes ao conceito de materno primário, encontram-se quase que resumidas no conceito de capacidade de "*rêverie*" de Bion (1962).

Bion, baseado nos "pensamentos do sonho" de Freud, como primeira incorporação simbólica da experiência humana (cuja descrição principal corresponde à equação simbólica "seio=bebé=pénis=fezes" embora Freud não tenha, segundo Guignard, esclarecido a diferença entre processo criador - que representa o verdadeiro deslocamento -, e processo de não pensamento - que constitui a repetição pura e simples, na qual o objecto da pulsão é vivido como equivalente ao outro), faz da capacidade de "*rêverie*" da mãe o protótipo da comunicação pelo pensamento intuitivo, da identificação projectiva, da capacidade de pensar. Esta, também denominada função alfa, tem por base uma experiência emocional em que a defesa pela intelectualização não faz parte.

O bebé solicita a capacidade de "*rêverie*" da mãe, cada vez que se quer libertar do estado de sofrimento e de confusão em que se encontra, demonstrado essencialmente como grande agitação motora. Neste momento, predominam no bebé unicamente elementos beta que se prestam

exclusivamente à evacuação. A mãe, com a sua capacidade de intuir o mal estar do seu bebé, atribui-lhe um significado ao nível do pensamento emocional, devolvendo ao bebé o produto da “desintoxicação” dos elementos beta - os elementos alfa. O bebé é agora capaz não só de reintrojectar estes elementos alfa, como também de se identificar a eles, permitindo-lhe a construção gradual da sua própria função alfa.

É a função alfa da mãe que possibilita a atribuição de uma significação às experiências de prazer e desprazer do bebé. As primeiras experiências do bebé deixam de ser unicamente sensoriais e pulsionais, passando a constituir-se como experiências emocionais.

“Através desta reintrojecção de alguns elementos da capacidade de *“rêverie”* materna aplicada aos elementos projectados pela mãe sobre o bebé, que este conseguirá pouco a pouco estabelecer no seu interior a sua própria capacidade de identificação projectiva normal, o início da sua própria função alfa, que vai constituir o continente das suas experiências emocionais futuras, a “membrana de contacto” (Bion) entre a sua própria vida psíquica e a vida psíquica do outro. Trata-se do instrumento das capacidades de simbolização e de comunicação inter-humanas...O pensamento nasce assim de uma experiência emocional, que por sua vez é fruto do encontro das pulsões L, H e K do bebé com a capacidade de *“rêverie”* da mãe, da capacidade de pensar pensamentos, e é ao nível da actividade onírica inconsciente que se opera esta misteriosa transformação do pulsional em simbólico.”....” (Guignard,1987, p.1500).

A autora postula que não se pode considerar o materno primário como um espaço de organização dos conflitos psíquicos sustentados pelos fantasmas originários da vida intra-uterina e de castração, sem ter em conta a organização pulsional subjacente, uma vez que é neste espaço psíquico que se desenvolvem as pulsões L, H e K e as suas contrapartidas negativas -L, -H e -K.

“É neste campo de experiências emocionais que se pode organizar desde o nascimento aquilo que pretendo chamar o materno primário. É a partir daqui, no âmago do conflito estético modulado pela capacidade de “*rêverie*” da mãe, que se vai desenvolver o conjunto das pulsões. Retomarei a terminologia proposta por Bion: a pulsão de amor (L), a pulsão de ódio (H), e a pulsão de conhecer (K) e as suas contrapartidas negativas, que chamarei entrópicas: -L, -H e -K (o anti-amor, o anti-ódio e o anti-conhecimento). Estas “qualidades negativas” estão na base do negativismo, da transferência negativa, dos preconceitos de todo o tipo que fecham o ser humano na sua estupidez e o isolam da comunicação com o seu semelhante. É uma entropia negativa que leva a um retorno da organização mental ao caos, enquanto que as pulsões positivas caminham no sentido da vida, originando o pensamento.” (op. cit. in, p.1500)

A autora no seu artigo de 1995, propõe ainda uma hipótese extremamente interessante, em que considera o materno primário como um lugar privilegiado do desenvolvimento da mentalidade de grupo.

Neste conceito de mentalidade de grupo, incluem-se para a autora não só os aspectos positivos de pertença e de solidariedade com um grupo familiar, social ou profissional, mas também os aspectos negativos “...aspectos essencialmente ligados à mentalidade da *horda primitiva*, e que constituem um reservatório de preconceitos e de *diktats* de todos os géneros, substituindo o pensamento verdadeiro pela propaganda do não-pensamento, fechando o ser humano numa mentalidade grupal primitiva, impedindo uma comunicação viva com os seus semelhantes.” (Guignard, 1995, p.19).

O conceito de materno primário coloca ainda a questão da existência ou não, de um Eu desde a nascença: “Parcela do espaço psíquico da criança organizada-organizadora do campo das suas experiências emocionais, este espaço-tempo será o local do funcionamento Egóico sempre que surgirem na criança, movimentos suficientemente coerentes de identificação projectiva

normais à capacidade de pensar materna. É aí, no cerne do traumatismo do conflito estético modulado pela capacidade de “*rêverie*” da mãe, que se vão expor as pulsões nas suas alianças positivas e negativas. É aí que nós as reencontramos no decurso das curas analíticas.” (Guignard,1995.p.20).

A partir do materno primário, primeiro espaço de intimidade, desenvolve-se um outro espaço psíquico - o **Feminino Primário**.

Para Guignard (1988), o feminino primário corresponde:“... ao lugar do espaço psíquico interno onde se vão organizar as primeiras identificações femininas nas crianças de ambos os sexos...” (Guignard,1988, p.52).

Este espaço, como referido anteriormente, é inicialmente descrito por Melanie Klein em 1932 na obra “Psicanálise Das Crianças” sob o nome de “Fase Feminina Primária” e corresponde a uma altura específica do desenvolvimento da criança, relacionado com o conflito de perda do objecto ligado ao processo de desmame.

Nesta fase, a avidez pela posse do seio, que ultrapassa o prazer da sucção, e o acréscimo das pulsões sádicas contra o interior do corpo da mãe (em que este é considerado como o conteúdo de todas as riquezas do mundo interno, sob a forma de objectos parciais), em conjugação com a activação das pulsões genitais precoces, põem cobro ao seio, surgindo o pénis como objecto de desejo, transformando-se assim este num equivalente do seio perdido.

Posteriormente na sua obra, M. Klein coloca a fase feminina primária no centro da posição depressiva, com toda a sua problemática de luto do objecto e de aparecimento da culpabilidade depressiva.

Através desta conjugação de seio e de pénis como objectos de desejo, a fase feminina primária constitui uma configuração particularmente favorável à

organização e à consolidação dos processos de introjecção. De facto, do ponto de vista da bissexualidade psíquica, os processos introjectivos são de ordem feminina. Do ponto de vista patológico, esta fase é considerada por M. Klein como ponto de fixação da homossexualidade masculina devido à identificação do bebé com o desejo da mãe receber o pénis do pai.

Mais recentemente, trabalhos pós-Kleinianos, nomeadamente de Meltzer, conferem uma maior precisão ao equacionamento do mamilo e do pénis como órgãos que estabelecem uma ligação entre o interior do corpo da criança e o interior do corpo da mãe, assumindo, deste modo, um papel de esfíncter guardião da integridade corporal da mãe face à avidez da criança. Encontramo-nos já num registo de triangulação ao nível das relações de objecto parciais.

Às descrições de Klein, Guignard acrescenta: “Uma vez instalado o espaço de intimidade do materno na sua primeira versão, podemos pensar que o movimento de deslocamento iniciado pelo *conflito primeiro entre um fora demasiadamente percebido e um dentro a imaginar* vai conhecer uma dupla evolução:

Por um lado, em direcção aos aspectos do mundo exterior, um pouco mais domináveis devido à integração sensorial e motora, com a posição sentada e a coordenação visão-preensão;

Por outro, no seio de uma simbolização nascente em direcção à exploração do mundo psíquico interno do objecto investido.” (Guignard, 1995, p.20).

No decorrer da reorganização do espaço materno de intimidade, o bebé descobre um outro espaço - o espaço da alteridade e da solidão humana - com base nos fantasmas originários de sedução e da cena primitiva: “ É a partir da interacção destes dois fantasmas com a intensificação das suas *pulsões genitais* que o *bebé* se vai tentar organizar nesta nova cena do seu espaço psíquico, denominando-se esta feminino primário.” (op. cit. in, p.21).

No fundo, a reorganização do espaço psíquico do feminino primário depende do bom desenvolvimento das capacidades introjectivas, que apesar de presentes desde o nascimento, encontram aqui, no feminino primário, o seu auge. Nesta altura, o bebé descobre uma mãe sexualmente realizada com a qual ele se deseja identificar, embora por um processo essencialmente de inveja, dado que primeiro o bebé tem que fazer o luto da imago materna da fase anterior - a mãe do materno primário.

Para Guignard, a qualidade mais ou menos sádica ou mais ou menos epistemofílica dos processos de introjecção depende da qualidade da capacidade de "rêverie" da mãe, da sua capacidade em instalar o bebé no campo do "materno primário", de o ajudar a suportar o impacto da "beleza do mundo", e ainda, da natureza do investimento que o casal parental unificado faz em relação ao bebé, uma vez que ele é agora o objecto de investimento.

O feminino primário pode ser definido como o espaço psíquico ocupado, no bebé, pela representação inconsciente da configuração correspondente à idealização mãe - bebé, da "doença normal da mãe" (Winnicott) mas é também um espaço psíquico que decorre das primeiras experiências de triangulações: "É o lugar primeiro do desejo do Outro, da ausência, do negativo, do abandono recíproco e por conseguinte, da potencialidade do processo de luto." (Guignard, 1995. p.22).

Desta forma, na constituição do feminino primário, assiste-se à complexificação e reorganização das relações do bebé, quer nas suas vertentes narcísicas, quer objectais, uma vez que ele tem que reorganizar as "... relações das relações entre o campo do materno primário e o feminino primário." (op. cit. in, p.22). Esta reorganização, com base nos processos introjectivos, conduz, por parte do Eu, a uma intensificação das introjecções identificativas, cujo destino termina no feminino. Percebe-se assim que a harmonia do equilíbrio entre a bissexualidade psíquica e o sexo biológico do indivíduo dependa, em grande parte, do estabelecimento deste espaço do

feminino "...O modelo teórico do espaço de intimidade precocemente organizado em torno do feminino parece essencial à exploração do futuro da bissexualidade psíquica, através das identificações primárias e das relações edípicas posteriores." (op. cit. in, p.22).

A partir daqui, Guignard confronta uma série de conclusões sobre o feminino primário com as ideias propostas por outros autores sobre o mesmo tema, entre as quais se destacam:

O feminino primário não é nem uma falha nem um buraco, mas sim, um mecanismo de regressão infantil, uma "defesa ilusória" contra o reconhecimento da diferença de sexos e a castração consequente a este reconhecimento.

Existe uma ligação muito estreita entre o modelo do feminino e as pulsões L e H com K : "...nomeadamente no enviesamento da coexcitação libidinal, no ponto de articulação do desejo de ser conhecido com a identificação ao pénis que conhece." (op. cit. in, p.23). Se, por um lado, é o desejo de ser conhecido e reconhecido, amado e compreendido no seio de uma experiência emocional significativa, aonde predominam as pulsões L e H, por outro, também existe o desejo de conhecer aquele que conhece, o pénis que conhece a beleza e a riqueza do mundo interior da mãe.

Retomando Freud, se a libido é de essência masculina, o desejo de conhecer e de ser conhecido, a pulsão K, é de natureza essencialmente feminina, embora "...mal aceite pelo bebé que permanece vivo em cada ser humano, devido ao carácter narcisicamente insustentável para ele, da revelação da sexualidade da própria mãe." (Guignard, 1995, p.23)

O masoquismo normal é da ordem do materno e não do feminino, uma vez que depende muito da incapacidade de "rêverie" da mãe em receber e desintoxicar as angústias projectadas pelo seu bebé.

O feminino e o masculino correspondem a estados de espírito, acessíveis a ambos os sexos pelo enviesamento das identificações: no rapaz, o feminino modula as angústias de castração e na rapariga, as identificações masculinas confrontam-na com os seus fantasmas de castração.

As relações que o feminino e o masculino desenvolvem com os fantasmas de sedução e da cena primitiva, apesar de diferentes, complementam-se "... o que explica que até ao fim dos tempos, homens e mulheres se arrisquem a reenviar a responsabilidade de um contra o outro." (op. cit. in, p.24).

A citação que se segue, explica claramente a posição da autora face ao materno e ao feminino e a contribuição destes conceitos para o exercício da prática clínica:

" Considerando o meu trabalho analítico quotidiano sob o ângulo destas novas ligações teórico-clínicas, pensei que as identificações ao produzirem-se em relação directa com o materno primário ao longo desta primeira fase da vida psíquica, vão provavelmente organizar a pré-forma e a repartição posterior dos investimentos sado-masoquistas e epistemofílicos. Por outro lado, a diferenciação dos níveis de organização do materno primário e do feminino primário permite melhor imaginar a diversidade dos processos que organizam o conflito à volta da perda do objecto primário." (Guignard,1988, p.57)

A autora prossegue explicitando como o jogo simultâneo das pulsões sádicas (com conseqüente utilização de mecanismos de identificação projectiva masoquista ao objecto interno) e epistemofílicas (a partir das quais emerge o desejo de conhecer a diferença, o Outro para além de mim), conjuntamente com as capacidades e potencialidades do bebé e do meio que o rodeia, são fundamentais para a reestruturação e reorganização do Eu, a partir do conflito suscitado pela perda do objecto primário. "... de um lado, as pulsões sádicas

tenderiam a instalar uma identificação projectiva masoquista ao objecto-que-se-desnuda, objecto que seria, por via de consequência tratado como um objecto parcial que tem de ser recuperado por meios violentos e onnipotentes, tais como a devoração e a intrusividade. Este modo de organização, onde predominam as defesas mais drásticas, levaria no seu rasto uma propensão quase selectiva para se identificar projectivamente apenas com os objectos-internos-do-objecto que apresentassem características análogas de sado masoquismo, conduzindo eventualmente à inveja. Assim, o benefício potencial ligado à recrudescência da avidez que caracteriza esta “fase feminina primária-seio da posição depressiva”, levaria apenas a um ciclo repetitivo de introjecções pouco ou nada operantes, preparando o terreno para patologias pesadas;

Por outro lado, as pulsões epistemofílicas tentariam utilizar ao máximo esta conjunção de seio e pênis como objectos de desejo para estabelecer um começo de diferenciação entre “o mesmo” e “o diferente”, abrindo assim caminho à chegada do luto do objecto e ao seu reconhecimento como objecto total e distinto de si. Ligado por este processo organizador da categoria do deslocamento, a avidez pulsional conduziria a uma actividade psíquica de identificações projectivas mais maleáveis e orientada para uma maior variedade de objectos-internos-do-objecto.

O resultado do conflito entre estas duas configurações concomitantes deveria depender, por um lado, da força pulsional do bebé, por outro, da força respectiva destas duas organizações defensivas, e finalmente, last but not least, da natureza e da qualidade das respostas do meio, nomeadamente da organização edipiana da mãe e do fantasma inconsciente da cena primitiva comum aos dois progenitores na sua relação de casal.” (1988 p.57).

4.3. Síntese

Estes desenvolvimentos teóricos permitem compreender a interligação entre os conceitos sobre o pensamento e sobre o materno e o feminino, considerando estes últimos como pertencentes ao domínio do psicológico universal e não exclusivamente do corporal feminino, aspecto essencial para o desenvolvimento do presente estudo.

De forma resumida, Guignard (1984) ao considerar o materno primário e o feminino primário como espaços internos inerentes aos seres humanos desde os primórdios da vida, coloca a essência do feminino nos pilares do desenvolvimento do pensamento humano, em que as pulsões de auto-conservação, as pulsões provenientes do bebé-objecto intra-uterino, juntamente com a *"rêverie"* materna e a utilização do mecanismo de identificação projectiva ao serviço da comunicação, possibilitam o desenvolvimento do aparelho de pensar pensamentos e, conseqüentemente, a possibilidade de transformar o pulsional em simbólico.

Pensamos que a questão levantada por Annie Anzieu acerca do feminino situa também a nossa principal interrogação: como é que se torna possível "...distinguir em diferentes categorias do pensamento, o elemento original da vida que vai diferenciar o sujeito da criação que ele próprio suscita." (Anzieu, A. 1989, p. 90) Por outras palavras, como distinguir em diferentes categorias do pensamento, aquele que cria o ser (as diferentes partes que constituem o ser), do ser (produto final constituído a partir das diferentes partes) e, utilizando uma nomenclatura bioniana, como distinguir um pensamento de um aparelho de pensar pensamentos.

O feminino, tal como um conteúdo pensante, como um pensamento, um proto-pensamento ou uma pré-concepção, procura um contentor materno que o pense, que lhe dê um sentido e uma significação, estabelecendo deste modo com ele, uma relação transformadora, uma relação

continente/conteúdo. A relação então estabelecida entre materno/feminino, como protótipo de uma relação continente/conteúdo, possibilita a transformação destes conteúdos do pensamento em realizações, em concepções, permitindo a atribuição de um significado à experiência do feminino. É por e através desta relação, que a pré-concepção do ser se transforma numa realização do próprio ser, numa experiência emocional conceptual apta a ser utilizada para outras novas experiências, abrindo e perpetuando o leque de significação do ser, aumentando e desenvolvendo o aparelho de pensar pensamentos.

Utilizando a ideia proposta por Ribas (1993), deparamo-nos com o facto de o feminino se desenrolar no interior de uma relação objectal continente/conteúdo, por identificação ao objecto primário, à qualidade intrínseca do funcionamento de “*rêverie*” da mãe, permitindo-lhe a transformação da pulsão inerte (ser) numa realização ser, numa pulsão feminina ou masculina, entrando assim na bissexualidade psíquica. No entanto, neste estudo e de acordo com Klein e Winnicott, consideramos que o feminino, a posição feminina, precede a posição masculina, transformando-se a pulsão inerte numa posição feminina por identificação ao objecto materno. Ao feminino, são assim atribuídas qualidades de passividade, receptividade e abertura, em contraste com o masculino como uma construção efectuada a partir e a par do feminino, e como tal caracterizado por qualidades de actividade, intrusividade e encerramento, e por conseguinte, responsável pela continuidade e perpetuação da experiência do ser.

O ser exprime-se então, pela transformação do feminino em maternal, pela entrada em circulação do feminino, como uma energia contida num continente materno. Entramos na fase do materno primário de Guignard, que corresponde ao núcleo das primeiras identificações que o Ego vai desenvolver e à integração dos elementos dispersos da fase esquizo-paranóide. Ao feminino primário correspondem as identificações seguintes,

os mecanismos integrativos e elaborativos da pulsão de morte, da fase depressiva. Enquanto que no materno primário se constatam as diferentes partes do ser, do feminino, a entrada em relação destas diferentes partes com o continente materno, numa relação continente/conteúdo desintoxicante e transformadora, que permite a integração e articulação dos mesmos, construindo e realizando o ser, caracteriza a fase do feminino primário.

No entanto, coloca-se a questão de como se efectua esta passagem do materno primário para o feminino primário, como é que o feminino entra em relação com o materno.

Na nossa perspectiva, a partir do momento em que o feminino percebe que é feminino, quando o ser se apercebe da sua existência através de uma série de sensações novas que desconhece, surgem os primeiros pensamentos e a necessidade de um contentor que os pense, que dê um significado as estas novas sensações e emoções.

O feminino, como elementos excitáveis, elementos beta a serem evacuados, entra em relação com o continente materno (fase do materno primário) que, através da sua *"rêverie"* materna, da sua compreensão e tolerância, os transforma em elementos pensáveis. Desenvolve assim uma relação em que os elementos excitáveis femininos (pré-concepções e proto-pensamentos) são transformados em elementos utilizáveis para o sonho e pensamento. O Ego, ainda rudimentar, vai-se identificando a esta função alfa, a esta *"rêverie"* materna, construindo-se como ser. Através da identificação a esta função materna, o Ego interioriza e integra as primeiras experiências, as sensações desconhecidas, adquirindo ele próprio a função alfa e construindo o seu ser (o feminino) integrativo e elaborativo da fase feminina primária. Uma vez constituído o ser, é necessária a entrada de novos elementos excitantes (masculinos) que abram e perpetuem o ciclo do ser, transformando-o num ser-com, no sentido de Winnicott: primeiro ser, depois ser-com, disponível a novas experiências e realizações, ampliando o ciclo da existência, não o encerrando no materno/feminino, mas prolongando-se no paterno/masculino.

5. Conclusão

Ao longo desta revisão bibliográfica, observamos que o feminino passa de um conceito pertencente exclusivamente ao domínio sexual e corporal, com conseqüente identificação e formação da identidade género, para ser perspectivado dentro e a partir das vicissitudes da relação objectal primária.

Não obstante a evolução teórica das diferentes considerações psicanalíticas sobre o feminino, mantêm-se actuais algumas das suas concepções mais clássicas. Dentro destas destaca-se a ideia da existência de uma bissexualidade psíquica inata aos dois sexos, que posteriormente se desenvolvem em feminino ou masculino e, ainda, a importância da noção do feminino como passivo, receptivo e de certa forma castrado, em comparação com o masculino activo, fecundador e poderoso.

Destas considerações teóricas nasce, também, a ideia do feminino como resultante de um trabalho do negativo, do recalçamento, noções estas a serem posteriormente desenvolvidas como estando na base da criação do mundo mental conceptual.

No entanto, surge a necessidade de aceder a novas concepções que nos ajudem a compreender a forma como feminino e materno se desenvolvem como qualidades psíquicas inerentes ao ser (alargando-se depois para o par paterno/masculino e abrindo a hipótese do ser passar a ser-com) e que promovem a estruturação e desenvolvimento do aparelho conceptual, fundamental e indispensável ao crescimento e enriquecimento mentais.

O materno e o feminino são agora concebidos como estruturas inerentes ao ser, existindo neste a partir do momento em que o ser é destinado a ser. Por outras palavras, trata-se de conceitos que correspondem a partículas que pre-existem ao ser psíquico e determinam a sua formação e desenvolvimento.

O materno corresponde ao espaço psíquico criado a partir das primeiras identificações com o objecto primário, com a capacidade de “*rêverie*” materna. A mãe com a sua “*rêverie*” onírica, possibilita a transformação das primeiras experiências sensoriais e emocionais em elementos utilizáveis ao sonho e pensamento, suscitando no seu bebé, a criação de um aparelho de pensar pensamentos, por forma a pensar os elementos transformados em pensamentos. Neste campo sensorial e emocional inicial, o materno primário, possibilita a atribuição de uma significação interna às experiências vividas, com conseqüente transformação do pulsional em simbólico, promovendo, por conseguinte, o desenvolvimento e crescimento do universo mental.

O materno não corresponde apenas à identificação à mulher-mãe, mas constitui-se também pela identificação à função materna, no seio da relação bebé/mãe(seio materno), relação esta que permite o seu desdobramento e crescimento emocional.

Na continuação do materno surge o feminino, igualmente como uma estrutura inerente a esta relação mãe/bebé, possibilitando no bebé, o desenvolvimento da sua capacidade de distinguir e de enunciar a diferença, e de a interiorizar, tolerar e viver com ela.

O feminino não corresponde somente ao reconhecimento da diferença de sexos, não se promove exclusivamente pela constatação de que existe um pénis para além da vagina, como também não se limita à identificação à mulher feminina sexuada, à aquisição da identidade de género. É tudo isto, mas é também, e sobretudo, um campo mental destinado a reconhecer diferenças e a lidar e viver com elas. Por outras palavras, é no campo do feminino que o bebé reconhece o dentro como diferente do fora, que percebe que existe um Outro para além dele, e que não é o sujeito/objecto da relação mãe/bebé. Surgem as primeiras emoções relacionadas com o conflito provocado pela perda do objecto primário (a relação amada e idealizada mãe/bebé do campo do materno) intensificando-se então, os processos de

interiorização e introjecção, da culpa de ter perdido e danificado o objecto amado e idealizado. No entanto, simultâneamente a estes processos introjectivos e regressivos, reparadores de culpa e angústia suscitada pelo reconhecimento da diferença, sobressai o desejo de conhecer o Outro, de conhecer aquele que conhece, de conhecer novos objectos dotados de qualidades e propriedades internas, de expandir a mente, ampliando assim, o seu universo interno.

Consequentemente, o materno e o feminino, constituem-se como os primeiros espaços psíquicos internos, que se formam, estruturam e organizam a partir da relação objectal primária bebé/mãe(seio materno), das primeiras experiências sensoriais e emocionais. A atribuição de um sentido e significado a estas experiências, é desempenhada pela capacidade de “*rêverie*” materna, pelo desempenho da sua função alfa, que, por sua vez, conduz à consciencialização da noção da existência do ser, do ser distinto do Outro. É ainda pela duplicação e desenvolvimento destas experiências emocionais que se torna possível a introjecção da função contentora, da “*rêverie*” materna, capaz de conter, integrar, articular, transformar, ligar, re-ligar, re-criar os elementos dispersos, clivados e não integrados, em elementos utilizáveis para o sonho e pensamento, desenvolvendo deste modo o processo de formação de símbolos, que evidencia a existência de um aparelho de pensar pensamentos e a actividade de pensar.

Compreendemos, finalmente, como a partir das instâncias psíquicas internas do materno e do feminino, que se desenvolvem no seio de uma relação objectal, se desenvolve o pensamento, e como, a partir do desdobramento destas experiências emocionais, o sujeito adquire e aprende a capacidade de criar e recriar novos objectos, transformando-se num novo objecto recriado, enriquecido e enriquecedor, expandindo e ampliando todas as suas capacidades adaptativas, reconstrutivas e recriadoras.

III. ADOLESCÊNCIA

1. Introdução

“Nunca tive infância, nem adolescência, nem portanto idade viril a que chegasse. Sou o negativo absoluto, a encarnação do nada. O que se deseja e não se pode obter, o que se sonha porque não se pode existir - nisso está meu reino nulo e aí está assente o trono que me não foi dado.”

Fernando Pessoa

Adolescência: ponte tumultuosa do crescimento e desenvolvimento humano, repleto de dúvidas, circunspeções, perdas e ganhos. Pode-se considerar como algo que é e também não é: é-o, no sentido em que é permitido ao sujeito vivenciar este tempo, em toda a sua plenitude, em que lhe é possibilitada a questão Shakespereana do ser. Não o é, quando o sujeito não pode viver este período livremente, quando não pode atravessar a ponte, mas vê-se perante a obrigação de a saltar, à custa de uma super exigência de si. Esta transição brusca, da meninice à vida adulta, não se faz gratuitamente, mas sim através de uma hiperamaturação psicológica, de uma adultomorfização, levando o sujeito a encarar a fantasia e a realidade com uma grande frieza, aspereza e crueza, despindo e pondo a nu todos os seus afectos.

A adolescência é também algo que já não é e que ainda não foi: já não se é a criança que se foi; ainda não se é o adulto que se poderá ser. Trata-se de um tempo de identidade entre idades: de um período de construção e consolidação da identidade, entre uma e outra idade, num antes e depois limitado, contido, com princípio, meio e fim, no qual, por vezes, não se consegue entrar e outras há, em que não se consegue sair.

A adolescência constitui-se ainda na fluidez e maleabilidade, aonde o tempo não tem tempo e é usado simplesmente para passar o tempo. Nela, todo o canto arredonda, toda a esquina é contornada, tudo se faz num vaivém contínuo/descontínuo, num sossego desassossegado.

A adolescência, apesar de ser um período turbulento, não é necessariamente prejudicial. Há lutos e perdas, mas também ganhos, conquistas, novas oportunidades e novos começos. Não se processa exclusivamente pelo negativo, mas procura, sobretudo, o positivo, o adaptativo e o criativo.

Neste estudo preocupamo-nos em descrever a adolescência não de um ponto de vista amplo e genérico, nas suas vertentes sociológicas, biológicas e psicológicas, mas essencialmente na sua perspectiva psicodinâmica, a par e passo com as outras vertentes. Deste modo, preferimos falar não tanto de adolescência, mas antes do processo adolescente. Os autores que sustentam este suporte teórico enquadram-se, por conseguinte, nas ideias e ideais psicanalíticos, com especial ênfase para a perspectiva “trans” do processo adolescente. Este é assim considerado como um processo transformacional, decorrente da integração entre o antigo e o novo, o fora e o dentro, a mulher e o homem, a criança e o adulto, já que em todo o adulto existe uma criança dentro de si, já que “...o melhor do mundo são as crianças.” (Fernando Pessoa)

2. O Processo Adolescente

“ Com a chegada da puberdade, têm início as transformações que hão-de levar a vida sexual infantil à sua definitiva constituição normal. O instinto sexual, até então, predominantemente autoerótico, encontra por fim o objecto sexual... Surge agora um novo objectivo sexual, para o qual se dirigem todos os instintos parciais, ao passo que as zonas erógenas se subordinam à primazia da zona genital.” (Freud 1905,1929/1948 p.801)

A adolescência, período de inquietação e expectativa, surge no final do período de latência, com início na puberdade e corresponde a uma passagem da infância à vida adulta, com alterações a vários níveis, biológicos, psicológicos e sociais.

Em termos psicológicos, trata-se de uma fase de desenvolvimento extremamente importante e determinante na formação, organização e estruturação da personalidade do sujeito, na qual é suposto o sujeito adquirir uma identidade sexual, aceder à formação da sua identidade sexual, definitiva e adulta, pondo assim termo à bissexualidade psíquica (Meltzer,1973/1990; Gutton,1983), com a escolha entre masculino e feminino.

É uma fase temática, cujos principais temas se reduzem à identidade (Erikson,1968 in Laufer,1997) e ao corpo (Laufer & Laufer, in Laufer,1997).

Dentro de uma perspectiva dinâmica, a questão central da adolescência diz respeito à situação pré-edipiana e edipiana. Assiste-se a um retorno dos dramas da latência, à renegociação da relação pais/criança, dentro de um contexto de desenvolvimento sexual corporal. A adolescência constitui-se como a última possibilidade de o sujeito resolver aquilo que não pôde, ou não foi capaz, nas primeiras relações objectais durante a infância. É assim um período de esperança mas, também, de inquietação, no qual a experiência emocional dos campos do materno e do feminino desempenham, ainda, um papel fundamental de tranquilização, contenção e estabilidade, neste momento de mudança.

A puberdade, ponto de partida de todo este período, inicia-se pelo desenvolvimento biológico, hormonal e fisiológico, com consequentes alterações corporais que conduzem à maturação sexual.

Do ponto de vista psicológico, a puberdade determina o fim da latência, com reaparecimento das tendências e conflitos infantis associados à cena primitiva: "...terminado o período da latência, volta-se a formar a relação primitiva." (Freud 1905/1948, p.808)

A dessexualização da latência traz consigo: "...uma revivescência pulsional maciça quer da libido quer da agressividade...com a conseqüente intensificação das pulsões edípicas." (Dias & Vicente,1984,p.35). A esta vivência associa-se ainda uma crise narcísica identificatória com todas as angústias sobre a autenticidade do próprio, do corpo, do sexo, por vezes acompanhada de sentimentos esquizóides de bizarria e estranheza." (op cit in p.36)

Embora se trate de uma reactivação do Édipo, assiste-se a uma inquietação corporal e psicológica, a uma sensação de desconhecimento tanto do Eu, como do corpo, em que tudo se parece organizar de uma nova forma, num novo palco aonde os actores deixam de ser o pai, a mãe e o filho mas, o homem, a mulher e o adolescente.

A entrada na puberdade e a emergência dos desejos sexuais nas suas formas infantis, perversas e polimorfos, pressionam o Eu de tal forma que este, numa tentativa de manter a sua consistência e coerência, por um lado reutiliza maciçamente o mecanismo de clivagem, provocando no adolescente a vivência confusa do seu sentimento de identidade. Por outro lado, observa-se também nesta fase uma diminuição do uso severo do mecanismo de clivagem em relação à estrutura da latência, reemergindo algumas questões pré-edípicas de incerteza no que concerne à diferenciação entre interno/externo, criança/adulto, bem/mal, masculino/feminino.

A adolescência constitui-se, assim, como uma estrutura caracterizada pela: "...passagem de uma clivagem do Eu para uma integração em relação aos objectos que, também, através da integração, são transformados a partir de uma multiplicidade de objectos parciais para uma família de objectos totais no mundo interno." (Meltzer, 1973/1990, p.51)

Já não se fala de um investimento nos objectos parciais, das fases oral, anal e fálica mas, num reinvestimento libidinal do objecto total e genital. Este reinvestimento aparece sobretudo por um "agir", traduzido ou pela actividade masturbatória, ou pelo acesso à experiência sexual. (Dias & Vicente, 1984). O reaparecimento da actividade masturbatória, em conjunto com a inveja oral, provocam no sujeito uma tendência para abandonar o Eu e procurar uma identidade objectal através da intrusão no objecto. (Meltzer, 1973/1990) Trata-se de um agir corporal que procura uma identidade objectal; é uma acção do corpo que projecta partes de si no Outro e que traduz a tentativa do adolescente em se identificar com este novo objecto, inteiro e sexualizado, criado a partir das suas próprias projecções.

Consequentemente a este vaivém de movimentos projectivos e identificatórios, instala-se no adolescente a ansiedade confusional típica do adolescente, centrada essencialmente no corpo, a partir do momento em que aparecem os primeiros caracteres sexuais secundários, ansiedade esta justificativa deste agir corporal sem fim.

O adolescente é deste modo um sujeito de acção (Bateman, A. 1997 in Laufer, 1997) um sujeito que luta para perceber e reorganizar a sua relação com o mundo externo, a partir do seu mundo interno que, por sua vez, se encontra num estado de grande confusão: o adolescente ainda não se encontra preparado para sublimar totalmente as fantasias, em grande parte decorrentes de novos e desconcertantes sentimentos sexuais. Os conflitos internos tendem a ser exteriorizados mas, de forma impulsiva, pouco

controlada, emergindo os sentimentos intensos de amor e paixão e, também, os acessos de raiva, fúria e incompreensão.

Os “ estados sexuais da mente” (Meltzer) do adolescente encontram-se assim num grande “pot-pourri” (Meltzer): o adolescente não consegue distinguir com clareza o estado adolescente, das ilusões infantis da vida adulta, induzidas pela masturbação, em simultâneo com a identificação projectiva para os objectos internos (o que justifica toda a sua preocupação com a moda, a ginástica, com o externo). (Meltzer, 1973/1990). O adolescente tem agora à sua frente a necessidade de regular e modular por si, os seus estados corporais afectivos (Bateman, A. 1997 in Laufer, 1997). Com o desenrolar do tempo, ele aprende a enfrentar os outros com a sua zanga e sexualidade, sem medo que os outros o destruam ou rejeitem. No lugar dos pais emergem ideias, sistemas, modelos que desempenham papeis, modas e aspirações que visam conter e definir este Eu frágil, em construção e solidificação.

A tentativa de integração do fantasma edipiano, da cena primitiva e suas consequentes clivagens, colocam agora o adolescente numa enorme encruzilhada de dúvidas e incertezas em relação a si, ao Outro, a tudo o que diga respeito a diferenças.

As alterações nas vivências da sua própria identidade, a mudança contínua do centro de gravidade da experiência de identidade provocam no adolescente uma qualidade emocional muito específica: a instabilidade. E, porque todo este processo adolescente se funda em clivagens, os vários estados de espírito que ele vivencia nem sequer conseguem entrar em contacto entre si (Daqui a sua incapacidade em ter obrigações com os outros, levar a cabo as suas resoluções e perceber porque não lhe conferem responsabilidades adultas) (Meltzer, 1973/1990).

A questão central do adolescente resume-se então à confusão em que ele se sente, confusão esta baseada na fluidez da matriz da sua personalidade: “O que a adolescência cria é fluidez aonde a latência impunha a cadência rígida da clivagem.” (Dias, 1995, p.127).

Na organização da personalidade adulta, a clivagem e diferenciação são já ordenadas, elásticas e trabalhadas, de modo a se estabelecer, sem rigidez, o sentido da identidade.

O sentimento de identidade adulto resulta da integração da bissexualidade psíquica do casal sexual, da identificação introjectiva e projectiva às imagos parentais nos seus papéis feminino e masculino, tornando possível a intimidade sexual. (Meltzer, 1973/1990). Trata-se agora da utilização da identificação projectiva ao serviço da comunicação (Bion), diferente da violenta clivagem e identificação da bissexualidade infantil, prevalente na puberdade e adolescência.

Compreende-se então porque a experiência da identidade é “...complexa na estrutura e variada na qualidade.” (Meltzer, 1973/1990, p.52). É uma experiência que não existe por si só, isolada, mas acompanhada de um pano de fundo de objectos internos e externos, sendo por conseguinte, regido por leis da realidade psíquica e da realidade externa. Ou seja, trata-se de uma experiência que tem uma base inconsciente, correspondente ao conceito de identificação e experiência do Eu, com todas as vertentes inerentes às transformações da imagem corporal.

Esta nova realidade provocada por este novo corpo, por esta nova imagem da representação de si sexualizada se, por um lado, põe termo ao fantasma edipiano da cena primitiva, por outro, reduz a fenda entre imaginário e real. Simultaneamente, ampliam-se no adolescente sentimentos de culpabilidade, com consequente diminuição de autoestima, ocorrendo ainda por vezes uma sensação de esvaziamento do Eu, de perda narcísica. Esta perda decorre habitualmente da necessidade de o adolescente se libertar da dependência narcísica das imagos idealizadas da infância. Para o adolescente se poder

identificar introjectivamente com as imagos parentais e integrar a bissexualidade psíquica, ele necessita de desinvestir libidinalmente as imagos parentais de modo a poder investir noutros novos objectos.

O adolescente encontra-se agora numa dialética interna de liberdade e dependência: se, por um lado, se afasta das imagos idealizadas da infância, dos pais reais, por outro, necessita de novas figuras com quem se possa identificar. Surge, assim, o grupo adolescente.

O grupo constitui-se essencialmente como um meio que possibilita a autonomia psíquica e a maturidade emocional, dependendo o adolescente dele no que diz respeito à consolidação da sua identidade.

Através do grupo, o adolescente consegue de forma mais harmoniosa proceder à socialização dos seus processos internos (Meltzer, 1973/1990). Por mais delinvente e anti-social que o grupo possa parecer, este desempenha um papel de sustentação dos mecanismos de clivagem, uma vez que é nele que são disseminados partes do Eu adolescente, diminuindo e aliviando a confusão, a onipotência e a ansiedade persecutória adolescente. O estado de confusão do grupo é essencial para a elaboração das confusões inerentes ao desenvolvimento adolescente, confusões estas que dificultam o acesso à individualidade e estabelecimento de relações mais íntimas, sexuais.

O grupo possibilita ainda uma fuga às regras e obrigações da vida familiar, já que qualquer restrição é sentida como uma prisão. Contudo, o meio familiar deve permanecer "suficientemente bom", de modo a poder funcionar como um "espaço transitivo" (Winnicott) de maturação da vida infantil para a vida adulta.

Por e pelo grupo, o adolescente emerge para a vida adulta, dado que: "...a adolescência persiste até ao seu abandono, por regressão ou por progressão." (Meltzer, 1973/1990, p.58), podendo-se por vezes observar uma

oscilação entre a rigidez da latência e uma progressão em direcção à potencialidade adulta, através da identificação projectiva ao objecto combinado.

O adolescente encontra-se agora perante a necessidade de efectuar mudanças a três grandes níveis, nomeadamente, na relação com os pais, com os outros da sua idade e, finalmente, com o seu corpo sexualmente maturo. (Friedman & Laufer, in Laufer, 1997)

Segundo M. Laufer (1997), existem um determinado número de características evidentes no processo adolescente, dentro das quais se destacam:

Durante o processo de independência das imagens parentais, cria-se no adolescente uma reserva de auto-estima, da qual ele tem consciência e que, por sua vez, lhe possibilita confrontar-se e lidar com sentimentos de desespero e insegurança, restaurando deste modo o respeito por si próprio;

O sentimento de vazio e ansiedade, decorrente desta perda de dependência em relação aos pais, é muitas vezes superado pela reserva interna de amor, adquirida na relação anterior com os pais. Esta mesma reserva, habilita ainda o adolescente a olhar para o futuro numa perspectiva realista, optimista ou pessimista, consoante a qualidade da relação anterior com as imagens parentais;

A maturação corporal traz consigo novos pensamentos e sensações. Estes, se por um lado provocam sentimentos de vergonha e de culpa, por outro também suscitam sensações de prazer, pelo que o adolescente procura novas relações, relações estas que o autorizam a experienciar o gozo sentido.

Por vezes o adolescente preocupa-se com estes novos pensamentos, sobretudo quando estes se relacionam com ideias de anormalidade. No entanto, no desenvolvimento psicosexual "normal", o adolescente toma consciência de que estes pensamentos não o dominam totalmente.

O adolescente encontra-se assim diante de um conjunto de tarefas, cuja solução determina a sua entrada na vida adulta (Mehra, K. in Laufer, 1997):

A alteração da auto imagem, inclui transformações corporais que lhe dão acesso à vida sexual adulta;

A diminuição da dependência emocional em relação aos pais, encaminham-no para uma desidealização das imagens parentais, autorizando-o a uma apreensão mais realística dos mesmos, com todos os seus defeitos e qualidades. A independência gradual das imagens parentais é ainda libertadora, no sentido em que possibilita ao adolescente procurar novas relações amorosas extra-familiares. Acrescentar, a interiorização destas novas conquistas promove auto-confiança e auto-estima, estruturando e enriquecendo a sua personalidade adolescente.

O adolescente, no decurso da desidealização infantil e adolescente, adquire uma capacidade de aceitação em relação às suas capacidades e potencialidades, diminuindo a fenda entre imaginário e real e aumentando a sua tolerância à frustração, aceitando sem dor as suas falhas e, sem excesso, os seus sucessos.

Para uma melhor compreensão e integração do processo adolescente neste estudo, optamos por utilizar o esquema das diferentes fases adolescentes, proposta por Ladame (in Dias & Vicente, 1984):

A primeira fase corresponde à pré-adolescência, situa-se entre os 12 e 15 anos, e tem início na puberdade. O adolescente precisa aqui de se adaptar, sózinho, na ausência dos pais, às suas transformações corporais. Vivencia deste modo sentimentos de insegurança, medo, isolamento e expectativa em relação a este novo corpo desconhecido, podendo por vezes sentir saudade do corpo infantil, já tão conhecido para ele. É também característico desta altura a substituição da linguagem do pensamento por uma linguagem de acção: " Pensar é tão cansativo!" (Meltzer, 1992, p.145);

A segunda fase corresponde à adolescência propriamente dita, entre os 15 e os 17/18 anos e é sobretudo caracterizada por uma necessidade de independência emocional em relação às imagens parentais, emergindo o grupo como presumível saída a esta situação. Como referido anteriormente, através deste, o adolescente procura uma independência a nível do pensamento, dos desejos, das actividades extra-escolares, sendo-lhe finalmente possibilitada a entrada na vida sexual;

A última fase corresponde ao fim da adolescência, entre os 18 e os 21 anos, na qual é suposto a aquisição de uma identidade sexual definitiva e estável, e a estruturação da matriz da personalidade, adulta.

A adolescência constitui-se assim como um período caracterizado por um jogo de identificações e pela consolidação de identificações primárias-maternas e secundárias-paternas, culminando na aquisição de uma identidade corporal, sexual, íntegra e estável.

A tarefa principal do adolescente resume-se à possibilidade de transformação do luto decorrente da perda das imagens parentais, cujo funcionamento conseqüente se descreve: por um lado, pelo desinvestimento das ligações de dependência narcísica destas imagens e por outro, pelo reinvestimento e reobjectualização de novos objectos. Conseqüentemente, o adolescente vê-se agora confrontado com a tarefa de elaborar cinco tipos de luto (Dias & Vicente, 1984):

Luto pela fonte de segurança - do refúgio materno, vivido pelo adolescente não como uma separação, mas como um abandono imposto, surgindo o herói, a vedeta, a actriz como uma substituição deslocada do investimento à imagem materna;

Luto renovado do objecto edípiano - na presença dos pais reais, o adolescente liquida as suas imagens maternas e paternas, necessitando de reinvestir libidinalmente outras novas relações transformando, também, a relação com os próprios objectos parentais;

Luto pelo Ideal do Ego - com o crescimento, observa-se um deslizamento do princípio do prazer em direcção ao princípio da realidade, com conseqüente substituição do Ideal do Ego pelo Super-ego;

Luto pela bissexualidade - adquirida uma identidade sexual à custa das identificações infantis, o adolescente depara-se com a necessidade de efectuar uma escolha objectal amorosa;

Luto pelo grupo - o que confere ao adolescente a possibilidade de superar a solidão e de estar enfim, só, de forma sossegada e tranquila, numa "Alma Calma".

" É então - no fim da adolescência - que o luto pelo grupo anuncia a viabilidade do homem individual, apto a ligar-se a outros homens e a outras mulheres na cooperação e na sociabilidade necessária à cultura, ao trabalho e ao amor. Retornado a si, o adolescente terminal deve trazer consigo uma família interna, inteira e unida, onde antes existiam objectos ameaçadores, exigindo o preço do resgate pela raiva ou pelo desejo." (Dias, C. A. 1995, p.132)

A adolescência consiste essencialmente num processo de múltiplas transformações internas e externas que implicam todo um trabalho de separação, perda e elaboração do luto, com o reestabelecimento de ligações emocionais entre objectos internos e externos, entre o velho e o novo, dando lugar à formulação de novos objectos e novas ligações.

Numa outra perspectiva, a adolescência pode ser considerada como um período de crise, se associada a uma intensa turbulência emocional, de sofrimento e instabilidade psíquica. (Ladame, 1978 in Braconnier, 1985) No entanto, também pode ser descrita como uma ruptura, de modo a se poder "...assinalar e melhor compreender as manifestações intra-psíquicas subjacentes e sobretudo a maneira como elas foram vividas, elaboradas e utilizadas subjectivamente." (Braconnier, 1985, p.9)

A ruptura adolescente é assim uma passagem de um estado de crise, de uma fase instável e conflitual, a um estado mais sossegado e tranquilo, durante o qual, são por vezes colocadas questões tanto de ordem interna, como externa.

Nos factores de ordem interna, encontra-se toda uma problemática de integridade e continuidade psíquica do sujeito, no qual são postos em causa os modos de organização e eficácia do mundo defensivo e imaginário do sujeito. Nos factores de ordem externa, são discutidas todas as questões relativas à natureza da qualidade e fiabilidade dos vínculos, inerentes às relações familiares e grupais.

No que concerne aos factores de ordem interna, podem-se observar dois tipos de ruptura: da memória e da continuidade psíquica.

A ruptura da memória psíquica, diz respeito a uma grande rapidez das substituições intra-psíquicas, com amnésia do estado precedente, forma interessante de perceber a razão pela qual o adolescente vive no presente, incapaz de se perspectivar no futuro: "o futuro é simplesmente o presente extrapolado." (Meltzer, 1992, p.144)

A ruptura da continuidade psíquica deve-se essencialmente às transformações corporais que obrigam o adolescente a tomar posse do seu corpo sexuado, masculino e feminino, provocando nele por vezes o sentimento de não pertença ao mundo interno e externo: "...vivenciando desta forma a sensação de um desmoronamento psicológico, no qual está submergido e incapaz de funcionar, comprometendo assim a adaptação à realidade." (Braconnier, 1985, p.10)

⇒ A integração da imagem corporal no adolescente constitui-se, de facto, como um ponto fulcral no processo adolescente, na medida em que caracteriza em muito o trabalho de ligação e articulação entre o novo e o velho, entre o interno e o externo. A imagem do corpo e o investimento narcísico do Eu corporal, constrói-se a partir da relação mais primária do bebé com o corpo da mãe, no seio de toda uma experiência sensorial e emocional. Cria-se no

bebé um fantasma de fusão do seu corpo com o corpo da mãe, um sentimento de união narcísica com uma mãe gratificante, o que torna possível a manutenção de uma experiência libidinal e a integração de vivências corporais, objectais ou auto-eróticas, no contexto desta relação. (Laufer, 1984)

A chegada da puberdade ameaça a perda deste corpo infantil indiferenciado mas conhecido e compreendido pela criança, permitindo-lhe viver de acordo com o seu corpo e os seus pensamentos e emoções internas.

Com as transformações pubertárias, o adolescente adquire uma maturação sexual que lhe dá acesso à actividade sexual genital, em que as experiências masturbatórias daqui decorrentes podem corresponder a uma tentativa de retorno ao fantasma fusional originário, ao retorno ao corpo infantil, perdido: "O esforço que o adolescente faz, quer sob a forma auto-erótica, quer pelo recurso aos objectos externos, faz-se no sentido de restaurar aquilo que ele ou ela perdeu." (Laufer, 1984, p.238)

Se por um lado o conceito de ruptura evidencia a importância da noção de continuidade psíquica, por outro, Braconnier, inspirado em Widlocher, prefere falar do processo adolescente como um: "...processo de transformação habitado por sistemas de acções, nas quais, umas se continuam a desenvolver e outras se formam na adolescência." (Braconnier, 1985, p.11)

Desta forma, Braconnier define o processo adolescente estreitamente relacionado com as acções e probabilidade de actualização das mesmas:

Dentro das acções, encontram-se aquelas que mantêm o desenvolvimento das acções do pensamento, do imaginário, dos fantasmas e das defesas. A manutenção destas acções só se torna possível graças a uma passagem de um movimento de des-ligação e clivagem, a um de ligação e integração, movimentos estes essenciais ao processo adolescente;

De igual importância encontram-se também as acções provocadas pelo acesso à genitalidade, as acções psicológicas decorrentes das

transformações corporais que, por sua vez, implicam o estabelecimento de um novo limite entre masculino e feminino e a constituição do Ideal do Eu.

Posteriormente, o adolescente actualiza as acções desenvolvidas, atribuindo-lhes um sentido e uma significação, através de investimentos, modulados pelas circunstâncias, pelos encadeamentos sequenciais e pelo acaso. No entanto, a actualização das acções, depende não só de situações externas relacionadas com a estabilidade ou instabilidade nas relações familiares, como também de situações internas, de conflitos provocados pelo objecto inconsciente do gozo e o objecto de desejo pré consciente e consciente.

Por vezes, este processo bloqueia, encalha e é necessário, na prática clínica, assinalar o elo do ciclo em que a acção estagnou, pois o adolescente, numa tentativa de mudar, repete, repete, repete, incessantemente sem parar, não conseguindo deste modo, nada transformar.

Na mesma linha de pensamento da continuidade e descontinuidade psíquica, Braconnier ajuda-nos a perceber o processo adolescente como um movimento de separação: do masculino e do feminino; da ilusão e da decepção; da ausência e da presença e finalmente, do trabalho de luto e do sonho.

O trabalho psíquico do adolescente corresponde a um tarefa de separação: "...o mesmo que dizer que é um trabalho em que pesa mais o afecto da angústia depressiva do que o da dor mental, um trabalho aonde o deslocamento de interesses em direcção aos novos objectos e investimentos precede, temporalmente, a perda de objecto, um trabalho que consiste não tanto numa interiorização do objecto perdido, mas mais numa clivagem entre os novos investimentos e as ligações remanescentes ao objecto." (op. cit. in, p.17)

Em conclusão, Braconnier define a adolescência como um período de mudança interna, provocado sobretudo por separações do mundo interno, com conseqüente reorganização dos investimentos objectais, resultantes da

clivagem entre o vínculo que permanece no objecto e o vínculo que se destina a efectuar novas ligações aos novos e velhos objectos.

A adolescência é desta forma entendida como um processo de transformação, de ligação, re-ligação, articulação entre o antigo e o novo, o novo e o renovado, o interno e o externo e, finalmente, entre o materno e o feminino, cujo objectivo final consiste em atribuir um sentido e um significado a todas estas novas e velhas vivências transformadas.

2.1. Perspectiva transformacional

Numa perspectiva transformacional, baseando-nos na teoria do pensamento e do conhecimento de Bion, podemos considerar a adolescência como um processo de oscilação dinâmica entre as posições esquizo-paranóides e depressiva, simbolizada por: $Ps \leftrightarrow D$ (Bion, 1963), descritas a partir das posições esquizo-paranóide e depressiva de Klein. Estas posições são essenciais para a construção do mundo interno, mundo este descrito a partir do modelo da relação mãe/bebé.

Para Klein, o mundo interno é o produto das próprias pulsões, emoções e fantasias do bebé, influenciadas pelas boas e más experiências do mundo interno sobre o externo. Estas sensações e sentimentos iniciais, primárias são projectadas pelo bebé no primeiro objecto interno - o seio materno, distinguindo-se à partida dois tipos de qualidade materna: o bom seio e o mau seio.

A posição esquizo-paranóide, característica dos primeiros tempos de vida, é constituída por mecanismos de clivagem e identificação projectiva, resultantes da ansiedade persecutória sentida pelo Ego, imaturo e pouco coeso. Numa tentativa de se defender contra a emergência desta ansiedade, utiliza o mecanismo de clivagem, separando as emoções, os objectos

internos e os objectos externos, projectando no externo aquilo que é sentido como mau - o mau seio - e introjectando para si as boas experiências - o bom seio. Consequentemente, nesta fase, predominam movimentos de desintegração e dispersão.

Na fase seguinte, na posição depressiva, a ansiedade persecutória é substituída pela ansiedade depressiva, quando as pulsões destrutivas do instinto de morte, através da fantasia onnipotente, danificam o bom objecto. Surge então a culpa da destruição do objecto, ambivalentemente amado e odiado. O Eu fortalece-se pela interiorização de bons objectos, possibilitando-lhe a projecção para o exterior de sentimentos positivos e gratificantes. A clivagem e a dispersão, são agora substituídas por um movimento de integração e síntese. O Ego integrado e estável é agora capaz de deixar de se preocupar consigo e estabelecer novas relações com outros objectos, relações objectais.

No entanto, “o luto sentido pela posição depressiva e as pulsões de desejo de reparação desenvolvidas para restaurar os objectos amados, interno e externo, são dirigidas quer ao objecto quer ao próprio” (J. C. Trincão, 1984, p. 400). As pulsões instintivas são por consequência inibidas e reprimidas: surgem os mecanismos de recalçamento e deslocamento e assiste-se à génese da formação de símbolos.

Como refere H. Segal (1955 e 1979), a formação simbólica corresponde a uma conquista da posição depressiva, na medida em que emerge da necessidade do Ego resolver os conflitos despoletados pela ansiedade proveniente do reconhecimento da perda do objecto idealizado, que evidencia em si mesmo, a capacidade de pensar.

Criados no mundo interno, os símbolos surgem para restaurar, recriar, recapturar e possuir novamente o objecto original. “Os símbolos, criados internamente podem então ser re-projectados no mundo externo, dotando-o

de significado simbólico” (Segal, 1955 e 1979/1988, p. 174). O Ego pode então vivenciar a perda e recriar o objecto, “...na medida em que distinto do objecto, o símbolo também é reconhecido como um objecto em si mesmo” (Segal, 1955 e 1979/1988, p. 174). Formado este novo objecto ele pode ser mais livremente utilizado, sobretudo ao nível da comunicação, tanto interna, como externa. “Um aspecto importante da comunicação interna é a integração de desejos, ansiedades e fantasmas iniciais, aos estágios posteriores do desenvolvimento via simbolização” (Segal, 1955 e 1979/1988, p. 176).

Deste modo, os conflitos antigos não resolvidos e a ansiedade por eles desencadeada, vêem agora o seu término, através do uso da simbolização. A simbolização surge como um deslocamento em que a identificação projectiva ocorre como uma modalidade particular de deslocamento, presente na fase esquizo-paranóide, formando-se os alicerces do pensamento, já que “todo o pensamento verbal é uma comunicação interna por meio de símbolos” (Segal, 1957).

Bion utiliza estas noções Kleinianas e coloca a noção de identificação projectiva ao serviço da comunicação; a identificação projectiva emerge como modo essencial de comunicação primitiva entre a mãe e o bebé, comunicação através da qual nasce o pensamento.

Aplica ainda os mecanismos de clivagem e identificação projectiva às funções do Ego, nomeadamente às funções de pensamento, memória, atenção e acção. Cria a hipótese de que a mente se pode atacar a si própria quando cliva alguma das funções mentais e as projecta nos outros objectos. Essas partes, submetidas à identificação projectiva, são então capazes de desempenhar funções mentais determinadas, enquanto que as que permanecem no Eu o não são (Meltzer, 1981).

Bion considera igualmente o movimento de desintegração (da fase esquizo-paranóide) e de integração (da fase depressiva), como algo que existe constantemente e em relação com a “aprendizagem pela experiência”. Face a outras formas de conhecimento, o movimento que vai de uma desintegração esquizo-paranóide narcísica a uma integração depressiva-objectal, corresponde a um passo essencial a toda a aprendizagem pela experiência.

No entanto, para que ocorra este movimento de integração torna-se necessário a existência de um objecto contentor, objecto este dotado da capacidade de conter os elementos clivados e neles projectados, pela identificação projectiva.

Através destas noções, podemos perceber que no processo adolescente operam mecanismos de clivagem e de identificação projectiva, mediados por uma relação continente/conteúdo. Ou seja, numa tentativa de se fortalecer e tonificar, de se manter inteiro e coeso, de compreender a variedade de sentimentos que está a vivenciar, pelas múltiplas mudanças e transformações que nele estão a decorrer, o adolescente procura um continente, capaz de integrar e articular todo este novo leque de experiências e emoções.

A relação continente/conteúdo de Bion, advém da noção de espaço interno, dado que esta implica a existência de um espaço psíquico - continente/contentor dos elementos transformados e nele projectados - os conteúdos. A estrutura continente/conteúdo constitui uma abstracção da identificação projectiva, capaz de repetir as suas operações. A capacidade de conter a sua própria experiência emocional, de atribuir um significado e um sentido às vivências internas, proporcionam ao sujeito o desenvolvimento de toda uma actividade de pensar e o aprender pela experiência, favorecendo, conseqüentemente, o seu crescimento e desenvolvimento psíquico.

A capacidade de aprendizagem depende então das capacidades contentoras do continente, que passam da flexibilidade (a novos conteúdos) à integridade (da sua constituição): "É este o estado mental do indivíduo capaz de reter o seu conhecimento e a sua experiência e, no entanto, ser capaz de reconstruir a experiência passada, de forma a se tornar receptível a uma nova ideia... (continente ou conteúdo) têm de ser sustentados por uma (emoção) constante, que pode ser substituída. Só nesta condição é que ele pode representar um aparelho capaz de modificar as emoções. A capacidade de remodelação, de receptividade do continente, depende da substituição de uma emoção por outra" (Bion, 1962, p. 114).

Mas, para que ocorra a passagem de uma forma de pensamento a outra e se processe a aprendizagem pela experiência, é necessário não só a intervenção da estrutura continente/contéudo, como também a intervenção dos mecanismos de desintegração e integração ($Ps \leftrightarrow D$): os fenómenos isolados e dispersos (Ps) são reunidos em torno do facto seleccionado, introduzindo-se a ordem no disperso, permitindo assim a integração dos objectos e das experiências emocionais. É a descoberta desta coerência, desta conjugação constante que vai permitir a nominação, a representação das palavras como coisas, ou seja, a simbolização: "...A interacção entre as posições depressiva e esquizo-paranóide está igualmente ligada ao desenvolvimento dos pensamentos e da actividade de pensar. Melanie Klein e H. Segal sublinharam a relação entre a formação do símbolo e a posição depressiva - hipótese compatível com a conexão estabelecida entre a capacidade de pensar e a interacção das duas posições. Parece que existe igualmente uma ligação entre $Ps \leftrightarrow D$, mas a sua diferença não permite ver que forma possa revestir essa ligação, se é que ela existe. A junção de elementos que não têm aparentemente nenhuma conexão real ou lógica entre si, é característica de $Ps \leftrightarrow D$. A operação $Ps \leftrightarrow D$ é responsável pelo evidenciar da relação entre os «pensamentos» já criados por continente/contéudo. Mas na realidade tudo se passa como se $Ps \leftrightarrow D$ fosse tão autor dos pensamentos como continente/contéudo." (Bion, 1962, p. 41).

Nesta relação continente/conteúdo, o sujeito experiencia uma relação contentora e transformadora, que lhe dá acesso à criação de um novo espaço psíquico interno, capaz de pensar, suportar, tolerar e modificar as suas experiências emocionais mais significativas: a ansiedade, instabilidade e confusão em que o adolescente, por vezes, tanta vez se sente.

Também através deste espaço psíquico, move-se todo o jogo identificatório, com as suas vertentes vinculativas e desvinculativas, que conduz à construção e consolidação da sua identidade sexual e adulta.

O adolescente constrói-se assim no seio de uma relação materna, contentora, interna entre si mas, também, entre si e o Outro, entre os seus objectos internos e externos, num movimento que articula e relaciona os vários momentos de ligação e desligação, de integração e desintegração.

A adolescência caracteriza-se então por um ligação dos movimentos de separação, individuação e vinculação. (Fleming, 1993)

O processo adolescente faz então parte de toda uma dialética relacional, mutativa, que implica toda uma série de alterações nas relações do sujeito consigo mesmo e com os outros. Constitui-se como um tempo catastrófico, como um tempo que privilegia a “ mudança de catástrofe” (Bion, 1963), a mudança de sentido da noção de ser, numa dialética entre materno e feminino, entre paterno e masculino.

É um período de vacilação de equilíbrios, sublinhado por conceitos como maturação; mudança; transformação; integração; articulação; construção e crescimento, inerentes a uma relação, a uma relação entre objectos, entre objectos internos e externos, entre consigo próprio e entre si e os outros.

É também um período que reactiva o campo contentor do materno e do feminino (paterno e masculino), pela necessidade de re-significação das experiências novas, vivenciadas intensamente pelo adolescente, pela urgência de um espaço interno capaz de desempenhar a função alfa, a capacidade de revêrie materna. Esta função decorre no seio de uma relação

continente/conteúdo, permitindo ao sujeito abstrair e simbolizar as emoções sentidas, que por sua vez desenvolvem o trabalho onírico e o de pensar e, conseqüentemente, o aprender pela e através da experiência emocional.

No entanto, crescer implica pensar, e pensar é um trabalho a dois: pensa-se numa relação interna entre si e os seus objectos internos e entre si e o Outro, o Outro interno ou externo, através da “digestão gradual das experiências emocionais”. É pelo deslocamento e desdobramento das primeiras relações significativas que se estabelecem outras novas, dotadas de sentido. É pelo significado e sentido dado às emoções internas que se aprende pela e com a experiência.

Esta aprendizagem pela experiência implica uma mudança catastrófica (Bion,1965), o atravessar de uma “caesura” (Bion,1975) interna, repleta de dor e sofrimento: a confusão, a instabilidade e a intranquilidade em que o adolescente se move; a ansiedade e estranheza com que ele convive.

Superada a mudança catastrófica, atravessada a caesura, o adolescente transpõe-se de um estado disperso e descontínuo, para um íntegro e contínuo: percorre agora um movimento de ligação entre os vários elementos clivados, desligados e dispersos, criando uma estrutura interna - a “barreira de contacto”. Esta barreira, construída a partir da proliferação de elementos alfa no interior da mente, tem como função primordial formar e demarcar o contacto e a separação entre o dentro e o fora, o interno e o externo, o consciente e o inconsciente. Perante a situação catastrófica observa-se, a partir desta estrutura, o desempenho de um movimento de ligação pela mobilização de processos terciários, que estabelecem um movimento recíproco entre processos primários e secundários, ajustam a comunicação entre o dentro e o fora, de forma a constituir um sistema de representações inconscientes com comunicação com o Consciente, através do Pré-consciente (Green,1988).

A barreira de contacto, constitui-se assim como um processo em constante formação e separação dos fenómenos mentais, possibilitando a capacidade de estar acordado ou a dormir, de estar consciente ou inconsciente, de ter a noção de presente, passado e futuro. Tem ainda como função permitir a interferência da actividade mental na realidade, ao mesmo tempo que protege o contacto com o real, evitando a sua distorção por emoções internas.

Através da acção da barreira de contacto, o sujeito é capaz de proceder a novas ligações, religações e construções, ganhando, conquistando e estruturando o seu projecto de existir. A partir desta estrutura psíquica, cria-se um aparelho de pensar, ligar e recriar, que possibilita a articulação e integração entre antigos e novos objectos, entre interno e externo, entre dentro e fora, dando lugar à construção de um novo objecto, dotado de novas características internas emocionais significativas: transforma-se "O" - realidade última - em "O" e a partir de "O" (Bion,1965); transforma-se o adolescente a partir da criança que foi e no projecto adulto que ambiciona ser. Mas, quando o adolescente se transforma, também se conhece; conhece a sua realidade psíquica - as emoções básicas de ansiedade, amor, medo e ódio que, apesar de não poderem ser apreendidas pelos órgãos de sentido, são discriminados pelas suas transformações. Pela actividade do conhecimento, o sujeito (adolescente) toma consciência da sua experiência emocional, abstraindo-lhe uma formulação que lhe permite representar adequadamente a sua experiência e, assim, aprender e crescer com ela.

Segundo Zimmerman o êxito do desenvolvimento cognitivo depende de três factores:

1 - modelo da mãe real - a sua forma de utilizar o seu próprio pensamento e conhecimento e o seu modo de funcionamento de continente às angústias - conteúdos do seu bebé;

2 - a capacidade de simbolização da criança;

3 - o desejo que a criança tem de conhecer os seus conteúdos mentais, o que se encontra íntimamente relacionado com os vínculos de amor e ódio (L e H).

Da combinação destes três factores resulta a formação de K, -K ou não K.

No entanto, o “poder do conhecimento” pode levar a futuras descobertas, quando o conhecimento se constitui como o resultado da modificação dolorosa no vínculo K; ou a uma “fuga” à experiência dolorosa, impedindo a aprendizagem pela experiência emocional (e encontrando-se ao serviço de uma actividade mental designada por vínculo -K). Trata-se de um estado emocional invadido por sentimentos de inveja e voracidade, do estabelecimento de uma relação continente/conteúdo baseada na destruição, em que as emoções e os significados são activamente despídos de vitalidade e sentido, impossibilitando deste modo a descoberta e o desenvolvimento do conhecimento da verdade, já que só interessa conhecer a verdade se ela nos conduz a um estado de crescimento mental.

A questão da verdade coloca-se, pois ela é essencial ao desenvolvimento psíquico. É possível pensar numa verdade absoluta como um pensamento sem um pensador, como um conteúdo que ainda não encontrou um continente. Trata-se de uma ideia sem forma, desarticulada com a evidência. Co-existe com o pensador, embora nunca tenha entrado em contacto com ele. Bion designa esta verdade por “O”, como origem e realidade última ou verdade absoluta. É algo incognoscível e como tal a sua procura é dolorosa, implicando dúvida, mistério e aceitação da incompletude humana. A realidade última não pode ser conhecida, só transformada.

Bion considera então, a partir desta realidade, a existência de dois tipos de transformações:

As transformações de “O”, que possibilitam o saber acerca de algo e que estão relacionadas com K. Esta transformação implica a transformação de -K em K;

As transformações em “O”, transformações estas relacionadas com a variação e o crescimento, que possibilitam um conhecimento vivencial da realidade psíquica, em que o sujeito em vez de saber acerca de algo, transforma-se nesse mesmo algo.

A relação entre verdade e conhecimento, as transformações de “O” e em “O”, encontram-se deste modo resumidas em Hamlet : “To be or not to be, that is the question!”.

Apesar de querer conhecer a verdade, a capacidade humana de tolerar verdades sobre o próprio, é frágil. A verdade é uma fonte de sofrimento e o desejo de conhecer nunca é completo nem satisfeito. A tendência para a evasão é grande e a psique está constantemente preparada para criar mentiras, mentiras estas que se vão opôr à dor.

Para Bion, a formação simbólica está intimamente ligada à função de conhecer, uma vez que é a partir desta que o sujeito toma consciência da sua experiência emocional, abstraindo-lhe uma formulação que lhe permita representar adequadamente a sua experiência, a aprender e viver com ela.

No seu artigo de 1957, Hanna Segal fala-nos na natureza da formação de símbolos e na diferença entre equação simbólica e símbolo propriamente dito. A formação simbólica corresponde a uma função egóica contra as ansiedades mobilizadas nas primeiras relações objectais. Como já referido, os símbolos são criados no mundo interno como um meio de restaurar, recriar, recapturar e possuir novamente o objecto original. São transformações efectuadas pelo Ego de modo a não serem equacionadas com o objecto original. O processo de formação de símbolos corresponde a um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores.

Quando o mecanismo de identificação projectiva é utilizado como defesa contra as ansiedades depressivas, os símbolos já formados que funcionam

como símbolos, revertem a equações simbólicas. Nestas equações, os substitutos dos objectos originais ou partes do Eu são tratados e vividos como se fossem idênticos a ele. Esta não diferenciação entre a coisa simbolizada e o símbolo corresponde a uma perturbação na relação entre o Eu e o objecto. As propriedades próprias do substituto não são reconhecidas ou admitidas. A equação simbólica é usada para negar a ausência do objecto ideal ou controlar um objecto persecutório, característica do pensamento esquizofrénico. A equação simbólica surge assim como um meio de lograr e superar a dor da verdade, a dor da integração.

A partir destas reflexões teóricas, compreende-se que a procura da verdade psíquica de cada um se processa através das transformações de "O" e em "O", pois são estas que situam o sujeito no domínio do conhecimento (transformações de "O") e no reino do simbólico (transformações em "O"), do pensamento. Por outras palavras, o aprender pela experiência, o desenvolvimento do vínculo do conhecimento é feito a partir da transformação da experiência emocional, da experiência emocional interna significativa e nomeada (Rezende, A. M. 1995), num símbolo.

Perante a necessidade da procura da verdade, o sujeito, a partir da experiência inerente ao espaço psíquico do materno e do feminino, abstrai uma formulação; ou seja, abstrai dela aquilo que encontra de mais constante e opera uma transformação de "O" e em "O", colocando o sujeito no reino do simbólico. Uma vez neste território, o sujeito utiliza o símbolo para o desenvolvimento do seu aparelho de pensar pensamentos, aumentando deste modo, o seu aparelho conceptual. O sujeito opera agora, um maior número de abstracções e formulações, conduzindo a um aumento de toda a sua actividade simbólica.

O sujeito adolescente, na procura da sua verdade, transforma-se. Transforma-se no novo a partir do velho: modifica-se no que é, a partir daquilo que foi, numa base emocional (catastrófica), de se ter de colocar, de novo, face a novas relações com o materno e o feminino.

A transformação de velhos em novos objectos, conduzem a uma renovação e reestruturação do próprio sujeito, possibilitando-lhe por conseguinte, o crescimento da (verdade) realidade psíquica e a expansão do universo mental.

Face à tarefa de se estruturar e reorganizar, à necessidade de enfrentar novamente experiências emocionais muito primárias e primitivas (o materno e o feminino), o adolescente vê-se perante a obrigação de efectuar transformações nele e a partir dele, em que o produto final é ainda ele, mas de forma mudada, enriquecida e enriquecedora. No final da adolescência, o adolescente renovado e reestruturado, encontra-se finalmente apto para enfrentar novas situações, novas experiências, novos conflitos. Perante uma nova situação (catastrófica), ele, adolescente, já é capaz de mobilizar os seus recursos internos, de utilizar o seu pensamento, sem se inundar e submergir na angústia da caesura. E também porque o seu universo psíquico se encontra em expansão, que toda a situação nova promove outras aquisições emocionais, afectivas e intelectuais, possibilitando-lhe o aprender pela experiência e a conquista da verdade.

3. Conclusão

O adolescente é deste modo um ser novo, renovado, produto e produtor de uma série de novas abstrações, símbolos e criações, a partir do encontro e reencontro entre novo e antigo, disperso e unido, bom e mau, interno e externo, activo e passivo, paterno e materno e homem e mulher. O adolescente desenvolve e desenvolve-se por relações entre si e entre si e o Outro, adquirindo uma nova estrutura e realidade.

Este novo adolescente enriquecido é, assim, produto de toda uma série de transformações tanto corporais, como relacionais.

As transformações corporais permitem o acesso ao corpo sexual adulto, a uma representação da imagem de si inteira, adulta e sexuada a partir de um jogo de identificações na relação consigo e com o(s) Outro(s), tornando-se necessário a atribuição de um novo sentido a este novo corpo, recriado e reconstruído a partir do antigo, de modo a que ele seja vivenciado de forma inteira, íntegra, não despedaçada e fragmentada.

A transformação das relações, nomeadamente das relações com as imagos parentais, com o objecto combinado (Klein, 1932), nos seus papéis de masculino e feminino, permitem a aquisição de uma identidade, de uma representação de si masculina ou feminina. Esta noção de identidade supõe a reconstrução do passado, pela reactivação das identificações com o objecto primário, identificações com o materno e o feminino e, posteriormente, com o paterno e o masculino, uma vez que estas últimas se constituem como reconstruções secundárias ao par materno-feminino, perpetuando e expandindo este último, não o deixando encerrar-se em si próprio .

Estas duas transformações em conjunto, conduzem o adolescente à aquisição de uma identidade sexual, adulta, definitiva e estável, permitindo-lhe projectar-se no futuro e desenvolver o seu projecto existencial.

Da bissexualidade psíquica nasce o ser - o feminino. Surgem as primeiras experiências, as primeiras emoções que antecedem e pre-existem ao ser, como energia contida na parede matricial de um contentor materno. Esta energia, ao entrar em relação com este contentor materno numa relação protótipo da relação continente/conteúdo, adquire uma significação, realizando-se o ser, o ser do materno/feminino. O materno, atribui uma significação interna às experiências vividas, com transformação do pulsional em simbólico; o feminino, permite a capacidade de enunciar a diferença, de integrar e elaborar a capacidade de distinguir, de interiorizar, tolerar e viver com ela.

É, assim, neste campo do feminino que se reconhece o dentro como distinto

do fora, o Eu para além do Outro, o sujeito como distinto do objecto. Surge a noção de perda, de luto do objecto amado e idealizado e a culpa, com consequente necessidade de reparação. Todavia, nasce também o desejo do Outro, de conhecer aquele que conhece, conhecer novos objectos, novos horizontes, abrindo a possibilidade ao ser de se construir na relação com o Outro, de ser com o Outro-masculino.

A partir destas primeiras experiências relacionais com o materno e o feminino, origina-se toda uma resignificação das experiências emocionais, possibilitando a criação do ser feminino em ser-com masculino. Desenvolve-se um aparelho conceptual capaz de provocar o desdobramento das primeiras emoções e o aprender com e pela experiência, criando e recriando novos objectos e novas relações entre eles, expandindo e ampliando as capacidades adaptativas, reconstrutivas e recriadoras do sujeito.

A adolescência é marcada por uma necessidade de adquirir uma identidade, embora distinta da adquirida pelo bebé e pela criança na relação pré-genital. Trata-se de adquirir uma identidade sexual definitiva e estável, que compromete a natureza do ser, na relação consigo próprio e também na relação com o Outro, interno e/ou externo. Constitui-se como um novo nascimento do ser e como a segunda hipótese de realizar o ser (o feminino), que procura o ser-com (o masculino).

Este período constitui-se, assim, como a última alternativa do sujeito integrar e elaborar a bissexualidade psíquica e optar por uma orientação sexual definitiva. É a hipótese do sujeito criar uma esperança e desenvolver a capacidade de amor, de integrar o ser e a bissexualidade, construindo um objecto interno fiável, confiante, capaz de descobrir o desejo do Outro, mas, também, o seu próprio desejo, numa relação que estabelece com ele, completando-o e completando-se a si, atribuindo-lhe um sentido, ao mesmo tempo que adquire um outro para si.

Na adolescência, tal como na relação objectal primária, nasce o desejo de reconhecer e ser reconhecido pelo Outro numa relação continente/conteúdo, materno/feminino, atribuidora de significados à experiência emocional entre os dois vivenciada, criando-se e descobrindo-se um novo objecto, à semelhança do objecto criado na relação mais primária.

O adolescente em transformação da criança que já não é e do adulto que ainda não é, sente-se bombardeado por novas e renovadas sensações e pensamentos que o deixam confuso e instável. Nesta turbulência esbatem-se as certezas das distinções entre dentro/fora, Eu/Outro, e atenuam-se as fronteiras e limites adquiridas na infância. Emergem as dúvidas e as incertezas acerca de si, de saber quem é, donde vem e para onde vai. Vive-se numa inquietação interna traduzida por uma irrequietude, onde a linguagem da acção substitui a linguagem do pensamento e cujo agir procura um pensador que o pense, que o contenha, securize e proteja.

O adolescente com o seu novo corpo sexuado depara-se com uma nova realidade; terminado o fantasma edipiano (uma vez que o seu novo corpo lhe dá acesso à experiência sexual), liberta-se da dependência narcísica das imagos idealizadas da infância. Desinveste libidinalmente as imagos parentais e investe em novos objectos, encontrando-se numa dialéctica entre autonomia e dependência: por um lado, deseja libertar-se das figuras parentais; por outro, depende ainda deles ou do grupo, no sentido em que estes se oferecem como modelos com quem se deseja identificar, dependendo assim dos mesmos, para a consolidação dos seus processos de identificação e aquisição de uma identidade estável.

O adolescente que se desprende das suas referências originárias, necessita agora de encontrar um Outro, um factor seleccionado que introduza ordem na dispersão interna que vivencia, que organize e transforme o seu caos em cosmos, que o pense e lhe dê sentido e orientação às novas e renovadas experiências numa relação continente/conteúdo, materno/feminino, para-

excitante aos elementos que o excitam.

A aquisição de novos sentidos e significações num período turbulento e conturbado, marcado por tantas descontinuidades, mudanças e alterações, pela travessia de uma caesura dolorosa, por vezes penosa, com mudança no sentido da catástrofe, possibilitam ao adolescente o aprender com e pela experiência, num passado, presente e futuro. O adolescente encontra-se agora capaz de se recriar e renovar, construindo-se num novo ser, dotado de novas características internas. O sujeito adolescente transformou-se num novo objecto restaurado, melhorado e enriquecido.

A adolescência é, deste modo, um processo de transformação, que decorre num aqui e num agora mas com memória, desejo e compreensão. Recria-se e reconstrói-se a partir de vivências e experiências passadas, momentâneas e futuras. A adolescência constitui-se num trabalho de articulação e integração entre passado, presente e futuro, entre o que foi, o que é e o que há-de vir a ser.

No entanto, corre o risco de não ser, não ter sido e não chegar a ser, se os processos de turbulência, de descontinuidade, de desintegração, incompreensão e fragilização se sobrepuserem aos trabalhos de integração, articulação, ligação, recriação, simbolização e vinculação.

IV. O RORSCHACH

1. Introdução

Neste capítulo pretendemos explicitar como o Rorschach, enquanto técnica que compromete um método projectivo, permite a caracterização do espaço mental do materno e do feminino nos sujeitos adolescentes; como é que a partir e através do Rorschach, do processo resposta Rorschach, se consegue aceder aos espaços psíquicos internos do materno e do feminino.

Segundo Chabert: “A teoria psicanalítica influencia a psicologia clínica há muitos anos, e a psicologia dita projectiva não podia manter-se afastada dela...” (Chabert,1997, p.XXIII). Todavia, Marques, partilhando as mesmas ideias de Chabert, no prefácio à edição portuguesa de um livro da autora, escreve: “O Rorschach, instrumento com longa tradição na clínica, estabeleceu-se, ao longo dos tempos, como um poderoso instrumento de avaliação, com amplos consensos ordenados à volta de dois paradigmas: um, psicométrico, centrado na quantificação e nas tipologias, e um outro, fundado na interpretação, em que os elementos de análise são sustentados por pressupostos teóricos psicanalíticos. (Marques,1998, p.XIX in Chabert, 1998).

Apesar desta divisão, a perspectiva que nos interessa é a que, tal como Chabert expressa, o Rorschach deve-se inscrever no “domínio da psicanálise aplicada” (Chabert, op. cit., in p.XXIV), uma vez que se trata de uma situação de “...psicanálise “impura” atendendo à falta de divã, sem um enquadramento em que o inconsciente seja regularmente convocado a fazer-se ouvir...” (Anzieu,1979, in op.cit., p.XXIV), já que “...o Rorschach explora o pré-consciente, pois só a técnica psicanalítica atingiria o inconsciente.” (Anzieu,1998 op. cit., in p.XX).

Assim, com base na primeira tópica freudiana, a situação projectiva, o Rorschach, pelas suas qualidades específicas internas, pode ser considerado um acto criativo/criador, no sentido em que ao alcançar a estrutura do pré-consciente, se processa: "...uma suspensão provisória das duas censuras, uma regressão brusca, tópica e formal e a emergência no sistema percepção-consciência de um fantasma inconsciente, emergência que faz curto-circuito à passagem pelo pré-consciente." (Anzieu,1998 op. cit., in p.XX).

Ajudados pelas ideias de Green, para uma melhor compreensão dos processos que ocorrem nestas passagens, percebemos que é pela atenuação destas censuras que temos acesso ao "representante-representação" (Green,1990). Este, não é mais do que uma representação psíquica pré-consciente que se fixa a algo que pre-existe no inconsciente, à qual temos acesso quando ultrapassa a barreira Pré-consciente/Consciente e se expressa através da linguagem, da palavra, do símbolo.

Ao "representante-representação", investido de força económica, dinâmica e tópica, corresponde "... o imperioso carácter do desejo, é o carácter da compulsão, é o carácter da manifestação inconsciente..." (Green, 1990, p.43). É, então, pela existência de representante-representação, por sua vez investido de representantes psíquicos, dinâmicos, geradores de tensão, que ocorre a transferência, que surge a qualidade transferencial do encontro entre sujeito, clínico e mancha. Na passagem para o consciente, observa-se a introdução da representação da palavra na relação com a representação da coisa e com o afecto, emergindo, a linguagem - passagem do sistema primário para o sistema secundário. Deste modo, compreende-se como a representação da coisa consciente e a linguagem estão cobertos de uma dinâmica inconsciente e de um potencial transferencial. E, uma vez que o inconsciente não pensa, não calcula mas apenas analisa e recombina os fenómenos mentais de uma outra forma, limita-se assim aos processos da transformação. (Green,1990).

Pensar psicanaliticamente impõe-nos que consideremos o Rorschach numa dialética, numa oscilação permanente de vaivém de processos mentais, onde todo o movimento comporta o seu contrário, onde a regressão comporta a progressão, o dentro comporta o fora, o interno o dentro, a ligação a desligação, o contínuo o descontínuo, o adulto o infantil, o materno o paterno, o feminino o masculino. É, finalmente, a partir do duplo movimento da coisa à palavra e da palavra à coisa, que são representadas as relações dos processos psíquicos, intra e intersubjectivos. Representar é ligar; pensar é re-ligar as representações de um modo lógico, não especular. (Green,1988).

Se o ponto de vista dinâmico: "...aborda a natureza das pulsões inerentes aos conflitos psicológicos do sujeito, a especificidade dos mecanismos de defesa que se lhe opõem e as formações de compromisso particulares que daí resultam...o Rorschach...é precioso quanto à determinação das imagens do corpo, das fronteiras do Ego, dos envelopes psíquicos...o Rorschach não só apreende a delicadeza, a flexibilidade ou a rigidez da adaptação de uma pessoa, como põe à prova as suas capacidades criadoras que consistem em mobilizar regressivamente em si as fontes profundas capazes de inventar soluções, face a situações perigosamente problemáticas." (Anzieu,1998 in Chabert,1998, p.XXI).

A referência à teoria psicanalítica para estes autores, e para o presente estudo, justifica-se, assim, pela possibilidade que esta apresenta em compreender o funcionamento mental do sujeito e em atribuir uma significação aos fenómenos internos do próprio sujeito. Assim, a teoria psicanalítica tal como o Rorschach "...desempenham um papel importante neste processo de atribuir um sentido à lógica interna que sustenta as condutas de um sujeito (Marques,1994b, p.477)...estes (métodos projectivos) são os instrumentos que melhor permitem a revelação-expressão da natureza da vinculação à realidade interna e externa, bem como a natureza

da relação, transformação e ligação entre uma e outra.” (Marques & Aleixo, 1994 in Marques 1994b, p.477)

A preocupação sentida por Marques, no que respeita à questão da natureza da Psicologia Clínica e do acto clínico, levou-a a desenvolver toda uma nova série de estudos, nos quais é dada particular importância à atitude do clínico face ao sujeito. Neste sentido, a autora determina, para a construção do conhecimento de um sujeito, a especificidade do saber fazer do Clínico, a importância de uma linha de convergência e coerência entre o quadro de referência teóricos, as metodologias utilizadas e os instrumentos aplicados: “...a *identidade de um Psicólogo Clínico* se define, antes de mais, pelo domínio de *teorias, técnicas e métodos compatíveis entre si*, cujo objectivo é tentar atingir a “verdade” psicológica do sujeito observado para se poder, directa ou indirectamente, encetar em processo de intervenção.” (Marques, 1994a, p.431)

A convergência e coerência entre o referencial teórico, as estratégias e a metodologia a utilizar, possibilitam, então, a construção de “...um discurso que vai *além e aquém* do próprio discurso que o sujeito produz.” (Marques & Aleixo, 1994, p.460.), que integra simultaneamente o momento em que o discurso é produzido, aquilo que o levou a produzir e, por fim, o destino do próprio discurso. O acto clínico consiste assim na construção de um conhecimento sobre e acerca do sujeito psicológico, que assenta em “...três atitudes fundamentais: *dar sentido, reflectir* sobre a essência e as consequências intra e inter-sujeito(s) de qualquer acto e, finalmente, *abster-se* de qualquer julgamento.

A partir destes pressupostos, os autores expõem a forma como o Rorschach, baseando-se na teoria psicanalítica, é utilizado na construção do conhecimento do sujeito individual: “...*numa lógica dinâmica de funcionamento individual*” (op. cit., in p.460).

O Rorschach pode agora ser utilizado no acto clínico como um instrumento privilegiado, no sentido em que: "...*expressa e revela o espaço da mediação, ligação, transformação e recriação entre o que é interno e externo, entre o que é presente e passado e o que é presente e futuro.*" (op. cit., in p.460). O Rorschach constitui-se como um instrumento que pode ser usado não só como técnica, mas também, como método: a resposta Rorschach, emerge no seio de um contexto específico, num aqui e num agora, preciso e determinado, mediado por duas intersubjectividades ideossincráticas. Cria-se a partir daqui um novo objecto com novas características e também dotado de qualidades internas e externas, produzindo-se, por conseguinte, um novo discurso sobre o sujeito, além e aquém do inicial. "O discurso produzido no Rorschach pode então ser entendido não como um estado a que se chegou, mas como um processo, isto é, como tendo tido origem algures, e abrindo uma imensidão de sentidos para o próprio sujeito, e para aquele que interpreta." (op. cit., in p.461).

Sujeito e observador, num espaço de interpretações fundamentadas em teorias claras e precisas, engendram-se agora num trabalho de construção de significados e sentidos a partir da deconstrução dos mesmos, chegando finalmente à criação de outras novas significações e sentidos.

Na situação Rorschach, o encontro e confronto entre sujeito e mancha, desencadeia no sujeito observado a mobilização de construções internas, a partir de uma experiência emocional interna e significativa, possibilitando a designação de um símbolo, a formulação de uma resposta. Cria-se todo um processo de atribuição de sentido a esta nova experiência, que se desenvolve e é desenvolvida no seio de duas intersubjectividades, de um Eu e um Outro, que procuram a construção de um terceiro, enriquecido e enriquecedor de sentidos e significações, mas individual e singular. " Usar o Rorschach na procura da singularidade, é aceder ao *processo, a como o sujeito utiliza aquilo que é no confronto com aquilo que sendo novo, desconhecido, implica a mobilização desse ser-essência que se recria, realiza e estabelece novas realidades.*" (op. cit., in p.462)

Através do Rorschach, do processo resposta Rorschach, compreende-se não só a natureza da constituição do novo objecto criado, mas também, quais os processos que o sujeito utilizou e mobilizou na construção deste mesmo novo objecto. Ou seja, percebe-se como ele, a partir do confronto com o Outro interno/externo, foi capaz de integrar, articular, ligar transformar, criar e reconstruir, um novo objecto interno.

A situação Rorschach decorrente do encontro entre sujeito e mancha a perceber, obriga o sujeito a perceber a mancha de modo simbólico, induzindo nele uma situação de tensão, uma situação catastrófica de caos psíquico, que deseja ultrapassar.

De forma a recuperar e restaurar o equilíbrio perdido, o sujeito inicia um trabalho de procura de coerência interna, que consiste na ordenação da desordem interna, de pensar a experiência a que foi exposto e que se manifesta pela criação de símbolos. Esta actividade simbólica, apoiada nos processos de ligação, comunicação e transformação entre interno/externo, sujeito/objecto, num movimento contínuo de ligação, comunicação, integração, articulação e transformação, permite a atribuição de um sentido à situação, e a criação de um novo objecto interno dotado de características internas significativas. Percebe-se então se o sujeito conseguiu, ou não, ultrapassar a situação de caos psíquico interno através da existência, ou inexistência, de uma relação simbólica entre mancha Rorschach, o objecto percebido, e a imagem Rorschach, a resposta Rorschach.

A relação simbólica finalmente estabelecida, testemunha, assim, a operatividade de um trabalho psíquico interno "...que ele realiza sobre o objecto, que conduziu ao símbolo e à criação de um "novo objecto" (Marques, 1998, p.316), pois só esta garante a restauração da integridade do objecto, interno e externo, perdida.

Perceber a natureza dos espaços do materno e do feminino no sujeito adolescente, implica, conseqüentemente, a integração e a articulação das ideias atrás propostas; de modo a se poder estudar o sujeito adolescente a partir do processo resposta Rorschach, torna-se necessário manter a convergência e coerência anteriormente referidas. Por outras palavras, inserido na teoria psicanalítica e perante a situação Rorschach, adoptamos uma atitude e uma metodologia que procuram a construção de um discurso, no aqui e no agora, com e através do próprio sujeito, discurso este, edificante e evolutivo, gerador de novas interrogações e questões, tão próximo quanto possível da atribuição que o sujeito faz da(s) situação(ões) por ele vivida(s) e vivenciada(s). (Marques,1994)

A teoria psicanalítica, habilita-nos, por um lado, a uma compreensão da natureza das vivências adolescentes, a partir dos seus investimentos e representações, quer na relação consigo, quer na relação com o(s) outro(s). Por outro, permite-nos perceber: “...a forma como cada sujeito constrói e se constrói, liga e se religa, transforma e se transforma através da acção, reacção e inter-acção entre mundo interno e externo.” (Marques,1994b, p.474)

A metodologia clínica, projectiva, reactivando no sujeito adolescente as questões do materno e do feminino pelo confronto que os cartões provocam, permite compreender a essência dos processos internos mobilizados, e, por conseguinte, aceder aos processos adaptativos e progredientes por ele desenvolvidos, e alcançar o seu funcionamento mental.

O materno e o feminino, como qualidades psíquicas que conduzem à possibilidade de um sujeito aceder à construção da sua identidade, da sua existência e essência, e também, à capacidade de se identificar, de “**ser como e com**” (Marques,1996, p.46), através de processos de projecção, introjecção e identificação projectiva, são, por conseguinte, reactivados na situação adolescente, uma vez que é durante este tempo que: “...se firma e

afirma uma identidade sexual, feminina e masculina, identidade que se institui, recriando-se, nas relações estabelecidas com o materno e o paterno. (Marques,1996, p.46)

A adolescência, por toda a sua qualidade renovada, renovadora e em transformação, cria a necessidade de atribuir novos sentidos e novas significações, às novas aquisições; no decurso do processo adolescente, torna-se imprescindível a procura de uma nova lógica interna, psicológica e psico-social, capaz de conferir um sentido e um significado aos sentimentos experienciados como novos. Na situação Rorschach, o adolescente encontra-se perante esta necessidade de atribuir e reformular sentidos e significados, inserido numa relação consigo próprio, mas também com o Outro, sustentada pela presença do Outro, sendo por conseguinte vantajoso, a adopção de uma atitude de compreensão e de atribuição de sentido às expressões que aparecem, aparentemente, destituídas de sentido (Marques,1994).

Através de uma atitude “suficientemente boa”, o adolescente é então capaz de receber o sentido dado pelo Outro/observador, permitindo-lhe não só integrar e articular estes sentidos, e assim proceder a um trabalho de pensar, como também restaurar e reparar, aquilo que lhe parece incompreendido, sem sentido.

O adolescente, nesta relação consigo e com o Outro, encontra-se assim capaz de proceder á: “...construção-reconstrução e constituição de um espaço psíquico alargado mas sempre singular, onde o presente-passado-futuro se sintetizam, se integram, de novo, em função das nova possibilidades e potencialidades, espaço psíquico a construir na afirmação, firmação e confirmação de Si e do Outro.” (Marques,1991 in Marques, 1994b, p.476)

Apresentadas estas ideias, prosseguiremos à descrição do Teste de Rorschach e à caracterização do processo resposta Rorschach, com estabelecimento dos princípios interpretativos preconizados pela Escola Francesa de Rorschach, nomeadamente por Raush de Traubenberg e Chabert, e mais recentemente, pelas considerações desenvolvidas em Portugal por Marques.

2. O Rorschach

Hermann Rorschach, médico psiquiatra suíço, influenciado pelas correntes psicanalistas da sua época e amador de pintura, cria em 1920 um teste de manchas de tinta, que tem como objectivo estabelecer um diagnóstico psicológico da personalidade - normal ou patológica - para crianças, adolescentes e adultos.

Para a sua formulação, apoia-se no teste de Associação de Palavras de Jung, na Fenomenologia e nos conceitos psiquiátricos da época. Nestes sustenta-se não tanto em Kraepelin, mas, sobretudo nas ideias desenvolvidas por Bleuler respeitantes à descrição e importância dos afectos na doença mental, nomeadamente nas psicoses Esquizofrénica (Demência Precoce de Kraepelin) e Maníaco-Depressiva.

A prova é constituída por 10 cartões, apresentando cada um uma mancha de tinta de cores: preto e branco; preto, branco e vermelho e pastel, construída à volta de um eixo central conferindo ao próprio cartão um carácter simétrico, uni ou bilateral.

Cada cartão tem ainda um conteúdo manifesto (aquilo que é directamente observável pela dimensão estrutural do próprio cartão) e um conteúdo latente (aquilo que é implícito e que é dado pela dimensão simbólica dos cartões).

Na situação Rorschach, os cartões são apresentados individualmente e numa sucessão específica, sendo pedido ao sujeito para verbalizar, aquilo

que ele pensa ou imagina a partir do que vê nos cartões, o que é que cada cartão representa para si (Diga-me: o que é que isto poderia ser ?). É-lhe explicado que não existem boas ou más respostas, que toda a resposta é válida e tem o tempo que quiser para responder.

2.1. Rorschach: um espaço transferencial

A qualidade particular do material, a natureza concreta e simultaneamente ambígua do estímulo e a solicitação de associações verbais a partir deste estímulo, criam uma situação relacional entre sujeito e examinador em presença de um objecto mediador, representado pelo teste.

Apesar de o Rorschach se ter, desde o início, submetido a uma lógica interna, subjectiva e interpretativa (Marques, 1998), é com Schafer (1954) que se observa a sua inscrição numa dimensão psicanalítica e transferencial: "...o Rorschach mobiliza e se submete a *lógicas relacionais* que têm a ver com a transferência, que estão na base do *processo-resposta Rorschach*, que é explicitado como reenviando a um trabalho do sonho, com a particularidade de produzir movimentos que vão da fantasia à realidade, dos processos primários aos processos secundários." (Marques, 1998 in Chabert, 1998 p.XII).

Chabert (1988) acrescenta que a importância das expressões relacionais na situação projectiva-Rorschach, se deve à observação de uma dupla direcção dos fenómenos transferenciais: por um lado, o material mediador funciona como um mecanismo de deslocamento facilitador de expressões inconscientes, por outro, o conteúdo latente, apelando às imagens parentais, reactiva no sujeito, um modo de relacionamento muito particular e peculiar.

A lógica relacional do Rorschach, advém assim da situação de teste ser considerada como um encontro entre sujeito e clínico, mediado por um material e uma instrução específica. Esta evocação conduz, no sujeito, a um trabalho de ligação entre um objecto que percepçiona e uma experiência

interna subjectiva, entre a representação da coisa e a representação da palavra, conduzindo à nomeação do símbolo. No entanto, esta nomeação, a ilusão subjectiva pode ser considerada como dependente da “área transitiva” e do “espaço potencial” de Winnicott, no sentido em que esta área se constitui como um caminho entre dois caminhos, como um passeio entre imaginário e real, cujo acesso é possibilitado pela atribuição de características internas subjectivas ao real externo objectivo, aceitando-se desta forma o paradoxo Winnicottiano. Como refere Chabert, é através da aceitação do paradoxo que o sujeito reconhece a diferença entre real e imaginário, interno e externo, dentro e fora, habilitando-o a colocar-se neste lugar intermediário, neste não lugar, dando assim conta da existência de: “um espaço psíquico próprio, constitutivo do sentimento de continuidade do ser, ligação temporal necessária à interiorização da duração. A área transitiva, e os seus fenómenos concomitantes, servem de matriz à criação de um espaço psíquico interno, onde têm origem os processos de mentalização.” (Chabert, 1998 p.33)

Consequentemente a esta teorização, podemos encarar a situação projectiva como uma situação transitiva, dado que na primeira também se procede, logo a partir da instrução, a um duplo apelo entre real - a objectividade do material - e imaginário - o sujeito é convidado a imaginar, a mobilizar o seu sistema de representações e afectos, de forma a ser capaz de nomear uma resposta, um símbolo.

A situação de teste estabelece-se, por conseguinte, numa relação triangular: do encontro de dois parceiros, mediado por um terceiro: “...que só faz sentido na experiência de um e na escuta do outro, através de uma troca específica e particular...o teste projectivo ocupa o lugar dos objectos mediadores...É, então, um terceiro que, na verdade, ainda não pertence seja a quem for, e é um lugar onde se vai desenvolver a expressão de um, a atenção de outro e a potencialidade de adquirir sentido para um e para outro...é a um outro que o discurso do Rorschach se destina, e esse outro está lá para escutar e

entender.” (Chabert, 1998, p.30), numa distância “suficientemente boa”, não rejeitante e invasora, permitindo ao sujeito a criação de um espaço interno/externo, através do qual se torna possível a expressão e exteriorização de mecanismos internos. Ainda segundo Chabert, a persistência da qualidade relacional da situação projectiva-Rorschach impõe-se, visto esta solicitar: “fortemente os movimentos inconscientes e dá a esta relação um impacte muito determinante na acção de um processo de ordem transferencial, que implica sujeito e clínico...a escuta do outro e a consciência das nossas próprias implicações devem ser mantidas numa dialética que vai presidir à análise e à interpretação do teste.” (Chabert, 1998, p.50)

Schafer refere que o sujeito, perante um estímulo ambíguo (a situação Rorschach) opera uma passagem de um nível de funcionamento primário ou narcísico, nível de funcionamento imaginário, regressivo ou criativo perto do sonho (movimento regrediente), para um nível de funcionamento secundário, em que predomina uma atitude de investimento da realização intelectual com ou sem valor defensivo (movimento progrediente). A totalidade dos factores que caracterizam as respostas oscilam entre estes dois tipos de movimentos - o sujeito passa de um processo perceptivo puro à elaboração secundária e posteriormente regressa às imagens de nível primário. Ou seja, perante a situação Rorschach, a utilização da passagem constante entre movimentos perceptivos e projectivos, possibilita a integração de exigências internas e externas, testemunhando a forma como o sujeito de organiza face à realidade interna e externa.

Estas passagens são regidas pela implicação projectiva, pela invasão fantasmática, pelos movimentos de investimento da realidade objectiva e pelos diferentes procedimentos defensivos erguidos contra a expressão, contra a tomada de consciência dos conflitos e das pulsões. “Assim, os diferentes movimentos mobilizados na situação de teste são, do mesmo modo, oscilações face ao material: por um lado, o seu afastamento com a

consciência de interpretar um objecto exterior a si próprio, pelo recurso ao imaginário, com um fim determinado; por outro lado, a sua aproximação até ao limite da desrealização, jogando esta dinâmica dentro/fora ao nível da imagem do corpo fantasmático e das relações que derivam desta imagem com a estrutura”, (Rausch de Traubenberg, 1970, p. 192).

Considera-se então o Rorschach como um teste que apela simultaneamente a dois tipos de conduta: perceptiva e projectiva. Como objecto real, permite a emergência de imagens associadas, em que o apelo à percepção conduz ao estabelecimento de uma ligação com o real externo. Como objecto imaginante, o Rorschach possibilita a reconstrução da percepção, em função das preocupações do sujeito e das suas relações com os objectos internos e externos, com os fantasmas e afectos, processos estes que sustentam a formulação da resposta.

As características objectivas dos dez cartões, constituídas à volta de um eixo vertical, são determinadas pelas qualidades das formas, da figura/fundo, da cor e do esbatimento. Todas estas particularidades perceptivas podem ainda ser discutidas sobre várias dimensões: carácter unitário ou disperso, massiço ou ligeiro, estável ou instável, definido ou vago, curvo ou angular, claro ou escuro, aberto ou fechado. A articulação destas características permite colocar a hipótese do valor simbólico de cada estímulo, que por sua vez depende do nível de funcionamento por ele desencadeado.

Os objectos figurados nos cartões são identificados como figuras banais, ao mesmo tempo que são investidos de um cenário fantasmático, de um sistema de representações e de afectos, em que a conotação subjectiva e a pertença ao domínio da ilusão, são admitidas pelo sujeito.

A natureza da instrução favorece o apelo do pensamento, no sentido em que solicita a integração de uma realidade externa a partir de um material ambíguo, em que as imagens e os cenários não estão representados.

O conteúdo manifesto dos cartões, indo para além da simples percepção e

nomeação do estímulo, coloca em causa a relação que o sujeito estabelece com a realidade. No entanto, mantem-se a necessidade da existência de um movimento perceptivo-adaptativo, dando assim conta da integração do sujeito no conjunto de normas sociais vigentes: "...o eco entre a palavra e a coisa é, antes de mais, esta palavra da mãe que leva o mundo à criança, esta linguagem de um terceiro que vem dar existência à realidade na sua exterioridade estruturante. Que um sujeito possa desenvolver esta capacidade de ajustar as palavras às coisas, e portanto de dar a ver ao outro o que ele percebe do objecto apresentado, numa correspondência mais ou menos parcial com as percepções que os outros delas têm, assinala a sua pertença ao mundo que o circunda." (Chabert, 1998, in p.54)

É da interferência entre os processos perceptivos e projectivos que se torna possível a compreensão do duplo movimento dentro/fora e real/imaginário. Finalmente, entende-se como é que a situação projectiva permite compreender a natureza das relações estabelecidas entre sujeito e objecto e deste modo, como o sujeito utiliza o pensamento de forma integrante e adaptativa.

2.2. Qualidades perceptivas do material Rorschach

Segundo Chabert (1983), as qualidades perceptivas dos cartões permitem a sua divisão em duas dimensões: estrutural e sensorial. Enquanto a primeira se baseia na construção formal dos cartões e, conseqüentemente, a sua abordagem é intelectual, a última baseia-se na presença de cores, estando assim associada à expressão dos afectos. (Anexo I)

2.3. Solicitação simbólica do material Rorschach

Para além desta sistematização do conteúdo material do Rorschach, existe toda uma solicitação simbólica, fantasmática ou afectiva emergente a partir do encontro entre sujeito-material-clínico, conduzindo ao estudo, por parte de diversos autores deste valor simbólico, da simbologia do conteúdo latente do material. Obtém-se, deste modo, uma perspectiva sobre a situação projectiva que vai para além da configuração perceptiva do material; com o estudo da simbólica do cartão, é dado ao material uma dimensão interna, baseada em fantasias e afectos pertencentes ao domínio do inconsciente, permitindo-nos falar não apenas de conteúdo manifesto mas também de conteúdo latente, com referência à experiência analítica.

Neste estudo e por nos parecer aquela que se nos revela com mais sentido, apresentamos a proposta de análise dos cartões Rorschach elaborada por Raush de Traubenberg (1981), que se efectua segundo três dimensões: características objectivas do material, tonalidade emocional e “solicitação simbólica latente privilegiada”. (Anexo II)

2.4. Rorschach: uma situação catastrófica e um espaço de transformações

Após a defenição e identificação das várias dimensões e simbologias do material Rorschach, percebemos como a situação Rorschach se caracteriza por ser um espaço de interacção entre a actividade perceptiva e fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado (Raush de Traubenberg, 1981). Neste espaço interaccional é pedido ao sujeito que interprete uma mancha, a mancha Rorschach. Trata-se de um pedido específico, preciso e objectivo, que visa mobilizar uma resposta única e subjectiva, de acordo com a actividade interna, imaginária e fantasmática do sujeito.

A situação Rorschach é então considerada como uma situação projectiva que se estabelece num contexto, “contexto enquanto rede de significações construídas no decurso de uma interacção” (Marques, 1992, p. 7), constituindo-se assim uma interacção intersubjectiva entre dois sujeitos. “...o Rorschach é um espaço de interacções pelo processo de resposta, que remodela uma realidade externa em função das necessidades e das fantasias internas. Há uma fusão de interacções variadas e móveis num produto que depende da liberdade de quem outorga, da angústia que tolera e das necessidades actuais de realização” (Rausch de Traubenberg, 1981/1983, p. 20). É do resultado deste espaço interaccional e do encontro entre o sujeito e a mancha que surge uma resposta e um processo de resposta, processo este, elemento de investigação e interpretação.

Da ambiguidade do estímulo (a atribuição de uma resposta subjectiva a uma instrução objectiva) resulta uma situação que é considerada como traumática; no decurso da interacção entre o sujeito e o meio (sujeito e examinador, sujeito e mancha) gera-se uma tensão e a necessidade de a eliminar. Finalmente a situação Rorschach é considerada como uma situação catastrófica (no sentido de Bion), desencadeando-se no sujeito um sentimento de caos psíquico (Marques, 1992). Para a conseguir ultrapassar esta situação, o sujeito transforma as relações antigas e estabelece novas relações entre objecto interno e externo, novas ligações que se traduzem por imagens e símbolos na resposta Rorschach, evidenciando-se assim a utilização do pensamento em todo este processo. O modo como o sujeito opera estas transformações e ultrapassa a situação catastrófica, depende da utilização dos processos projectivos na realização e na construção da mancha.

Como referido anteriormente, os trabalhos efectuados por Marques (1992) são os únicos que permitem compreender como é que a partir da situação Rorschach e da utilização das teorias Kleinianas e pós-Kleinianas se evidencia o processo do pensamento. “... através da situação Rorschach,

vemos como é que os elementos da percepção, quando, obrigatoriamente, fundados e alimentados pela projecção, podem ser usados para pensar, ou não. Podemos ver como se desenvolvem, expressam e fundam as ligações, as redes de relação, que nos revelam a diferença e a distância sujeito - objecto” (Marques, 1993, p. 5).

Para a autora, perante a situação Rorschach - situação catastrófica -, faz-se agir a projecção “em 4 sentidos diferentes mas complementares” (Marques, 1992, p. 2):

O primeiro momento relaciona a projecção na relação com a percepção. Considera que a interpretação dos dados sensoriais do sistema perceptivo, a partir da confrontação com um estímulo ambíguo e pouco preciso - a mancha - e a obtenção de uma resposta, coloca em jogo a função alfa. Por outras palavras, a função alfa permite interpretar as impressões sensoriais originadas pela percepção de um percepto - a mancha - e transformá-las em elementos utilizáveis para o pensamento traduzidos em palavras, permitindo assim a formulação da resposta Rorschach.

Considerando a actividade simbólica com um trabalho de ligação entre interno e externo e um processo contínuo de união e integração das experiências anteriores nas actuais, a formulação simbólica permite evidenciar, ou não, a relação entre “nomação da coisa (resposta Rorschach, palavra que nomeia a mancha) e o objecto percebido, a mancha” (Marques, 1992).

O segundo sentido ligado à projecção relaciona-se com a noção de identidade, uma vez que a angústia da perda da forma, despoletada pela situação Rorschach, é experimentada no sujeito como uma ameaça à integridade e à perda da identidade pessoal. O sujeito, ao transformar através da função alfa, as impressões sensoriais - a mancha - em símbolos - a palavra - que representam os objectos, está a realizar uma ligação entre os objectos internos e externos, entre o fora e o dentro, permitindo revelar o seu nível de separação e assim, a noção de identidade.

O terceiro movimento da projecção explica como é que o sujeito exterioriza um conflito interno e como é que o age no exterior. Como é que, através da criação de uma imagem, de uma figura “se entrega a uma actividade de “jogo”, a uma actividade de criação e recriação que só pode surgir do encontro, reencontro, reformulação e refundição do interno e do externo”. Ou seja, como é que através da criação de uma imagem se exterioriza a actividade fantasmática do sujeito.

Por fim, o quarto sentido da projecção decorre da noção de identificação projectiva, das concepções Kleinianas e pós-Kleinianas. Esta noção implica que o sujeito projecta partes de si no outro, procurando dar um significado às relações que se estabelecem entre o Eu e o Outro, entre os objectos externos e os internos. Na situação Rorschach, a identificação projectiva é mediada pela formação de símbolos, que adoptam um valor comunicativo entre as várias partes constituintes do mundo interno.

A relação entre percepção e projecção, permite-nos então considerar a resposta Rorschach como um processo de formação de símbolos, como uma actividade de pensar emergente do confronto do sujeito com a situação catastrófica, a situação Rorschach, situação de violência, de subversão, que procura restaurar e reparar o equilíbrio perdido. A formação simbólica constitui de facto um elemento essencial ao pensamento (Segal, 1957) e “o processo de formação de símbolos é um processo contínuo de união e integração do interno com o externo, do sujeito com o objecto, das experiências anteriores com as posteriores” (H. Segal in Marques, 1994, p. 437). Todo este processo de formação de símbolos, de respostas Rorschach, decorre da existência de uma relação continente/contéudo onde operam movimentos de desintegração e integração, que têm como objectivo reparar e restaurar o objecto clivado e projectado, mantendo assim a integridade do Eu.

Finalmente, como o desenvolvimento da actividade do pensamento supõe a existência de uma relação dinâmica entre continente/contéudo, presidida

pela função materna, considera-se que na situação Rorschach, o Outro, o examinador, funciona como continente aos conteúdos do examinado (e também às angústias mobilizadas pela situação).

O espaço psíquico criado a partir desta relação continente/conteúdo, na qual o examinador funciona como continente aos conteúdos do sujeito, nele projectados pelo mecanismo de identificação projectiva ao serviço da comunicação, permite a transformação dos elementos sensoriais em elementos pensáveis. É no interior deste espaço interno que se articulam os objectos internos e externos com o objecto percebido - a mancha. Esta articulação, apoiada num processo contínuo de ligação, comunicação e transformação possibilita a atribuição de um significado à experiência, criando-se um novo objecto interno dotado de características internas significativas, que articula representações de palavras como representações de coisas, merecendo portanto a designação de símbolo.

É por fim, neste e pela formação deste espaço mental, que se compreende o processo resposta Rorschach como um processo de ligação - transformação - criação e recriação de novos objectos internos e externos, que decorre da actividade de formação de símbolos que, por sua vez, evidencia a actividade de pensar. Perante a resposta Rorschach, percebemos como o sujeito usa o pensamento.

“O *modelo das transformações*, tal como é explicitada por Bion (1965/1982), permite-nos estabelecer em que consiste o “caos psíquico” (...) para caracterizar a situação de teste (...) *situação catastrófica*. É a partir desta noção que iremos estabelecer uma nova compreensão sobre o processo de formação de respostas Rorschach, vistas como um processo de transformação-criação que ocorre na situação de teste, e permite, também, formular de outra forma, a nossa interpretação do processo de construção das respostas” (Marques, 1994, p.436).

O sujeito ao perceber a mancha (impressão sensorial) opera nela uma transformação projectiva: transforma a mancha a perceber (pré-concepção), na resposta Rorschach (concepção), através da acção da estrutura da barreira de contacto, formada a partir da função alfa, da capacidade de "rêverie" materna, numa relação continente/conteúdo, cujo produto final consiste na nomeação e criação de um símbolo, de um novo objecto enriquecido e enriquecedor, revelando assim a transformação do pensamento do sujeito em palavras. Este símbolo, esta imagem, esta palavra, como produto final do processo de transformação decorrente da situação catastrófica (o confronto do sujeito com o material), mantém invariâncias (elementos que permanecem inalterados após o processo de transformação mas que devem ser identificados, bem como a natureza das suas relações, Bion, 1965), que nos conduzem ao reconhecimento do elemento original "O" transformado a partir desta transformação: "O material que o sujeito nos fornece, as respostas Rorschach, representa os factos que estão na sua origem ("O"), a mancha e a interacção, a partir dos quais vamos descobrir a natureza da representação do sujeito. A partir da invariância do material que nos é fornecido, vamos saber qual é o original ("O") e aquilo que o sujeito fez para transformar esse original ($T\alpha$) e, também, compreender a natureza do sujeito." (op. cit., in, p.437).

Perante a situação Rorschach, face à tarefa de organizar a impressão sensorial percebida - a mancha (realização/pré-concepção) - num símbolo, numa resposta (representação/concepção), percebe-se o trabalho de ligação e de transformação que decorre do encontro de pensamentos e de emoções que se referem, quer a situações internas e externas, quer a situações passadas e presentes. "Quando o examinando, submetido à situação de teste, consegue tolerar "essa situação catastrófica", vê-se então como é que ele pode usá-la, isto é, como usa o pensamento" (op. cit., in, p.437).

A situação Rorschach, pela própria natureza simbólica do material, ao evocar as dimensões do materno e do feminino, coloca o sujeito numa dialética que ele tenta resolver. O sujeito mobiliza-se, organiza-se e estrutura-se pelo recurso a mecanismos de separação e integração, desconstrução e construção, desligação e ligação, desconstrução e construção, descontínuos e contínuos, entre interno e externo, dentro e fora, de forma a nomear a experiência num símbolo, numa palavra, numa resposta, evidenciando o seu trabalho de pensar.

2.5. Rorschach: um espaço virtual (Marques)

Rorschach: um espaço virtual, um espaço de possíveis realizações, um espaço em potência para novas comunicações, interpretações e simbolizações. Um espaço de potência para novos encontros, novas ligações e re-criações; um espaço potencial de símbolos, pensamentos e objectos. Neste sentido, o Rorschach, tal como o materno e o feminino, constitui-se como um espaço virtual, potencial para efectuar novas ligações, criações, re-criações e transformações. Deste modo, e porque tanto o materno e o feminino como o Rorschach se fundamentam como espaços, podemos aceder ao primeiro (materno e feminino) através do segundo, do processo resposta Rorschach.

O materno e o feminino, um espaço psíquico interno, no qual se organizam as primeiras identificações à volta da relação com o objecto de amor primário, essenciais para o estabelecimento do Eu e para a constituição de uma identidade sexual e sexuada; um espaço mediado por uma relação continente/conteúdo, atribuidora de significações às experiências emocionais significativas, através da “*rêverie*” materna, da desintoxicação e transformação dos elementos estranhos, não pensados, em elementos digeridos e metabolizados, utilizáveis para o sonho e pensamento.

O Rorschach, um espaço interrelacional, percorrido por interacções intra e intersubjectivas, onde é suposto o sujeito aceder a uma imagem de si inteira,

separada e delimitada, no seio de uma vivência relacional objectal; um espaço virtual, actualizador das relações que se estabelecem com o objecto primário, com a natureza do materno e do feminino, cuja nomeação depende da natureza emocional desta vivência . O Rorschach, um espaço virtual possibilitador de novas realizações; a situação catastrófica Rorschach, pela actualização das representações que provoca e a angústia daí resultante, promove no sujeito uma tensão e desequilíbrio psíquico que ele vai tentar ultrapassar, remontando a mecanismos interno que procuram, não só circunscrever a angústia despoletada, como também, conduzir à criação e re-criação de novos objectos.

Na situação Rorschach, o encontro do sujeito com o objecto, com o Outro, com o material, simultâneamente com a instrução dada (que conduz a uma interpretação e não a uma mera descrição), provoca no sujeito uma sensação de "caos psíquico", uma "caesura" que ele procura transpôr e transformar, representando a situação desorganizante pela acção do pensamento, conduzindo à criação de símbolos, de respostas Rorschach(representação/concepção). A mancha e a tarefa proposta ao sujeito no sentido de interpretar, colocam-se ambas ao nível da pré-concepção que procura uma realização (a vivência da situação teste), de modo a se transformar numa representação (a interpretação, a resposta Rorschach). Por outras palavras, tarefa e mancha (pré-concepção), no decurso da experiência da situação projectiva (realização), encontram uma interpretação, uma resposta Rorschach (a representação/concepção).

A resposta, a representação, impõe-se assim através da mobilização de recursos internos fundados na relação, ligação e articulação entre percepção e projecção. Percepção, porque a mancha se constitui como um elemento sensorial a organizar, dado ser determinada pela forma, cor, textura, etc; projecção, porque a atribuição de sentido a este objecto externo a partir de um mundo interno, se faz pelo recurso a mecanismos de ligação, re-ligação, integração e articulação entre interno e externo, dentro e fora, onde passado, presente e futuro confluem num aqui e num agora relacional e contextual,

destacando-se o mecanismo de identificação projectiva. Deste modo, o Psicólogo funciona como um continente aos conteúdos do sujeito, pois ele contém as projecções das representações que a mancha induz, numa relação continente/conteúdo, onde o exercício da sua “*rêverie*” materna supõe o desempenho da função alfa e a desintoxicação da angústia suscitada pela vivência de caos, produzida pela situação catastrófica de teste.

A relação entre Eu e objecto, entre sujeito, material e Psicólogo, baseia-se, portanto, numa relação continente/conteúdo, que repousa no vínculo do conhecimento, conduzindo à transformação do material a ser interpretado em símbolos, em pensamentos, em resposta Rorschach.” As imagens que o sujeito nos fornece, formuladas em palavras são, então, consideradas como o produto de uma transformação de pensamento e de emoções que se referem quer a situações internas e externas, quer a situações passadas e presentes, das quais são, também, transformações.” (Marques, 1994, p.437)

O Psicólogo, situa-se, conseqüentemente, num espaço virtual, mediado por relações inter e intra subjectivas, decorrentes do encontro entre Eu e Outro; interno e externo; dentro e fora, mas, sobretudo como uma “expectativa vazia” (Bion) apta a ser activada por aquilo que observa e escuta. A mancha é interpretada com transformação de significado, numa relação continente/conteúdo, onde a mente daquele que observa faz parte do processo de transformação, mas não do seu produto final. O observador, mediante a sua função alfa e num jogo de identificações e projecções, promove no sujeito a identificação à sua própria função, com o desempenho da mesma que, por sua vez, acciona a estrutura da barreira de contacto e o desenvolvimento do processo de pensar, com criação de símbolos, de novos objectos: o “O” final que, dotado de características internas significativas, contém sempre propriedades dos dois elementos em relação. No entanto: “A mancha e a tarefa continuam disponíveis para novas imagens, para novas associações, isto é, a mancha e a tarefa continuam disponíveis como pré-concepções que podem ser de novo usadas como concepções” (op. cit., in,

p.437). Por outras palavras, por mais desintoxicante que seja a função, existem sempre elementos não pensados, não digeridos; por mais pensado que seja o pensamento, ele contém em si sempre uma parte não pensada "A pré-concepção transforma-se na concepção mas retém a sua dimensão de utilidade." (Bion, 1965, p.153).

O Rorschach, a situação Rorschach, mantém-se deste modo aberta para novos encontros, novas realizações e transformações, actualizando e perpetuando a sua qualidade virtual: "Transformações: mudança da aprendizagem para o conhecimento" (Bion, 1965)

Na mesma perspectiva de desenvolvimento, podemos também considerar o processo adolescente, tal como o processo resposta Rorschach e o materno e o feminino, como um espaço virtual, um espaço de potência para novas realizações.

A adolescência, já por nós considerada como um processo dinâmico entre movimentos de dispersão e integração, visa sobretudo a construção de um mundo interno, a partir de uma relação continente/conteúdo, da relação mais primitiva do bebé com o objecto primário - a relação com o materno e, com o feminino.

Nos estudos efectuados por Marques sobre o processo adolescente e sua relação com a situação Rorschach, encontra-se essencialmente a questão da natureza da integração do materno e do feminino (e seu respectivo par antinómico: o paterno e o masculino). Nos adolescentes, impera a necessidade de adquirir uma identidade sexual estável e definitiva, pela integração da imagem corporal que, por sua vez, se constrói a partir da relação mãe/bebé. Este aspecto também se encontra reactivado na situação Rorschach, dado que é pedido ao sujeito para interpretar uma mancha que coloca em causa a representação da imagem de si e também do outro, distinto, delimitado e sexuado.

No adolescente, a severidade do mecanismo de clivagem e de identificação projectiva encontra-se de tal forma intenso, as mudanças, alterações e transformações são tantas que, numa tentativa de manter a sua integridade e coesão, de compreender a variedade de sentimentos que experimenta, desde a instabilidade à confusão, o adolescente procura um continente capaz de conter, integrar e articular este leque de elementos emocionais dispersos. Quando o adolescente adquire a sua capacidade de conter a sua experiência emocional, de atribuir um significado e um sentido às vivências internas, desenvolve uma actividade de pensar, actividade esta que lhe dá o acesso ao aprender pela experiência e ao conseqüente crescimento e desenvolvimento mental.

Nesta relação contentora, o adolescente experiencia uma relação securizante e transformadora, que lhe possibilita a criação de um novo espaço psíquico, capaz de suportar, tolerar, modificar e pensar as suas experiências internas. O adolescente constrói-se no seio de uma relação continente, interna, entre si mas também, entre si e o Outro, entre os seus objectos internos e externos, num movimento que articula e relaciona os vários movimentos de desligação e ligação, descontínuos e contínuos, e de separação e integração.

Tal como o processo resposta Rorschach, o processo adolescente constitui-se numa dialética relacional recíproca, que implica alterações na relação do sujeito consigo próprio e com o Outro. Constrói-se como um tempo catastrófico, que reactiva o campo do materno e do feminino: pela necessidade de re-significação de experiências novas vivenciadas intensamente pelo adolescente e também reactivadas pela solicitação simbólica das manchas; pela urgência da criação de um espaço psíquico, capaz de desempenhar a capacidade de "rêverie" materna e sua respectiva função alfa, que, na situação Rorschach é também desempenhada pelo Psicólogo/Outro que funciona de continente aos conteúdos das projecções das respostas. Assim, no seio da relação continente/conteúdo (sujeito/Psicólogo), o adolescente abstrai (mancha) uma formulação que lhe

permite simbolizar as emoções sentidas (a resposta Rorschach), desenvolvendo o trabalho onírico e o do pensar.

Superada a situação catastrófica (situação de teste e próprio processo adolescente), o adolescente transpõe-se de um estado disperso e descontínuo, a um íntegro e contínuo: percorre um movimento de ligação, articulação e transformação entre elementos clivados, desligados e dispersos, construindo uma estrutura de barreira de contacto, desenvolvendo a capacidade de pensar. Através desta estrutura, o adolescente estrutura-se: a barreira de contacto, através da sua função demarcadora e limítrofe entre dentro e fora, entre interno e externo, constitui-se como um processo em constante formação e separação dos fenómenos mentais, da habilidade para estar acordado ou a dormir, consciente ou inconsciente, de ter a noção de presente, passado e futuro, possibilita a operação de novas ligações e re-criações, conquistando e estruturando o adolescente, o seu projecto de existir.

Do mesmo modo, tal como no processo resposta Rorschach se assiste ao desenvolvimento da barreira de contacto, nascida a partir do encontro entre sujeito, mancha e Psicólogo, de modo a que se crie uma resposta, um novo "O", re-significado e transformado, também no sujeito adolescente esta barreira promove o desenvolvimento do aparelho de pensar pensamentos e a capacidade de ligar e re-criar novos objectos, possibilitando a separação, integração, articulação e transformação entre antigos e novos objectos, entre interno e externo, onde presente, passado e futuro se reúnem para a constituição de um novo objecto.

O adolescente transforma-se no que é a partir do que foi e o que almeja ser; a resposta Rorschach formula-se a partir daquilo que o sujeito é, foi e será e, ambos os processos fundamentam-se numa base emocional catastrófica, do sujeito de se ter de colocar de novo face a velhas e novas questões com o materno e o feminino. Na situação Rorschach, o adolescente, repete a tarefa de se ter de estruturar perante a revivência de experiências emocionais muito

primitivas, cujo resultado depende da integração e assimilação destas mesmas experiências. O adolescente vê-se assim obrigado a efectuar uma transformação nele e a partir dele, em que o produto final é ainda ele mas, de forma renovada, enriquecida e enriquecedora. No final da adolescência, e já reestruturado, o adolescente encontra-se mais apto para enfrentar novas situações, sem se deixar submergir na angústia da "caesura", pela presença do outro inteiro, íntegro e sexuado. É assim capaz de nomear uma representação se si inteira e coesa e, uma representação da relação que contém, não só as diversas partes de si, como também a relação entre si e o outro inteiro, sexual e adulta, nas suas vertentes pulsionais libidinais e agressivas.

O adolescente encontra-se agora apto para evocar uma representação da palavra a partir da representação da coisa e do afecto por esta suscitado, num movimento de ligação, re-ligação, re-criação, de integração, articulação, transformação e vinculação a outros novos objectos, já que se representar é ligar, pensar é re-ligar de forma nova não especular.

A adolescência consiste assim, num processo de transformação, que decorre num aqui e num agora mas, com memória desejo e compreensão. Recria-se e reconstrói-se a partir de vivências passadas, momêntaneas e futuras, num espaço de interacções, num espaço virtual, que é, também, o espaço da situação Rorschach.

Tecidas estas reflexões teóricas, explicitaremos de seguida o modo como se irá efectuar a análise interpretativa da resposta Rorschach.

3. Formulação dos princípios interpretativos de análise da resposta Rorschach

Evidenciado pelos estudos de Marques (1992), a integração dos conceitos de Bion no processo resposta Rorschach, leva a que este seja considerado como o produto final de um processo de transformação - criação - recriação, abrindo novas perspectivas à situação projectiva.

A formulação dos princípios interpretativos processa-se através da integração e articulação de três níveis de análise.

No **primeiro nível de análise**, consideram-se os princípios estabelecidos por **Raush de Traubenberg** e **Chabert**, que atestam a representação da imagem de si e representação da relação, processada a partir do nível da significação simbólica de cada cartão e da análise inter e intra-cartão, e ainda a nível dos constituintes da resposta Rorschach (Anexo III). Todos estes dados são indispensáveis para a compreensão da resposta Rorschach, tanto nos seus aspectos quantitativos como qualitativos.

Num primeiro momento, procede-se à cotação e ao agrupamento dos dados no Psicograma, permitindo o estabelecimento de um primeiro nível de análise, e a colocação de uma série de hipóteses a serem desenvolvidas posteriormente.

Num segundo momento, analisa-se qualitativamente os protocolos, num movimento intra e inter cartão. A análise intra-cartão com incidência na representação da imagem de si e das relações efectua-se através da identificação da tonalidade emocional presente, da evocação (ou não) da solicitação simbólica do material, da relação entre os modos de apreensão, determinantes e conteúdos associados e, por fim, da identificação dos

movimentos progredientes ou regredientes, testemunhos da eficácia (ou não) dos mecanismos de restauração do equilíbrio perdido. A identificação das problemáticas do sujeito, das suas características individuais (análise inter-cartão) e das suas zonas de conflito (análise intra-cartão), permite perceber como o sujeito investe nos objectos internos e externos e estabelece relações; como o sujeito procede à ligação entre interno e externo, com a criação (ou não), de um novo objecto interno, evidenciador da actividade de pensar. Se a noção de espaço psíquico remete para a existência de um espaço no qual se articula a representação da palavra como coisa, cria-se um espaço que permite pensar o impensável e constituir-se como objecto pensante. Deste modo, pode-se falar de um continente que delimita o dentro e o fora e possibilita a comunicação entre objectos internos e externos, de um espaço no interior do qual se processa toda a elaboração de uma imagem de si, de um espaço que permite transformar as representações internas em símbolos - palavras. "Todo o pensamento verbal é uma comunicação interna por meio de palavras" (Segal, 1957 e 1979/1988, p. 176).

O modo como o sujeito se situa face ao Rorschach depende não só do seu sentimento de integridade (psíquica e somática) mas também da qualidade das suas relações objectais. Segundo Chabert (1983), é através desta dupla orientação de representações que se pode analisar o conteúdo latente do material. Nestas representações, evidenciam-se, em relação à natureza da representação da imagem de si, elementos relacionados com a diferenciação sujeito e objecto - nos cartões que atestam para questões relacionadas com a identidade e diferenciação sexual - nos cartões que evocam processos de identificação. Em relação à representação das relações, destaca-se não só a natureza da integração das pulsões agressivas e libidinais que cada cartão evoca, do nível de conflitualização, mas também, os movimentos adaptativos, construtivos e estruturantes, por eles suscitados: "...as mobilizações económicas induzidas por estes mesmos cartões, assim como os arranjos que eles sugerem ou permitem." (Chabert, 1998, p.74).

Utilizando o esquema proposto por Chabert (1997), a **análise inter-cartão** incide sobre os seguintes pontos:

A - A construção da imagem de si

A imagem do corpo

A identidade e o investimento da imagem de si

O reconhecimento da diferença de sexos e os modelos de identificação.

B - As representações das relações

A imago materna

As relações de amor e ódio.

A – A construção da imagem de si

A imagem do corpo

A representação que o sujeito tem do seu corpo, expressa-se mais claramente *nos cartões unitários e compactos: I, V, IV e VI*, dada a natureza da sua própria configuração, uma vez que são construídos à volta de um eixo vertical sugestivo do esquema corporal. Como estes cartões se constituem como referências estáveis e unidas, são colocadas em causa as capacidades que o sujeito tem em projectar uma imagem corporal de si íntegra, condição necessária aos processos de individuação e identidade.

O *cartão I* atesta a capacidade de evocar a representação da imagem si, a partir de um material em que o corpo humano é já confirmado pelas próprias características do cartão (imagem construída à volta de um eixo, aberta mas com um desenho claro, etc.). A expressão da banalidade atesta para a integração correcta da unidade corporal. A sensibilidade às lacunas intramaculares ou aos contornos recortados da mancha, ou ainda à abertura superior, pode ser sentida como uma manifestação de fragilidade corporal.

As respostas de conteúdo humano geralmente são tripartidas mas, dão conta de representações mais ou menos elaboradas, uma vez que as capacidades de estabelecer relações se operam sobre uma imagem de corpo relativamente sólida.

O *cartão V* é geralmente reconhecido como o cartão da identidade e da representação de uma imagem de si inteira, íntegra e bem definida. Como tal, resiste fortemente aos ataques contra a integridade corporal. Segundo Chabert (1983) este cartão é sensível às problemáticas de identidade, mais no sentido da integridade do self do que da imagem corporal. Daí a sua extrema sensibilidade à fragilidade narcísica.

No *cartão IV* são evocadas imagens de poder. O seu tipo de organização depende da integração (ou não integração) de uma construção corporal bem delimitada e definida. Neste cartão podem também ser suscitadas tomadas de posição activas ou passivas, em que estas últimas são favorecidas pela esbatimento da mancha. A passividade pode estar associada a fantasmas destruidores geralmente associados a uma imago materna pré-genital potente, colocando em questão e apelando à imagem do corpo.

No *cartão VI* o predomínio do simbolismo sexual mascara a solicitação da imagem corporal.

Nos *cartões bilaterais II, III, VII, VIII, IX e X* e na sua relação com a construção de uma imagem de corpo inteira e total, as imagens de corpo não integradas aparecem como uma tentativa de apreender o percepto no seu conjunto, apesar de este ser acompanhado, na maioria das vezes, por uma inadequação formal, construída a partir de percepções arbitrárias. Trata-se de um esforço de globalização capaz de contrariar o desespero face à dispersão e à fragmentação do material apresentado, sobretudo quando é solicitada a participação pulsional dos afectos em estado bruto - *cartões II e III*.

O *cartão II* é geralmente vivenciado como um conjunto disperso, em que a lacuna central sentida como uma greta interna, falha corporal fundamental, não encontra na junção mediana uma hipótese organizadora de uma todo unificado, com delimitação e separação entre dentro e fora. A participação da cor vermelha induz o aparecimento dos afectos em estado puro, em que agressividade e líbido são integrados numa dinâmica comparável à da interiorização do par parental combinado de Klein.

O *cartão III*, apesar de também conter a participação da cor vermelha, mais delimitada e em conjunto com uma referência mais evidente de um corpo humano inteiro, sexualmente identificado e em interacção, desencadeia agora uma experiência afectiva já mais elaborada.

Os *cartões VII* e *cartões pastel VIII, IX e X* evocam a natureza da representação da imagem si, no sentido em que despoletam processos de desintegração, colocando em jogo as capacidades de unificação e integração do sujeito.

No *cartão VII*, a solicitação da falta e do vazio provocada pela justaposição da mancha e do fundo branco, suscita a necessidade da sua delimitação e do estabelecimento de uma separação e diferenciação entre interno e externo.

Os *cartões pastel* pela introdução das cores suaves e pálidas, reactivam a representação de uma imagem de corpo num meio envolvente regressivo, próximo de uma vivência relacional muito precoce, ainda pré-verbal.

O *cartão VIII* transporta angústias referentes a um corpo vivido como inteiro ou fragmentado e em relação a um continente materno, passivo e receptivo.

No *cartão IX* é solicitado o aparecimento do interior do corpo, no qual se encontram esbatidos os limites que o envolvem.

No *cartão X*, dado o seu carácter disperso, é solicitada a mobilização da capacidade de integração, unificação e síntese, testemunho de um

sentimento de unidade e integridade corporal.

A identidade e o investimento da imagem de si

Como referido anteriormente, o acesso à identidade supõe a existência de operatividade dos processos de separação, diferenciação e individuação, com reconhecimento da diferença entre sujeito e objecto. O sujeito além de ser capaz de se reconhecer como diferente do Outro, reconhece-se como pertencente claramente ao mundo humano, expressões mais evidentes nos *cartões compactos*. No entanto, este processo também é solicitado nos *cartões bilaterais - III e VII e pastel*, mas, novamente, por colocar em jogo as capacidades de adaptação do sujeito, face a angústias específicas.

Deste modo, nos *cartões compactos*, onde é esperado o aparecimento de uma imagem inteira, por vezes, a linha mediana como referência a um eixo corporal não emerge como estruturante e securizante, dando assim conta de uma vivência de um corpo interno separado por duas partes, colocando em causa a inoperatividade dos processos de individuação que conduzem à construção de uma imagem de si estável.

Os *cartões bilaterais* pela sua estrutura simétrica e especular, dificultam a construção de uma imagem de si única, sendo esta elaborada sempre em relação com o Outro. No entanto torna-se aqui indispensável distinguir o mecanismo de identificação projectiva do movimento narcísico, no sentido em que no primeiro é abolida a diferença entre sujeito e objecto, e no segundo, o objecto constitui-se como um prolongamento do sujeito numa relação predominantemente de suporte.

Os *cartões pastel* e o *cartão V* consideram-se consequentemente, como cartões sensíveis a questões de natureza narcísica: os primeiros por induzirem movimentos regressivos, e o último, pela necessidade da

integração de uma imagem de si inteira e íntegra, emergindo aqui não a banalidade, mas imagens megalómanas e exibicionistas, sugestivas da fragilidade da representação da imagem de si.

Reconhecimento da diferença de sexos e os modelos de identificação

O reconhecimento da diferença de sexos corresponde a um nível de elaboração mental mais evoluído, uma vez que para a aquisição deste, é suposto que ocorra a aquisição da noção de identidade - nível primário - para posteriormente se poder aceder a um movimento de identificação - nível mais evoluído.

A aquisição dos processos de identificação implica o sujeito ser capaz de reconhecer a diferença de sexos e ter acesso a modelos identificatórios. Os cartões de simbologia sexual são os que melhor evidenciam esta problemática, uma vez que esclarecem a forma como decorreu este processo de identificação, isto é, se foi alcançado e integrado ou, se permaneceu a um nível pré-edipiano. De um modo geral, todos os cartões reenviam a uma simbologia sexual, que pode ser mais ou menos evidente. Assim temos:

Os cartões femininos - *cartões II, VII e IX* nos quais domina a simbologia materna/feminina pela lacuna intramacular central.

Os cartões masculinos - *cartões IV e VI* cuja simbologia remete para o par paterno/masculino. O *cartão IV* essencialmente fálico, embora o detalhe superior mediano possa ser percebido como uma vagina, pode ainda estar associado a imagens de uma imago materna pré-genital, num contexto de passividade destrutiva, de uma imagem de corpo esquartejada e danificada. No *cartão VI*, apesar da justaposição de detalhes masculinos e femininos, predomina o domínio fálico.

Os cartões mistos - o *cartão III* pode ser considerado masculino ou feminino, estando ligada a sua determinação ao estabelecimento sólido, ou

não, dos processos de identificação.

Enquanto que os *cartões II, IV, VI e IX* expressam muito claramente a sua simbologia sexual, e a um nível bem evoluído, os *cartões II, IV e VI* remetem para temáticas de castração, uma vez que o conflito entre desejo e interdito é reaceso, sendo o estudo dos conteúdos associados fundamental para a compreensão da qualidade da sua integração, com conseqüente possibilidade de condensação e simbolização; os *cartões III e VII* mobilizam os mecanismos de identificação aos modelos sexuais, traduzidos por representações específicas e por tomadas de posição activas e/ou passivas, testemunhos da escolha, mais ou menos assumida, do papel sexual (Chabert, 1983).

B – As Representação das relações

A representação das relações implica o sujeito ser capaz de representar uma imagem de si íntegra e de a colocar em relação com outro. Os investimentos que o sujeito realiza nos objectos internos e externos dependem da constituição de um espaço psíquico, capaz de conter e articular esta imagem inteira e em relação com estes mesmos objectos internos e externos. Determinados cartões que reenviam para uma forma particular de relação com os objectos e, especificamente, com as imagos parentais, consideram-se como *cartões parentais: I, VII, IX, IV, VI*.

A imago materna

O *cartão I*, por ser o primeiro cartão, remete para a relação objectal primária, dada a sua abertura na parte superior e a configuração central serem sugestivas de um corpo feminino suportado e envolvido numa relação, mesmo que alada. As referências a uma imago materna pré-genital podem

por conseguinte aparecer, quer na sua forma ameaçadora, inquietante, persecutória e destrutiva, quer ainda como medida de restauração narcísica materna e feminina.

Nos *cartões IV e VI* é mais frequente a evocação da imago paterna, de força e de poder. Quando a imago materna é evocada, é frequentemente uma imago materna pré-genital fálica, poderosa e activa, sobretudo se associada à parte mais densa da mancha.

O *cartão VII* é o cartão materno por excelência e as relações nele evocadas, inscrevem-se na dialéctica das relações com o primeiro objecto, dado o seu carácter esbatido, aberto e oco, com interpenetração da figura com o fundo, que põe também em causa a imagem do corpo em relação a esta imago. As expressões emergentes são das mais variadas, desde testemunhos de ligações fusionais e simbólicas, habitualmente destrutivas, a movimentos regressivos nas suas vertentes oral ou anal, dando conta da modalidade de relação de objecto dominante e do clima emocional a ela associado, disfórico e inquietante, ou inversamente, de calma e bem estar.

O *cartão IX*, mais conhecido pelo cartão intrauterino, pela sua abertura central com esbatimento de limites e sobreposição de cores é assim considerado como o cartão da regressão, portador de vivências relacionais precoces e primárias com o meio relacional. São aqui frequentes temas aquáticos e alimentares, igualmente apreendidos num clima emocional positivo ou negativo.

As relações de objecto de amor e de ódio

Os cartões que mais facilitam as associações relacionais objectais correspondem aos *cartões bilaterais, vermelhos e pastel*, dado que estes solicitam a evocação de afectos, possibilitando a apreensão do tipo de

relações que o sujeito estabelece consigo e com os outros, internos e externos.

Os *cartões bilaterais II, III e VII*, pela sua dupla organização, induzem imagens animais ou humanas em possível interacção, dando conta de um corpo íntegro em relação a si próprio e ao Outro. A projecção destas imagens reflecte assim as significações dadas às relações entre si e o outro, às relações entre objecto interno e externo.

Os *cartões vermelhos II e III* mobilizam cargas pulsionais e libidinosas, permitindo assim a expressão de relações nas suas vertentes agressivas e/ou libidinais, narcísicas e/ou objectais, bem como a possibilidade de condensação e simbolização. Enquanto que no *cartão II* predomina a vertente agressiva, habitualmente deslocada para uma imagem animal, no *cartão III* salienta-se o aspecto libidinal, pela facilidade de reconhecimento da figura humana sexuada e em interacção, e a delimitação mais precisa da cor vermelha. Contudo, estas imagens sexualizadas tanto podem aparecer num contexto de rivalidade edipiana, como associadas a fantasmas fusionais e destrutivos.

Os *cartões pastel*, pelas cores pálidas e suaves, suscitam a emergência de emoções e afectos, evidenciando a articulação entre realidade interna (espaço psíquico) e realidade externa, e o tipo de relação que o sujeito estabelece com o meio. Facilitam a regressão, reactivando no sujeito manifestações mais primitivas de uma sensorialidade precoce e de uma vivência pré-verbal. Suscitam assim, experiências de prazer-desprazer ligadas ao contacto inicial do sujeito com o meio.

Podemos então resumir:

A natureza da **representação de objecto** expressa-se nos *cartões I, V, IV, VI*.

A **representação das relações com as imago parentais** expressa-se melhor nos *cartões I, VII, IX, IV, VI*.

A representação dos diversos tipos de **relação de objecto** expressa-se nos *cartões II, III, VII, VIII, IX, X*.

No **segundo nível de análise**, encontram-se os estudos preconizados por **Marques** sobre a natureza da simbolização no processo resposta Rorschach, fundamentados a partir dos conceitos de comunicação, interpretação e simbolização.

No presente estudo, relaciona-se este aspecto com o campo do materno e do feminino, como espaços psíquicos internos que fundam, estruturam e promovem o desenvolvimento do conceito de simbolização.

Segundo esta autora, o processo resposta Rorschach caracteriza-se pela existência simultânea dos três conceitos atrás referidos. A comunicação aqui estabelecida, decorre do espaço criado a partir do encontro interacional intra e intersubjectivo entre sujeito e situação projectiva numa relação continente/conteúdo, que visa, a partir de movimentos de ligação, articulação, transformação e comunicação entre dentro e fora, a atribuição de novos sentidos e significados, mediados pela utilização de processos identificatórios e projectivos (a interpretação da mancha). A partir destes movimentos, cria-se um novo objecto dotado de características internas significativas, comunicado por um símbolo, uma imagem ou uma palavra (a resposta Rorschach). Esta evidencia assim, o modo como o sujeito é capaz de transformar elementos desconhecidos, não pensados, em elementos utilizáveis para o pensamento, revelando por conseguinte as suas capacidades adaptativas, criativas, vinculativas e estruturantes, que conduzem ao crescimento e desenvolvimento do universo mental do sujeito.

O Rorschach constitui-se, por conseguinte, como um instrumento fundamental do Psicólogo clínico, dado que simultâneamente à atribuição de um sentido e um significado às vivências do sujeito, procura aceder ao conhecimento das suas qualidades e propriedades psíquicas internas, à sua verdade psicológica, permitindo ao sujeito o aprender com e pela experiência, aumentar o conhecimento de si e também do Outro e, por fim, expandir todo o seu universo mental.

No **último eixo de análise** integram-se as considerações teóricas do materno e do feminino na adolescência, constituindo-se, por conseguinte, este ponto como a questão fulcral do nosso estudo e merecendo, portanto, um capítulo destacado.

V. O MATERNO E O FEMININO ATRAVÉS DO RORSCHACH

Neste capítulo propômo-nos descrever a forma como abordaremos a proposta de estudo inicial. Esta consiste na caracterização dos espaços do materno e do feminino como fundadores de um aparelho de pensar pensamentos. Ou seja, perceber como através do processo de resposta Rorschach se pode aceder à expressão e interpretação do materno e do feminino como uma relação continente/conteúdo que funda e estrutura toda a actividade de pensar, nomear e simbolizar.

1. Estabelecimento do organizador materno/feminino na análise da resposta Rorschach

Para a elaboração do último eixo interpretativo à nossa análise, fundamentamo-nos na integração das considerações teóricas do materno e do feminino na adolescência, no sentido em que ser e pensamento se fundam no objecto materno, na relação continente/conteúdo do materno/feminino. Damos ainda especial ênfase à perspectiva transformacional adolescente e sua similitude catastrófica com a situação Rorschach, perspectiva esta destacada a partir dos estudos efectuados por Marques, que incidem sobre a revelação do processo adolescente no processo resposta Rorschach.

Processo adolescente e resposta Rorschach: ambos se destinam à criação de um novo objecto, um novo sujeito, enriquecido e enriquecedor, dotado de qualidades e propriedades internas emocionais significativas, actualizadas num aqui e num agora, relacional e contextual, sem tempo mas com memória, desejo e compreensão.

Apesar da multiplicidade de solicitações simbólicas provocadas pelo material Rorschach, a matriz simbólica de todos os cartões funda-se e contém a integração das duas imagos parentais, nas suas vertentes pulsionais agressivas e libidinais, em que cada resposta revela o ajuste efectuado a partir do encontro entre solicitação simbólica e nível de funcionamento do sujeito. Quando o sujeito interpreta a mancha, efectua uma distinção entre figura e fundo, dentro e fora, sujeito e objecto, objecto interno e objecto externo, diferenciação esta construída a partir do sentimento de existir e de existir com, adquirido pela interiorização da função continente materna, pelo espaço psíquico do materno e do feminino. “Em todos os cartões se joga, em primeiro plano, *o nível da integração fantasmática do casal parental combinado*...mas joga-se, também, secundariamente, após um trabalho feito de substituição e de simbolização, uma expressão que deve conter a diferença de sexos e a complementaridade. Mas cada cartão pode revelar, ainda...as relações com o masculino e o feminino, o heterossexual, que não são mais do que relações reconstruídas sobre o materno e o paterno.” (Marques, 1996, p.50)

Tanto a adolescência, como a situação Rorschach, são caracterizadas pela necessidade de integrar a bissexualidade psíquica, identificar-se introjectivamente às imagos parentais em relação, ao casal parental combinado, tornando possível a identificação ao pai que se encontra no interior da mãe. A integração da ideia de que no interior da mãe existe um pénis = bebé - falo - detentor do conhecimento e de saber, permite ao sujeito identificar-se ora à mãe (posição feminina) ora ao falo paterno (posição masculina).

A integração da bissexualidade comporta deste modo o reconhecimento da noção de diferença, de ser distinto e separado do Outro, de ser capaz de perceber o dentro como diferente do fora, o interior do exterior, o presente do passado e do futuro, a criança do adulto, a mãe do pai, a mulher do homem. Esta integração enunciadora da diferença, coloca em jogo o conhecimento

psíquico da existência de uma caesura até agora incognoscível. O sujeito ao sentir-se separado do objecto, vivencia a dor narcísica da sua incompletude, por vezes intolerável, insustentável e portadora de sofrimento psíquico, que ele procura transformar e superar.

Através desta integração, o sujeito é capaz de aceder à noção da diferença de sexos e proceder à construção de uma identidade sexual adulta e estável - que conduz à escolha do objecto heterossexual - definitiva e enriquecida por novos atributos e propriedades e enriquecedora para futuros objectos, futuras relações, ampliando e perpetuando o seu sentido de existência.

A resposta Rorschach é organizada por meio de uma oscilação dinâmica entre percepção e projecção; trata-se de uma resposta que contém uma representação de si e da imagem de si, inteira, delimitada e separada, no seio de uma relação objectal, mas que contém também a representação do Outro, igualmente separado, delimitado e sexuado, de forma a poder satisfazer o desejo de se completar e complementar o Outro, desejo este tão premente na adolescência: "Vemos como é que, através da análise dos cartões Rorschach, se revela e amplifica...múltiplas expressões que são ao mesmo tempo, reacção e adaptação à solicitação simbólica dos cartões...(e) a uma exigência, exigência que é o percurso interno da adolescência que se actualiza, expressa e revela exemplarmente no Rorschach. (Marques,1993, p.7)

Neste ponto iremos proceder à elaboração de organizadores de análise baseados nos conceitos teóricos expostos e discutidos, fundamentando a nossa hipótese interpretativa do processo resposta Rorschach.

De modo genérico, vamos tentar perceber como os elementos dispersos do ser, os conteúdos excitantes do feminino (que na situação Rorschach emergem do conteúdo latente dos cartões) encontram um continente materno, interno ou externo - o Outro (observador) - e como eles se relacionam para a elaboração de uma resposta, de um símbolo. Ou seja, compreender como o feminino e o materno implícitos no conteúdo latente da

solicitação simbólica do material Rorschach, se articulam numa relação continente/conteúdo para a criação de uma resposta, uma representação de palavra que nomeie um representação de coisa, experiência vivida e revivida num aqui e num agora relacional e contextual, aonde presente, passado e futuro confluem.

A mancha, como uma impressão sensorial, uma abstracção pura, um elemento beta, a coisa em si ou a representação de coisa, constitui tal como o feminino, uma pré-concepção, uma série de conteúdos emocionais clivados e dispersos, correspondentes a uma posição esquizo-paranóide imatura, a ser transformada ou evacuada. O encontro do sujeito com a mancha a perceber e interpretar como uma pura abstracção, constitui-se como uma expectativa vazia, apta a ser activada.

Deste encontro sujeito - mancha - necessidade de a interpretar, nasce uma tensão psicológica interna, uma sensação de caos psíquico, abrindo-se uma experiência de sofrimento mental - caesura, que o sujeito tenta ultrapassar. Instala-se a situação catastrófica Rorschach, um espaço virtual aonde todas as realizações e interpretações se tornam possíveis. O sujeito povoado por estes elementos excitantes e dispersos do feminino, procura um contentor materno estabelecendo entre eles uma relação continente/conteúdo, utilizando os mecanismos de identificação projectiva ao serviço da comunicação.

Tanto o sujeito na situação Rorschach como o adolescente são reactivados por estes conteúdos do feminino, necessitando de reestruturar e reorganizar as suas relações primitivas com o materno e o feminino, de forma a aceder à representação de uma identidade sexual adulta e estável. Projectam assim estes sentimentos de confusão e instabilidade no Outro que, numa atitude suficientemente boa os devolve, capacitando a integração e articulação destes sentimentos de forma a os poder pensar e repensar, recuperando e restaurando aquilo que não tinha sentido, o não sentido. O adolescente e o

sujeito na situação Rorschach, consigo e também com o Outro, constrói e reconstrói um espaço psíquico gerador de novas potencialidades e possibilidades.

A criação da relação materno/feminino, continente/conteúdo como uma abstracção da identificação projectiva, capaz de superar, sustentar, tolerar, modificar e pensar as experiências emocionais mais significativas, encontra-se deste modo ao serviço do conhecimento e da procura da verdade, edificante e geradora de novos sentidos. O espaço psíquico interno desta relação emergente é por conseguinte mediado por símbolos que constituem um meio de comunicação aos vários elementos que povoam o dentro. A aprendizagem e o conhecimento dependem, então, das capacidades contentoras do objecto materno, que passam da flexibilidade à integridade, pela introdução do facto seleccionado, capaz de ordenar o disperso e estruturar os vários elementos femininos, permitindo a integração da bissexualidade e a transformação do ser em ser com o Outro.

Na situação Rorschach o observador ao corresponder ao contentor materno, aos conteúdos femininos clivados, dispersos e nele projectados, possibilita por movimentos de integração, ligação, articulação e transformação num vaivém contínuo/descontínuo, entre dentro/fora num aqui e agora presente, passado e futuro, a reparação e restauração do objecto, mantendo assim a integridade do Eu.

Desenvolve-se no seio desta relação uma “*rêverie*” materna, uma função alfa, que em proliferação, possibilita a criação e aperfeiçoamento de uma barreira de contacto. Esta barreira de contacto em constante desempenho das suas funções de formação e separação dos fenómenos mentais, cria a capacidade do sujeito distinguir e diferenciar o dentro do fora, o presente do passado e do futuro, a mãe do pai, a criança do adulto, a mulher do homem.

Deste encontro catastrófico e do espaço psíquico virtual por ele criado, ao serviço do conhecimento e da comunicação entre interno/externo, novo/antigo, adormecido/acordado, emerge a representação da palavra como

representante de coisa, a resposta Rorschach, a representação, a concepção, o símbolo interno integrado e re-significado, o corpo sexual adulto e estável - a transformação do ser na realização do ser que procura a sua verdade, a sua identidade de poder existir e de existir com o Outro, a sua bissexualidade psíquica transformada em feminino ou masculino.

O sujeito ligado, religado e construído na identificação à função alfa materna, adquire ele próprio o seu espaço mental que contém as suas próprias produções e por conseguinte, portador de autonomia para elaboração do seu projecto existencial continuando na trilha pela verdade última, o seu "O", o novo "O" do sujeito recriado, re-significado e renovado no adulto que é a partir da criança que foi, no aqui e no agora específico e determinado que numa dinâmica relacional lhe permite o crescimento e a expansão do seu universo psíquico.

O feminino surge tal como uma pré-concepção ou um pensamento que procura um contentor materno que o pense de forma a se transformar numa realização, numa concepção. É no interior da relação materno/feminino como protótipo da relação continente/conteúdo que é atribuído à pré-concepção (ser) um significado transformando-a, assim, numa realização ser, numa experiência emocional apta a ser utilizada para novas experiências, abrindo e exponenciando o leque de significações, e ampliando o seu aparelho conceptual. Desta relação surge o ser que realiza a experiência, a relação diferenciada que se abre ao Outro geradora de novos sentidos. Perante sensações novas desconhecidas emerge a necessidade de um contentor que as pense e contenha, um pára-excitante às excitações do feminino. A relação do materno/feminino corresponde assim à fase do materno primário em que o Ego ainda muito rudimentar se vai progressivamente identificando à função alfa materna, construindo-se como ser integrativo e elaborativo da fase feminina primária.

Uma vez construído o ser, é necessário a entrada de novos elementos excitantes - masculinos - que abram e perpetuem o ciclo do ser. Este transforma-se assim num ser com no sentido de Winnicott: primeiro ser, depois ser com, aberto a novas experiências e realizações, ampliando e perpetuando o ciclo da existência e não se encerrando aqui no materno/feminino.

Na adolescência é recolocada a questão da identidade, pela transformação psíquica dos modelos identificatórios parentais e pela procura de novos modelos. O sujeito encontra-se de novo na encruzilhada identificatória, na necessidade de afirmar e confirmar o seu ser (materno primário) para poder passar a ser com (feminino primário). O adolescente encontra-se no caminho da procura de si, para que possa encontrar o Outro que o complementa e que ele possa complementar.

O Rorschach, repleto de atributos femininos e masculinos, coloca também em questão a integração destes elementos, a forma como o sujeito os organiza e estrutura de modo a atribuir uma consistência e significação à sua própria existência. A maneira como o sujeito organiza e delimita a resposta, permite-nos aceder ao tipo de pensamento utilizado. O símbolo criado a partir desta vivência renovada com o materno e o feminino, dá-nos assim a possibilidade de compreender como o sujeito se reorganizou e re-estruturou face a ela, evidenciando assim a qualidade do seu pensamento.

Os modos de apreensão da resposta encontram-se ligados a um continente materno tal como as temáticas se relacionam com os conteúdos que os excitam e provocam. Quando o sujeito elabora uma resposta, percebemos como ele foi capaz de accionar a sua barreira de contacto, de delimitar o dentro do fora, a figura do fundo, de separar os conteúdos do continente que os sustenta, de distinguir o que é do material daquilo que é a sua participação subjectiva.

De forma a colocarmos em prática as ideias propostas sobre a construção da identidade sexual na adolescência, utilizamos como critérios de análise fundadores da nossa interpretação o conceito da relação materno/feminino como uma relação continente/conteúdo. A construção de uma identidade sexual é considerada um processo transformacional e integrativo que se organiza em redor da imagem do corpo para depois se poder identificar a uma identidade feminina ou masculina. Esta identidade estabelece-se ainda pela re-edificação de relações antigas que por sua vez se reestruturam para promover novos investimentos objectais, novas representações do corpo e também de relações consigo e com o Outro.

A construção da identidade sexual encontra-se enquadrada no conceito de representação de si (Rausch de Traubenberg e Marie Boizou, 1977) que neste estudo optámos por substituir, dado inscrever-se numa lógica afectiva conflitual e pulsional, pela noção de representação de objecto. Este último conceito atesta para a representação da relação de objecto interno com o outro objecto interno ou externo. Ou seja, testemunha o modo como o sujeito se vivencia em relação consigo e também na relação consigo e com o mundo. Demonstra como o mundo interno se estrutura e organiza a partir do real externo, que na resposta Rorschach se evidencia pelo predomínio da formalidade e do recurso ao objectivo e ao controlo. Inversamente, também podemos perceber como é que o sujeito é capaz de orientar e conduzir as suas relações externas e internas a partir do seu interior, o que em termos de resposta Rorschach se traduz pela utilização da cor e do afecto para a sua determinação.

Interessa-nos por conseguinte destacar, através da análise de representação de objectos, como os elementos do materno e do feminino se articulam numa relação continente/conteúdo comunicativa, na qual se assiste a uma oscilação dinâmica entre os movimentos de desintegração e integração, promovendo, através da “*rêverie*” materna e sua função alfa, o crescimento da actividade de pensar, da função simbólica. Desta relação emerge a

possibilidade do sujeito se poder pensar e sonhar mas também pensar e sonhar o Outro através de si na relação, dando assim conta da existência do sentimento de ser, da realização do ser, de forma como "... se vivencia no seu corpo e no seu universo relacional." (Rausch de Traubenberg, 1983, p. 32).

Num espaço determinado, seja ele real ou virtual, o sujeito move-se de acordo com o seu sentimento de identidade, da representação que tem da imagem de si, mas em relação com o objecto interno e externo, em relação consigo próprio e também em relação entre si e ao Outro, interno ou externo. Como escreve Rausch de Traubenberg "... a representação de si, noção inconsciente, engloba - tal como a entendemos - tanto a imagem do corpo como as relações que são suscitadas por essa mesma imagem, estruturando-a por sua vez. As respostas concentram em si quer o investimento narcísico, quer o investimento do outro e são disso reveladoras. Analizá-las em todas as suas componentes permite situar o estadio atingido pelo indivíduo na procura de si próprio, através das etapas que conduzem à identificação." (op. cit., p. 32)

O conceito de representação de si, por nós considerado como representação de objecto, corresponde assim à noção de um corpo inteiro unificado e íntegro, de uma imagem corporal inteira mas sempre em relação a um Outro interno e/ou externo. Torna-se indispensável o reconhecimento do sujeito como diferente do objecto, mas pertencente ao mundo humano, de forma a dar lugar aos processos de individuação e diferenciação - o ser, o feminino puro - através dos processos de desfusão e separação do materno/feminino - do materno primário. Observa-se, contudo, a necessidade de distinguir a actividade cognitiva que precede a verificação do corpo conhecido, da actividade projectiva que dá conta do modo como o sujeito experiencia afectivamente a relação com o seu próprio corpo e a relação de si no seu corpo.

De acordo com os estudos efectuados por Marques, na expressão do feminino e do masculino em sujeitos adolescentes, observa-se a necessidade de integrar o materno e o paterno, a bissexualidade psíquica, como forma de aceder à identidade subjectiva. Esta funda-se na expressão e projecção da imagem do corpo, para posteriormente ser capaz de se identificar ao objecto primário, entrando assim no campo do materno primário, no sentido em que este constitui o núcleo das primeiras identificações objectais a que o Ego se vai identificar instaurando-se as representações de objecto.

Estudos efectuados por Chabert (1984) sobre a problemática adolescente, apontam para a sua incidência a dois níveis:

Nível da identidade do sujeito - apesar das várias transformações corporais sofridas pelo jovem adolescente, mantem-se uma certa estabilidade do sentimento de identidade, com conseqüente aquisição dos processos de separação e individuação.

Nível mais evoluído - corresponde ao nível da aquisição dos processos de identificação o que implica a capacidade do sujeito reconhecer a diferença de sexos e ter acesso a modelos identificatórios. Neste nível é posto em causa a escolha das identificações sexuais inerentes à construção edipiana, a qualidade dos modelos identificatórios, a sua diferença em relação às imagos introjectados e a qualidade dos afectos agressivos ou libidinais que predominam na posição relacional estabelecida.

Deste modo, e como já referido, a imagem de corpo unificado expressa-se mais facilmente nos cartões bilaterais. No nível mais evoluído emergem figuras humanas inteiras, diferenciadas, separadas e em interacção, podendo neste nível surgir o tema da castração, como ameaçador da integridade corporal (*cartões II e III*). No nível arcaico, as imagens são parciais, indiferenciadas e ligadas, impedindo o acesso a uma interacção. Torna-se, pois, necessária a associação desta imagem humana a um determinante formal de boa qualidade (F+), uma vez que este dá conta da eficácia dos processos de diferenciação e separação entre figura/fundo, dentro/fora,

Eu/Outro, testemunhos da acção da estrutura da barreira de contacto. Obtém-se então uma imagem corporal estável e envolta por um envelope corporal devidamente delimitado e separado, capaz de se adaptar e organizar face a uma realidade exterior, sem com ela se fundir e/ou destruturar.

A perda de controle face a uma insuficiência de envelope corporal e a tentativa de a ultrapassar, surge habitualmente através de determinantes formais diminuídos, kinestésias inteiras e humanas arbitrárias, kinestésias objectais explosivas, respostas cor puras e refúgio no imaginário. No entanto, o inverso também se pode verificar, destacando-se respostas animais e banalizadas, com regressão a uma dependência afectiva. Em todo o caso, todos estes aspectos são transitórios na adolescência, desde que não se façam acompanhar de uma desintegração em relação à realidade externa.

Nos adolescentes, e porque são postos em causa questões de formação narcísica, a vulnerabilidade da representação da imagem de si, conduz a que os *cartões V e pastel* sejam particularmente sensíveis a esta temática. Muitas vezes, estas representações são acompanhadas de manifestações disfóricas evidentes: sensibilidade à cor acromática, expressão directa da angústia e conteúdos megalómanos, mágicos e exibicionistas.

No que concerne à expressão da identidade sexual nestes sujeitos, salienta-se a reactivação do conflito edipiano, embora este opere de modo diferente em relação à infância. A necessidade de substituição dos modelos identificatórios, por desidealização e morte psíquica do par parental interiorizado, e ainda, a possibilidade de realização do desejo edipiano, decorrente das transformações corporais pubertárias, originam novos conflitos e interditos, com consequente desequilíbrio pulsional, surgindo na resposta Rorschach, as kinestésias de objecto. Através desta resposta podemos estudar o modo como é organizado este conflito, uma vez que para o reconhecimento da diferença de sexos, solicitado pelo conteúdo simbólico sexual do material, são mobilizados os processos de identificação e as modalidades sexuais melhor ou pior diferenciadas. No entanto, estas

escolhas identificatórias por vezes ainda se encontram instáveis, pela dificuldade em integrar a bissexualidade psíquica e os movimentos pulsionais dela decorrentes.

A dificuldade em assumir uma posição sexual adulta e estável traduz-se, assim, por representações humanas esquivas, em que a oscilação identificatória domina. Às personagens, tal como ao adolescente, é conferida uma linguagem de acção, inquietante, com sensibilidade ao cinzento, branco e preto e também, à textura e estompagem dos cartões. Esta tendência para agir, como forma de não conseguir pensar a emoção e a excitação a que se sente exposto, traduz-se pelas respostas cor. Estas, denotam uma diminuição do controlo, bem como uma propensão para regredir a uma posição de dependência em relação ao objecto, em relação ao objecto materno interno.

Na **análise intra-cartão** considera-se:

A expressão da representação da imagem de si, sustentada pelo sentimento do feminino de ser, e de realização do ser, nos *cartões compactos I, IV, V e VI*.

As imagens humanas e animais claramente diferenciadas do ponto de vista sexual.

A capacidade de oscilação kinestésica (K e C), cuja oscilação dinâmica testemunha a possibilidade de tanto interior como exterior interferirem na determinação da resposta.

As expressões das relações de objecto amor e ódio, nomeadamente da representação da imagem de si em relação a um Outro também sexuado, diferenciado, separado e com ele em interacção, nos *cartões bilaterais II, III, VII*, questão esta fulcral da adolescência, da relação do sujeito com o Outro que o firme, confirme e reafirme.

A integração do par parental combinado de Klein, da bissexualidade psíquica, sobretudo nos *cartões vermelhos*, nos quais emergem afectos

pulsionais, libidinais e/ou agressivos, narcísicos e/ou objectais em relação.

A relação com o objecto materno, na sua relação mais precoce (*cartões pastel*). Neste tipo relacional interessa-nos perceber se domina a vertente epistemofílica, curiosidade em conhecer o interior da mãe, a identificar-se ao falo que conhece a beleza e riqueza do interior materno (integração do par parental combinado), ou se predomina o movimento de compensação e restauração narcísica, observando-se aqui um movimento de retraimento e de procura de um continente protector e securizador.

Interessa-nos perceber na **análise cartão a cartão** :

Cartão I: como é que face à reactivação emocional de uma expectativa vazia de um continente materno apto a entrar em relação, o sujeito mobiliza os seus conteúdos femininos e estabelece entre materno/feminino uma relação continente/conteúdo, capaz de integrar, articular e transformar a experiência emocional numa resposta, num símbolo recriado, re-significado e religado, comprovativo do trabalho de pensar. Nos adolescentes, o facto de se terem de situar de novo em relação com a imago materna, mediado por uma mancha negra mas descontínua pela participação de lacunas brancas, deixa por vezes emergir falhas ao nível da integridade corporal, sugestivas da vulnerabilidade da representação da imagem de si.

Cartão II: como os afectos relacionais agressivos e pulsionais decorrentes da dificuldade de interiorização da bissexualidade, correspondem a elementos beta a serem evacuados, a uma pré-concepção que procura um continente materno para com ele entrar em relação e assim se realizar, pelo desempenho da função alfa e “*rêverie*” materna. Está assim criado um espaço psíquico capaz de interiorizar, articular e transformar a experiência num pensamento, num símbolo, numa resposta regeneradora, enriquecedora e criadora de novos sentidos. A fragilidade da parede do continente materno impede a acção eficaz da barreira de contacto e consequente integração e transformação destes conteúdos excitantes femininos num novo símbolo, dificultando a entrada da relação do sujeito com o Outro interno e externo,

bem como a evocação da representação de uma imagem de si íntegra e em relação.

Cartão III: No mesmo sentido do cartão anterior, como se articulam os afectos pulsionais, sobretudo nas suas vertentes libidinais. Esta conduz à articulação dos aspectos femininos e maternos numa relação que permite a realização do ser, e a transformação da pré-concepção (o ser inteiro, sexuado e o afecto) em concepção (o ser inteiro diferenciado com o afecto), de modo a ele se poder sentir inteiro, diferenciado e sexuado, e apto a proceder à escolha identificatória objectal sexual, masculina ou feminina. É frequente neste cartão as raparigas procederem à determinação sexual dos personagens identificados, mantendo-se os rapazes na indeterminação ou, caso os representem sexualmente, tendem a desvitalizar estas mesmas produções.

Cartão IV: Como a representação de uma imagem fálica, activa e poderosa implica a articulação do materno/feminino numa relação geradora de um espaço psíquico apto à integração da bissexualidade, dos aspectos activos/passivos, fortes/fracos, masculinos/femininos. Esta incorporação possibilita o acesso a uma representação de uma imagem de si inteira, capaz de se relacionar com o Outro fálico, poderoso e paterno, realizando o seu ser. No entanto, a insuficiência do envelope materno impede o acesso à barreira de contacto, dos mecanismos de separação, desfusão, autonomização e individuação, não se transformando a pré-concepção, ser, feminino em concepção, realização ser, materno/feminino dificultando o acesso a uma posição masculina/paterna. Nos adolescentes o reconhecimento da imagem de força e poder é habitualmente portador de ansiedade, induzindo movimentos muito variados, desde a tomada de posições activas, a posições regressivas, embora predomine nos rapazes uma integração dinâmica, e nas raparigas, uma recusa em a aceitar.

Cartão V: Como o sentimento de identidade, a realização do ser inteiro, íntegro e bem delimitado decorre da articulação dos elementos femininos e maternos numa relação continente/conteúdo. Fragilidades neste cartão supõem a existência de insuficiências do continente materno, do

envelope corporal materno, incapaz de proceder à integração dos elementos do ser. Estes, ao transcenderem este continente, não encontram um aparelho de pensar pensamentos que os pense e resigne. Dada a vulnerabilidade da estabilidade da imagem de corpo adolescente, do sentimento de fragilidade corporal, é frequente nos adolescentes emergirem neste cartão temas que atestam para a valorização narcísica da imagem de si, processados num movimento oscilatório dentro/fora que procura a sua estabilidade, união e consistência.

Cartão VI: Como se integram os aspectos da bissexualidade psíquica masculina e feminina, do casal parental combinado, da mãe que contém o falo do pai. A articulação dos elementos da bissexualidade com o continente materno possibilita a construção de um espaço psíquico que os pense e realize, fundamental à aquisição de uma imagem de si inteira, sexuada e diferenciada. A constatação do falo paterno suscita por vezes uma ameaça, com uma resposta passiva e receptiva nas adolescentes, surgindo a banalidade, enquanto que nos rapazes a mesma ameaça conduz a um sentimento de fragilidade narcísica, embora numa passividade agressividade destrutiva.

Cartão VII: Como o continente materno é excitado por elementos femininos e se surge, ou não, a possibilidade de entre ambos se estabelecer uma relação continente/conteúdo, de forma a se poder pensar a experiência emocional e a transformar num objecto re-significado, capaz de se expandir para o par paterno/masculino. As dificuldades da representação da imagem de si conduzem por vezes a movimentos narcísicos de retraimento, surgindo respostas vagas e imprecisas.

Cartão VIII: Como este cartão de receptividade passiva permite a expressão de um corpo vivido como inteiro ou fragmentado, na relação com um continente positivo e narcisante. Interessa-nos pois perceber como é que através da necessidade de entrar em relação com o continente materno, articula os seus conteúdos femininos do ser dispersos e os integra, de forma a nomear um símbolo. Este, atesta para a representação de uma imagem de corpo inteira, separada e diferenciada ou fragmentada, ligada e

indiferenciada. No sujeito adolescente destaca-se por vezes uma reacção negativa pelo movimento regressivo que o cartão induz. Este, reactiva no adolescente o seu conflito entre desejo de autonomia e necessidade de dependência em relação à imago materna. A forma como se situa perante este conflito demonstra a sua capacidade de se separar e de se sentir distinto do objecto.

Cartão IX: Como neste cartão, em que é solicitado o interior do corpo numa relação muito precoce com o meio envolvente materno primário, o sujeito é capaz de se separar, emergindo uma resposta diferenciada ou, se permanece a um nível fusional. É assim reactivada a barreira de contacto, no sentido em que para a representação de uma imagem de si autónoma e diferenciada, do seu ser realizado pela relação com o materno, é necessário a eficácia dos movimentos de separação e de desfusão (da relação materno/feminino) para aceder a um movimento de individuação e diferenciação (a realização do ser - o feminino). Pela reactivação da angústia corporal ligada a este continente materno regressivo, observa-se nos adolescentes um movimento ora de tranquilização e bem estar, com acesso à individuação, ou, o predomínio da sensação de ameaça, de fragilidade narcísica com confusão entre dentro e fora. Esta fragilização, ao impedir a acção da barreira de contacto, emerge sob a forma de respostas regressivas pulsionais e explosivas ou ainda, de restauração e recuperação do objecto.

Cartão X: Como neste cartão é alcançada a integração dos elementos dispersos que povoam a mancha de forma a se aceder à representação de uma imagem de si, do seu sentimento de existir. Entendemos através da resposta a ressonância interna que estes elementos dispersos provocam no sujeito, e o modo como ele articula os seus elementos do ser/ feminino clivados e dispersos, numa relação materno/feminino, possibilitando por fim a evocação simbólica desta experiência simbólica de integração, comprovativos do trabalho de ligar, religar e pensar.

A identidade subjectiva corresponde assim a uma unidade de diferenciação singular, determinada pela integração da sua bissexualidade.

Aceder à identidade implica proceder à separação da figura/fundo, do dentro/fora, do sujeito/objecto para posteriormente se relacionar com o objecto - mancha Rorschach. Esta relação estabelecida entre Eu/não Eu, sujeito/mancha funda-se no sentimento de existir, que uma vez realizado na e por uma relação continente/conteúdo, é capaz de criar um novo objecto enriquecido que se expande para novas relações. Esta relação do sujeito/mancha, do sujeito/mundo testemunha o nível das relações objectais estabelecidas pelo sujeito e o modo como estão abertas e preparadas para o estabelecimento de outras novas, de se estender para as relações sexuais com o feminino e o masculino.

De início, no processo adolescente integra-se a construção da imagem de si, o nível da bissexualidade das imagos parentais, no sentido em que estas estão ligadas e integradas. Num segundo tempo, por substituição e simbolização obtem-se a diferenciação de sexos e gerações, com o nascimento da complementariedade que procura o Outro, que o firma e confirma. A relação com o objecto heterossexual, feminino ou masculino, constitui-se, deste modo, como a reconstrução da relação com o materno e paterno, com a integração da bissexualidade.

O re-encontro e encontro, construção e reconstrução do objecto na relação com o objecto primário materno, no seio de uma experiência emocional significativa, permite a estabilidade do sentimento de identidade com conseqüente transformação e diferenciação do materno/feminino em feminino ou masculino, como uma via sexualizada e adulta, impondo-se o Outro a confrontar como um ser sexuado, masculino ou feminino.

No entanto, este confronto entre feminino e masculino, corresponde não a uma diferença entre pares antinómicos, mas a um trabalho de complementariedade, a um trabalho do negativo, no sentido de Green (1986).

O trabalho do negativo, estreitamente relacionado com o recalçamento, onde

a negação, a denegação e a forclusão se constituem como variantes consequentes a este trabalho, correspondem a uma actividade defensiva do Ego, apesar de se encontrar presente em todas as estruturas psíquicas.

Este trabalho do negativo ainda pode ser conjuntivo ou disjuntivo:

No primeiro caso, "...a coexistência do reconhecimento e da denegação, do Sim e do Não" (Green, 1986, p.492), leva à reunião das pulsões, à reunião do feminino com o materno - à hipótese do sujeito vir a ser - e, do feminino com o masculino - surgindo a possibilidade do sujeito ser com, com a criação de um novo objecto re-significado. No trabalho do negativo conjuntivo, impera a complementariedade do negativo, em que o sujeito ao projectar no Outro a sua incompletude, investe posteriormente nele como uma procura de si, como uma procura à sua falha, à sua ausência. É esta, a procura do adolescente quando almeja a sua incompletude no Outro, de forma a se completar e firmar. É também esta actividade que se encontra implícita na situação Rorschach, quando o sujeito procura, através de si no Outro, (que contém as suas projecções e angústias), um sentido para esta experiência emocional, criando um símbolo, um novo objecto renovado e re-significado.

Quando a coexistência entre Sim e Não é disjuntiva, o trabalho do negativo baseia-se numa actividade pulsional destrutiva e separadora. Esta última, ao não permitir o estabelecimento de relações entre objectos, deixa-os dispersos, desarticulados e sem possibilidade de estabelecer novas ligações, comprometendo o acesso à criação de novos objectos, e de novas relações objectais.

Optámos pela análise de dois protocolos em diferentes fases da adolescência de modo a evidenciar, neste estudo, como é que através da análise do processo resposta Rorschach se pode aceder ao funcionamento e conhecimento psíquico de dois tipos de sujeitos, destacando-se ainda a sensibilidade do teste bem como a pertinência da sua utilização.

Seleccionámos os protocolos de duas raparigas na fase da pré adolescência e da adolescência propriamente dita, dado a aquisição da identidade sexual adulta e definitiva nas raparigas se basear num processo de circularidade com o objecto materno.

Partimos do pressuposto evidenciado por Marques (1999) de que na adolescência a construção da identidade sexual se organiza à volta do corpo, através da "...mobilização dos investimentos e das representações antigas, sobre as quais se vão organizar e recriar os novos investimentos e uma nova representação do corpo e da relação com o Outro." (Marques, 1999, p.294)

Na mobilização das representações antigas destaca-se a importância da reactivação e reelaboração das relações com os objectos primários, em que a diferenciação, integração e transformação do novo objecto em masculino-feminino depende essencialmente da relação com o objecto materno.

No entanto, observam-se diferenças entre o rapaz e a rapariga. No primeiro torna-se necessário afastar-se da mãe, de forma a se construir de novo como ser diferenciado em masculino.

Na rapariga, a necessidade de afastamento da figura materna também se impõe, de forma a dela se diferenciar. No entanto, a rapariga tem que retornar ao materno para constituir a sua identidade feminina, para "...se tornar de novo como a mãe". (Marques 1999, p. 294)

Este processo inscreve-se numa lógica de circularidade que corre o risco de especularidade, pelo que as raparigas frequentemente recorrem a estratégias depressivas de banalização. Se na puberdade predomina o sentimento de se firmar e afirmar como independente da mãe, na adolescência, esta necessidade de afirmação baseia-se nos mecanismos de oposição e rivalidade: "... o poder situar-se como mulher entre as mulheres, ser como a mãe, mas não igual a ela." (Marques 1999, p. 295)

A selecção de um protocolo na fase da pré adolescência deve-se a que nesta altura as grandes transformações corporais provocam no adolescente dificuldades de estabilização de uma identidade subjectiva, delimitada, separada e diferenciada, reveladora do sentimento de uma “identidade movente” (passagem de uma identidade rígida típica da latência para uma identidade flexível adolescente) (Marques, 1999), em que o corpo, a representação da imagem do corpo constitui uma das principais preocupações.

Nesta fase observa-se uma vivência emocional intensa com predomínio de uma confusão e indiferenciação que por sua vez suscitam uma forte necessidade de investir na imagem de si, na procura de uma imagem de si estável, quer na relação com o mundo interno, quer externo. A representação da imagem de si, pela angústia que suscita, dá assim lugar a um retraimento libidinal, com recurso ao eixo, à simetria e ao especular. Observa-se, por conseguinte uma preocupação em se representar como íntegro inteiro e delimitado.

Observam-se ainda diferentes estratégias conforme o sexo, expressando-se a dor mental da passagem da integração à clivagem nos rapazes, por um retraimento narcísico em que o Outro é vivenciado como um suporte, embora ameaçador e persecutório. Nas raparigas são favorecidas as relações de dependência ao objecto externo predominando, no entanto face a este, um sentimento ambivalente de dependência e rejeição. Surge um movimento de retraimento com uma sensação de esvaziamento interno do Eu, onde os conflitos recalçados dão lugar a uma atitude adaptada e socializada, embora prevaleça um sentimento depressivo.

A escolha de um protocolo de um adolescente na fase da adolescência propriamente dita deve-se ao facto dos processos de construção de identidade sexual e de escolha objectal definitiva se encontrarem mais fortificados, de neste tempo se encontrarem mais prementes os processos de

objectualização em relação ao objecto.

A distinção entre interno e externo está mais nítida, bem como a definição dos objectos o que "...pressupõe uma barreira de contacto melhor estabelecida." (Marques 1999, p. 298), apesar de ainda rigidificada. Assim, assiste-se a uma contenção e a um retraimento, a um recurso à regressão a conteúdos continentais protectores – as "peles" nos rapazes e os "vasos" nas raparigas. (Marques 1999)

Se nos rapazes predomina o tema da castração e a necessidade de investir os elementos protectores, nas raparigas destaca-se a importância do olhar e a depressividade, o que testemunha como "...a vivência corporal, o pulsional e o relacional são ainda mal compreendidos e mal mentalizados." (Marques 1999, p. 298).

A transformação da puberdade para a adolescência é então marcada por um processo que vai da clivagem à integração. Nos rapazes, é uma "... passagem de uma expressão marcada pelo investimento nos contrários, com a dor mental que comporta, a uma expressão mais controlada, mas também mais empobrecida, uma expressão marcada pelo retraimento e a restauração (o espelho) e pela dor e o persecutório. Nas raparigas, (...) revela-se que da confusão com o objecto externo para anular o objecto interno, intenso e difícil de dizer e de pensar, se passa, na adolescência, ao desprezo dessa realidade outrora tão investida. Surge, então, o retraimento e uma pressão maciça do dentro, enquanto o fora, quando aparece, conduz a uma labilidade nos limites da falha de delimitação, conduz a uma vivência no limite do "paraíso perdido". (Marques 1999, p. 299).

Em toda a adolescência impera a articulação entre desejos opostos, antinómicos, entre mundo interno e mundo externo, autonomia e dependência, cujo destino procura "...a constituição de um espaço psíquico mais alargado mas sempre singular, onde presente-passado-futuro se

sintetizam de novo em função das novas possibilidades e potencialidades.” (Marques, 1991, p.209), constituindo-se o Rorschach como um instrumento privilegiado para revelar estes mecanismos.

2. Análise de protocolos Rorschach de duas raparigas adolescentes.

2.1. Protocolo A

A entrada na expressão do cartão I faz-se sem dificuldade (tempo de latência inicial curto) mas numa tonalidade emocional disfórica. Face à eminência de se ter que relacionar perante uma situação nova contextual, num aqui e num agora muito específico, mobiliza uma série de recursos internos que dão conta da articulação entre o dentro e o fora, emergindo uma resposta, uma imagem baseada numa representação interna subjectiva. No entanto esta imagem denota a existência de conteúdos internos inquietantes (elementos do feminino) que estimulam a necessidade de os conter, pois a evocação de dois homens encapuçados e alados revela a presença da angústia e a necessidade de a circunscrever. O predomínio de uma resposta kinestésica testemunha o recurso ao imaginário interno, a um movimento identificatório que tenta elaborar o conflito interno reactivado: a emergência de pulsões libidinais e a culpabilidade daqui decorrente. A dimensão relacional alimentada por emergências pulsionais num contexto libidinal, coloca metafóricamente, por recurso ao imaginário, o conflito no registo da culpabilidade. Aparece assim a representação de uma imagem de si humana, diferenciada mas fragilizada, numa relação de dependência sugestiva de uma dificuldade de se separar de uma imago materna contentora, e de ter interiorizado esta mesma função. O acesso à construção de uma imagem de si sexual definitiva e estável parece ainda em formação.

No cartão II após um tempo inicial mais prolongado, e num clima de excitação positiva, a entrada na expressão faz-se novamente pela representação

parcial e kinestésica. Mas, se no cartão anterior a referência à bissexualidade psíquica é evidente, neste cartão as identificações sexuais parecem ser conflituais. Os personagens não são identificados sexualmente "...duas pessoas..." o que nos parece sugerir que o confronto com a representação humana, numa valência pulsional libidinal e agressiva é portadora de ansiedade. Perante a estimulação provocada pela cor vermelha, pelo afecto agressivo e sexual da relação, assiste-se a um movimento regrediente na aquisição de uma identificação sexual estável e harmoniosa, dando conta da vulnerabilidade deste processo. No entanto, face a estes conteúdos agressivos e libidinais é capaz de encontrar um continente capaz de os articular e transformar numa resposta interna e subjectiva, mostrando-nos não só como usa o pensamento mas também como se situa dentro da problemática adolescente.

No cartão III o clima emocional positivo permanece. No entanto, apesar da evocação da banalidade e da apreensão global da cor, mantém-se a problemática da indefinição sexual dos personagens, acentuada pela utilização do verbo parecer, verbo este que precede todas as respostas até aqui dadas. O feminino e o masculino existem mas, como qualidades sobrepostas, como uma expressão da bissexualidade psíquica, ainda indiferenciada. A sensibilidade à cor, ao pulsional agressivo e libidinal dentro da relação é de novo reactivada e portadora de ansiedade. Se por uma lado a tenta circunscrever, pela apreensão global do cartão e pela evocação da banalidade, posteriormente estes conteúdos não encontram um continente materno adequado à sua desintoxicação e transformação. Surge uma resposta interna mas desadequada do ponto de vista formal que dá conta da existência de um pensamento pouco útil ao conhecimento e crescimento mental. No movimento seguinte, e numa tentativa de superar a angústia suscitada pela entrada da cor, é já capaz de a integrar por recurso a uma imagem objectiva - a anatomia - dando assim uma resposta de boa qualidade formal. No entanto, esta mesma resposta é também tradutora de uma angústia corporal provocada pelo confronto do encontro entre feminino e

masculino e a necessidade de a eles se identificar.

No cartão IV surge novamente, de forma hesitante, uma resposta interna e subjectiva. No entanto, a identificação a uma imagem fálica, poderosa e activa (resposta cinestésica) expressa-se directamente de forma angustiante (clob), em que o carácter antropomórfico do conteúdo para-humano (monstro) pode remeter para um mecanismo de deslocamento, de forma a evitar uma identificação sexual mais nítida. Aqui a identificação a uma imagem poderosa e activa é clara, embora não o seja do ponto de vista sexual, sugestivo da dificuldade na tomada de posição entre feminino e masculino. Apesar desta indiferenciação, face a este conteúdo excitável, testemunho da vulnerabilidade do ser, é capaz de encontrar um continente materno interno capaz de integrar e articular a experiência da necessidade de se identificar a uma imagem masculina e activa, aqui revivida, emergindo uma resposta subjectiva e criativa.

No cartão seguinte e num clima emocional neutro é evocada a banalidade, seguida de adequação formal, comprovando a aquisição de uma identidade estável e íntegra, de uma representação da imagem de si inteira e firme.

No cartão VI após um tempo inicial bastante alargado e num clima emocional negativo surge uma resposta, interna e subjectiva capaz de delimitar a ansiedade sentida. O movimento pulsional, apesar de minimizado pelo seu deslocamento para uma imagem ínfima, não é totalmente neutralizado, pois esta imagem, para além de se encontrar ela própria em fuga, ainda mantém o seu potencial perturbador e ameaçador. Nesta resposta, a necessidade da representação da imagem de si sexualmente adquirida, pela integração da bissexualidade psíquica constitui-se como um elemento inquietante, comprovando a vulnerabilidade da aquisição de uma representação adulta e diferenciada. Perante esta fragilidade, procura um continente materno capaz de a sustentar e transformar, encontrando um espaço psíquico capaz de accionar a actividade da barreira de contacto, e proceder à separação e

formação dos fenómenos mentais. Cria-se uma imagem que procura atribuir um significado à experiência aqui vivida, em que a representação humana é afastada da cena mental e substituída por um conteúdo animal, capaz de autorizar a expressão de um movimento pulsional incómodo. No entanto, a prevalência de um afecto depressivo “...mosquito que caíu e que está a querer fugir...” levanta questões relativas à necessidade de autonomia e dependência em relação à imago materna pré-genital. Se por um lado se tenta por uma via de identificação activa, masculina autonomizar desta imago, por outro, sente-se presa e a ela, ancorada, dificultando-lhe a tomada de posições entre activo/passivo, masculino/feminino, situando-se por conseguinte no cerne da problemática adolescente.

No cartão VII, também com um tempo de latência alargado e precedido por uma precaução verbal, surge uma resposta baseada na articulação entre representação de coisa e representação de palavra. No entanto, a representação evocada continua a presenciar a dificuldade em estabelecer uma diferenciação sexual. Face à necessidade de se relacionar, e mais especificamente, de se relacionar a uma imagem materna, emerge por recurso à simetria, uma preocupação narcísica em sustentar a imagem de si, reconfirmada também no inquérito “...um bocado esquisito assim sentadas para a frente. As pessoas não costumam estar tão juntas.” A necessidade de reconfirmar a imagem de si na relação com a imago materna, parece reacender o conflito de dependência e autonomia expresso no cartão anterior, dando assim conta da fragilidade de um contentor interno materno, pouco capaz de se articular com os elementos do feminino, e estabelecer com ele uma relação continente/contido, de modo a proceder à diferenciação em feminino ou masculino.

Não obstante esta indiferenciação, a partir desta situação o sujeito conseguiu criar e encontrar no seu interior um espaço psíquico capaz de exercer as funções separadoras e formadoras da barreira de contacto, emergindo um novo objecto re-significado, uma imagem criada a partir de uma experiência interna significativa, revelando assim, a actividade de pensar.

No cartão VIII assiste-se a um aumento do tempo inicial de resposta, surgindo esta num clima emocional mais suave e evocando um continente materno restaurado e reforçado narcísicamente. Como se a ansiedade sentida no cartão anterior e o desejo de se separar da imago materna aqui reactivados, trouxesse uma culpabilidade, necessitando agora de ser atenuada pela valorização narcísica deste mesmo continente materno. Em todo o caso, a rivalidade face a este relacional mantém-se, em que o retorno do recalcado se faz mediante uma resposta cinestésica animal, traduzindo de novo a dificuldade em integrar a carga pulsional na relação.

No cartão IX, que reenvia para uma imago materna pré-genital, surge um equivalente choque, uma impossibilidade de, a partir do confronto com esta experiência construir um espaço interno capaz de a integrar, articular e transformar e, conseqüentemente, de a representar, nomeando um símbolo, comprovando a fragilidade das capacidades contentoras do objecto interno face a elementos que o estimulam, dificultando a articulação de uma relação continente/conteúdo, materno/feminino. Apesar deste impasse inicial, consegue-o ultrapassar por meio de uma imagem que, não obstante a inadequação formal, demonstra o desejo de uma relação a um continente materno regressivo e aberto à transformação da experiência emocional revivenciada nesta situação.

No último cartão, após um tempo inicial muito curto e num clima emocional positivo, surge finalmente uma imagem festiva, que revela a integração dos elementos dispersos, possibilitando a descarga pulsional mas não destrutiva. Perante a ruptura subjacente à situação projectiva e às suas solicitações simbólicas, surge um alívio, o fogo de artifício, a festa e a cor, um movimento positivo ao serviço da pulsão de vida. Ou seja, face a esta experiência emocional de desintegração e clivagem dos elementos do ser, é capaz de encontrar no seu interior um espaço psíquico capaz de os integrar num contentor, estabelecendo-se entre eles uma relação materno/feminino, continente/conteúdo que dá lugar à sua articulação e transformação num

símbolo, numa palavra que representa um objecto interno renovado e enriquecido pela situação, testemunhando a presença da actividade de pensar ao serviço do conhecimento e crescimento mental.

Na análise do psicograma, deparamo-nos com a existência de um investimento e uma interacção da realidade interna e externa para a construção da resposta. O TRI introversivo e misto, testemunha que para além da invasão fantasmática provocada pela solicitação simbólica do material apresentado (o grande número de respostas cinestésicas, comprovativos do recurso ao imaginário, ao pensamento), esta é modulada pelo peso da realidade externa (presença de F%, D%, respostas Cor e Ban), emergindo um discurso afectivo e criativo, mas modulado e adaptado.

O predomínio do modo de apreensão parcial, em detrimento da imagem global, pode sugerir uma tentativa de controle face ao impacte fantasmático dos cartões, no sentido em que é vivenciado de uma forma tão intensa, que não possibilita ao sujeito abstrair-se e destacar-se deste percepto para construir uma imagem global. Esta aparece exclusivamente nos cartões IV e V, e associada a grandes detalhes nos cartões III e VII, pelo que se pode pensar na existência de uma representação da imagem de si inteira e unificada, mas questionada pela necessidade de integrar os aspectos da bissexualidade psíquica, e também, pela exigência de ter de reconfirmar a imagem de si na relação com a imago materna. Reaceso o conflito de dependência e autonomia face à imago materna, surge uma fragilidade de contentor interno materno, pouco capaz de se articular com os elementos do feminino, e estabelecer com ele uma relação continente/conteúdo, de modo a proceder à diferenciação em feminino ou masculino.

A persistência de um grande número de respostas grande detalhe, seguidas na sua maioria de respostas cinestésicas e adequadas do ponto de vista formal, denota a existência de um Ego suficientemente forte, capaz de se submeter à prova da realidade. São também testemunhos da presença de um pensamento analítico e discriminativo, capaz de se apoiar da realidade

externa para se defender contra a emergência da invasão fantasmática, suscitada pela solicitação simbólica do cartão. No caso da resposta grande detalhe, seguida de inadequação formal do cartão III, pode-se pensar na existência de uma tentativa de controle pouco eficaz, a qual permite a expressão projectiva de uma representação que atesta a emergência do pulsional relacional e a dificuldade da integração da bissexualidade psíquica, adversa à aquisição de uma identidade adulta e sexuada. Surge na resposta seguinte uma grande detalhe modulado por um afecto puro, mas cujo conteúdo remete para uma angústia corporal, reforçando a hipótese atrás proposta. No cartão IX, a resposta grande detalhe seguida também de uma inadequação formal, sublinha a ineficácia da tentativa de controle, que por sua vez, reforça a dificuldade já referida na relação à imago materna. Esta situação é superada pela via do controle afectivo, emergindo um movimento regressivo, aconflitual.

Através da análise do processo resposta Rorschach, com base nos modelos interpretativos descritos, deparamos com uma representação da imagem de si inteira, firme mas ainda não totalmente delimitada. A presença de ansiedades interiores referentes à consolidação das suas várias partes corporais encontram expressão numa descarga pulsional "...monstro a deitar fogo pelo nariz." "...mosquito que está a deitar qualquer coisa...", testemunhando a não integração total dos diferentes aspectos da bissexualidade psíquica e a vulnerabilidade da representação de uma imagem de si diferenciada sexualmente. Não obstante, encontra no seu interior um continente materno adequado, apto a articular estes elementos emocionais numa relação continente/contéudo. Através desta relação e da utilização do mecanismo de identificação projectiva, é capaz de se identificar à solicitação simbólica do material, ao mesmo tempo que projecta nele material e no Outro as suas vivências, que ao contê-las, as transforma em elementos utilizáveis ao pensamento. Consequentemente, face à emergência de ansiedade, consegue-a superar e desintoxicar, criando um novo objecto

interno, um símbolo, uma resposta enriquecida por uma experiência, e enriquecedora para outras futuras.

Esta habilidade de conter e nomear a experiência, a partir de re-significações internas, permite-lhe ainda a representação de relações de objecto, nas suas vertentes agressivas e libidinais, sem se sentir por estas completamente ameaçada. A aquisição da sua identidade, embora ainda não totalmente diferenciada sexualmente e adulticiamente, possibilita-lhe alternar num jogo identificatório entre posições activas/masculinas e passivas/femininas, antes de alcançar uma posição definitiva, posição esta posterior à integração dos diferentes elementos da bissexualidade psíquica. Apesar de perante a obrigatoriedade de tomar uma posição sexual e adulta, sentir ameaçada a sua identidade corporal, num movimento progrediente consegue ultrapassar esta angústia, pela articulação dos elementos do materno e feminino numa relação continente/conteúdo, accionando a estrutura da barreira de contacto e criando um novo objecto interno significativo.

A representação de uma imago materna é evocada numa relação de proximidade, mas indutora de um sentimento de estranheza, hipoteticamente relacionado com o conflito interno entre o desejo de autonomia a esta imago e a necessidade de desta depender, na identificação aos seus aspectos femininos/passivos. A representação da imago paterna é já menos problemática, emergindo esta na sua vertente de força activa e poderosa.

A representação de relações mais precoces encontra-se comprometida pelo excesso de estimulação sensorial destes elementos do materno. Estes, incapazes de se articularem com os elementos do ser feminino, não encontram um espaço psíquico no interior do seu aparelho mental, facilitador da transformação destas emoções, bloqueando assim a emergência de uma palavra que as represente. Por outro lado, num movimento progrediente, consegue integrar esta experiência e ligar as emoções dispersas, desbloqueando esta angústia e encontrando uma representação, um novo objecto interno dotado de características internas significativas.

Face à emergência de angústias relacionadas com a necessidade de adoptar uma posição activa ou passiva, observa-se em A. uma oscilação entre movimentos progredientes e regredientes, nos quais dentro e foram alternam e interagem para a construção da resposta Rorschach.

Constatamos que A. se situa no seio da problemática adolescente - aquisição de uma identidade sexual adulta e estável - colocando em curso os mecanismos de identificação indispensáveis a esta, movimentos de oscilação dinâmica entre integração/desintegração, disperso/contínuo, ligação/desligação, interno/externo, onde presente, passado e futuro se reúnem na construção de um novo objecto renovado e apto a estabelecer outros sentidos e relações, nomeadamente, as relações com o paterno/masculino.

De acordo com os estudos de Marques(1991) sobre a caracterização do processo adolescente, podemos também aqui constatar, como neste caso se assiste à procura por parte de A., de uma identidade sexual adulta pelo investimento da representação da imagem de si na relação com o Outro que a contém. A integração da bissexualidade psíquica ainda em alvoroço, embaraça a tomada de uma posição definitiva feminina/passiva e/ou masculina/activa, pelo que se sente fragilizada perante a exigência de se situar como autónoma e distinta em relação à imago materna, emergindo um conflito ambivalente face ao desejo de dela se emancipar e à necessidade de dela depender na identificação a uma representação feminina, processo este tão característico e central nas raparigas adolescentes.

Presenciamos ainda uma oscilação entre a emergência de um pulsional agressivo e a tentativa de anulação do mesmo, por recurso à banalização (“...monstro que está a deitar fogo pelo nariz.”, seguida de uma banalização na resposta seguinte) ou, pelo conteúdo a-conflitual e festivo da expressão

("...torre, com fogo de artifício dos lados.").

Encontramo-nos face a uma pré-adolescente que procura sustentar a sua identidade movente por uma fluidez de um funcionamento mental, utilizando uma lógica circular de vaivém entre interno e externo, de forma a dar sentido às experiências revivenciadas consigo próprio e no seu corpo. Se por um lado, procura dar um sentido à realidade externa, a partir da mobilização de emoções internas, religando-as e transpondo-as para o exterior, por outro, tenta no exterior, encontrar imagens capazes de dar uma consistência interna às suas representações. Destaca-se assim a vivência de um corpo vulnerabilizado, que por um movimento de integração, tenta unificar e dar sentido à dispersão resultante da dureza da clivagem, reunir o ser que foi e o que ainda não é, reactivados nas manchas Rorschach, num ser adulto e sexualmente diferenciado.

Neste protocolo, desdobradas e actualizadas as emoções relativas à relação precoce com o objecto materno, elementos do feminino e materno (re)articulam-se numa relação continente/conteúdo, assistindo-se à (re)criação do espaço psíquico interno do materno/feminino, com (re)construção da barreira de contacto. Através da sua acção, observa-se a oscilação dinâmica e recíproca entre interno e externo, com separação, transformação e formação de novos objectos (re)ligados, evidenciando como se (re)constitui e se desenvolve a actividade de pensar e o aprender, com e através, da experiência emocional significativa.

O Outro, ao conter esta experiência do ser, de se ter de firmar e afirmar como ser autónomo, individualizado e diferenciado na reactualização da relação com o materno/feminino, facilita o processo de ligação, comunicação e crescimento entre os objectos internos e externos, possibilitando a formação de símbolos e o enriquecimento e expansão do seu universo mental, realizando o ser e possibilitando-lhe o ser-com numa relação negativa conjuntiva com o paterno/masculino .

2.2 Protocolo B

No cartão I, face a uma situação nova entra sem dificuldade na expressão (tempo de latência inicial curto), evocando a banalidade e a imagem global, adequada do ponto de vista formal. Esta colagem à realidade objectiva, aonde o externo organiza e estrutura o interno, parece ser, num primeiro momento defensiva contra a emergência de vivências relacionais com o objecto primário materno, evidenciadas pela sensibilidade ao carácter bilateral “simétrico” e feminino do cartão “boca”.

As questões adolescentes relativas à sexuação e identificação a uma imagem corporal sexuada e adulta encontram-se aqui reactivadas. De facto, estas questões aparecem de imediato quando, para a construção da resposta, B. recorre ao eixo simétrico, evidenciando a preocupação sentida em fortalecer uma representação da sua imagem corporal fragilizada por um elemento feminino, que não encontra um continente materno interno, capaz de com ele se articular e transformar esta experiência, num novo objecto enriquecido e enriquecedor. A necessidade de ter de relacionar os seus elementos do ser com este continente, traz consigo uma angústia, que B. tenta circunscrever através de uma racionalização explicativa do próprio material Rorschach. No entanto, sobressai o carácter bilateral e simétrico do cartão que testemunha a ineficácia desta tentativa de recalçamento, realçando de novo as questões relacionadas com a identificação a uma imago materno, capaz de sustentar uma imagem corporal feminina, essencial para a construção da sua identidade sexual.

Se por um lado, a imagem de um continente materno solicita a fortificação de uma representação da imagem de si sexuada e adulta, mas fragilizada, por outro, a qualidade da resposta organizada a partir do dentro, dá conta do estabelecimento de uma relação continente/conteúdo materno/feminino, com identificação a uma “*rêverie*” materna, capaz de ligar e re-ligar objectos internos e externos, com criação de símbolos, de respostas, que evidenciam o trabalho de pensar.

O cartão seguinte, o cartão II, suscita uma vivência de mal estar, uma inquietação e um conseqüente movimento regrediente, traduzido por um retraimento, recusa e recurso à realidade externa, por crítica pejorativa do material.

A proximidade com o pulsional relacional decorrida da integração da bissexualidade psíquica, ainda em curso, reactiva uma vivência de confusão, não encontrando de início um continente interno capaz de activar a estrutura da barreira de contacto, e proceder a um trabalho de ligação entre externo e interno com a criação de um novo objecto, dotado de características internas significativas. No entanto, num andamento progrediente é já capaz de atribuir um sentido interno a esta experiência, embora ainda defensivo, evocando apenas a banalidade, o aceitável, normativo e adaptativo.

A relação com a tarefa de integrar a bissexualidade psíquica e proceder à escolha de uma posição adulta sexuada, é ainda inquietante, articulando-se os elementos do feminino e materno numa relação que, apesar de permitir algum desimpedimento à angústia revivida, não possibilita a criação de um objecto enriquecido por características internas significativas. Face a esta vivência, se por um lado se observa um impedimento associativo, aonde o externo controla e liquida a invasão fantasmática, por outro, numa actividade narcísica, assiste-se à fortificação de uma imagem de si sexual feminina e passiva, por identificação a uma capacidade interna contentora materna, que organiza o externo a partir do interno, emergindo uma resposta, embora pouco criativa e enriquecedora.

No cartão III, a entrada na expressão faz-se novamente pela evocação da banalidade, numa relação convergente, em que a actividade que intermedeia os personagens permite a integração de um conflito pulsional essencialmente agressivo, mas não sexual. Aos personagens não lhes é atribuído uma identidade sexual estável, testemunho da não integração do casal parental combinado, entravando a aquisição de uma identidade sexual diferenciada e definitiva. Acrescentar que os personagens são definidos por recurso ao carácter simétrico do cartão. Não obstante lhes ser atribuída uma qualidade

feminina, estes constituem-se com um “...focinho de cão...”, embora se destaque a necessidade de suportar uma imagem de si feminina, mas que, apesar do esforço de sustentação, ainda encontra ameaçada a sua integridade.

Ao sentir ameaçada a integridade da representação da imagem de si, num movimento projectivo coloca no material este sentimento disfórico, transformando a realidade em algo inquietante. Face à proximidade do Outro adulto sexualmente diferenciado em feminino, e à necessidade de com ele se identificar e relacionar, destaca-se uma sensação de estranheza, reveladora da fragilidade de sustentação destes movimentos identificatórios. No entanto, predomina o movimento progrediente, em que materno/feminino são capazes de se articular numa relação continente/materno, embora o espaço por eles criado se encontre ainda fragilizado. Apesar de complicada, a aquisição da firmeza de um envelope corporal e da capacidade contentora do objecto interno, a barreira de contacto construída consegue desempenhar a sua acção, elaborando um sentido, uma resposta enriquecida por esta experiência.

No cartão IV, a entrada na expressão faz-se por um equivalente choque, por uma alusão ao menino e por uma manipulação do cartão, numa tentativa de encontrar no exterior um sentido capaz de organizar e estruturar a ressonância interna provocada pelo conteúdo latente do material. Numa tentativa de delimitar e circunscrever a intensidade deste impacte do paterno, que supõe a integração de um materno, perpetuando-o e realizando-o (ao materno), e que contem o desejo de ser simultâneamente activo/passivo, interactivo e intersubjectivo, e ainda, o desejo do Outro com as mesmas características, surge uma imagem destroçada, desvalida e desvitalizada, no seio de uma vivência de um violento mal estar (resposta clob).

No entanto, esta via não parece ser eficaz, precisando de descarregar abruptamente a pulsão interna, o que atesta para a presença de uma relação com a imago materna pré-genital dominada por um sentimento de destruição

passiva, pondo em causa a sua integridade corporal e conduzindo a um empobrecimento das capacidades cognitivas e intelectuais do Eu. O carácter disfórico é deste modo acentuado pela inadequação formal, dificultando a delimitação entre interno e externo, impedindo a eficácia dos processos de ligação entre dentro e fora e a capacidade de pensar.

No cartão V observa-se um movimento evolutivo e progrediente. Face à necessidade de se viver íntegro e inteiro, surge toda uma série de respostas que dão conta da forma positiva como o interno organiza e estrutura o externo de modo enriquecido, criativo e regenerador de novos sentidos. Esta atribuição de significados revela eficácia dos movimentos contentores internos de ligação e articulação entre representação da coisa e representação da palavra, sugestivo da capacidade de transformação de uma pré concepção em concepção ou realização (resposta).

Num primeiro momento surge a banalidade, a resposta adaptativa e socializada comprovativa da integridade da representação da imagem de si. No entanto, a sua fragilidade é posta em causa pela emergência de atributos narcísicos que valorizam esta imagem de si, numa afirmação exibicionista ao olhar do Outro que o contenha: “Uma senhora de um cabaret de Paris, com aquelas capas enormes” ou, numa expressão onipotente e grandiosa de beatitude inatingível: “Uma Deusa antiga”. Perante a necessidade de investir narcísicamente esta imagem de si enfraquecida, o sujeito projecta no material estas vivências, numa tentativa de se gratificar, de recuperar e restaurar a insuficiência de um continente objectal materno. Consequentemente emerge a desvalorização narcísica ao mesmo tempo tão característica dos adolescentes.

No cartão VI, a solicitação simbólica de um atributo bissexual mas predominantemente fálico, reactiva uma vivência emocional disfórica, recorrendo a uma tentativa externa e moralizante para solucionar a angústia suscitada. Perante a necessidade de se identificar com esta simbologia,

prevalece uma posição passiva em que a problemática predominante se relaciona com a castração, que por sua vez conduz a uma ineficácia dos processos de ligação e religação. Estamos novamente face a uma fragilidade de continente incapaz de integrar e articular os elementos da bissexualidade, impossibilitando a evocação da representação de um novo objecto interno enriquecedor.

No cartão VII, surge de imediato um atributo de valorização narcísica, renovando a necessidade de confirmar esta imagem de si enfraquecida, por um continente também ele fragilizado que não é capaz de se articular com os elementos do feminino e proceder à diferenciação, à elaboração de um sentido criador e regenerador. O contacto com este continente materno é posteriormente assinalado na resposta seguinte, na qual a evocação dos limites e da simetria dá conta da tentativa de estruturar este espaço psíquico alargado e enfraquecido por um envelope corporal frouxo, ao mesmo tempo que dificulta o acesso à sua identificação, à identificação a uma capacidade materna contentora e também à representação de uma imagem de si sexuada e estável. O desimpedimento da angústia suscitada encontra-se por conseguinte comprometido, não possibilitando a elaboração de processos criativos e enriquecedores.

No primeiro cartão pastel, surge o bloqueio emocional, eventualmente reactivado pela introdução da cor mais macia e suave, indutora de emoções e afectos no seio da relação. Inicialmente esta modulação afectiva conduz a um movimento de retraimento mas que B. é capaz de recuperar, integrando os elementos internos e dispersos e articulando-os de forma a construir uma representação baseada em vivências internas significativas, enriquecedoras de um novo objecto. No entanto, se a ansiedade inicial é circunscrita, as capacidades contentoras vão perdendo as suas capacidades, surgindo como tentativa de restauração um elemento materno firme e sustentador mas impermeável a solicitações afectivas "...a rocha...". Não obstante, este movimento deixa de ser eficaz, observando-se a emergência abrupta de um

pulsional, de um elemento do ser feminino que, ao ser incapaz de se articular com o materno numa relação continente/conteúdo materno/feminino, não encontra um representante para esta excitação corporal, dando conta da precariedade de envelope corporal, pouco continente às emergências pulsionais próprias da adolescência.

No cartão seguinte (cartão IX), a reactivação da relação com o objecto contentor primário perpetua o movimento anterior, assistindo-se inicialmente a um bloqueio associativo, sugestivo de uma ameaça interna intensa que não encontra uma palavra que a represente. Quando esta (palavra) emerge, surge uma manifestação de ansiedade (resposta clob), testemunho da invasão fantasmática e da fragilidade contentora de delimitar e diferenciar o dentro do fora. A realidade externa é completamente invadida pela realidade interna, num contexto de rivalidade feminina, no qual é notório a dificuldade de se identificar a este elemento feminino ameaçador. A relação do ser feminino com uma imago materna contentora pré-genital agora reactivada, é marcada por fantasmas destrutivos, competitivos, inquietantes e não organizadores. A dificuldade de se identificar a esta qualidade materna contentora, à “*rêverie*” materna, é de novo evidenciada. Dificultado o acesso ao desimpedimento da angústia suscitada, à activação da função alfa e sua barreira de contacto, a travessia da caesura e a mobilização clara entre elementos internos e externos bem definidos encontra-se comprometida. A invasão psíquica de objectos internos, inquietantes toma lugar, emergindo uma resposta, um símbolo interno mas, pouco criativo e regenerador.

Face a todo este clima disfórico do cartão IX, assiste-se no próximo cartão a uma tranquilização interna, no qual, a evocação de conteúdos regressivos aquáticos, sugere a existência de um interior apaziguador de conflitos suscitado por toda uma série de elementos que o provocam, elementos do ser feminino. No entanto, os objectos internos ameaçadores e inquietantes reaparecem “...micróbios aumentados...”. A capacidade contentora materna deste modo enfraquecida face a conteúdos que a estimulam, dificulta a acção

da barreira de contacto e a delimitação de fronteiras, possibilitando a reciprocidade da invasão entre interior e exterior. Se num primeiro tempo esta confusão não permite a delimitação de um percepto de boa qualidade cognitiva, emergindo uma resposta pouco enriquecedora, num segundo momento, o interior é capaz de organizar e estruturar o exterior, surgindo uma resposta criativa, baseada numa representação interna, numa experiência emocional mais significativa.

Da análise do psicograma destaca-se um TRI coartativo, no qual ambas as respostas cinestésicas e as respostas cor se encontram num nível bastante reduzido, embora as primeiras excedam um pouco as segundas. Assiste-se deste modo a uma circularidade entre elementos internos e externos na estruturação e organização da resposta, se bem que nos cartões IV, VIII e IX se observe uma invasão fantasmática muito intensa, bloqueando os processos associativos entre interno e externo, emergindo o equivalente choque. Nestes cartões, este equivalente choque é seguido de uma resposta grande detalhe, em que a necessidade de isolar o percepto emerge na tentativa de controlar e circunscrever a ansiedade suscitada pelo impacte fantasmático do cartão. Apenas uma destas respostas grande detalhe é seguida por uma adequação formal; nas seguintes, acaba por dominar o aspecto pulsional da representação, impossibilitando um desimpedimento eficaz contra a emergência da angústia, com compromisso da utilização de um pensamento regenerativo e criador.

Da análise, interpretação e discussão do protocolo, observa-se um envolvimento subjectivo na construção da resposta, uma tentativa de encontrar um sentido, tanto interno como externo, às experiências aqui revivenciadas, dando assim conta da sua maleabilidade interna, da possibilidade de utilizar simultaneamente diferentes tipos de processos que visam a procura da sua verdade interior de forma a se encontrar e estruturar no seio do seu processo adolescente.

Em relação à representação da imagem de si, esta, apesar de íntegra, parece fragilizada. No cartão I, a fragilidade da imagem de corpo é evidenciada pelo recurso à simetria, em que a dificuldade de se identificar a uma imagem de corpo feminina sexuada e adulta, testemunha a presença de um sentimento de vulnerabilidade corporal que ainda não se encontrou definitivamente na sua posição feminina. A fragilidade de envelope corporal, que ainda não se identificou a um contentor materno, deixa assim sobressair uma relação com a imago materna pré-genital associada a fantasmas destrutivos (cartão IV), emergindo uma representação corporal interna destruída. Perante esta fragilização, e num movimento progrediente, observa-se a entrada de atributos narcísicos valorizadores e gratificantes, exibicionistas e onnipotentes ao olhar de um Outro que os contenha e transforme, capaz de recuperar e restaurar a insuficiência de um continente objectal pouco apto para suprimir a falta. É assim na relação com este Outro que contenha a experiência emocional, que se torna possível a criação de uma resposta interna subjectiva. É por e através deste Outro que B. consegue organizar e estruturar o fora a partir de um dentro, em que interior e exterior interagem na edificação de novos sentidos às experiências aqui vivenciadas. Esta reciprocidade testemunha então a eficácia dos movimentos contentores internos de ligação e articulação entre representação de coisa e representação de palavra, em que a acção da barreira de contacto possibilita a transformação de uma pré-concepção em concepção, e o aprender com e pela experiência.

Perante a bissexualidade psíquica e a necessidade de adoptar uma posição face a esta, predomina uma atitude feminina passiva, mas conflitual e castradora. Estes elementos femininos provocadores fragilizam então as capacidades contentoras do continente materno interno, comprometendo a eficácia dos processos de ligação, e a criação de respostas, de novos objectos internos, enriquecidos e enriquecedores à experiência emocional.

O processo de identidade encontra-se estabelecido, no sentido em que

sujeito se diferencia do objecto, a figura se destaca do fundo, em que é capaz de nomear uma resposta interna. No entanto, a distinção clara entre humano e animal por vezes não é bem definida “...embora tenha simetria de mulher, tem focinho de cão”. A sensação de estranheza daqui decorrente apela para esta fragilidade da representação da imagem de si, necessitando de confirmar o seu eixo de suporte, valorizando-se posteriormente de forma narcísica, exibicionista e onipotente “...uma Deusa antiga”.

A nível das identificações secundárias, estas encontram-se ainda em construção, em que a referência aos elementos femininos e masculinos é várias vezes expressa (sensibilidade ao carácter feminino do cartão I, ao elemento pulsional do cartão II, ao impacte passivo/fálico do cartão IV, às referências fálico castradas do cartão VI, ao vazio e oco do cartão VII e IX), apesar de associada a fantasmas destrutivos e ameaçadores, onde o pulsional é vivenciado de forma inquietante. As representações das relações, encontram-se, assim e de igual modo, em construção e consolidação. A representação de uma imagem de si fragilizada implica uma insistência no investimento da imagem de si, em que o Outro relacional é utilizado como uma forma de a fortalecer e não para se colocar com ele em relação. O pulsional agressivo e libidinal não se encontra por conseguinte integrado. Antes porém, é sentido como ameaçador e inquietante. A relação com a imago materna é portadora de angústia destrutiva, necessitando, perante esta, perante este Outro que a contenha, de confirmar e afirmar a sua identidade, comprometendo o movimento identificatório e o acesso a uma via sexual e sexualizante. A fragilidade da imagem corporal vivenciada, da não integração dos seus elementos femininos, reenvia para uma dificuldade em se identificar a uma capacidade materna contentora da relação precoce, capaz de integrar e articular estas experiências do ser feminino. A reactivação desta relação mais primária, provoca uma invasão de fantasmas internos, que por sua vez dificultam a delimitação clara entre fora e dentro e a construção de uma resposta diferenciada, de um novo objecto dotado de características internas significativas enriquecido e enriquecedor para novas

experiências. O aparelho de pensar pensamentos, assim empobrecido pela dureza da caesura, impede o acesso à barreira de contacto e à desintoxicação e transformação de elementos antigos, em elementos novos, renovados e renovadores.

Nos cartões pastel evidencia-se a sua dificuldade em lidar com os afectos, em mobilizar sentidos a partir de experiências internas subjectivas. Estes cartões, ao suscitarem afectos pertencentes a um meio emocional regressivo, com um meio suficientemente bom que envolve a relação do bebé com a mãe suficientemente boa, reavivam uma série de experiências emocionais com a imago materna pré-genital. O reviver desta relação, na qual lhe é exigido uma identificação à capacidade de “*rêverie*” materna, de forma a ser capaz de atribuir um significado interno à experiência aqui actualizada, não encontra, por vezes, um espaço mental interior capaz de proceder a esta identificação. Neste impasse, nesta situação catastrófica, e impedida de desbloquear a angústia suscitada, de atravessar a caesura do crescimento, encontram-se comprometidos os movimentos de integração, articulação e transformação e conseqüente utilização de um pensamento criativo e regenerador. O reviver desta relação parece assim ser portador de angústias internas que B. tenta ultrapassar, mas que dão conta da fragilidade de continente materno face a estes elementos do ser feminino que o estimulam, empobrecendo a sua qualidade de pensamento, e a capacidade de aprender com e pela experiência.

As questões de B. encontram-se no cerne da dialética adolescente, movendo-se numa dinâmica oscilatória e recíproca entre processos regredientes e preogredientes, procurando a atribuição e confirmação de uma identidade sexual feminina, adulta e estável. As suas relações com o materno encontram-se por esta via reactivadas. Ao ser estimulado por elementos do feminino, se por vezes é capaz de encontrar no seu interior um continente materno com o qual se identifica e se articula numa relação

continente/conteúdo, no sentido de accionar a barreira de contacto e proceder à criação de uma resposta interna, subjectiva e renovadora de novos sentidos, por outro sente-se ameaçada a sua identidade feminina, não encontrando uma forma de articular materno/feminino numa relação continente/conteúdo, de se estruturar e organizar a partir da experiência emocional aqui revivida.

As capacidades contentoras de objecto interno fragilizadas, encontram por vezes comprometida a capacidade de se articular com os elementos do ser feminino, dispersos e clivados no seu interior mental. Desta forma enfraquecido o envelope corporal, e não se identificando a uma “*rêverie*” materna, o interno não é capaz de organizar e estruturar o externo, com a criação de um símbolo, de uma resposta criativa e renovadora. Antes porém, emerge uma angústia e a tentativa de a evacuar, não sendo capaz de a transformar num novo elemento enriquecedor de um pensamento emocional, utilizável ao sonho e pensamento. O excesso de utilização do mecanismo de projecção evacuativa não possibilita a passagem destes elementos femininos do ser pelo aparelho conceptual, comprometendo a acção da barreira de contacto e o desempenho da sua função, não sendo possível a criação de novos sentidos à experiência aqui revivida, e o aprender com e pela experiência.

No entanto, também se assiste ao movimento complementar. Face a determinadas situações suscitadoras de angústias respeitantes à procura da sua verdade, da sua identidade feminina sexual e adulta, é capaz de, num movimento interno e projectivo, aceder a um espaço psíquico interno facilitador da acção da barreira de contacto. Através desta acção, sente-se então apta para interiormente desintoxicar as estimulações externas, transformando-as em elementos pensáveis, o que lhe possibilita o aprender com e pela experiência e, consolidar a integração dos elementos da bissexualidade psíquica, acedendo à sua identidade sexual definitiva.

Tal como no protocolo anterior, observa-se o decorrer de um processo adolescente, uma tentativa de procura de sentido às emoções propostas na situação Rorschach, em que a experiência de confronto com o seu corpo que já não é criança e que ainda não é adulto, numa relação consigo próprio e também consigo e com o Outro, o deixam inquieto e submerso num dilema, que deseja ultrapassar. É por conseguinte através da sua maleabilidade psíquica dinâmica e circular, na qual operam simultaneamente movimentos internos e externos, contínuos e descontínuos, consistentes e disruptivos, de integração e desintegração que consegue superar a situação catastrófica proposta, e consolidar os seus elementos da bissexualidade psíquica, de modo a adquirir a sua identidade sexual, numa forma adulta e definitiva.

Também neste protocolo, desdobradas e actualizadas as emoções relativas à relação precoce com o objecto materno, elementos do feminino e materno (re)articulam-se numa relação continente/conteúdo, assistindo-se à (re)criação do espaço psíquico interno do materno/feminino, com (re)construção da barreira de contacto. Através da sua acção, observa-se a oscilação dinâmica e recíproca entre interno e externo, com separação, transformação e formação de novos objectos (re)ligados, evidenciando como se (re)constitui e se desenvolve a actividade de pensar e o aprender, com e através, da experiência emocional significativa.

3. Conclusões

Através da análise destes dois protocolos percebemos como as questões do materno e feminino são capazes de se articular numa relação continente/conteúdo, evidenciando assim o trabalho de pensar. Demonstramos como a partir da reactivação de emoções que questionam o ser feminino na relação com o materno, os sujeitos organizam as suas vivências a partir de ressignificações emocionais internas.

Perante a disruptividade da situação catastrófica Rorschach, observamos como os sujeitos são capazes de articular uma representação de coisa, que ligada ao corpo emocional, encontra uma representação de palavra no interior do aparelho mental. No entanto, esta articulação de representações decorre sempre de uma relação entre objectos internos e externos, entre si e o Outro, interno e externo, que o contem e lhe confere sentido. Este Outro, ao conter as palavras que representam a experiência, pela sua atitude passiva/activa, tolerante e compreensiva, torna possível a re-significação de toda esta experiência emocional vivida num aqui e agora específico e determinado, onde passado, presente e futuro confluem. Emerge conseqüentemente um símbolo, uma resposta enriquecida e enriquecedora a novas e posteriores vivências.

É nesta relação com este Outro que são desdobradas as experiências emocionais primitivas, que elementos do ser feminino estimulam o continente psíquico interno, articulando-se ambos numa relação protótipo da relação continente/conteúdo. Esta relação, mediada pelo mecanismo de identificação projectiva ao serviço da comunicação, procura sentidos, dentro e fora de si e também, dentro e fora do Outro, de forma a estabelecer ligações, com a criação de um pensamento, de uma linguagem entre ambos.

O adolescente, revivendo aqui a sua questão de identidade, move-se no interior de um palco que o entende e compreende mas, que só é transformacional graças à sua fluidez mental, à sua maleabilidade interna que lhe permite oscilar entre vários estados diferentes mas complementares.

O adolescente, ao ser estimulado pelo material Rorschach, projecta nele os seus sentimentos moventes, de já não ser quem foi e ainda não saber o adulto que será. Oscila entre uma posição mais dispersa e infantil, e uma mais íntegra e adulta. Move-se num vaivém identificatório de forma a encontrar a sua verdade, de saber quem é ou ambiciona ser. Envolve-se subjectivamente nesta relação Rorschach e nela projecta os seus

sentimentos que questionam a relação com o seu corpo, que testemunham a sua fragilidade narcísica e vulnerabilidade, procuram o seu conhecimento, a sua verdade psicológica. Re-significado e renovado, encontra-se agora apto para outras e futuras relações, ampliando o seu leque de significados e expandindo o seu universo mental.

Pela análise destes dois protocolos em duas fases distintas da adolescência, constatamos de acordo com os estudos de Marques (1991) uma diferença nos mecanismos que prefiguram a aquisição do processo adolescente.

No protocolo pré-adolescente, assiste-se a uma necessidade de se identificar a uma representação da imagem de si inteira e unificada, mas questionada pela necessidade de integrar os aspectos da bissexualidade psíquica, e também, pela exigência de ter de reconfirmar a imagem de si na relação com a imago materna. Reaceso o conflito de dependência e autonomia face à imago materna, surge uma fragilidade de contentor interno materno, pouco capaz de se articular com os elementos do feminino, e estabelecer com ele uma relação continente/conteúdo, de modo a proceder à diferenciação em feminino ou masculino.

Através da análise do processo resposta Rorschach, com base nos modelos interpretativos descritos, deparamos com uma representação da imagem de si inteira, firme mas ainda não totalmente delimitada. A presença de ansiedades interiores referentes à consolidação das várias partes corporais encontram expressão numa descarga pulsional "...monstro a deitar fogo pelo nariz." "...mosquito que está a deitar qualquer coisa...", testemunhando a não integração total dos diferentes aspectos da bissexualidade psíquica e a vulnerabilidade da representação de uma imagem de si diferenciada sexualmente. Não obstante, encontra no seu interior um continente materno adequado, apto a articular estes elementos emocionais numa relação continente/conteúdo. Através desta relação e da utilização do mecanismo de

identificação projectiva, é capaz de se identificar à solicitação simbólica do material, ao mesmo tempo que projecta no material e no Outro as suas vivências, que ao contê-las, as transforma em elementos utilizáveis pelo pensamento. Consequentemente, face à emergência de ansiedade, consegue-a superar e desintoxicar, criando um novo objecto interno, um símbolo, uma resposta enriquecida por uma experiência e enriquecedora para outras futuras.

Esta habilidade de conter e nomear a experiência, a partir de re-significações internas, permitem-lhe ainda a representação de relações de objecto, nas suas vertentes agressivas e libidinais, sem se sentir por estas completamente ameaçada. A aquisição da sua identidade, embora ainda não totalmente diferenciada sexual e adúlticiamente, possibilita-lhe alternar num jogo identificatório entre posições activas/masculinas e passivas/femininas, antes de alcançar uma posição definitiva, posição esta posterior à integração dos diferentes elementos da bissexualidade psíquica. Apesar de sentir ameaçada a sua identidade corporal, perante a obrigatoriedade de tomar uma posição sexual e adulta, num movimento progrediente, consegue ultrapassar esta angústia, pela articulação dos elementos do materno e feminino numa relação continente/conteúdo, accionando a estrutura da barreira de contacto e criando um novo objecto interno significativo.

A representação de uma imago materna é evocada numa relação de proximidade, mas é indutora de um sentimento de estranheza, hipoteticamente relacionado com o conflito interno entre o desejo de autonomia a esta imago e a necessidade de dela depender, na identificação aos seus aspectos femininos/passivos. A representação da imago paterna é já menos problemática, emergindo esta na sua vertente de força activa e poderosa.

Por um lado, a representação de relações mais precoces encontra-se comprometida pelo excesso de estimulação sensorial destes elementos do materno. Estes, incapazes de se articularem com os elementos do ser

feminino, não encontram um espaço psíquico no interior do seu aparelho mental, facilitador da transformação destas emoções, bloqueando assim a emergência de uma palavra que as represente. Por outro lado, e num movimento progrediente, consegue integrar esta experiência e ligar as emoções dispersas, desbloqueando esta angústia e encontrando uma representação, um novo objecto interno dotado de características internas significativas.

Face à emergência de angústias relacionadas com a necessidade de adoptar uma posição activa ou passiva, observa-se em A. uma oscilação entre movimentos progredientes e regredientes, nos quais dentro e foram alternam e interagem para a construção da resposta Rorschach.

No protocolo adolescente deparamo-nos, tal como previsto por Marques (1999), com uma menor necessidade de expressão, dada a representação da imagem de si inteira, sexual e definitiva se encontrar já mais solidificada. No entanto, a representação da imagem de si aparece fragilizada, necessitando o sujeito de a suportar por recurso à simetria, (mecanismo este mais habitual nos pré-adolescentes) e, também, por referências a elementos de valorização narcísica "...um colar moderno.". Esta referência, é já mais concordante com os aspectos da adolescência propriamente dita, pois trata-se de um corpo atingido e vulnerabilizado pela marca da castração que ainda não se encontrou definitivamente na sua posição feminina passiva e receptiva.

A fragilidade de envelope corporal que ainda não se identificou a um contentor materno deixa assim sobressair uma relação com a imago materna pré-genital associada a fantasmas destrutivos (cartão IV), emergindo uma representação corporal interna destruída. Perante esta fragilização e num movimento progrediente, observa-se a entrada de atributos narcísicos valorizadores e gratificantes, exibicionistas e onnipotentes ao olhar de um Outro que os contenha e transforme, capaz de recuperar e restaurar a insuficiência de um continente objectal pouco apto para suprimir a falta.

É assim na relação com este Outro que contem a experiência emocional, que se torna possível a criação de uma resposta interna subjectiva. É por e através deste Outro que B. consegue organizar e estruturar o fora a partir de um dentro, em que interior e exterior interagem na edificação de novos sentidos às experiências aqui vivenciadas. Esta reciprocidade testemunha então a eficácia dos movimentos contentores internos de ligação e articulação entre representação de coisa e representação de palavra, em que a acção da barreira de contacto possibilita a transformação de uma pré-concepção em concepção, e o aprender com e pela experiência.

Perante a bissexualidade psíquica e a necessidade de adoptar uma posição face a esta, predomina uma atitude feminina passiva mas, conflitual e castradora. Estes elementos femininos provocadores fragilizam então as capacidades contentoras do continente materno interno, comprometendo a eficácia dos processos de ligação, e a criação de respostas, de novos objectos internos, enriquecidos e enriquecedores à experiência emocional.

Neste protocolo a expressão da agressividade é já mais elaborada e intelectualizada, embora não seja ainda integrada na relação.

Os elementos agressivos e inquietantes provenientes da relação primária à imago materna pré-genital comprometem o movimento identificatório a esta imago e o acesso a uma representação da imagem de si adulta e sexual. O reviver desta relação parece assim ser portador de angústias internas que B. tenta ultrapassar, mas que dão conta da fragilidade do continente materno face a estes elementos do ser feminino que o estimulam, empobrecendo a sua qualidade de pensamento, e a capacidade de aprender com e pela experiência. No entanto, também se assiste ao movimento complementar. Face a determinadas situações suscitadoras de angústias respeitantes à procura da sua verdade, da sua identidade feminina sexual e adulta, é capaz de num movimento interno e projectivo, aceder a um espaço psíquico interno facilitador da acção da barreira de contacto. Através desta acção, sente-se então apta para interiormente desintoxicar as estimulações externas,

transformando-as em elementos pensáveis, o que lhe possibilita o aprender com e pela experiência e consolidar a integração dos elementos da bissexualidade psíquica e a aceder à sua identidade sexual definitiva.

Observa-se, por conseguinte, a partir da reactivações das relações com o materno e o feminino, uma circularidade entre movimentos progredientes e regredientes que suportam a aquisição de uma identidade sexual feminina definitiva e estável a partir da identificação, ou não, a um continente materno, que quando articulado com o feminino numa relação continente/conteúdo, permite a transformação do ser numa realização ser, criando a hipótese ao ser de passar a ser com (o paterno/masculino).

Em ambos os protocolos, observa-se o decorrer de um processo adolescente, uma tentativa de procura de sentido às emoções propostas na situação Rorschach, em que a experiência de confronto com o seu corpo que já não é criança e que ainda não é adulto, numa relação consigo próprio e também consigo e com o Outro, o deixam inquieto e submerso num dilema que deseja ultrapassar. É, por conseguinte, através da sua maleabilidade psíquica dinâmica e circular, na qual operam simultaneamente movimentos internos e externos, contínuos e descontínuos, consistentes e disruptivos, de integração e desintegração que consegue superar a situação catastrófica proposta e consolidar os seus elementos da bissexualidade psíquica, de modo a adquirir a sua identidade sexual numa forma adulta e definitiva.

A leitura, análise e interpretação destes dois protocolos demonstra-nos como se torna possível e pertinente a utilização do eixo interpretativo criado neste estudo - perceber como se torna possível, através do processo resposta Rorschach, aceder aos espaços psíquicos internos do materno e do feminino, que quando articulados numa relação continente/conteúdo e mediados pelo mecanismo de identificação projectiva, fundam e estruturam o aparelho de pensar pensamentos.

Pelas respostas Rorschach, compreendemos como os sujeitos, ao utilizarem e mobilizarem os seus recursos internos numa lógica circular e dinâmica entre dentro/fora, interno/externo, mediados por mecanismos que vão da dispersão à integração, ligação, articulação, transformação e (re)criação, são capazes de nomear e simbolizar a experiência aqui revivida com o materno e o feminino, evidenciando deste modo a sua actividade de pensar.

Demostramos assim, como o Rorschach se constitui como um instrumento que nos permite aceder, descrever e analisar o funcionamento mental dos sujeitos estudados, numa perspectiva integrativa e construtiva, pela procura de significados às experiências emocionais aqui desdobradas.

De forma a encontrar um sentido à experiência revivida pelo confronto entre material - a mancha a perceber como uma préconcepção, como uma pura abstracção - e a necessidade de interpretar, (constituindo-se este confronto como uma expectativa vazia apta a ser activada), constatamos como o sujeito mobiliza toda uma série de recursos internos capazes de organizar e estruturar a realidade externa, e como também ele é influenciado por esta mesma realidade na elaboração das suas produções internas. Através de toda esta oscilação dinâmica entre dentro e fora para a elaboração da resposta Rorschach, observamos como se constrói todo um trabalho de comunicação, simbolização e interpretação, revelador da capacidade de articulação e transformação das impressões sensoriais em elementos utilizáveis ao pensamento do sujeito, evidenciadores da sua capacidade de pensar.

O impacte da solicitação simbólica dos cartões, nos quais se encontram reactivados as relações com o materno e o feminino, provoca nos sujeitos uma inquietação interna, uma experiência de caos psíquico que eles tentam ultrapassar, de modo a serem capazes de aceder à integração da sua bissexualidade psíquica e, assim, construir a sua identidade sexual definitiva. A ressonância fantasmática que sustenta a criação das respostas Rorschach,

só teve repercussões internas graças à existência, nestes sujeitos, de capacidades psíquicas internas de ligação e vinculação entre objectos internos e externos, capazes de criar e (re)criar novos objectos re-significados e enriquecidos por esta experiência, permitindo o aprender com e pela experiência e o expandir do seu universo mental.

VI. CONCLUSÕES

1. Com este trabalho pensamos ter alcançado o objectivo inicialmente proposto: a caracterização nos adolescentes do espaço do materno e do feminino como protótipo de um relação continente/conteúdo fundadora e estruturante de um aparelho de pensar pensamentos, utilizando como método e como técnica o Rorschach.

Quando partimos do pressuposto que a adolescência se constitui como um processo de oscilação dinâmica entre as posições esquizo-paranóide e depressiva, no contexto de uma relação continente/conteúdo, e que a actividade do pensar e do aprender com e pela experiência se desenvolve a partir desta relação, constatamos como é possível, utilizando a análise do processo resposta Rorschach, caracterizar o pensamento destes sujeitos.

A partir da situação Rorschach, considerada como uma situação catastrófica (no sentido de Bion), podemos observar como no sujeito adolescente se encontram reactivadas as experiências emocionais mais primitivas, respeitantes às relações do materno e do feminino, e como é que o sujeito foi capaz de se estruturar face a estas reactualizações, dando assim conta da forma como utiliza o pensamento, como se organiza no interior do seu espaço psíquico com todos os antigos e novos conteúdos, de forma a proceder a novas integrações, articulações, transformações, criações, ligações e vinculações.

A situação catastrófica Rorschach, ao desencadear no sujeito um sentimento de caos psíquico (Marques, 1992), cria a necessidade de ultrapassar esta situação. Deste modo, o sujeito transforma as relações antigas e estabelece novas relações entre objecto interno e externo, novas ligações que se traduzem por imagens e símbolos na resposta Rorschach, evidenciando-se assim a utilização do pensamento em todo este processo.

O modo como o sujeito opera estas transformações e ultrapassa a situação catastrófica depende da utilização dos processos projectivos na realização e na construção da mancha. Parafrazeando Marques, “esta explicitação da relação entre percepção e projecção, põe em evidência que a resposta Rorschach poderá ser considerada como um processo de formação de símbolos, como actividade de pensar, que se impõe como tarefa ao sujeito confrontado com uma situação catastrófica, a situação Rorschach, situação de violência, de subversão, visando a estabilização do mundo psíquico, visando a coerência, a união, a integração” (Marques, 1992, p. 4).

Não obstante, o desenvolvimento da actividade do pensamento supõe a existência de uma relação dinâmica entre continente/conteúdo. Considera-se assim, que na situação Rorschach, o Outro, o examinador, funciona de continente aos conteúdos do examinado (as angústias nele mobilizadas pela situação). É neste continente, neste espaço psíquico, que se transformam os elementos sensoriais em elementos pensáveis; é nele que se articulam as representações de palavras como representações de coisas, merecendo portanto a designação de símbolo. É, então, no interior deste espaço, que se estabelecem os limites entre o fora e o dentro, entre o interno e o externo. É por fim, neste e pela formação deste espaço, que se compreende a formação da resposta Rorschach, como um processo de transformação, de criação-recriação, e conseqüentemente, a actividade do pensamento.

Todavia, na base deste desenvolvimento mental encontra-se toda uma raiz afectiva, toda uma experiência emocional primitiva pertencente ao domínio do materno e do feminino, que é, de acordo com Green (1986), aquela que lhe confere a sua veracidade.

Assim, na base da actividade do pensar repousa uma experiência afectiva, onde materno/feminino se constituem como uma relação continente/conteúdo mediada pelo mecanismo de identificação projectiva, de forma a atribuir uma significação interna à experiência vivida e revivida num

aqui e num agora específico onde passado, presente e futuro confluem para a construção de uma resposta, de um símbolo, de um novo objecto enriquecido.

2. Ao longo deste trabalho podemos observar a evolução do conceito do feminino a partir da ideia inicial de Freud, sobre a existência de uma bissexualidade psíquica inata para ambos os sexos. Dentro da teoria psicanalítica e, apesar das várias opiniões divergentes, esta ideia é por todos aceite, emergindo a partir dela toda uma série de desenvolvimentos e discussões teóricas, enriquecedoras para a própria teoria psicanalítica.

Freud considera que o feminino tem origem num monismo sexual fálico, e que surge apenas na fase fálica, a partir do sentimento de inveja provocado pela constatação da diferença de sexos, pela evidência da ausência de pénis, pelo sentimento de castração. Deste modo, o feminino cria-se na rapariga a partir da mudança de interesse da zona erotogénica do clitóris para a vagina, e também, pela mudança da escolha de objecto. Ao feminino passam a corresponder as ideias de castração, passividade e de receptividade, em comparação com o masculino activo, fecundador e poderoso. Estas noções do feminino são posteriormente desenvolvidas pelos seus continuadores, que defendem a ideia do masoquismo como expressão última do feminino.

O conceito do feminino aparece-nos, desta forma, intimamente relacionado com o desenvolvimento da sexualidade infantil, como consequência do trabalho do negativo. A questão Freudiana do feminino, como que se resume na expressão "ter ou não ter pénis". Não obstante, para o presente estudo, esta noção do feminino como pertencente à ordem do recalcado, da falha e do negativo, é de extrema importância, pois é a partir deste trabalho que se desenvolve a noção de símbolo e se cria todo um aparelho mental conceptual.

Contudo, e como o próprio Freud considerou, manteve-se a necessidade de estudar e aprofundar os estudos respeitantes ao feminino. Considerado numa perspectiva da sexualidade, da lógica do corpo, pertencente ao domínio do prazer e da pulsão, em que o que se encontra em causa corresponde à estruturação do Eu, com o desenrolar da teoria verificou-se a necessidade de enquadrar este conceito do feminino dentro das teorias da relação de objecto.

O modelo inicialmente proposto por Freud complementa-se com os desenvolvimentos posteriores de Klein e Winnicott, quando estes inserem o feminino como um desenvolvimento subsequente à relação de objecto.

De facto, Klein postula a existência de um fase feminina primária, decorrente da relação do bebé com o seio materno (ou seu equivalente), como base de todas as relações objectais. Descreve ainda a noção da integração do casal combinado como suporte aos processos de interiorização das primeiras imagos superegóicas protectoras e securizadoras, sobre as quais repousa a escolha definitiva da posição heterossexual e, por conseguinte, a aquisição da identidade, a representação da imagem de si em relação com um Outro, masculina ou feminina.

Winnicott, com a introdução das noções de elementos femininos e masculinos puros, que se desenvolvem no interior da relação objectal, estabelece conceitos importantes relacionados com a realização do ser e do ser com. Os elementos femininos puros, porque se caracterizam pela coisa tal qual como ela é, pertencem ao domínio do ser, da existência; os elementos masculinos puros, porque têm por base uma actividade instintiva, permitem o estabelecimento de uma relação, de estar activa ou passivamente relacionado com um Outro.

Enquanto o elemento feminino caracteriza um estado de indiferenciação sujeito/objecto, o elemento masculino puro corresponde agora ao não-Eu, a

uma separação entre sujeito e objecto. Estes elementos encontram-se deste modo na base do sentimento de identidade.

Ainda segundo Winnicott, é através do elemento feminino puro que se forma a noção do ser e do sentido da existência, bem como a noção de um dentro, da possibilidade de utilizar um continente interno que articula mecanismos de projecção e de introjecção e, por conseguinte, de se relacionar com o mundo através destes mesmos mecanismos.

Constatamos, deste modo, que apesar das várias divergências teóricas, existe uma certa linha de continuidade e complementariedade entre os diferentes modelos teóricos. As primeiras concepções acabam por ser complementadas pelas teorias da relação de objecto, assistindo-se a uma intrincação de ambas na prática clínica, na atribuição de sentido às experiências emocionais que decorrem durante a actividade clínica.

Deste modo, Freud ao considerar o feminino como uma forma de recalçamento, e Deutsch ao atribuir ao feminino qualidades de culpa e frustração, que posteriormente originam os processos de sublimação, são de uma importância extrema para o desenvolvimento das concepções modernas do feminino, e também, do materno, como inerentes à formação e estruturação do aparelho mental conceptual. Actualmente, concordamos que é a partir da falha, da não presença, que se cria a frustração e a necessidade de a superar através de um trabalho mental de substituição do prazer perdido o qual, por sua vez, conduz à construção de um símbolo, de um pensamento, que permite tolerar sem dano psíquico a perda sentida pelo Eu.

Para estes autores, a partir do reconhecimento da diferença de sexos, da ausência, do negativo, nasce o feminino com qualidades de estruturação e de organização do Eu. Mas de um Eu separado do Outro, a partir do momento em que reconhece uma imagem corporal distinta e separada do corpo do Outro, em que o Outro deixa de estar à total disposição dos desejos

do Eu, instalando-se o Princípio da Realidade em detrimento do Princípio do Prazer. Deste modo, a partir do reconhecimento desta diferença, encontram-se esboçados os primeiros níveis de construção da identidade. Classificam-se e restabelecem-se as relações de objecto, com diferenciação de sexos e de gerações, aspectos estes que vão ser posteriormente integrados na adolescência.

Com a introdução dos conceitos do feminino, como pertencentes a qualidades que fundam e significam o ser no interior de uma relação objectal, compreende-se como o feminino se inscreve agora num processo objectal e objectalizante, na procura de novas relações, novas re-significações de verdade, das quais extrai o sentido da existência, da identidade subjectiva e sexual, da sua identificação ao ser e ao ser com. O feminino pertence agora a uma qualidade psíquica que procura um Outro, um contentor com quem se deseja relacionar de forma a ser contido e se re-significar. Esse contentor, à semelhança de uma qualidade intrínseca do funcionamento materno compreensivo e tolerante, permite a transformação da pulsão inerte ser, numa realização ser, numa pulsão feminina ou masculina entrando, assim, na bissexualidade psíquica.

O ser exprime-se, então, pela transformação do feminino em maternal, pela entrada em circulação do feminino, como uma energia contida num continente materno. Entramos na fase do materno primário de Guignard, que corresponde ao núcleo das primeiras identificações que o Ego vai desenvolver e à integração dos elementos dispersos da fase esquizo-paranóide. No feminino primário encontram-se as identificações seguintes, os mecanismos integrativos e elaborativos da pulsão de morte, da fase depressiva. Enquanto que no materno primário se constata as diferentes partes do ser, do feminino, a entrada em relação destas diferentes partes com o continente materno, numa relação continente/conteúdo desintoxicante e transformadora, a qual permite a integração e articulação dos mesmos, construindo e realizando o ser, caracteriza a fase do feminino primário.

O feminino, ao corresponder a tudo aquilo que antecede o ser, no sentido de Annie Anzieu de uma pulsão “big-bang” original, pertence ao domínio dos elementos sensoriais não compreendidos e não integrados, que se encontram apenas dispersos e clivados como uma expectativa vazia apta a ser activada.

O materno, ao constituir-se como o primeiro espaço psíquico, preenchido pelas primeiras experiências emocionais provenientes do conflito estético do bebé, com intervenção do mecanismo de identificação projectiva ao serviço da comunicação, numa dinâmica sensorial e intuitiva constante entre dentro e fora, possibilita a transformação das proto-emoções em proto-pensamentos, em elementos utilizáveis ao sonho e ao pensamento, e a atribuição de um significado à experiência emocional, com consequente organização do seu mundo interno e/ou externo.

O feminino, como um conteúdo pensante, um proto-pensamento, uma pré-concepção, procura um contentor materno que o pense, que lhe dê sentido e significação, estabelecendo com ele uma relação transformadora, uma relação continente/contido. Esta, através da sua função alfa desintoxicante e da sua capacidade de “*rêverie*” tolerante e tranquilizadora, possibilita a transformação destes conteúdos do pensamento em realizações, em concepções, permitindo a atribuição de um significado à experiência do feminino. É por e através desta relação estabelecida, que a pré-concepção do ser se transforma numa realização do próprio ser, numa experiência emocional apta a ser utilizada para outras e novas experiências.

O materno, como um espaço virtual de novas possibilidades e potencialidades, permite ao sujeito realizar o ser, enquanto o feminino corresponde aos elementos do ser que excitam este continente, e quando articulados numa relação continente/contido, possibilitam ao sujeito realizar o seu ser, criando e recriando novos e renovados objectos, e assim, desenvolver e expandir o seu universo mental.

Assim, na base da actividade do pensar repousa uma experiência afectiva, onde materno/feminino se constituem como uma relação continente/conteúdo mediada pelo mecanismo de identificação projectiva, de forma a atribuir uma significação interna à experiência emocional aqui revivida.

Aberto o leque de significações do ser, este encontra-se agora acessível para aceitar novos elementos excitantes - masculinos - que o aumentem e perpetuem, transformando-o num ser-com, disponível para novas experiências e realizações, não o encerrando no materno/feminino, mas perpetuando-o para o paterno/masculino, expandindo, assim, o seu aparelho mental conceptual.

É assim, neste campo do feminino que se reconhece o dentro como distinto do fora, o Eu para além do Outro, o sujeito como distinto do objecto. Surge a noção de perda, de luto do objecto amado e idealizado, e a culpa, com conseqüente necessidade de reparação. Todavia, nasce também o desejo do Outro, de conhecer aquele que conhece, conhecer novos objectos, novos horizontes, abrindo a possibilidade ao ser de se construir na relação com o Outro, de ser com o Outro-masculino.

Conseqüentemente, o materno e do feminino, constituem-se como os primeiros espaços psíquicos internos, que se formam, estruturam e organizam a partir da relação objectal primária bebé/mãe(seio materno), das primeiras experiências sensoriais e emocionais. Através do desenvolvimento destas experiências emocionais torna-se possível a introjecção da função contentora da *"rêverie"* materna, capaz de conter, integrar, articular, transformar, ligar, re-ligar, re-criar os elementos dispersos, clivados e não integrados, em elementos utilizáveis para o sonho e pensamento, desenvolvendo, deste modo, o processo de formação de símbolos, que evidencia a existência de um aparelho de pensar pensamentos e a actividade de pensar.

3. A adolescência é marcada por uma necessidade de adquirir uma identidade, embora distinta da adquirida pelo bebé e pela criança na relação pré-genital. Trata-se de adquirir uma identidade sexual definitiva e estável, que compromete a natureza do ser, na relação consigo próprio e também na relação com o Outro, interno e/ou externo. Constitui-se como um novo nascimento do ser e como a segunda hipótese de realizar o ser (o feminino/materno), que procura o ser-com (materno e masculino).

Este período constitui-se, assim, como a última alternativa do sujeito integrar e elaborar a bissexualidade psíquica e optar por uma orientação sexual definitiva. É a hipótese do sujeito criar uma esperança e desenvolver a capacidade de amor, de integrar o ser e a bissexualidade, construindo um objecto interno fiável, confiante, capaz de descobrir o desejo do Outro, mas também o seu próprio desejo, numa relação que estabelece com ele, completando-o e completando-se a si, atribuindo-lhe um sentido, ao mesmo tempo que adquire um outro para si.

Na adolescência, tal como na relação objectal primária, nasce o desejo de reconhecer e ser reconhecido pelo Outro numa relação continente/conteúdo, materno/feminino, atribuidora de significados à experiência emocional entre os dois vivenciada, criando-se e descobrindo-se um novo objecto, à semelhança do objecto criado na relação mais primária.

O adolescente em transformação da criança que já não é para o adulto que ainda não é, sente-se bombardeado por novas e renovadas sensações e pensamentos que o deixam confuso e instável. Nesta turbulência esbatem-se as certezas das distinções entre dentro/fora, Eu/Outro, e atenuam-se as fronteiras e limites adquiridas na infância. Emergem as dúvidas e as incertezas acerca de si, de saber quem é, donde vem e para onde vai. Vive-se numa inquietação interna, traduzida por uma irrequietude, onde a linguagem da acção substitui a linguagem do pensamento, onde o agir procura um pensador que o pense, que o contenha, securize e proteja.

O adolescente, com o seu novo corpo sexuado, depara-se com uma nova realidade; terminado o fantasma edipiano (uma vez que o seu novo corpo lhe dá acesso à experiência sexual), liberta-se da dependência narcísica das imagos idealizadas da infância. Desinveste libidinalmente as imagos parentais e investe em novos objectos, encontrando-se numa dialéctica entre autonomia e dependência: por um lado, deseja libertar-se das figuras parentais; por outro, depende ainda delas ou do grupo, no sentido em que estes se oferecem como modelos com quem se deseja identificar, para a consolidação dos seus processos de identificação e aquisição de uma identidade estável.

O adolescente que se desprende das suas referências originárias, necessita agora de encontrar um Outro, um factor seleccionado que introduza ordem na dispersão interna que vivencia, que organize e transforme o seu caos em cosmos, que o pense e lhe dê sentido e orientação às novas e renovadas experiências numa relação continente/conteúdo, materno/feminino, para-excitante aos elementos que a excitam.

A aquisição de novos sentidos e significações neste período turbulento e conturbado, marcado por tantas descontinuidades, mudanças e alterações, pela travessia de uma caesura dolorosa, com mudança no sentido da catástrofe, possibilitam ao adolescente o aprender com e pela experiência, num passado, presente e futuro. O adolescente encontra-se agora capaz de se recriar e renovar, construindo-se num novo ser, dotado de novas características internas. O sujeito adolescente transformou-se num novo objecto restaurado, melhorado e enriquecido.

A adolescência é, deste modo, um processo de transformação, que decorre num aqui e num agora mas com memória, desejo e compreensão. Recria-se e reconstrói-se a partir de vivências e experiências passadas, momentâneas e futuras. A adolescência constitui-se num trabalho de articulação e integração entre passado, presente e futuro, entre o que foi, o que é, e o que há-de vir a ser.

4. Processo adolescente e processo resposta Rorschach: ambos conduzem à criação de um novo objecto, um novo sujeito, objecto enriquecido e enriquecedor, dotado de qualidades e propriedades internas emocionais significativas, actualizadas num aqui e num agora, relacional e contextual, sem tempo, mas com memória, desejo e compreensão.

Apesar da multiplicidade de solicitações simbólicas provocadas pelo material Rorschach, a matriz simbólica de todos os cartões fundamenta-se e contém a integração das duas imagos parentais, nas suas vertentes pulsionais agressivas e libidinais, em que cada resposta revela o ajuste efectuado a partir do encontro entre solicitação simbólica e nível de funcionamento do sujeito. Quando o sujeito interpreta a mancha, efectua uma distinção entre figura e fundo, dentro e fora, sujeito e objecto, objecto interno e objecto externo, diferenciação esta construída a partir do sentimento de existir e de existir com, adquirido pela interiorização da função continente materna, pelo espaço psíquico do materno e do feminino. “Em todos os cartões se joga, em primeiro plano, *o nível da integração fantasmática do casal parental combinado*...mas joga-se, também, secundariamente, após um trabalho feito de substituição e de simbolização, uma expressão que deve conter a diferença de sexos e a complementaridade. Mas cada cartão pode revelar, ainda...as relações com o masculino e o feminino, o heterossexual, que não são mais do que relações reconstruídas sobre o materno e o paterno.” (Marques, 1996, p.50)

Tanto a adolescência, como a situação Rorschach, são caracterizadas pela necessidade de integrar a bissexualidade psíquica, identificar-se introjectivamente às imagos parentais em relação, ao casal parental combinado, tornando possível a identificação ao pai que se encontra no interior da mãe. A integração da ideia de que no interior da mãe existe um pénis = bebé (falo) detentor do conhecimento e de saber, permite ao adolescente identificar-se ora à mãe (posição feminina) ora ao falo paterno (posição masculina).

A integração da bissexualidade comporta deste modo o reconhecimento da noção de diferença, de ser distinto e separado do Outro, de ser capaz de perceber o dentro como diferente do fora, o interior do exterior, o presente do passado e do futuro, a criança do adulto, a mãe do pai, a mulher do homem. Esta integração enunciadora da diferença, coloca em jogo o conhecimento psíquico da existência de uma caesura até agora incognoscível. O sujeito, ao sentir-se separado do objecto, vivencia a dor narcísica da sua incompletude, por vezes intolerável, insustentável e portadora de sofrimento psíquico, que ele procura transformar e superar.

Através desta integração, o sujeito é capaz de aceder à noção da diferença de sexos e proceder à construção de uma identidade sexual adulta e estável - que conduz à escolha do objecto heterossexual - definitiva e enriquecida por novos atributos e propriedades e enriquecedora para futuros objectos, futuras relações, ampliando e perpetuando o seu sentido de existência.

A resposta Rorschach é organizada por meio de uma oscilação dinâmica entre percepção e projecção; trata-se de uma resposta que contém uma representação de si e da imagem de si, inteira, delimitada e separada, no seio de uma relação objectal, mas que contém também a representação do Outro, igualmente separado, delimitado e sexuado, de forma a poder satisfazer o desejo de se completar e complementar o Outro, desejo este tão premente na adolescência: "Vemos como é que, através da análise dos cartões Rorschach, se revela e amplifica...múltiplas expressões que são ao mesmo tempo, reacção e adaptação à solicitação simbólica dos cartões...(e)a uma exigência, exigência que é o percurso interno da adolescência que se actualiza, expressa e revela exemplarmente no Rorschach. (Marques,1993, p.7)

5. Através da análise dos dois protocolos de raparigas, podemos constatar como os elementos dispersos do ser, os conteúdos excitantes do feminino (que na situação Rorschach emergem do conteúdo latente dos cartões) se

relacionam com o continente materno, interno e externo - o Outro (observador) - para a elaboração de uma resposta, de um símbolo. Pensamos que este estudo nos permitiu compreender como o feminino e o materno, implícitos no conteúdo latente da solicitação simbólica do material Rorschach, se articulam numa relação continente/conteúdo para a criação de uma resposta, uma representação de palavra que nomeie um representação de coisa, experiência vivida e revivida num aqui e num agora relacional e contextual, aonde presente, passado e futuro confluem.

Em ambos os protocolos, confirma-se que no decorrer de um processo adolescente, se assiste a uma tentativa de procurar dar sentido às emoções propostas na situação Rorschach, em que a experiência de confronto com o seu corpo que já não é criança e que ainda não é adulto, numa relação consigo próprio e também consigo e com o Outro, o deixam inquieto e submerso num dilema, que deseja ultrapassar. É, por conseguinte, através da sua maleabilidade psíquica dinâmica e circular, na qual operam simultaneamente movimentos internos e externos, contínuos e descontínuos, consistentes e disruptivos, de integração e desintegração, que consegue superar a situação catastrófica proposta, e consolidar os seus elementos da bissexualidade psíquica, de modo a adquirir a sua identidade sexual, numa forma adulta e definitiva.

É nesta relação com este Outro, que são desdobradas as experiências emocionais primitivas, que elementos do ser feminino estimulam o continente psíquico interno, articulando-se ambos numa relação protótipo da relação continente/conteúdo. Esta relação, mediada pelo mecanismo de identificação projectiva ao serviço da comunicação, procura sentidos, dentro e fora de si e também, dentro e fora do Outro, de forma a estabelecer ligações, com a criação de um pensamento, uma linguagem entre ambos.

Nestes protocolos, a adolescente ao ser estimulada pelo material Rorschach, projecta nele os seus sentimentos moventes, de já não ser quem foi e ainda

não saber o adulto que será. Oscila entre uma posição mais dispersa e infantil, a uma mais íntegra e adulta. Move-se num vaivém identificatório de forma a encontrar a sua verdade, de saber quem é ou ambiciona ser. Envolve-se subjectivamente nesta relação Rorschach e projecta nesta os seus sentimentos que questionam a relação com o seu corpo, que testemunhos da sua fragilidade narcísica e vulnerabilidade, procuram o seu conhecimento, da sua verdade psicológica. Re-significado e renovado, encontra-se agora apto para outras e futuras relações, ampliando o seu leque de significados e expandindo o seu universo mental.

A mancha, como uma impressão sensorial, uma abstracção pura, um elemento beta, a coisa em si ou a representação de coisa, constitui-se, tal como o feminino, numa pré-concepção, numa série de conteúdos emocionais clivados e dispersos, correspondentes a uma posição esquizo-paranóide imatura, a ser transformada ou evacuada. O encontro do sujeito com a mancha a perceber e interpretar como uma pura abstracção, constitui-se como uma expectativa vazia, apta a ser activada.

Testemunhamos como do encontro sujeito - mancha - necessidade de a interpretar, se criou uma tensão psicológica interna, uma sensação de caos psíquico, abrindo-se uma experiência de sofrimento mental - caesura, que ambos os sujeitos tentaram ultrapassar. Instalou-se a situação catastrófica Rorschach, um espaço virtual aonde todas as realizações e interpretações se tornaram possíveis. Os sujeitos povoados por estes elementos excitantes e dispersos do feminino, procuraram um contentor materno e estabeleceram com eles uma relação continente/conteúdo, utilizando os mecanismos de identificação projectiva ao serviço da comunicação.

Observamos ainda, que na situação Rorschach as adolescentes são reactivadas por estes conteúdos do feminino, necessitando de reestruturar e reorganizar as suas relações primitivas com o materno e o feminino, de forma a aceder à representação de uma identidade sexual adulta e estável.

Projectam assim estes sentimentos de confusão e instabilidade no Outro que, numa atitude suficientemente boa os devolve, capacitando a integração e articulação destes sentimentos de forma a os poder pensar e repensar, recuperando aquilo que não tinha sentido, o não sentido. Percebemos como as adolescentes na situação Rorschach, consigo e também com o Outro, construíram e reconstruíram um espaço psíquico gerador de novas potencialidades e possibilidades.

Podemos assim constatar que a criação da relação materno/feminino, continente/conteúdo como uma abstracção da identificação projectiva, capaz de superar, sustentar, tolerar, modificar e pensar as experiências emocionais mais significativas, se encontra deste modo ao serviço do conhecimento e da procura da verdade, edificante e geradora de novos sentidos. O espaço psíquico interno desta relação emergente é, por conseguinte, mediado por símbolos que constituem um meio de comunicação entre os vários elementos que povoam o dentro. A aprendizagem e o conhecimento dependem então das capacidades contentoras do objecto materno, que passam da flexibilidade à integridade, pela introdução do facto seleccionado, capaz de ordenar o disperso e estruturar os vários elementos femininos, permitindo a integração da bissexualidade e a transformação do ser em ser com o Outro.

Na situação Rorschach o observador ao corresponder ao contentor materno, aos conteúdos femininos clivados, dispersos e nele projectados, possibilita, por movimentos de integração, ligação, articulação e transformação num vaivém contínuo/descontínuo, entre dentro/fora num aqui e agora presente, passado e futuro, a reparação e restauração do objecto, mantendo assim a integridade do Eu.

Desenvolve-se no seio desta relação uma “*rêverie*” materna, uma função alfa, que em proliferação, possibilita a criação e aperfeiçoamento de uma barreira de contacto. Esta barreira de contacto em constante desempenho das suas funções de formação e separação dos fenómenos mentais, cria a capacidade do sujeito distinguir e diferenciar o dentro do fora, o presente do

passado e do futuro, a mãe do pai, a criança do adulto, a mulher do homem.

Deste encontro catastrófico e do espaço psíquico virtual por ele criado, ao serviço do conhecimento e da comunicação entre interno/externo, novo/antigo, adormecido/acordado, emerge a representação da palavra como representante de coisa, a resposta Rorschach, a representação, a concepção, o símbolo interno integrado e re-significado, o corpo sexual adulto e estável - a transformação do ser na realização do ser que procura a sua verdade, a sua identidade de poder existir e de existir com o Outro, a sua bissexualidade psíquica transformada em feminino ou masculino.

O sujeito ligado, religado e construído na identificação à função alfa materna, adquire ele próprio o seu espaço mental que contém as suas próprias produções sendo, por conseguinte, portador de autonomia para elaboração do seu projecto existencial, continuando na trilha pela verdade última, o seu "O", o novo "O" do sujeito recriado, re-significado e renovado no adulto que é a partir da criança que foi, no aqui e no agora específico e determinado que numa dinâmica relacional lhe permite o crescimento e a expansão do seu universo psíquico.

O feminino surgiu-nos tal como uma pré-concepção ou um pensamento, que procura um contentor materno que o pense de forma a se transformar numa realização, numa concepção. É no interior da relação materno/feminino, estabelecida como protótipo da relação continente/conteúdo, que é atribuído à pré concepção (ser) um significado, transformando-a assim numa realização ser, numa experiência emocional apta a ser utilizada para novas experiências, abrindo e exponenciando o leque de significações, e ampliando o seu aparelho conceptual. Desta relação nasceu o ser que realiza a experiência, a relação diferenciada que se abre ao Outro geradora de novos sentidos. Perante sensações novas desconhecidas emerge a necessidade de um contentor que as pense e contenha, um pára-excitante às excitações do feminino.

No entanto, também constatamos que uma vez construído o ser, torna-se necessário a entrada de novos elementos excitantes - masculinos - que abram e perpetuam o ciclo do ser, no sentido de Winnicott: primeiro ser, depois ser com, aberto a novas experiências e realizações, ampliando e perpetuando o ciclo da existência e não se encerrando aqui no materno/feminino.

Na adolescência, porque recolocada a questão da identidade, pela transformação psíquica dos modelos identificatórios parentais e pela procura de novos modelos, o sujeito encontra-se de novo na encruzilhada identificatória, na necessidade de afirmar e confirmar o seu ser (materno primário) para poder passar a ser com (feminino primário). O adolescente encontra-se no caminho da procura de si, para que possa encontrar o Outro que o complementa e que ele possa complementar.

O Rorschach, repleto de atributos femininos e masculinos, ao colocar em questão a integração destes elementos, e ao procurar a representação de corpo mas inserido numa relação objectal, permitiu-nos observar a forma como o sujeito organizou e estruturou estes elementos, de modo a atribuir uma consistência e significação à sua própria existência. A maneira como o sujeito organizou e delimitou a resposta permitiu-nos, por fim, aceder ao tipo de pensamento utilizado. O símbolo criado a partir desta vivência renovada com o materno e o feminino, ofereceu-nos a possibilidade de compreender como o sujeito se reorganizou e reestruturou face a ela, evidenciando assim a qualidade do seu pensamento.

6. Ao longo deste estudo tivemos oportunidade de estudar o feminino e o materno dentro de uma perspectiva de um trabalho do pensamento, capaz de ser analisado pelo processo resposta Rorschach, contribuindo também para uma melhor compreensão do Rorschach, enquanto método e técnica.

Através da análise dos protocolos pode-se então pensar em duas questões que, apesar de distintas, nos parecem complementares. Por um lado, percebemos como é possível a construção de um novo eixo de análise ao processo resposta Rorschach, permitindo a caracterização da actividade do pensamento como dependente das estruturas do materno e do feminino. Por outro lado, justifica-se a pertinência da utilização do Rorschach na descrição do funcionamento psicológico dos sujeitos à luz destas novas teorizações.

Sujeito e observador num trabalho interactivo, dedicam-se à construção da verdade psicológica do sujeito, ao aumento do seu próprio conhecimento, pela criação e construção de sentidos à experiência emocional vivida neste contexto de situação projectiva, numa perspectiva adaptativa, construtiva e regeneradora. Trata-se aqui de estabelecer uma coerência da integração dos dados recolhidos de forma a produzir um discurso com e sobre o sujeito, sobre a procura de sentidos às situações por si vividas, abrindo-se assim um caminho edificante para novas questões, capazes de enriquecer o património mental dos sujeitos. (Marques, 1994)

No entanto, é de salientar para esta procura de verdade ao sujeito psicológico, a necessidade de convergência e coerência entre um quadro de referências teórico, a técnica e o método utilizado, permitindo assim, o estabelecimento de uma atitude digna, capaz de caracterizar a identidade do Psicólogo Clínico. Esta atitude coerente entre teoria, método e técnica é aquela que nos permite aceder com lógica interna e solidificada à descrição do funcionamento mental do sujeito, mediada por um relação construída num aqui e num agora contextual e determinado.

A utilização da técnica Rorschach, inserida num modelo teórico claro e preciso, neste caso a perspectiva psicanalítica, possibilita no nosso entender a descrição do funcionamento interno do sujeito, numa perspectiva construtiva, que é aquela que lhe confere o seu peso de verdade.

O Rorschach, como um elemento privilegiado na actividade clínica do Psicólogo, quando utilizado nesta linha de convergência e coerência interna, constitui-se como um instrumento preciosíssimo à construção da verdade do sujeito. Psicólogo e sujeito reúnem-se numa experiência emocional única, em que ambos participam na criação e reconstrução do conhecimento do sujeito observado, pela atribuição de novos sentidos e significações às experiências emocionais aqui vividas e revividas.

Pensamos que num estudo próximo seria interessante integrar nestas considerações teóricas do materno e do feminino, o seu par complementar - o paterno e o masculino. Estes, ao se constituírem como o negativo conjuntivo do materno/feminino permitem a complementariedade e a reunião do ser com o ser com, perpetuando e ampliando o ciclo do materno/feminino, não o deixando encerrar-se em si mesmo, e expandindo o universo mental dos sujeitos observados.

7. Por fim, pensamos ser importante salientar que, a natureza deste estudo, essencialmente teórica, não se inscreve num modelo experimental, numa lógica empírica e experimental. Antes porém, tenta, através de uma técnica clínica projectiva, do estudo das respostas Rorschach, efectuar uma transposição do conteúdo manifesto ao conteúdo latente, e assim abrir um leque de re-significações internas e aceder a uma melhor compreensão do funcionamento mental do sujeito, aceder à sua verdade psicológica.

BIBLIOGRAFIA

- ANZIEU, A. (1989) - La Femme Sans Qualité. Paris:Dunod.
- ANZIEU, D. (1974) - Le Moi Peau, in Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 9, p. 195 - 208.
- ANZIEU, D; CHABERT, C. (1961/1987) - Les Méthodes Projectives, 8ª ed., Paris, PUF.
- BÉGOIN J. (1980) - W. R. Bion, in Revue Française Psychanalytique, nº 44 (1), p. 349 - 354.
- BICK, E. (1967) - The Experience of the Skin in Early Objects Relations, in Int. J. Psychoanal. vol.49, 1968, p.484-86.
- BION, W. R. (1962/1979) - Aux Sources de L'Experience, France, PUF.
- BION, W. R. (1963/1979) - Eléments de la Psychanalyse, France, PUF.
- BION, W. R. (1965) - Transformations: Change From Learning to Growth, New York: Basic Books.
- BION, W. R. - Uma Forma de Pensar, in Spillius, E. - Melanie Klein Hoje, Vol. 1, p. 185 - 193, Brasil, Imago Editora Ldtª.
- BRUN, D. (1987) - Les Aleas de la Féminité, in Rev. Franç. Psychan. 51(6), p.1505-1518.
- CHABERT, C. (1983) - Le Rorschach em Clinique Adulte, Paris, Dunod.
- CHABERT, C. (1987) - La Psychopathologie à l'Epreuve du Rorschach, Paris, Dunod.
- CHABERT, C. (1990) - Entre Dedans et Dehors, La Contraite au Rorschach, in Adolescence, 8, 1, p.185-198.
- CHABERT, C. (1991) - Interprétation des Épreuves Projectives à L'Adolescence, in Encyclopédie Médico-Chirurgicale (Paris) 37213B(10).
- CHABERT, C. (1997) - O Rorschach na clínica do adulto. Lisboa: Climepsi Editores 1ª ed.1998.
- CHASSEGUET SMIRGUEL, J. (1965/1992) - Female Sexuality - New Psychoanalytic Views. England: Karnac Books, 3rd ed.
- DEUTSCH, H. (1925) - The Psychology of Women in Relation to the functions of Reproduction, in Int. J. Psychoanal. vol.VI, p. 405-418.
- DEUTSCH, H.(1930) - The Significance of Masochism in the Mental Life of Women, in Int. J. Psychoanal. vol. XI, p.48-60.

- DEUTSCH, H. (ROAZEN, P. Ed.) (1991) - Psychoanalysis of the Sexual Functions of Women Life. Great Britain: Karnac Books
- DIAS, C. A. (1995) - (A) Re-Pensar. Porto: Afrontamento.
- DIAS, C. A. (1992) - Aventuras de Ali Bába nos Túmulos de Ur: Ensaio Psicanalítico sobre a Somatopsicose, Lisboa, Fenda Editora.
- DIAS, C. A. & VICENTE, T. N. (1984) - A Depressão no Adolescente. Porto: Afrontamento.
- FLEMMING, M. (1993) - A Adolescência e Autonomia. Porto: Afrontamento.
- FREUD, S. (1905/1948) - Una Teoria Sexual. in Obras completas (vol.I, p.767-818). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- FREUD, S. (1923/1948) - La Organización Genital Infantil. in Obras completas (vol.I, p.1159-1189). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- FREUD, S. (1924/1948) - El Final Del Complejo de Edipo. in Obras completas (vol.II, p.409-412). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- FREUD, S. (1925/1974) - Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Sexual Anatómica. in in Obras completas (vol.VIII, p.2896-2903). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- FREUD, S. (1931/1974) - Sobre La Sexualidad Femenina. in Obras completas (vol.VIII, p.3077-3089). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- FREUD, S. (1933/1948) - La Femenidad. in Obras Completas (vol.II, p.839-851). Madrid: Ed. Biblioteca Nueva.
- GREEN, A. (1988) - La Double Limite, in Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 25, p. 267 - 283.
- GREEN, A. (1988) - Le Travail du Négatif, in Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 50 (1), p. 489 - 493.
- GREEN, A. (1990) - Conferências Brasileiras de André Green. Metapsicologia dos Limites. R. J. Imago Editora.
- GREEN, A. (1997) - Les Chainés D'Eros. Actualité du Sexuel. Paris, Editions Odile Jacob.
- GRINBERG, L. et all (1975) - An Introduction to the work of Bion, London, Clunie Press.
- GROSSMAN, W. I. (1975) - Discussion of "Freud and Female Sexuality", in Int. J. Psychoanal. 1976, 57, p.301-305.
- BÉGOIN-GUIGNARD, F. (1984) - Adolescence de la féminité, in Revue Adolescence, 2, 2, p.221-235.

BÉGOIN-GUIGNARD, F. (1987) - A L'aube du Maternel et du Féminin: Essai sur deux concepts aussi évidente qu'inconcevables, in Rev. Franç. Psych. 51(6), p.1491-1503.

BÉGOIN-GUIGNARD, F. (1988) - Le Role des Identifications Maternelles et Féminines dans le Devenir du Masculin Chez le Garçon, in Adolescence, 6(1), p.49-74.

GUIGNARD, F. (1995) - Le Maternel et le féminin: deux espaces de la vie psychique, in Psychologie Clinique et Projective, n° 1/95, p.7-26.

GUTTON, P. (1983) - Le commencement d'une femme dans la fin d'une enfant. Adolescence, 1 (2), 201-216.

HINSHELWOOD, R. D. (1991) - Dictionary of Kleinian Thought, London, Free Association Books.

KLEIN, M. (1932/1989) - The Psychoanalysis of Children. Great Britain:Virago Press, 3rd ed.

KLEIN, M. (1945/1994) - The Oedipus Complex In The Light of Early Anxieties in Love Guilt and Reparation and Other Works, 1921-1945. Great Britain:Virago Press, 1988, 3rd ed.

KLEIN, M. (1975/1991) - Sobre a Identificação (1955) in Inveja e Gratidão e outros trabalhos (1946/1963), p. 169 - 204, Rio de Janeiro, Imago Editora.

LADAME, F. (1983) - Adolescence et Féminité: Histoire d'une histoire. Adolescence, 1 (2), p. 217-237.

LAFOND, C. (1993) - De l'irreprésentable au représenté, in Rev. Franç. Psychanal. 57 (SPC), 5, p.1737-1744.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (1967/1990) - Vocabulário de Psicanálise, Lisboa, 7ª ed., Editorial Presença.

LAUFER, M. et al . (1997) - Adolescent Breakdown and Beyond. London: Karnac Books.

MARQUES, M. E. (1990) - A Transcrição no Rorschach das Expressões Masculina e Feminina da Pré-Adolescência e da Adolescência, in Actas de Psicologia Clínica. Lisboa: Ed. Cosmos.

MARQUES, M. E. (1991) - As manifestações dos mecanismos adaptativo-defensivos nos Rorschach de adolescentes, in Análise Psicológica, 9 (2), 203-209.

MARQUES, M. E. (1992) - O Rorschach como Processo de Transformação: Importância desta noção para a caracterização do Processo Adolescente, in comunicação apresentada no VIII Congresso Latino-Americano de Rorschach, Campo Grande, Brasil.

MARQUES, M. E. (1993) - O Rorschach como Processo de Transformação da Percepção à Imagem: para uma caracterização do processo de resposta Rorschach, in comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional do Rorschach, Lisboa.

MARQUES, M. E. (1993) - Les Planches du Rorschach: Dimensions Symboliques - L'Expression du Féminin et du Masculin, in comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional do Rorschach, Lisboa.

MARQUES, M. E. (1994a) - Do Desejo do Saber ao Saber do Desejo - Contributos para a caracterização da situação projectiva, in *Análise Psicológica*, 12 (4), 431-439.

MARQUES, M. E. (1994b) - Ametodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) Sentido(s) do(s) Sentido(s), in *Análise Psicológica*, 12 (4), 473-479.

MARQUES, M. E. (1996) - Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. in *Análise Psicológica*, 14 (1), 39-44.

MARQUES, M. E. (1996) - Feminino, fecundo e finito. Expressões nos Rorschach de adolescentes. in *Análise Psicológica*, 14 (1), 45-52.

MARQUES, M. E. (1999) - A Psicologia Clínica e o Rorschach, Lisboa, Climepsi Editores.

MARQUES, M. E. & ALEIXO, P. (1994) - O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. in *Análise Psicológica*, 12 (4), 459-62.

MELTZER, D. (1978) - The Clinical significance of the work of Bion, in *The Kleinian Development, Part III*, p. 1 - 119, Pertshire, Clunie Press.

MELTZER, D.; HARRIS, M. (1980) - Les deux modèles du fonctionnement psychique selon M. Klein et selon W. R. Bion, in *Revue Française Psychanalytique*, nº 44 (1), p. 335 - 367.

MELTZER, D. (1981) - The Kleinian Expansion of Freud's Metapsychology, in *International Journal of Psychoanalysis*, Tome 82, p. 177 - 249.

MELTZER, D. (1984) - *Dream Life: A Reexamination of the Psychoanalytic Theory and Technique*, London, Clunie Press.

MELTZER, D. (1984) - Les Concepts d' "Identification Projective" (Klein) et de "Contenant-Contenu" (Bion) en Relation avec la situation Analytique, in *Rev. Franç. Psychanal.* nº 48 (2), p. 541 - 550.

MELTZER, Donald et all (1984) - La Distinction entre les Concepts d' Identification Projective" (Klein) et de "Contenant-Contenu", in *Rev. Franç. Psychanal.* nº 48 (2), p. 551 - 569.

MELTZER, D. (1973) - *Sexual States of Mind*. Great Britain: Clunie Press. The Roland Harris Educational Trust, 3ª ed.1990.

- MELTZER, D. (1989) - L'Appareil Protomentale et les phénomènes somato-psychotiques, in Rev. Franç. Psychoanal. n° 3 (5), p.1418 - 1429.
- MELTZER, D. (1992) - The Claustum: An Investigation of Claustrophobic Phenomena. Great Britain: Clunie Press. The Roland Harris Educational Trust.
- MELUK, T. (1975) - Discussion of "Freud and Female Sexuality", in Int. J. Psychoanal. 57, p.307-310.
- PESSOA, F. - A Hora do Diabo. Lisboa:Assírio e Alvim, 1997.
- PINES, D. (1979) - Skin Communication: Early Skin Disorders and their Effect on Transference and Countertransference, in Int. J. Psychoanal. 1980, vol.61, p.315-323.
- RAUSH DE TRAUBENBERG, N. (1970) - La Pratique du Rorschach, Paris, PUF.
- RAUSH DE TRAUBENBERG, N. (1983) - Actividade Perceptiva e Actividade Fantasmática no Teste de Rorschach, in Análise Psicológica, n° 1 (IV), p. 17 - 22, Lisboa, ISPA.
- RAUSH DE TRAUBENBERG, N. (1983) - Representação de si e relação de Objecto, in Análise Psicológica, n° 1 (IV), p. 31 - 37, Lisboa, ISPA.
- REZENDE, A. M. (1995) - Wilfred R. Bion: uma psicanálise do pensamento. Campinas: Papyrus Editora.
- RIBAS, D. (1993) - Le Féminin Impur de L'analyste, in Rev. Franç. Psychan. 57(SPC) 5, p.1735-1736.
- RORSCHACH, H. (1981) - Psycho Diagnostics, 9th ed., Hans Huber Publisher Bern, Stutegart, Vienna, Austria.
- SCHAFER, R. (1954) - Psychoanalytic Interpretation in Rorschach testing. Theory and application , New York, Grune and Stratton.
- SEGAL, H. (1955/1979/1988) - Notas sobre a formação de símbolos, in Elizabeth Spillius (Ed.) Melanie Klein Hoje, Vol. 1, p. 167 - 186, Rio de Janeiro, Imago Editora.
- SEREBRIANY, R. (1976) - Dialogue on "Freud and Female Sexuality", in Int. J. Psychoanal. 57, p.311-313.
- TRINCÃO, J. C. (1983) - Para uma Introdução ao Estudo do Narcisismo, in Análise Psicológica, 4 (III), p. 395 - 408, Lisboa, ISPA.
- TROISER, H. (1993) - La position feminine chez la femme, in Rev. Franç. Psychoanal. 57(SPC)5, p.1577-1583.
- WAINRIB, S. (1993) - Et Dieu Créa la Femme, in Rev. Franç. Psychoanal. 57(SPC) 3, p.1687-1689.

WINNICOTT, D. W. (1971/1993) - Playing and Reality. Great Britain: A Tavistock/Routledge Publication, 4th ed.

ZIMERMAN, D. E. (1995) - Bion: da teoria à prática. Porto Alegre: Artes Médicas.